



PPGI&A
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS & ARTES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS E ARTES

NATHALIE ANNE CONCEIÇÃO DE BARROS

**A VARIAÇÃO NO ÂMBITO DO IRREALIS ENTRE O FUTURO
DO PRETÉRITO E PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO
NO PORTUGUÊS FALADO EM SANTA ISABEL DO RIO NEGRO -
AMAZONAS**

Manaus - AM
2019



PPGL&A
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS & ARTES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS E ARTES

NATHALIE ANNE CONCEIÇÃO DE BARROS

**A VARIAÇÃO NO ÂMBITO DO IRREALIS ENTRE O
FUTURO DO PRETÉRITO E PRETÉRITO IMPERFEITO
DO INDICATIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM SANTA
ISABEL DO RIO NEGRO - AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes do Curso de Mestrado Acadêmico em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras e Artes. **Área de concentração:** Representação e interpretação artística, literária e linguística. **Linha de Pesquisa:** Linguagem, discurso e práticas sociais.

Orientadora: Prof^a Dra. Silvana Andrade Martins

Financiamento: FAPEAM/Bolsa de pesquisa.

Manaus – AM
2019

NATHALIE ANNE CONCEIÇÃO DE BARROS

**A VARIAÇÃO NO ÂMBITO DO IRREALIS ENTRE O FUTURO DO
PRETÉRITO E PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO NO
PORTUGUÊS FALADO EM SANTA ISABEL DO RIO NEGRO - AMAZONAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Silvana Andrade Martins
(Orientadora/Presidente)
Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA/UEA

Prof^a. Dr^a. Socorro Viana de Almeida
(Membro titular externo)
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Prof. Dr. Valteir Martins
(Membro titular interno)
Universidade do Estado do Amazonas – PPGLA/UEA

Manaus– AM
2019

DEDICATÓRIA

Dedico este ao meu avô (in memoriam) **Bomfim Pedro dos Anjos da Silva**, que sempre torceu por mim e infelizmente não poderá estar presente de forma física no dia da defesa desse estudo, pois está no plano espiritual, porém tenho a certeza que, de onde ele estiver, deve estar muito feliz, pela minha conquista.

Dedico também a uma pessoa linda, competente e de grande sensibilidade, minha professora orientadora Dr^a **Silvana de Andrade Martins**, pela confiança, paciência, incentivo, amizade e excelente orientação.

Finalizo dedicando esse trabalho à minha querida mãe MSc. **Jocilene Maria da Conceição Silva**, mulher cheia de predicados: guerreira, honesta, sensível, linda, firme e determinada. A pessoa mais forte que conheci. Sempre foi e sempre será meu maior referencial, pois nunca mediu esforços para proporcionar meu bem estar. Ela é a razão da minha existência!

E acrescento, com essas duas grandes mulheres (Dr^a Silvana Martins e MSc. Jocilene Silva), divido essa vitória, sem a ajuda de ambas, jamais teria conseguido concluir esse estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à **DEUS**, por ser o Senhor do Universo, por ter me concedido o dom da vida e por ter permitido mais essa vitória, a Ele, toda honra e toda glória;

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª **Silvana Andrade Martins**, por ter me mostrado a beleza das diferenças linguísticas, por ter me conduzido com tanta propriedade e doçura nos caminhos da pesquisa, por ter acreditado nesse estudo e por ter suportado meus “gatilhos”...(risos) ;

Aos Professores, MSc. **Francisco**, Dr **Valteir Martins** e **Dra. Socorro Viana de Almeida**, pelas maravilhosas contribuições que proporcionaram melhorias a esse estudo; Aos colegas que conheci no meio acadêmico e deram apoio e amparo durante todo o percurso do mestrado e que, por isso, tornaram-se grandes amigos: **Paula Ribeiro, Jussara Araújo, Célia Silva, Tharine Cunha, e Tamhara Aguiar.**

Aos meus amigos que não compartilharam as “emoções” do curso de mestrado, pois nos conhecemos fora dos espaços acadêmicos, porém, apesar disso, sempre estiveram na torcida para que o curso fosse concluído com êxito: **Vitória Cardoso, Raíssa Souza, Ana Viga e Mayara Cagi.** Ao Nosso anjo do bem, sempre solícita e atenciosa: **Daize Lima Rocha;**

Aos membros da família, pelo apoio e companheirismo nos momentos de dificuldades, primo **Irvinson Bento Silva** (que passei a vida toda chamando de Tony), prima **Marcele Bentes**, tio **Jaime Roberto da Conceição Silva**, tio **Jonas Alexandre da Conceição Silva** (recuperava arquivos de pen-drives); tia **Alair dos Anjos da Silva de Miranda;** tia **Marta Dias** (mãe do coração) e **Reginaldo de Oliveira** (papai do coração).

Aos primos mais jovens: **Beatriz Araújo Silva e Alexandre Artiagas Silva**, como também aos bebês: **Isabelle Cunha Silva, Sophia Gabrielle Cunha Silva e Maria Isabella**, a eles quero deixar bons exemplos e mostrar que o conhecimento é o bem mais valioso que podemos adquirir.

A **FAPEAM**, por ter contribuído significativamente para a realização da pesquisa, em função do suporte financeiro por meio da concessão de bolsa de estudos;

A todos os informantes do município de Santa Isabel do Rio Negro que consentiram participar desta pesquisa, permitindo, assim, a descrição de seus falares.

E, finalmente à minha mãe **Jocilene Maria da Conceição Silva**, pelo grande carinho e incansável apoio durante as madrugadas de estudo, como também nos momentos que estive com a saúde frágil, que não foram poucos, mas ela deu todo suporte para que as enfermidades não acarretassem prejuízos à concretização desse sonho compartilhado por nós duas: a conclusão do curso de mestrado.

EPIGRAFE

Quando eu dei por mim nem tentei fugir
Do visgo que me prendeu dentro do seu olhar
Quando eu mergulhei no azul do mar
Sabia que era amor e vinha pra ficar

Daria pra pintar todo azul do céu
Dava pra encher o universo da vida que eu quis pra mim...

(Flávio Venturini/Ronaldo Bastos. Todo azul do mar)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar, sob uma perspectiva sincrônica, a ocorrência de variações linguísticas referentes à expressão do tempo futuro, verificando-se, especificamente, a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do modo indicativo, no âmbito do *irrealis*, em suas formas sintética (mandaria; mandava) e perifrástica (iria mandar; ia mandar) em verbos modais, no português oral da comunidade de Santa Isabel do Rio Negro, estado do Amazonas. A pesquisa é alicerçada pelas teorias Sociolinguística e Sociofuncionalista, sendo de natureza qualiquantitativa (qualitativa e quantitativa), uma vez que se pretende verificar a relação entre variantes linguísticas e as categorias sociais e as funções dos usos da língua. Para fins de fundamentação teórica, utilizou-se obras de Labov (1972), Tarallo (2007), Alkmim (2006), Costa (2008), Calvet (2002), Gorski (2008), Mollica (2003), dentre outras. O *corpus* foi constituído de 24 entrevistas, realizadas especificamente para essa pesquisa, com falantes nativos do Alto Rio Negro e/ou residentes nesta localidade há mais de 1/3 de sua vida, sendo 12 informantes do sexo feminino e 12 informantes do sexo masculino, distribuídos em três faixas etárias (1ª: 18-35 anos; 2ª: 35-55 anos e 3ª: 55 em diante, sendo que para cada faixa há um valor numérico de 8 informantes) e em quatro níveis de escolaridade (ensino fundamental 1, ensino fundamental 2, ensino médio e ensino superior). Os dados foram coletados a partir da aplicação de um roteiro semiestruturado com 24 perguntas de ordem imaginativas e hipotéticas, com o objetivo de estimular o emprego dos verbos no futuro do pretérito e pretérito imperfeito pelos falantes. Diante dessas questões, buscou-se investigar quais fatores linguísticos e extralinguísticos contribuem para que essa variação ocorra, tais como: paralelismo formal, saliência fônica, tipo de texto, extensão lexical, paradigma verbal, transitividade verbal, sexo, escolaridade e faixa etária. Como resultados dos dados, constatou-se um uso equilibrado entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do modo indicativo no âmbito do *irrealis*. No entanto, ao analisar todas as variantes de maneira amalgamada, demonstrou-se uma preferência dos informantes pelas formas verbais do pretérito imperfeito (IA +V e PI). Também, pôde-se verificar que o verbo auxiliar *ir* no pretérito é a forma mais recorrente na fala dos isabelenses. Os três fatores extralinguísticos foram selecionados pelo programa (sexo, faixa etária e escolaridade), quanto a essas variáveis pôde-se verificar: mediante à faixa etária, os mais novos favorecem ao uso da perífrase IA +V, enquanto que os mais velhos a sua forma sintética e os da faixa intermediária favorecem a forma FP; os menos escolarizados preferem o emprego das formas menos prestigiadas (PI e IA +V), ao passo que os mais escolarizados (FP e IRIA +V); o gênero masculino se demonstrou um pouco mais conservador que o gênero feminino, aderindo em maior escala as formas ditas como padrão (FP e IRIA + V). Em referência aos fatores intralinguísticos investigados, o paralelismo, o tipo de texto, a saliência fônica, a extensão lexical, paradigma verbal e transitividade verbal foram significantes para a seleção de um ou outra variante. Desta maneira, almejou-se sistematizar a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no português falado de Santa Isabel.

Palavras-chave: Variação no âmbito do Irrealis; Futuro do Pretérito; Pretérito Imperfeito do Indicativo; Português; Santa Isabel do Rio Negro.

ABSTRACT

This work aims to analyze, from a synchronic perspective, the occurrence of linguistic variations related to the expression of future time, specifically verifying the variation between the future of the past and the imperfect tense of the indicative mode, within the scope of the *irrealis*, in its synthetic forms (would command, commanded) and periphrastic (would command) in modal verbs, in the oral Portuguese of the community of Santa Isabel do Rio Negro, state of Amazonas. The research is based on the Sociolinguistic and Sociofunctionalistic theories, being qualitative and quantitative in nature, since it is intended to verify the relation between linguistic variants and the social categories and the functions of the uses of the language. For the purpose of theoretical foundation, works by Labov (1972), Tarallo (2007), Alkmim (2006), Costa (2008), Calvet (2002), Gorski (2008) and Mollica (2003) were used. The corpus consisted of 24 interviews, conducted specifically for this research, with native speakers of the Upper Rio Negro and / or residents in this locality for more than 1/3 of their life, 12 female informants and 12 male informants, distributed in three age groups (1: 18-35 years, 2: 35-55 years and 3: 55 onwards, and for each range there is a numerical value of 8 informants) and in four levels of schooling (elementary school 1, primary education, secondary education and higher education). The data were collected through the application of a semistructured script with 24 imaginative and hypothetical questions, with the purpose of stimulating the use of verbs in the future of the past and past tense imperfect by the speakers. In view of these questions, we sought to investigate which linguistic and extralinguistic factors contribute to this variation, such as: formal parallelism, phonemic salience, type of text, lexical extension, verbal paradigm, verbal transitivity, gender, schooling and age group. As a result, it was verified a balanced use between the forms of future of the past tense and imperfect tense of the indicative mode in the scope of *irrealis*. However, in analyzing all variants in an amalgamated manner, a preference of the informants was demonstrated by the verbal forms of the imperfect past (IA + V and PI). Also, it could be verified that the auxiliary verb to go in the past tense is the most recurrent form in the speech of the *isabelenses*. The three extralinguistic factors were selected by the program (sex, age group and schooling), and in what concerns these variables it was verified that: by the age group, the younger ones favor the use of IA + V periphrasis, while the older ones favor synthetic forms and those of the intermediate range favor the FP form; the less educated prefer the use of the less prestigious forms (PI and IA + V), while the more educated (FP and IRIA + V); the male gender was shown to be somewhat more conservative than the female gender, adhering to a larger scale of the so-called standard forms (FP and IRIA + V). In reference to the intralinguistic factors investigated, the parallelism, text type, phonemic salience, lexical extension, verbal paradigm, and verbal transitivity were significant for the selection of one or more variants. In this way, it was sought to systematize the variation between the future of the past and the imperfect tense in the spoken Portuguese of Santa Isabel.

Keywords: Variation within Irrealis; Future of the Preterite; Preterite of the Indicative; Portuguese; Santa Isabel do Rio Negro.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de ocorrências das variantes IA+V, PI, FP e IRIA+V	123
Tabela 2: Distribuição amalgamadas de ocorrências das variantes no Pretérito Imperfeito e do Futuro do Pretérito do indicativo	125
Tabela 3: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante PI (Amostra de Santa Isabel).....	134
Tabela 4: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante IA +V (Amostra de Santa Isabel).....	134
Tabela 5: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante FP (Amostra de Santa Isabel).....	135
Tabela 6: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante IRIA +V (Amostra de Santa Isabel).....	135
Tabela 7: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de PI em verbos não-modais (Amostra de Santa Isabel)	143
Tabela 8: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de IA +V em verbos não-modais (Amostra de Santa Isabel)	143
Tabela 9: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de FP em verbos não-modais (Amostra de Santa Isabel)	144
Tabela 10: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de IRIA+V em verbos não-modais (Amostra de Santa Isabel)	144
Tabela 11: Influência da variável Saliência Fônica na escolha de FP em verbos não-modais (Amostra de fala Santa Isabel)	148
Tabela 12: Influência da variável Saliência Fônica na escolha de PI em verbos não-modais (Amostra de fala Santa Isabel)	148
Tabela 13: Influência da variável Saliência Fônica na escolha de IA + V em verbos não-modais (Amostra de fala Santa Isabel)	148

Tabela 14: Influência da variável Extensão Lexical na escolha de IA +V e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)	154
Tabela 15: Influência da variável Extensão Lexical na escolha de PI e FP em verbos não modais (Amostra Santa Isabel).....	155
Tabela 16: Influência da variável Extensão Lexical na escolha de IA +V e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)	158
Tabela 17: Influência da variável Paradigma Verbal na escolha de PI e FP em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)	159
Tabela 18: Influência da variável Transitividade para a escolha de PI e FP em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)	161
Tabela 19: Influência da variável Gênero na escolha de FP e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel).....	163
Tabela 20: Influência da variável Gênero na escolha de PI e IA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel).....	163
Tabela 21: Influência da variável Escolaridade na escolha das formas verbais de PI (PI e IA +V) e de FP (FP e IRIA +V) em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro).....	166
Tabela 22: Influência da variável Escolaridade na escolha de PI e IA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro).....	166
Tabela 23: Influência da variável Escolaridade na escolha de FP e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro)	167
Tabela 24: Influência da variável Faixa Etária na escolha de PI e IA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel).....	169
Tabela 25: Influência da variável Faixa Etária na escolha de FP e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro).....	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- População da Região do Alto Rio Negro	8
Quadro 2- Evolução da criação do futuro do pretérito	25
Quadro 3- Pesquisas em ordem cronológica de trabalhos sobre a alternância entre as formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito realizados nas regiões do Brasil.....	36
Quadro 4- Resultados de algumas variáveis dependentes da amostra falada.....	49
Quadro 5: Resultados Gerais da variação entre o FP e o PI em diferentes pesquisas por diferentes regiões.	66
Quadro 6: Cálculo médio considerando somente a variante FP e a variante PI de cada estudo por regiões brasileiras.....	67
Quadro 7: Cálculo médio considerando as formas amalgamadas de FP e PI de cada estudo por regiões brasileiras.....	68
Quadro 8: Aspectos Convergentes entre Sociolinguística e Funcionalismo	90
Quadro 9: Distribuição dos Informantes de Acordo com as Células Sociais.....	100
Quadro 10- Perfil Étnico e Linguístico dos Falantes	100
Quadro 11-Demonstrativo das questões sem uso de gatilho	105
Quadro 12-Demonstrativo das questões com uso de gatilho	105
Quadro 13- Amostra de falas de uma das entrevistas que compõe o corpus coletado	108
Quadro 14- Sinais realizados na transcrição dos dados da pesquisa	112
Quadro 15- Ordem das transcrições realizadas e suas respectivas denominações.....	114
Quadro 16: Identificação dos Grupos de Fatores em análise	116
Quadro 17- Codificação do grupo de fatores das variáveis dependentes e independentes	119

Quadro 18- Representação de codificação de uma das ocorrências do corpus	121
Quadro 19: Grupos selecionados pelo programa às respectivas variantes	126
Quadro 20: Categorias de Análise da Saliência Fônica	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição das formas verbais conforme o intervalo de tempo.....	26
Gráfico 2- Distribuição das ocorrências de PI, FP, IA +V, IRIA+ V.....	125

LISTA DE SIGLAS

1. **FP-** Futuro do Pretérito
2. **PI-** Pretérito Imperfeito
3. **IA + V** – Pretérito Imperfeito Perifrástico
4. **IRIA +V** – Futuro do Pretérito Perifrástico
5. **FAMAC-** Fala Manauara Culta e Coloquial
6. **LGA-** Língua Geral Amazônica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1- A COMUNIDADE EM ESTUDO: SANTA ISABEL DO RIO NEGRO	7
1.1 Microrregião do Alto Rio Negro	7
1.1.1. Aspectos Demográficos	7
1.1.2. Aspectos Linguísticos	8
1.1.3. Aspectos Históricos	10
1.1.4. Aspectos Hidrográficos.....	15
1.1.5. Aspectos Relativos à Vegetação	16
1.2 Breve Panorama Histórico: De Uauari a Santa Isabel do Rio Negro.....	17
1.2.1 Origens da Cidade.....	17
1.3 Aspectos Gerais de Santa Isabel do Rio Negro e Perfil Sóciolinguístico	18
1.3.1. Aspectos Econômicos	18
1.3.2. Aspectos Geográficos e Vegetação.....	19
1.3.3. Aspectos Educacionais	20
1.3.4. População e Aspectos Culturais e Linguísticos	21
CAPÍTULO 2-O FENÔMENO EM ESTUDO: ALTERNÂNCIA ENTRE O PRETÉRITO IMPERFEITO E FUTURO DO PRETÉRITO.....	23
2.1 A Construção do Objeto de Estudo	23
2.1.1 Trajetória Histórica da Variação entre o Futuro do Pretérito e Pretérito Perfeito	23
2.1.2 A expressão do <i>irrealis</i> : o emprego modal dos tempos verbais FP e PI	27
2.1.3. Tratamento do Fenômeno da Variável pelas Gramáticas Tradicionais	31
2.1.4. Estudos Específicos nas Regiões do Brasil sobre a alternância entre as formas do Futuro do Pretérito e do Pretérito Imperfeito.....	35
2.1.4.1. Estudos Realizados na Região Nordeste.....	37
2.1.4.1.1. Pesquisa de Dias (2007).....	37
2.1.4.1.2. Pesquisa de Oliveira (2010, 2016).....	38
2.1.4.1.3. Pesquisa de Santos (2014)	42
2.1.4.2. Estudos Realizados na região Sul.....	44
2.1.4.2.1. Pesquisa de Silva (1998).....	44
2.1.4.2.2 Pesquisa de Karam (2000)	47
2.1.4.3 Estudos Realizados na região Sudeste	48
2.1.4.3.1 Pesquisa de Costa (1997, 2003).....	48
2.1.4.3.2. Pesquisa de Barbosa (2005).....	53
2.1.4.3.3. Pesquisa de Tesch (2007)	54

2.1.4.3.4. Pesquisa de Souza (2007)	57
2.1.4.3.5. Pesquisa de Brandão (2007).....	59
2.1.4.4. Estudos Realizados na Região Norte	62
2.1.4.4.1. Pesquisa de Barros (2015)	62
2.1.4.4.2. Pesquisa de Ribeiro (2015)	65
2.3.5. Considerações a respeito das distribuições gerais das variantes presentes nas pesquisas desenvolvidas a partir de <i>corpus</i> orais.....	66
CAPÍTULO 3- APORTE TEÓRICO	69
3.1-Funcionalismo Linguístico Surgimento e Princípios Teóricos.....	69
3.1.1. Surgimento do Funcionalismo Linguístico.....	69
3.1.2. Teoria Funcionalista	70
3.2. (Sócio) Linguística Variacionista	73
3.2.1. Surgimento da Sociolinguística	73
3.2.2. Estruturalismo de Saussure	75
3.2.3. Meillet: Contraposições às Ideias de Saussure	76
3.2.4. O Gerativismo de Noam Chomsky	77
3.2.5. Labov e as Primeiras Experiências Práticas de Sociolinguística.....	78
3.2.6. Sociolinguística Variacionista	79
3.2.7. Comunidade de fala	81
3.3. Sociofuncionalismo Linguístico	85
3.3.1. Surgimento do Sociofuncionalismo Linguístico.....	85
3.3.2. Abordagem Sociofuncionalista: Convergências entre Sociolinguística e Funcionalismo.....	86
CAPÍTULO 4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	93
4.1. Caracterização da Pesquisa	94
4.1.1. Quanto aos Fins da Pesquisa.....	94
4.1.2. Quanto aos Meios da Pesquisa.....	94
4.1.3. Quanto à Natureza da Pesquisa.....	95
4.2. População, Amostra e Perfil dos Informantes	97
4.3 Instrumentos de Coleta de Dados.....	102
4.3.1. Roteiro das Entrevistas Semiestruturado	103
4.4. Procedimentos de Coleta de Dados	106
4.5. Processamento dos Dados	110
4.5.1. Transcrição dos dados.....	110
4.5.2. Identificação das variáveis: o envelope de variação	114
4.5.2.1. Variável dependente	115

4.5.2. 2. Variáveis Independentes	116
4.5.3. Análise quantitativa dos Dados.....	117
CAPÍTULO 5- DESCRIÇÃO DOS GRUPOS DE FATORES, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS ESTATÍSTICOS.....	122
5.1. Distribuição Geral dos Dados.....	123
5.2. Condicionadores Intralinguísticos	126
5.2.1. Paralelismo Formal Sintático-Discursivo	127
5.2.1.1 Discussão dos Resultados do Fator Paralelismo.....	133
5.2.2 Sequências textuais / Tipos de Textos	138
5.2.2.1 Discussão dos resultados do Fator Tipologia Textual	143
5.2.3 Saliência Fônica.....	145
5.2.3.1 Discussão dos Resultados do Fator Saliência Fônica	147
5.2.4 Extensão Lexical.....	150
5.2.4.1 Discussões dos Resultados do Fator Extensão Lexical	153
5.2.5 Paradigma Verbal	155
5.2.5.1 Discussão dos Resultados Fator Paradigma Verbal.....	158
5.2.6 Grupo de Fatores Transitividade Verbal.....	159
5.2.6.1 Discussão dos resultados do Fator Transitividade.....	160
5.3 Condicionadores Extralinguísticos	161
5.3.1. Grupo de Fator Gênero	162
5.3.1.1 Discussão dos Resultados do Fator Gênero	163
5.3.2 Escolaridade.....	164
5.3.2.1 Discussão dos Resultados do Fator Escolaridade	165
5.3.3 Estratificação Etária.....	168
5.3.3.1 Discussão dos Resultados do Fator Diageracional	169
CONCLUSÃO.....	172
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICES	195
APENDICE 1 – Carta de Autorização	195
APÊNDICE 2 –Termo de consentimento livre e esclarecido-TCLE	196
APÊNDICE 3- Ficha social dos Informantes.....	197
APÊNDICE 4- Perfil Sociolinguístico do Informante.....	197

INTRODUÇÃO

A morfologia verbal do português tem sido objeto de muitos estudos dada à sua complexidade, principalmente em referência aos fenômenos linguísticos que envolvem questões vinculadas aos tempos verbais. É nesse âmbito que este estudo se inscreve.

Os tempos verbais é um tema que tem aguçado a curiosidade de diversos pesquisadores do português utilizado no Brasil, tanto em sua modalidade escrita, quanto em sua modalidade oral e assim muitos estudos têm sido desenvolvidos especialmente nas vertentes teóricas sociolinguística, funcionalista ou sociofuncionalista.

Essa assertiva se evidencia ao se certificarem os vários trabalhos realizados a respeito dos tempos verbais. Entretanto, na perspectiva da variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no âmbito de *hipótese, dúvida e suposição*, esses estudos ainda são incipientes, principalmente quando se considera o fenômeno da variável no âmbito da região Norte e do estado do Amazonas.

Dentre as investigações efetivadas no Brasil, referentes à expressão da futuridade e, em específico, sobre o *irrealis*, há uma maior concentração na região Sudeste e Sul. Entre eles, citam-se, na região Sudeste, os estudos de Costa (2003) sobre o futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro, uma comparação entre a fala e a escrita; Barbosa (2005), sobre a variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por ‘se’ na fala uberlandense, Minas Gerais e o de Tesch (2007) sobre a variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. Na região Sul, cita-se o de Silva (1998) sobre a alternância do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito na fala de Florianópolis, entre outros.

No que se refere ao estado do Amazonas, foram realizados dois estudos, no âmbito da Pesquisa de Iniciação Científica, vinculados ao macroprojeto “Estudos da Variedade do Português Manauara: enfoques morfossintáticos” (S. MARTINS, 2015). O primeiro é o de Ribeiro (2015), que verificou, por meio de levantamentos e análises de dados, a ocorrência do futuro do pretérito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara; o segundo foi realizado por Barros (2015), que versou sobre a análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara, os quais posteriormente, foram sistematizados pelas autoras para obtenção do título de graduação

em Letras.

No trabalho de conclusão de curso de Barros (2015), em referência à ocorrência do pretérito imperfeito como forma inovadora do futuro do pretérito, apresentou-se para uma melhor compreensão do fenômeno em estudo, os resultados gerais das variantes obtidos a respeito do pretérito imperfeito em sua pesquisa e os de Ribeiro (2015) referente à frequência do futuro do pretérito, as quais utilizaram o mesmo *corpus*. Em linhas gerais, as conclusões obtidas por meio da distribuição geral das variantes foram que o futuro do pretérito ainda é a forma mais empregada para expressar o *irrealis*, no entanto, o pretérito imperfeito já apresenta uma ocorrência significativa.

Barros (2015) verificou, de uma maneira geral, 132 ocorrências de pretérito imperfeito na forma sintética e 156 ocorrências na forma perifrástica, o que evidenciou que as formas perifrásticas do pretérito imperfeito vêm sendo preferencialmente mais utilizadas do que as formas sintéticas, equivalendo-se a uma porcentagem de 54,17%. Em relação aos condicionadores linguísticos, atestou-se que as sequências narrativas propiciam a utilização do pretérito imperfeito (PI e IA+V), equivalendo a um percentual de 72% de suas ocorrências; por outro lado, o fator paralelismo inibe o uso da forma verbal perifrástica desse tempo verbal com 47,92% de frequência. Como condicionadores extralinguísticos da utilização do pretérito imperfeito (PI e IA +V) foram reverenciados como relevantes a primeira faixa etária, o gênero feminino e o nível de escolaridade baixa (sem nível superior).

No trabalho de conclusão de curso de Ribeiro (2015), referente à investigação do futuro do pretérito no contexto do *irrealis*, foram identificadas 458 ocorrências na forma sintética (FP) e apenas 46 na perifrástica (IRIA+V), evidenciando uma maior produtividade da forma verbal tradicional; com relação aos aspectos linguísticos, no fator paralelismo, a forma sintética foi a mais produtiva, como também em sequências argumentativas. Em referência aos grupos de fatores extralinguísticos, relativo à escolaridade, a forma sintética foi mais frequente entre aqueles que possuem nível superior e que são do gênero masculino.

Ressalta-se que os estudos de Ribeiro (2015) e de Barros (2015) focalizaram o estudo desse fenômeno variável somente na capital amazonense. Portanto, é importante conhecer se esses mesmos resultados são também atestados em outras microrregiões do Amazonas. Nessa perspectiva, é que este estudo se propõe, buscando ampliar a compreensão sobre esse fenômeno variável. Para isso, selecionou-se, como campo de pesquisa, o município amazonense de Santa Isabel do Rio Negro, para verificação da

existência da variação linguística entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito na expressão do *irrealis*.

O interesse pela realização da investigação na comunidade de Santa Isabel, localizada na microrregião do Alto Rio Negro, surgiu em decorrência deste município se localizar em uma microrregião bastante distante da capital do estado do Amazonas e por possuir poucos estudos linguísticos, bem como pelo fato de a população ser composta por pessoas de origens indígenas que, apesar de os processos de colonização, ainda preservam conhecimentos de línguas indígenas como segunda língua (L2), conforme o perfil sociolinguístico dos informantes que este estudo apresenta. Essas características de distanciamento da capital e de constituição demográfica proporcionaram o levantamento da hipótese de que o fenômeno da variável em estudo poderia apresentar resultados diversos daqueles reportados em referência à capital manauara.

Assim, nesta presente investigação, pretende-se analisar, sob uma perspectiva sincrônica, a ocorrência de variações linguísticas referentes à expressão do tempo futuro, verificando-se, especificamente, a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do modo indicativo, no âmbito do *irrealis*, em suas formas sintética (mandaria; mandava) e perifrástica (iria mandar; ia mandar), no português oral da comunidade de Santa Isabel do Rio Negro, estado do Amazonas.

Os objetivos específicos são:

- I. Registrar a ocorrência das variantes relativas ao fenômeno da variável;
- II. Identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou não as realizações das variantes;
- III. Examinar se o fenômeno variável se comporta como variações estáveis ou como mudanças em progresso.
- IV. Analisar a funcionalidade dos usos das variantes nos contextos de interação verbal.

Portanto, serão sistematizados os usos das variantes em suas seguintes formas:

- a) Futuro do Pretérito em sua forma sintética (FP)

DOC: imagine agora você saindo daqui e você encontrasse um bebê... amarrado num saco de lixo... néh... bem fechado... e... o que você faz caso.. o que você faz com aquele bebê... caso você encontrasse ele assim?

INF: hum... assim... diretamente... eu acho que... **levaria** pro hospital... néh... pra dar primeiro o socorrinho... o socorro pra criança... néh... e ver... e depois... **levaria** pro conselho tutelar pra decidir... (Inquérito 20, 2ª faixa etária, Ensino Superior, Feminino)

- Pretérito Imperfeito do modo indicativo em sua forma sintética (PI)

DOC: :::... se por um...a... acaso um rapaz... matasse alguém da sua família... alguém da tua família... e ele não fosse preso.... e você reconheCEsse ele na rua... o que você faz... ?

INF: eu::: **chegava** pro deleGAdo e **falava** que tinha visto ele na ciDAde... (Inquérito 13, 1ª faixa etária, Ensino Médio, Feminino)

- Futuro do pretérito em sua forma perifrástica (IRIA+V)

eh:::... se por um...a... acaso um rapaz... matasse alguém da sua família... alguém da tua família... e ele não fosse preso.... e você reconheCEsse ele na rua... o que você faz... ?

INF: eu::: chegava pro deleGAdo e falava que tinha visto ele na ciDAde... e como ele num tinha SIdo PREso...hum:::...ele ...ele **iria ser** PREso

- Pretérito imperfeito do modo indicativo em sua forma perifrástica (IA+V)

DOC: Se alguém chegasse na sua CASA...néh....e::: assaltasse...ela...o que...que a senhora faz?

INF: eu **ia fazer** um BO:::...aí eu **ia contar** a história...o que... [doc: hum-hm] (hes)...é::: mais ou menos isso... (Inquérito 8, 2ª faixa etária, Ensino Fundamental 2, Feminino)

O *corpus* em análise é constituído por 24 entrevistas com informantes nativos do município de Santa Isabel e/ou informantes residentes nesta localidade há mais de um 1/3 de suas vidas, os quais estão estratificados de acordo com idade, sexo e escolaridade. Essas entrevistas foram gravadas em forma de diálogo entre documentador e informante, no período compreendido entre 18 de julho de 2017 a 10 agosto de 2017.

Esse estudo se fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e do Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003). A primeira vertente teórica tem como enfoque explicar a variação na língua, por meio de um método quantitativo de análise e a segunda, focaliza explicar e sistematizar tanto a variação quanto a mudança linguística sob um ponto de vista interacional, sem se esquecer das intenções comunicativas do falante em um determinado contexto.

As hipóteses iniciais foram as seguintes:

I - estaria havendo o uso preponderante de formas no imperfeito (sintético e perifrástico) em relação às do futuro do pretérito no português falado de Santa Isabel do Rio Negro;

II - as estruturas verbais perifrásticas estariam sendo mais utilizadas do que as formas flexionadas no português atual;

III- as formas verbais perifrásticas estariam sendo utilizadas por falantes mais jovens, demonstrando-se uma mudança em curso;

IV- a variação apresenta fatores linguísticos e extralinguísticos correlacionados à escolha de uma das formas variantes.

Acredita-se que esse estudo sobre a variação entre as duas formas verbais em análise é de grande relevância para a compreensão do uso inovador no português brasileiro, e, em especial, na comunidade santa-isabelense, uma vez que se tem conhecimento da existência de poucos trabalhos de cunho sociolinguístico a níveis morfossintáticos, fonológicos e lexicais efetuados na Mesorregião do Norte Amazonense, na Microrregião do Rio Negro.

A respeito de estudos linguísticos sobre Santa Isabel do Rio Negro, pode-se citar o trabalho desenvolvido por Justiniano (2012), a qual elaborou um Atlas linguístico dos falares no Alto Rio Negro- ALFARIN, a partir de aplicação de um questionário fonético-fonológico do ALAM. Foram selecionados 6 informantes com baixo nível de escolaridade, bilíngues em língua portuguesa e língua indígena, estratificados em três faixas etárias (18 e 35 anos, 36 e 55anos e 56 anos em diante), sendo um homem e uma mulher para cada faixa de idade. O segundo estudo é a pesquisa em andamento, na linha morfossintática, que versa sobre a alternância no uso do *tu, você e senhor (a)*, dissertação que está em desenvolvimento por Silva (2019). O objetivo desse estudo é registrar e analisar as possíveis realizações desses fenômenos de segunda pessoa.

Desta maneira, neste estudo, visa-se proporcionar a sistematização de conhecimentos a respeito da variedade do português, suscitar reflexões no meio acadêmico e científico acerca da evolução da língua falada, como também posteriormente divulgar os resultados do fenômeno em estudo.

Este trabalho apresenta-se organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, expõe-se sobre a comunidade investigada, apresentando um breve histórico sobre a fundação do município e seus aspectos socioeconômicos, culturais, educacionais e linguísticos; no segundo, discorre-se sobre o fenômeno em estudo, explanando a respeito do objeto de estudo da investigação; no terceiro, faz-se uma abordagem em referência às

teorias que alicerçam a pesquisa em desenvolvimento, que são a Sociolinguística, Funcionalismo linguístico e Sociofuncionalismo; no quarto, explicam-se os caminhos metodológicos percorridos para a efetivação da pesquisa de campo; e, no quinto e último capítulo, apresenta-se a análise e discussão dos resultados, explicitando os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a ocorrência da variação em estudo. Por fim, na sequência, apresentam-se as considerações finais, bem como as Referências, seguidas pelos anexos e apêndices.

CAPÍTULO 1- A COMUNIDADE EM ESTUDO: SANTA ISABEL DO RIO NEGRO

Este capítulo é destinado à apresentação da cidade de Santa Isabel do Rio Negro, comunidade de fala escolhida para a realização da presente pesquisa. No entanto, primeiramente será efetivada a descrição da região da qual essa cidade faz parte, conhecida como Região do Alto Rio Negro. Nesse sentido, além da abordagem de aspectos da Região do Alto Rio Negro como um todo, também serão descritos os aspectos históricos, econômicos, geográficos, naturais, educacionais, populacionais, culturais e linguísticos da cidade de Santa Isabel do Rio Negro, locus de maior interesse da investigação.

As principais fontes bibliográficas que embasaram o capítulo foram: dados do IBGE (2010, 2016); Buchillet (1995); Faria (2003, 2007); Freire (2003, 2004); Veiga (2015); Cabalzar e Ricardo (1998); Justiniano (2012); Rodrigues (1986); Plano Municipal de Educação de Santa Isabel (2015); Santos (2013); Dias (2008); Pinheiro (2011), dentre outras.

1.1 Microrregião do Alto Rio Negro

A Microrregião do Alto Rio Negro, também denominada como “Território Rio Negro da Cidadania Indígena”¹, faz fronteira com dois países: Colômbia e Venezuela, sendo composta pelas cidades de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira.

1.1.1. Aspectos Demográficos

No que se refere à população da microrregião, 90% dela é formada por indígenas, sendo a região brasileira que mais abriga esses povos pelo fato de grande parte de suas terras serem demarcadas, para que nesses espaços geográficos, os indígenas possam viver,

¹ Em 2007, o território composto pelos municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira foi reconhecido e homologado como “Território do Rio Negro da Cidadania Indígena” pelo Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável.

constituir família e preservar sua cultura (FARIA, 2007, p. 17). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirma esses dados demográficos através de informações reveladas no censo de 2010 que demonstra o seguinte:

Quadro 1- População da Região do Alto Rio Negro

População	São Gabriel da Cachoeira	Santa Isabel do Rio Negro	Barcelos
Indígenas	29.017	10.749	8.367
Não Indígenas	8.879	7.397	17.351
Total	37.896	18.146	25.718

Fonte: IBGE (2010)

Percebe-se que, nos municípios de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro, de fato a maioria da população é constituída por indígenas. Em São Gabriel da Cachoeira, mais de 70 % e em Santa Isabel do Rio Negro, mais de 60% da população é de origem indígena.

1.1.2. Aspectos Linguísticos

De acordo com a FOIRN (2013), na região do Alto Rio Negro, há cerca de 750 comunidades, localizadas em cinco terras indígenas homologadas, como também em outras que ainda estão em processo de demarcação, nas quais residem 23 grupos indígenas que pertencem às famílias linguísticas Maku, Aruak, Tukano e Yanomami.

Segundo dados do ISA (2002), os grupos étnico-linguísticos que se enquadram na família linguística Maku são: Hupda, Yuhupude, Dâw e Nadeb; na família linguística Aruak são: Baniwa, Kuripako, Baré, Werwkena e Tariana; na família linguística Tukano são: Tukano, Desana, Kubeo, Wanana, Tuyuca, Pira-Tapuya, Miriti-Tapuya, Arapaso, Karapaña, Bará, Siriano e Makuna e, na família linguística **Yanomami**, são: Yanomamis.

Esses grupos citados comunicam-se por meio de vinte línguas aproximadamente, dentre essas podem ser citadas as maternas, a língua portuguesa, língua espanhola e nheengatu. É válido ressaltar que essa última língua mencionada (Nheengatu), a qual foi uma adaptação do Tupi-Guarani, nos séculos XVIII e XIX, foi considerada Língua Geral da Amazônia (LGA) devendo ser falada por todos, apesar da grande resistência de alguns grupos indígenas (RODRIGUES, 1986, p. 44).

Essa língua foi utilizada largamente pelos missionários no processo de catequização dos indígenas, em suas instituições de ensino localizadas nas proximidades das aldeias de repartições, isso acontecia à revelia da vontade dos indígenas que preferiam utilizar sua língua materna, mas eram obrigados a utilizarem o Nheengatu, sob ameaças de espancamento (FREIRE, 2003, p.28).

Veiga (2015, p.33) reforça essa afirmação dizendo que a catequese estava altamente relacionada e agregada ao aprendizado da língua geral nos espaços das missões, nos quais os padres ministravam aos indígenas aulas referentes aos aspectos da língua e à doutrinação cristã, conhecida como catequese. O catecismo era todo escrito na língua geral (índigena), além disso eram realizadas atividades referentes à agricultura (plantações e colheitas).

O autor Moreira Neto (1988, p.46) afirma que era inviável a homogeneização de inúmeras tradições culturais existentes na Amazônia. O que foi proposto e realizado pelo europeu descaracterizou os costumes, hábitos e tradições dos diversos povos indígenas, unificando e transformando esses grupos em um índio genérico que foi denominado de tapuio. Com isso, ocorreu o etnocídio desses grupos indígenas, dos quais foram retirados traços culturais, seus mitos, sua forma de vestir, sua religiosidade e suas línguas.

Todas essas imposições faziam parte do domínio colonial, que também incluía a política de descimentos que se baseava no estímulo ao deslocamento geográfico dos indígenas, convencendo-os a saírem de suas aldeias de origem para passarem a viver junto às missões (aldeias de repartições). Barros (2003, p.195) menciona que as missões foram grandes responsáveis pela difusão da língua geral, como também pela concentração de mão de obra indígena.

Freire (2004, p.44) argumenta que antes da colonização, os grupos indígenas que viviam no estado do Amazonas utilizavam cerca de 700 línguas em seu processo de comunicação oral e que, na década iniciada no ano 2000, foi reduzido a somente 240 línguas. No início da colonização houve a necessidade de unificação das línguas para o estabelecimento da comunicação entre europeus e indígenas visando facilitar o processo de exploração do território.

Segundo Magalhães (1876, p.4), a língua geral foi denominada de nheengatu, na qual nheenga (significa fala/língua) + katu (significa boa). Ela foi eleita como língua geral pelo fato de constituir-se em uma língua de fácil acesso e fácil aprendizado. Atualmente, pesquisas demonstram que o nheengatu continua a ser utilizado nas regiões do Baixo, Médio e Alto Rio Negro.

De acordo com as ideias da pesquisadora Veiga (2015, 44), hoje, o nheengatu é utilizado no Alto Rio Negro e tornou-se uma língua exclusivamente indígena, sendo considerada língua materna de alguns grupos, outros a utilizam como segunda, terceira ou até como quarta língua. Alguns povos, em função do etnocídio, perderam suas línguas ancestrais e adotaram o nheengatu como primeira língua. Por exemplo: os povos Baniwas e Barés ocupantes do Baixo Rio Içana, como também os Pira-Tapuya e Warekena têm utilizado somente o nheengatu no estabelecimento de sua comunicação.

Na pesquisa de Lima (2018, p. 26), consta que o nheengatu também é falado na região do baixo rio negro, dentro dessa região, o autor cita o município de Manaus, afirmando que ela é falada como segunda língua (L2) em várias comunidades como: Comunidade Baré, Terra Preta, Rio Negro; Comunidade Baré Pisasú Sarusawa, rio Cuieiras; Comunidade Baré, Paraná do Samaúma, rio Negro; Comunidade Karapãna, sítio Santa Maria, rio Tarumá Açú; Comunidade Boa Esperança, rio Cuieiras; Comunidade Livramento, rio Tarumã Mirin; Comunidade Sol Nascente, bairro Francisca Mendes II; Comunidade Nações Indígenas, bairro Tarumã e Comunidade Parque das Tribos, bairro Tarumã.

Veiga (2015, p. 46) também ressalta que, na região, existe um sistema conhecido como exogamia linguística, no qual todos os povos que falam a mesma língua são considerados parentes próximos, ou até irmãos. Isso acontece em função da existência de casamentos entre pessoas de etnias diferentes (interétnicos) que, quando constituídos, a mulher costuma mudar-se para a comunidade de residência do marido, onde adquire a língua falada na comunidade e ensina sua própria língua estabelecendo comunicação com outras mulheres da mesma origem étnica utilizando sua língua materna. A autora (2015, p. 51) ainda fala que através desse mecanismo, o Alto Rio Negro transformou-se em uma região multilíngue, permitindo que seus residentes consigam falar de 3 a 5 línguas, ou até mais, alguns indivíduos falam de 8 a 10 línguas

1.1.3. Aspectos Históricos

Para falar a respeito do processo de ocupação do Alto Rio Negro, neste estudo, menciona-se dois momentos: o primeiro referente à ocupação considerada tradicional, na qual se registra a existência de povos indígenas vivendo nessa região e, o segundo, relaciona-se à invasão realizada pelos povos europeus nessas terras, impondo mudanças em toda uma estrutura organizacional (sócio- cultural) dos povos que lá residiam.

Sobre a ocupação tradicional, autores como Cabalzar e Ricardo (1998, p.55) afirmam que investigações de cunho arqueológico realizadas por Eduardo Neves, no ano de 1993, no Médio rio Uaupés, nas terras Marabitaná, detectaram que povos indígenas já viviam ali há aproximadamente 1.200 anos a.C., o que foi constatado devido ao estudo de pedaços de cerâmicas de espessura fina e aparência escura localizada enterrada a aproximadamente um metro de profundidade. Há outros arqueólogos que afirmam com propriedade que povos indígenas habitam a região há muito mais tempo, aproximadamente há 6.000 anos a.C. (BUCHILLET 1993; ASSIS, 2007).

No que se refere aos primeiros contatos entre povos indígenas que habitavam a microrregião do Alto Rio Negro e os europeus no momento em que invadiram o mencionado território, pode-se afirmar que não foram pacíficos, pois as intenções do homem branco, se baseava na escravização indígena para obtenção de mão de obra desses nativos, devido ao seu grande conhecimento sobre a região que habitavam, em função disso, poderiam auxiliar esses colonizadores na subida dos rios. É válido ressaltar que os povos indígenas não se renderam facilmente a todo esse processo de escravização, foram combatentes e demonstraram bastante resistência. Segundo Wright (2005, p.43)

Os povos indígenas devem ser vistos como sujeitos históricos que reagiram a processos de colonização, criando estratégias para evitar sua dizimação física e a desarticulação de seus modos de vida, de suas culturas. Trata-se de uma perspectiva analítica que tira os povos da condição de espectadores da destruição de suas culturas, alheios e passivos frente a esses processos, colocando-os no lugar de sujeitos ativos que lutaram e reagiram com as armas e as estratégias que dispunham naquele momento.

Portanto, deve-se considerar que os povos indígenas, apesar de terem sido vítimas tanto de genocídio, quanto de etnocídio, foram agentes de sua própria história e lutaram bravamente para manutenção da sua existência física e de seus sistemas sociais e culturais.

A chegada dos portugueses no rio Negro, aconteceu no ano de 1669, onde construíram o forte de São José do Rio Negro, atualmente Manaus-capital do Amazonas. Destaca-se que, antes mesmo da presença dos portugueses, em 1668, padres da ordem das Mercês já estavam presentes na região fundando o primeiro núcleo missionário no local denominado Aruim, na aldeia dos povos Tarumã e Aruak (JUSTINIANO, 2012, p. 23). Após isso, à partir do ano de 1695, foram chegando outros missionários carmelitas e jesuítas, que também registraram sua presença nesse território do Baixo Rio Negro fundando as denominadas missões. Os primeiros focos de povoamentos foram fundados

pelos padres carmelitas visando atrair os indígenas ainda no início do século XVIII. Esses missionários auxiliaram as políticas de descimentos já mencionadas anteriormente.

Os europeus necessitavam de mão de obra dos povos residentes na localidade, principalmente para realizar a coleta das drogas do sertão, para desenvolverem atividades laborais nas grandes fazendas, como também para explorarem o território. Essa mão de obra era recrutada por meio de tropas de resgate e das guerras justas.

De acordo com as palavras de Justiniano (2012, p. 23), as tropas de resgate “tinham como missão punir índios que atacassem, sem serem provocados pelos europeus. A punição consistia na força de trabalho escravo do nativo”.

Com relação às guerras justas, essas eram consideradas “justas” se fossem implementadas contra os inimigos da coroa. Como no território do Alto Rio Negro, os únicos inimigos da coroa eram os grupos indígenas que resistiam ao trabalho escravo, a expulsão de suas próprias terras e ao processo de aculturação, as guerras eram intencionalmente direcionadas para eles.

Os europeus afirmavam que tais guerras eram legítimas, pois havia a necessidade de combater grupos indígenas que praticavam canibalismo, como também “tribos hostis”. Nesse contexto, os portugueses convenciam os chefes indígenas considerados amigos da coroa a se envolverem na realização tanto das expedições em busca de escravos, quanto escravizando os nativos dos grupos indígenas perdedores nos conflitos intertribais. Geralmente os portugueses eram muito violentos, tornando as guerras, ditas “justas”, em atentados sangrentos contra os grupos indígenas, e essas ações propiciavam a revolta dos nativos.

De acordo com Justiniano, uma das revoltas mais conhecidas, envolveu o grande chefe e guerreiro do grupo dos Manaós, o destemido Ajuricaba, o qual, junto com seu povo, não permitia que as tropas portuguesas invadissem suas terras. Em função disso, entre os anos de 1.723 e 1.725, o governador do estado do Maranhão e Grão Pará, declarou guerra justa aos Manaós. As consequências dessa guerra foi a morte e a captura de centenas de indígenas, aproximadamente, 20.000, inclusive o guerreiro Ajuricaba também foi capturado, no entanto, optou por jogar-se no rio a fim de não ser escravizado pelos portugueses (JUSTINIANO, 2012, p. 24).

Tantas guerras provocaram a redução dos povos indígenas do Médio Rio Negro e a fuga daqueles que conseguiram escapar dos massacres para localidades mais distantes possíveis, visando a preservação de sua integridade física. Com o domínio do território,

os europeus ficaram com os caminhos dos rios livres, o que permitiu chegarem ao Alto Rio Negro.

Além de todo massacre provocado pelas guerras justas e tropas de resgate, os indígenas também sofreram com as epidemias em função do contato com os portugueses. No ano de 1740 aconteceu uma grande epidemia de varíola que causou a morte de um número significativo de indígenas (CROSBY, 1972, p. 44). Registra-se também uma epidemia de sarampo no ano de 1749, denominada de “sarampo grande” em função de ter sido bastante devastadora (RODRIGUES, 1983, p. 77).

Os autores Cabalzar e Ricardo afirmam que, no dia 06 de junho do ano de 1755 (Século XVIII), foi elaborado um decreto pelo Marquês de Pombal, destituindo os missionários do poder sobre os indígenas em função da política de descimentos. Sendo assim, as aldeias passaram a ser administradas pelos militares, civis ou colonos que passaram a ser chamados de “diretores dos índios”, a partir do decreto, cabia aos missionários apenas a tarefa da catequese e de convencimento ao descimento dos indígenas (CABALZAR E RICARDO, 1998).

Nesse período, algumas aldeias mais desenvolvidas e produtivas passaram a ser consideradas pelos portugueses como vilas ou povoados, muitas delas recebendo um nome de santo. Em 1763, a construção dos fortes em São José de Marabitanas e São Gabriel, facilitou as viagens dos militares portugueses pelos afluentes superiores do Rio Negro, principalmente para defesa do território português após a realização do tratado de Madri (1750), o qual dividia parte do território brasileiro entre Portugal e Espanha.

Com isso, os indígenas presenciaram seus territórios serem totalmente invadidos pelos militares portugueses, como também a eliminação e expulsão de seu povo, principalmente em função da prática dos “descimentos” incentivada pelos padres missionários de várias ordens religiosas que contribuíam para escravizarem os nativos da região do Alto Rio Negro e forçá-los a trabalharem nas grandes fazendas e construções de embarcações para a manutenção do conforto, acúmulo de capital e riqueza dos europeus.

Justiniano (2012, p. 26) esclarece que, a partir do ano de 1850, surge uma nova forma de explorar a mão de obra indígena, denominada de política civilizatória, cujo objetivo era usar o trabalho forçado dos povos indígenas na construção de casas em Manaus (capital da nova Província). Para facilitar o processo, Tenreiro Aranha (governador) passou novamente essa responsabilidade aos padres missionários que deveriam não somente catequizar, como também “civilizar” os indígenas.

Não se diferenciando dos demais, nesse momento, os indígenas foram tratados com extrema violência. Crianças indígenas eram raptadas para serem escravizadas fazendo serviços domésticos, aconteceram várias guerras intertribais, os povos indígenas se refugiavam no meio das grandes florestas fugindo da escravidão, por fim, os missionários abandonaram a região e a chamada “política civilizatória” não vingou, sendo destituída no ano de 1852.

No que se refere ao final do Século XIX, registra-se a ocorrência do ciclo da borracha, que impactou também a região do Alto Rio Negro. Buchillet (1995) afirma que o conhecido *boom* da borracha iniciou e consolidou uma nova maneira de exploração dos indígenas que eram, contra sua vontade, levados à força para realizarem o trabalho de extração do látex nos seringais, sendo dizimados se apresentassem qualquer resistência. Além disso, uma outra causa da morte de grande número de indígenas eram as epidemias de várias doenças contagiosas, dentre as quais sarampo e varíola. É válido ressaltar que as epidemias atingiam a todos, tanto os indígenas quanto militares e colonos.

O extrativismo da borracha foi decaindo durante o século XX. Neste período também aconteceu a chegada de padres salesianos que instalaram vários centros missionários chamados “núcleos de civilização”. No período compreendido entre 1915 a 1960 houve a criação de oito núcleos. A forte presença dos salesianos minimizou os abusos contra os povos indígenas, no entanto a proposta de civilização representou a negação da cultura indígena, pois eles foram obrigados a adotar as formas de organização, hábitos e costumes dos brancos, sendo proibidos até do uso de sua língua materna. Os núcleos foram organizados em São Gabriel (1915); em algumas comunidades pertencentes ao território de São Gabriel da Cachoeira como: Taracúá (1924), Iauaretê (1929) ambos no rio Uaupés, Pari-Cachoeira, no rio Tiquiê (1938), Maturacá, no rio Cauaburis (1958) e Assunção, no rio Içana (1953).; Barcelos (1924); Santa Isabel do Rio Negro, no rio Negro (1942) (JUSTINIANO, 2012, p. 27).

Segundo Cabalzar e Ricardo (1998), os salesianos conseguiram persuadir os indígenas a abandonarem suas malocas (as quais eram habitadas por várias famílias) e passarem a residir nos povoados, onde cada família deveria residir em uma casa separada, visando evitar promiscuidade sexual e falta de higiene. Além da influência católica, também houve a presença de missionários de outras religiões evangélicas, podemos mencionar a missão norte-americana de Sophia Muller que chegou na região na década de 1940, o que influenciou alguns indígenas a tornarem-se evangélicos.

A autora Justiniano (2012, p.37) aborda que, na década de 1980, os salesianos foram denunciados pela prática de etnocídio, sendo delatados ao Tribunal de Rotterdan por lideranças do povo Tukano e, desde essa década, vários órgãos governamentais atuam junto aos indígenas, as quais podemos citar a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), ISA (Instituto Sócio- ambiental) e FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), que trabalham em prol da defesa dos direitos dos povos indígenas.

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da elaboração de vários documentos legais, a partir da década de 1990, os indígenas conseguiram conquistar alguns direitos, dentre eles a demarcação de terras e o direito à educação escolar bilíngue (alfabetização na língua materna e em português) o que vem permitindo aos poucos o resgate de sua cultura (crenças, hábitos e costumes).

1.1.4. Aspectos Hidrográficos

A região do Alto Rio Negro é banhada pelo rio Negro. Esse rio possui uma extensão de 1700 km e nasce na Colômbia, especificamente nas cordilheiras de Popayan. Sua grande extensão o classifica como um dos maiores rios do mundo. Zeidemann (2001, p. 63) corrobora a afirmação abordando que

O Rio Negro é um dos três maiores rios do mundo. Passa por seu leito mais água do que a que corre em todos os rios da Europa juntos. Um dos principais afluentes do Amazonas, responsável por 15% da água que ele despeja no Atlântico, o Negro drena uma área correspondente a 10% dos 7 milhões de quilômetros quadrados da Bacia Amazônica.

Segundo estudos da área da biologia, o rio Negro não é apropriado à pesca, devido às grandes quantidades de material orgânico oriundo do processo de decomposição dos resíduos de vegetais dos solos arenosos que acabam por consumir oxigênio e liberar gás carbônico no processo natural da fotossíntese. Com isso, torna-o um rio com poucos nutrientes. Um dos maiores afluentes do rio Negro é o rio Uaupés que possui aproximadamente 750 km de extensão e os mais importantes rios tributários (que desaguam no rio Negro) são o Içana e o Xié (BASINI, 2002; FARIA, 2003).

Os grupos indígenas que vivem na região do alto rio Negro possuem algumas diferenças significativas, apesar de também possuírem pontos convergentes como a existência de mitos, arquitetura específica, agricultura e/ou outras atividades para manterem a subsistência e cultura material. Os povos Tukanos e Aruak apresentam

características semelhantes entre si pelo fato de viverem nas margens dos rios (sendo conhecidos como povos dos rios), no entanto diferenciam-se bastante dos Maku (conhecidos como povos da floresta) pelo fato de viverem tradicionalmente no meio da mata.

1.1.5. Aspectos Relativos à Vegetação

No que se refere à vegetação existente na região do Alto Rio Negro, pode-se afirmar que é bem variada, porém há a predominância de quatro (04) tipos de vegetações que compõem a flora dessa região que são: Chavascal, igapó, campina ou caatinga amazônica e floresta de terra firme, segundo Cabalzar e Ricardo (1998, p.61)

Chavascals são as áreas que se localizam às margens dos rios e vivem constantemente (durante todo o ano) inundadas. Com referência aos igapós, são áreas que passam a maior parte do tempo (7 a 10 meses do ano) inundadas, apresentam vegetação formada por plantas de pequeno porte que se adaptam à umidade como mucuris, bromélias e vitórias-régias. Nessas áreas, principalmente dos igapós, são realizadas as atividades pesqueiras, pois são nesses lugares que os peixes, na época da piracema, realizam a desova.

A vegetação denominada caatinga amazônica, campinarana ou campina, nasce e se desenvolve em solos arenosos, com plantas que atingem altura variando entre 6 a 20 metros, havendo também, nas partes mais pobres em nutrientes, plantas que variam dos 3 aos 7 metros. As folhas desse tipo de vegetação geralmente são duras e resistentes, também há plantas rasteiras (das espécies gramíneas).

As florestas de terra firme localizam-se nas partes mais altas do território que não sofrem inundações, apresentando árvores de maior porte (entre 30 e 50 metros) como o mogno, itaúba, maçaranduba, jequitibá (comercializadas para fabricação de móveis). Há várias espécies de plantas medicinais, como também as que produzem frutos (alimentos), como a castanha, pupunha, caju, dentre outras.

Justiniano (2012, p. 20) afirma que a população residente no Alto Rio Negro adaptou-se para sobreviver nessas áreas, desenvolvendo atividades relacionadas à caça e ao plantio em áreas de terra firme, cultivando principalmente a mandioca com a qual fazem mingau, farinha, beiju (um tipo de bolo feito da massa da mandioca) e manicuera (um tipo de bebida bastante apreciado); realizam a pesca nas áreas dos igapós, pois nesses locais acontece o processo de desova de várias espécies de peixes amazônicos. Sendo

assim, pode-se afirmar que os alimentos derivados da mandioca, peixes e diversos frutos de espécies vegetais, fazem parte da alimentação do povo da região do Alto Rio Negro.

Esboçou-se até aqui um perfil de toda a região do Alto Rio Negro para o estabelecimento de uma compreensão geral dos principais aspectos desse território e de sua população. No entanto, o interesse desse estudo teve como foco principal a cidade de Santa Isabel do Rio Negro e sua população, visto que a pesquisa foi realizada com informantes dessa cidade. Portanto, faz-se uma abordagem a respeito das origens, aspectos sociais, econômicos e culturais de sua população.

1.2 Breve Panorama Histórico: De Uauari a Santa Isabel do Rio Negro

1.2.1 Origens da Cidade

O município de Santa Isabel do Rio Negro, desde sua origem, possuiu vários nomes. A primeira denominação Uautari, foi dada no ano de 1774 pelo Frei Carmelita Matias da Costa (Plano Municipal de Educação de Santa Isabel, 2015). Santos (2013, p. 435), afirma que no ano de 1774, o Coronel João Tinoco Valente, Governador da Capitania de São José do Rio Negro (área que abrangia o atual Estado do Amazonas e Estado de Roraima), visitou Uautari, considerando-o um lugar com grandes possibilidades de desenvolvimento por possuir solo bastante fértil e ser habitado somente por indígenas dos grupos Macus, Urequeñas, Baniuas, Juris e Uapés.

No entanto, com a saída dos missionários Carmelitas, Uautari ficou abandonado por várias décadas (aproximadamente 6 décadas). Somente com a chegada dos missionários Salesianos no ano de 1915, houve o interesse pela reativação do povoado. Porém, para isso, os missionários encontraram algumas dificuldades, pois grande parte do território denominado vila de Tapurucuara, pertencia ao conhecido “ Rui Barbosa” cujo nome de registro civil era Aníbal Peixoto. Ele, como dono das terras, não permitia que ninguém (além dos povos indígenas que ali residiam) se estabelecesse no povoado. (SANTOS, 2013, p.436).

Aconteceram várias tentativas dos missionários salesianos que tinham o interesse em fundar uma pequena instituição de educação para atender os residentes da região do Rio Negro e adjacências. Santos (2013, p. 436) afirma que a primeira tentativa de estabelecimento no local foi realizada pela prelazia do Rio Negro no ano de 1924, com o interesse em fundar uma obra para o oferecimento de educação primária, no entanto o dono do território não permitiu. No momento da segunda tentativa, em 1939, o padre

salesiano Tiago Acchiardo foi enviado a Tapurucuara, e conseguiu agradar aos indígenas e construir uma pequena casa de tijolo e taipa na qual passou a ministrar aulas para as crianças daquele lugar, no entanto, um ano depois, Rui Barbosa não permitiu que o padre continuasse realizando essas atividades. Somente na terceira tentativa, ocorrida alguns anos depois, a prelazia conseguiu convencer o Sr. Aníbal Peixoto (Rui Barbosa) que os objetivos da fundação de uma obra em Tapurucuara proporcionaria benefícios, contribuindo para o desenvolvimento do povoado. Sendo assim, foi permitida a fundação de uma instituição educativa (escola), de um hospital e de uma capela. Foi assim que a população de Vauari foi transferida para Uautari, formando-se um novo povoado.

Sob o Decreto Estadual n. 176, de 01 de dezembro de 1938, o território foi considerado distrito subordinado à cidade de São Gabriel da Cachoeira, teve seu nome Uautari substituído pelo nome Tapurucuara, o qual, na língua nheengatu, significa buraco do bicho ou buraco do tapuru, pois deriva das palavras tapuru “bicho” + khara “buraco”. No entanto, o Decreto Estadual de 29 de dezembro de 1956 n. 117, modifica a denominação do município que passa a chamar-se de Ilha Grande. Finalmente recebe o atual nome “ Santa Isabel do Rio Negro” com o Decreto Estadual n.233 de 08 de julho de 1965. Vale ressaltar que, no ano de 1968, a cidade também se transforma em área de Segurança Nacional, conforme a Lei Federal n. 5449/68 (SANTOS, 2013, p. 436).

Os municípios do Estado do Amazonas que fazem fronteira com Santa Isabel do Rio Negro são: Barcelos, Marañ, Japurá e São Gabriel da Cachoeira, como também a Venezuela, tendo uma área territorial de 62.846.382 km².

1.3 Aspectos Gerais de Santa Isabel do Rio Negro e Perfil Sóciolinguístico

1.3.1. Aspectos Econômicos

De acordo com dados do IBGE (2010), no que se refere à economia da cidade, a renda da maioria das famílias provém de cargos públicos (municipais, estaduais e federais). Também há pessoas que atuam no setor primário (pequenos agricultores) que cultivam nas roças: legumes, verduras, além de árvores frutíferas. Os principais produtos alimentícios são: macaxeira, mandioca, hortaliças, banana, abacaxi, manga, cupuaçu, açaí, pupunha, dentre outros legumes e frutas regionais.

Geralmente, os pequenos produtores produzem para seu próprio sustento e para comercialização dos produtos que sobram, os quais são vendidos no porto, em pequenas feiras e no mercado municipal. Porém, essa pequena produção não supre as necessidades

nutricionais de todas as pessoas do município, sendo indispensável a importação de gêneros alimentícios de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

Grande parte da população é de baixa renda, sobrevivendo da criação de animais como galinhas, patos e do cultivo de verduras. Além disso, suprem suas necessidades com os auxílios do governo como bolsa escola, bolsa família (concedidos às famílias carentes para que mantenham seus filhos menores de idade na escola) e seguro defeso (concedido às famílias de pescadores).

A pesca, o extrativismo e a pecuária também são atividades de grande importância na economia local. No que se refere ao extrativismo, os principais produtos são a piaçava e a castanha. Com relação à pesca, ela é realizada de maneira artesanal e várias espécies de peixes chegam a ser importados para países europeus, asiáticos e norte americanos. A pecuária está se desenvolvendo ainda com uma tímida criação de porcos, bois e búfalos, além disso há também uma granja. O setor secundário ainda é muito incipiente, não havendo fábricas nem indústrias, constituindo-se de uma simples panificadora.

No entanto, o desenvolvimento do setor terciário é bastante animador, havendo vários estabelecimentos comerciais com vendas de produtos bastante variados. Na cidade também possui uma agência bancária, correios, casa lotérica, um reduzido número de hotéis e restaurantes. Dentre as atividades turísticas, há a pesca esportiva do peixe tucunaré que se inicia no mês de setembro e se estende até o mês de fevereiro do ano seguinte, o que atrai bastante pessoas de outras localidades, havendo a necessidade do aumento de hotéis e restaurantes na cidade.

1.3.2. Aspectos Geográficos e Vegetação

A cidade de Santa Isabel do Rio Negro localiza-se na região Norte do Brasil, no interior do Estado do Amazonas, especificamente na Mesorregião do Norte Amazonense², Microrregião do Rio Negro ou Região do Alto Rio Negro. Possui uma área de 62.846 km², abrigando em seu território o Pico 31 de Março e o Pico da Neblina. Além da sede municipal, há sete terras indígenas. Na área rural, há nove aldeias Yanomami, outras 42 comunidades e vários sítios habitados por descendentes de índios

² Mesorregião é uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais, que por sua vez, são subdivididas em microrregiões. Foi criada pelo IBGE e é utilizada para fins estatísticos e não constitui, portanto, uma entidade política ou administrativa.

e mestiços de branco com índio. Há também uma área de proteção ambiental municipal chamada APA de Tapuruquara (ISA, 2008).

Segundo Dias (2008), existe um acordo entre os moradores das comunidades sobre a divisão de áreas para a construção de casas e áreas que serão utilizadas para cultivo de roças. A maioria dos moradores das comunidades possuem parentes residentes na sede do município, o que viabiliza a alternância de estadia, vivendo um tempo nas comunidades e um tempo na sede.

O município apresenta uma vegetação típica dessa região que é composta por florestas de terra firme, caatinga amazônica, igapós e chavascais.

De acordo com Justiniano (2012, p.32), 80% do seu território é coberto por florestas de terra firme (floresta amazônica) na qual há muitas árvores das quais extraem-se madeira de lei, dentre outras que possuem grande potencial econômico como a seringueira, a piaçava e a sorva.

Como toda cidade do interior, Santa Isabel do Rio Negro apresenta suas belezas culturais e naturais específicas, no entanto as dificuldades enfrentadas pelo seu povo por falta de políticas públicas para seu desenvolvimento a deixa muito semelhante a tantos outros municípios do Amazonas que muitas vezes ficam esquecidos pelo poder público.

Segundo Pinheiro (2011), a área urbana da cidade é muito pequena, não existindo cinemas ou teatros, o lazer dos jovens durante a semana à noite se concentra na praça localizada próximo ao porto e, nos finais de semana, divertem-se na única discoteca denominada “ Espaço Fama” e as pessoas adultas e mais maduras divertem-se em dois pequenos clubes que tocam bolero e forró: “Bolerão do Leôncio e “Forrozão da Vila”.

Com características típicas das cidades interioranas, a eletricidade é precária, tendo a energia gerada por uma pequena usina termelétrica funcionando a óleo diesel, o que provoca constantes “apagões” à noite. No entanto proporciona um certo conforto aos moradores que podem usar aparelhos de ar condicionado, assistir televisão e escutar seus rádios.

1.3.3. Aspectos Educacionais

Com relação aos aspectos educacionais, dados do Censo Educacional (2017) demonstram que a cidade de Santa Isabel do Rio Negro está conseguindo aumentar os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), obtendo nota média em 2017 de 4,4. Os resultados do IDEB no município vem crescendo desde o ano de 2011, quando

atingiu nota média de 4.2 tanto nos anos iniciais, quanto nos anos finais do Ensino Fundamental, como também no Ensino Médio. Um resultado bastante significativo se comparado ao ano de 2005, que registrou o resultado de 2,9. Apesar dessa melhoria, por meio dos dados de 2017, foi constatado que as notas de Língua Portuguesa e Matemática, ainda são consideradas baixas.

Nos dados apresentados no Plano Municipal de Educação de Santa Isabel do Rio Negro (2015), no item sobre análise situacional, afirma-se que, apesar dos artigos da Lei magna da educação, a LDBN 9394/96, prever que “a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos nos seus aspectos físico, psicológico, cognitivo e social” (LDBN 9394/96, Artigo 29), no município de Santa Isabel do Rio Negro, essa etapa da educação necessita de várias melhorias para garantir a qualidade do ensino.

Dentre as melhorias que necessitam ser operacionalizadas, menciona-se o quesito referente à valorização dos professores nos aspectos salariais e na formação. Um outro aspecto que necessita de melhorias urgentes é a organização das turmas principalmente na zona rural que, em sua maioria são classes multisseriadas, situação que prejudica tanto o trabalho do professor (que necessita se desdobrar para planejar e realizar atividades para alunos de diversos anos do Ensino Fundamental e Educação Infantil que estudam juntas), quanto a aprendizagem das crianças.

Com relação à universalização da Educação Infantil, ainda há muito a se fazer, pois existe um grande déficit no número de vagas. Na sede (zona urbana) do município, há somente duas creches para atender crianças de 0 a 3 anos e uma Escola de Educação Infantil para atender crianças de 4 e 5 anos. Percebe-se que há a necessidade da ampliação do atendimento na Educação Infantil, através da construção de novas creches e CMEIS (Centros Municipais de Educação Infantil), inclusive essa é uma das metas do PME de Santa Isabel do Rio Negro.

1.3.4. População e Aspectos Culturais e Linguísticos

Segundo estimativas do IBGE (2016)³, o município de Santa Isabel do Rio Negro possui 23.092 habitantes. A população dessa localidade, tanto da sede quanto das

³ O IBGE realiza censos demográficos a cada 10 anos. O último censo foi realizado no ano de 2010. No entanto, disponibilizou estimativa populacional no ano de 2016. As estimativas são realizadas sem pesquisa a campo (sem entrevistas), por meio de projeções demográficas e cálculos estatísticos.

comunidades, é multiétnica composta em sua maioria por indígenas e por pessoas vindas de outras regiões brasileiras. Essa configuração populacional é resultante das relações estabelecidas entre os povos indígenas que residiam na região, colonizadores (missionários e militares europeus), comerciantes e trabalhadores que, no final do século XIX, se deslocaram de outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste para trabalhar nos seringais na extração da borracha e realizarem outras atividades envolvendo o extrativismo. Há também pessoas oriundas da Venezuela, da Colômbia, do Acre, Roraima, Minas Gerais e de diversos municípios do Amazonas (DIAS, 2008, p. 31).

Em função disso, há uma diversidade cultural no município, o que ocasiona a existência de diversidade linguística, principalmente de línguas de origem indígena. Pinheiro (2011, p. 54) esclarece que o processo de contato inter-étnico ocorrido em Santa Isabel do Rio Negro propiciou a existência de falantes de várias línguas, de famílias linguísticas Maku, Yanomami, Tukano, Arawak e da língua Nheengatu. Ele afirma que essas línguas são faladas por indígenas e não indígenas, ressaltando que o Nheengatu (conhecida como língua geral), continua a ser falado como uma língua franca (informal/de contato), estabelecendo a interação social entre todos: não- indígenas e indígenas, como também entre os povos indígenas pertencentes a diferentes grupos (etnias).

Santa Isabel do Rio Negro possui uma rara beleza, principalmente no que diz respeito à sua diversidade linguística, o que despertou o interesse no desenvolvimento da presente pesquisa nessa comunidade de fala.

CAPÍTULO 2-O FENÔMENO EM ESTUDO: ALTERNÂNCIA ENTRE O PRETÉRITO IMPERFEITO E FUTURO DO PRETÉRITO

2.1 A Construção do Objeto de Estudo

Este estudo se centraliza na análise da variação nos usos das formas verbais do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do modo indicativo na expressão do *irrealis*. Para isso, apresenta-se, inicialmente, uma breve explanação a respeito da trajetória histórica referente à emergência da alternância entre essas formas verbais e como estão historicamente correlacionadas. Em seguida, aborda-se o fenômeno da expressão do *irrealis*, analisando o emprego modal dos tempos verbais aqui implicados. Por fim, verifica-se como alguns autores de Gramáticas Tradicionais e Pesquisadores Sociolinguistas descrevem esse fenômeno de variação.

2.1.1 Trajetória Histórica da Variação entre o Futuro do Pretérito e Pretérito Perfeito

De acordo com o linguista Câmara Jr. (1967), a gênese dessa variação entre as formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no sistema verbal do português já se encontrava presente no latim. Segundo o autor, a divisão temporal da linguagem nem sempre foi caracterizada por uma tripartição (passado-presente-futuro), como vigora tradicionalmente no português. Diacronicamente, no latim, ela se encontrava em um sistema sintetizado, bipartido, apresentando-se uma dicotomia entre o passado e o presente, em que o falante, no plano temporal, poderia fazer uso tanto do presente quanto do pretérito para exprimir uma prospecção futura. Quando se selecionava este último, o valor era de um futuro do pretérito; já, aquele, teria o valor de um futuro do presente.

No latim clássico (erudito), conforme Câmara Jr. (1967 p. 69), o “pretérito imperfeito (passado) do subjuntivo já funcionava a rigor [...] à maneira de um futuro do pretérito” e era linguisticamente compreendido como abstração de um evento, estando este associado às noções de irrealidade, probabilidade ou impossibilidade.

Câmara Jr. (1956, p.29) explica, todavia, que, a partir do século III a.C, as construções sintéticas das formas de futuro vão sendo gradualmente inutilizadas e

sofrendo uma série de alterações estruturais e semânticas, já que as formas analíticas para expressar vontade, desejo, obrigação, intenção, possibilidade e hipoteticidade ganham mais força, as quais foram introduzidas primeiramente pelos verbos modais.

No latim vulgar, todavia, para se indicar um futuro condicional, criou-se uma locução verbal (modal) composta pelo infinitivo de um verbo e pelo o imperfeito do indicativo de *habere*. Essa “locução [...] do ponto de vista do passado, em que o falante [...] podia reportar-se a um momento pretérito”, foi empregada inicialmente com a pretensão de exprimir modalidade (*cantare habebam* = hia de cantar = devia cantar/queria cantar) de volição e desejo (CÂMARA JR., 1985, p. 130 grifos nossos). No entanto, Coutinho (1976) ressalta que foi somente no século V, no romance, que amostras documentais de Prisciano e S. Hilário demonstram a concretização prática do uso desse (*habebam*)⁴, automatizado, adquirindo o valor de um futuro temporal, sem a perspectiva inicial modal.

Conforme o momento em que a utilização do *habebam* torna-se mais automatizada e proeminente, com o estabelecimento de uma estrutura para expressar a futuridade, esse verbo auxiliar começa a se aglutinar ao verbo principal, através de uma redução fonética. Portanto, houve o apagamento da consoante /b/ intervocálica, as vogais, colocadas em contato, se assimilaram, ditongaram e se contraíram: (a(b)e(ba)>ea>ia) e, por volta do século XII, já estava aglutinado (CÂMARA JR., 1985, 1956).

Para Coutinho, a modificação das estruturas originais (*habebam-habebas-habebat* etc.) se deu através de uma dissimilação, as quais se reduziram nas respectivas formas: (*abeam-*abeas -*abeat), cujo grupo átono *ab foi reduzido com a queda da consoante ‘b’ intervocálica. Destarte novamente reduziram-se então a (*ea- *eas- *eat- *eamus- *eatis- *eant), surgindo, assim, o futuro condicional românico sintético, que, por conseguinte, tornaram-se em (-ia -ias -ia -íamos-íeis -iam), (COUTINHO, 1976, p. 277), no português, consoante ao Quadro 2.

⁴No mesmo sentido, o uso desse pretérito do imperfeito do indicativo em verbos modais, segundo Câmara Jr. (1967, p.73), expressava irrealidade e condição com a mesma noção da desinência modo temporal *-ria*, da língua portuguesa, pelo fato de que ele (pretérito imperfeito) dependia de uma condição pertencente a um passado que já transcorreu e a não efetivação desta condição acarretava o traço de irrealidade ao evento, como por exemplo: “*Senare te habebat Deus per indulgentiam si fateratis* – Deus em sua indulgência te havia de salvar se te confessasses” e posteriormente, no latim tardio, essa irrealidade se dimensionou para qualquer tipo de verbo At ille” (isto é, Clovis, dirigindo-se a São Remy, que o induzia à conversão) “ait: Libenter te, sanstissime pater, **aud**ebam**** (sic), sed...” – Mas êle disse: De boa vontade, santíssimo pai, te atenderia (literalmente- **te at**endia****).

Quadro 2- Evolução da criação do futuro do pretérito

<i>Cantare + habebam > cantar + abeam > cantar + ea > cantaria</i>
<i>Cantare + habebas > cantar + abeas > cantar + eas > cantarias</i>
<i>Cantare + habebat > cantar + abeat > cantar + eat > cantaria</i>
<i>Cantare + habebamus > cantar + abeamus > cantar + eamus > cantaríamos</i>
<i>Cantare + habebatis > cantar + abeatis > cantar + eatis > cantaríeis</i>
<i>Cantare + habebant > cantar + abeant > cantar + eant > cantariam</i>

Fonte: Carvalho e Nascimento (1981, p.86-87).

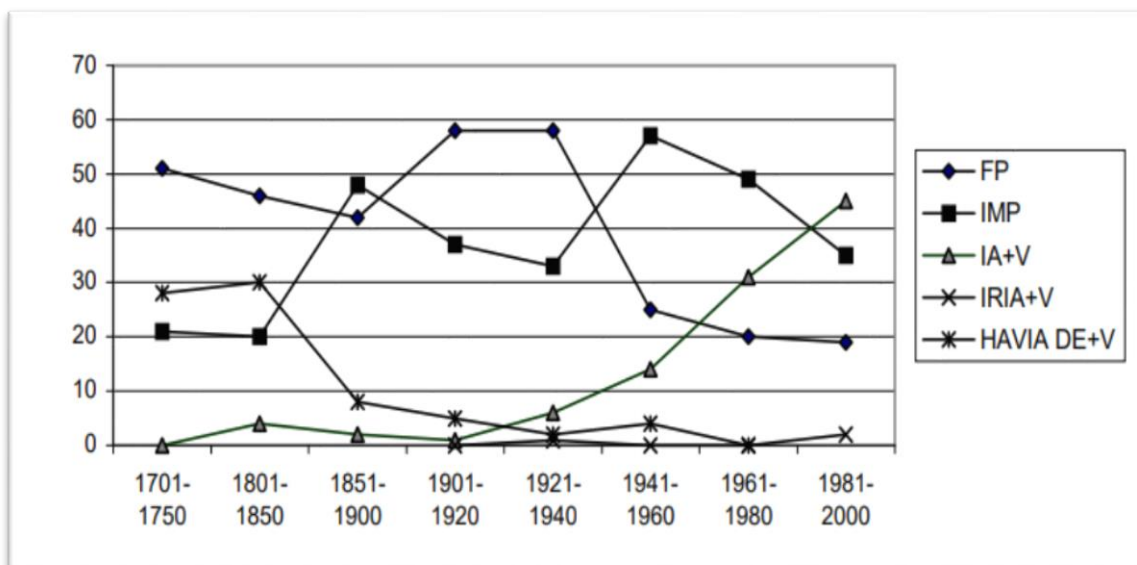
Essa variação latina exerceu influências na formação do futuro do pretérito na língua portuguesa. Said Ali (1965, p.143) assegura que a carência de um futuro indicativo nas línguas românicas e, similarmente, no português, foi suprida a partir da união do **imperfeito do indicativo** havia (contraído em hia) ao verbo principal no infinitivo e, a partir deste processo, deu-se a criação do futuro do pretérito *cantaria*, *cantarias*, *cantaríamos*, *cantariades* (português moderno cantaríeis) e *cantariam*. Em consonância com tal entendimento, Luft (2000, p.131) ressalta que os reverenciados tempos do futuro do presente e do futuro do pretérito são “**locuções de infinitivo + haver dissimuladas**”, em que o *cantarei* e o *cantaria* são provenientes da aglutinação da pronúncia do primeiro acento absorvido do verbo no infinitivo pelo segundo do verbo haver contraído (cantar + hei e cantar + hia).

Através, do trabalho diacrônico desenvolvido por Costa (2003) com textos de peças teatrais (do século XVIII ao XX), pode-se verificar, por meio de suas análises e conclusões, que essa construção **de havia de + infinitivo** no português, até o século XIX (de 1700 a 1850), era a forma preferida para concorrer com a forma sintética do futuro do pretérito. E o seu traço de prospecção continua presente nas novas perífrases formadas com os verbos ir (ia + sair).

.....

Conforme se evidencia no gráfico que se segue:

Gráfico 1- Distribuição das formas verbais conforme o intervalo de tempo



Fonte: Costa (2003, p.70)

A forma perifrástica *havia de + infinitivo*, começa a cair em desuso somente a partir de 1850 e desaparece na segunda metade do século XX, por volta dos anos de 1961. Enquanto isso, a forma inovadora *ia + infinitivo* começa a ter uma presença crescente na linha do tempo no início do século XX, por volta dos anos de 1920 e ganha impulso no sentido mais amplo no espaço de variação a partir dos anos de 1940, intensificando-se mais o seu uso nos anos 60 em diante. Por outro lado, o uso do futuro do pretérito permaneceu parcialmente estável, na linha do tempo, desde os anos de 1701 até 1930. Mas, a partir da década 1940, essa forma passa a se confrontar mais com a utilização das variantes IA+V e IMP, tanto prova que o pretérito imperfeito sintético teve seu auge de uso, no intervalo de tempo de 1941 a 1960.

Vaz Leão (1961, apud COSTA 2003, p.36) investiga o período hipotético iniciado por “se” tomando como recurso de análise textos de literatura portuguesa e brasileira em três períodos: português arcaico (do século XIII a meados do século XVII); português clássico (da segunda metade do século XVI até o século XVIII) e o português hodierno (séculos XIX e XX).

De acordo com a autora, desde a época do latim vulgar há a utilização de apódoses no imperfeito do indicativo (*Si cantauisset, bene faciebat*- Se fosse você, decidia isso logo), fenômeno popular que foi difundido por quase toda a România e que aparece em línguas modernas como no italiano, espanhol e português. Através da análise dos três períodos, português arcaico, clássico e hodierno, ela constata que embora apresente uma

predominância do uso do futuro do pretérito na apódose, já se presencia a utilização do pretérito imperfeito na apódose nos três períodos, de maneira estável.

Portanto, pode-se inferir que essa alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito não é mero equívoco por parte do falante quanto ao seu domínio da norma-padrão do português, visto que o futuro do pretérito sintético do português brasileiro foi oriundo do imperfeito do indicativo do verbo *havia* com o infinitivo de outro verbo. Além disso, tal correlação entre esses tempos e modos verbais já se faziam presentes no próprio latim vulgar, de onde se derivam as línguas neolatinas, entre as quais está a língua portuguesa e essa característica não se decompôs, visto que ainda hoje o pretérito imperfeito apresenta um uso estendido para o futuro do pretérito, como corrobora Câmara Jr. (1967, p. 73):

É este emprego, [...] do latim, sem a intromissão da categoria futuro, que ainda vigora no português, não só como equivalente do futuro do pretérito, em seu sentido estrito (ex: *êle disse que vinha*), mas na aplicação mais ampla inclusive na correlação condicional irreal (ex: “*se eu fosse êle, não ia lá*).

Percebe-se a ocorrência de um processo evolutivo cíclico das formas verbais do futuro, pois, desde o latim até os dias atuais, o pretérito imperfeito do indicativo ocupa o ambiente sintático-semântico do futuro do pretérito: *cantare habebam* > *cantarea* > *cantaria* > *cantava / ia cantar*, considerando as formas de uso alternantes.

2.1.2 A expressão do *irrealis*: o emprego modal dos tempos verbais FP e PI

A compreensão do que se define como expressão do *irrealis* necessariamente passa pelas abordagens das noções de tempo, aspecto e modalidade, as quais se vinculam à expressão do tempo cronológico. Segundo Araújo et al. (2010, p. 259), “tempo e aspecto são duas categorias complexas que possuem pontos em comum, o que muitas vezes dificulta diferenciar uma da outra.

De acordo com Travaglia (2006, p. 38) essa confusão entre as categorias de aspecto e de tempo, é porque o aspecto “antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização”, entretanto, pode-se distingui-las tomando como base os aspectos semânticos, a partir da concepção de tempo interno (o Aspecto) e tempo

externo (o Tempo). Para melhor explicitar essa correlação entre aspecto e tempo, cita-se Travaglia:

a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. Aqui temos uma datação; a categoria de aspecto não é uma categoria dêitica, pois se refere á situação em si (duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim). Como diz Comrie (1976), o aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração. Assim para efeito de distinção podemos dizer que o tempo é “um TEMPO externo à situação” e o aspecto é “um TEMPO interno à situação” (TRAVAGLIA, 2006, p. 39)

A modalidade, por sua vez, conforme explica Givón (2001, p.151), refere-se à uma propriedade inerente e lógica ao processo enunciativo, que está relacionado à atitude e à análise do falante ao que ele pronuncia/ enuncia, todavia, essa atitude não se restringe somente ao que se diz (o enunciado/ a proposição), em virtude de compreender, também, a atitude do ouvinte e os conhecimentos partilhados pelos participantes no contexto comunicativo.

Ao desenvolver o discurso, o falante expõe e instaura diferentes atitudes psíquicas em detrimento de seus desejos e das circunstâncias interacionais e situacionais. Essas atitudes, em alguns casos, podem ser de certeza, prescrição, possibilidade, obrigação, volição, probabilidade ou necessidade, as quais propiciam estabelecer a modalização discursiva e a negociação entre o falante e o ouvinte. Por intermédio da modalidade verbal, o emissor institui um ambiente virtual, explicitando as potencialidades e as condições da efetivação ou não da informação, e bem como o grau de adesão em relação a sua própria proposição. É justamente, segundo Givón (2001, p.151), esse modo de como o falante se relaciona com o que está anunciado que se refere à expressão de *realis* e *irreallis*

Givón (2001, p. 301-302) divide as categorias de modalidade em epistêmica e deôntica. A modalidade epistêmica concerne ao conhecimento, crença ou comprometimento do falante com a verdade do conteúdo do enunciado. Portanto, esta modalidade se relaciona à verdade, crença, dúvida, probabilidade, certeza e evidência. Quanto à modalidade deôntica, relaciona-se às normas, condutas, direitos e deveres morais. Seria a utilização da linguagem com o objetivo de expressar desejo, intenção, manipulação, habilidade, como também de alcançar a realização de interesses por meio de uma imposição. Nesses termos, tendo como referência as modalidades epistêmicas da

tradição aristotélica, a verdade factual corresponde à asserção *realis* e a verdade possível à asserção *irrealis*, as quais são definidas a partir do contrato entre o falante e ouvinte.

Concernente a asserção do *irrealis*, conforme explica Givón (op.cit., p. 301-302), o falante externa a não familiaridade com a proposição, demonstra uma baixa convicção em relação ao que informa e não consegue sustentar essa proposição com evidências plausíveis. Além do mais, o falante apresenta alta possibilidade de sofrer refutações do ouvinte, uma vez que as permite através de asserções sem o reforço de confirmações, comprovações e indícios verossímeis. Logo, resultam-se em proposições fortemente consideradas incertas, prováveis, possíveis e desejadas ou não.

Dessa forma, as desinências verbais tradicionalmente conhecidas como modo-temporal expressam noções de tempo, aspecto e modalidade, conhecidas como TVM. Essa complexidade da morfologia verbal no português é reconhecida por Câmara Jr. (1972, p. 88). O autor alude que tal complexidade “decorre, em primeiro lugar, da cumulação, que nele se faz, das noções de tempo e de modo, além da noção suplementar de aspecto que às vezes se incluiu naquela primeira”.

Isso significa que não é possível desassociar das desinências verbais os indicadores de tempo e modo. A noção de tempo se refere ao momento de ocorrência do processo verbal, tendo como referência o momento da comunicação. Já, a de modo, indica a atitude do falante em relação à proposição que enuncia, que pode ser de certeza, dúvida, desejo etc.

Câmara Jr. (op. cit., p.88) ressalta que “é comum em português, como nas línguas em geral, um emprego modal dos tempos verbais”. Acrescenta que: “nesse sentido, Jespersen associa o passado a um valor de irrealidade; e o futuro para expressar dúvida, sem implicação temporal”.

Na noção gramatical de tempo, no plano do modo indicativo, Câmara Jr. (1972, p. 90) considera que há dois desdobramentos. O primeiro sistema é mais simples e mais usual na língua oral que é a posição entre um presente e um pretérito. O segundo superpõe-se à oposição presente e pretérito a noção de futuro.

No primeiro sistema, restringindo-se ao pretérito, o autor cita que, no eixo da noção do aspecto, o pretérito imperfeito assinala o processo inconcluso, ou imperfeito. Apresenta um emprego metafórico para indicar modalmente a irrealidade, que “cabe naturalmente ao passado” (Cf. CÂMARA JR., op. cit., p. 90). No segundo sistema, em que se situa o futuro do pretérito, Câmara ressalta que “o uso mais frequente do futuro do pretérito é o “metafórico”, para a expressão da irrealidade [...]” (Cf. CÂMARA JR. idem,

p. 91).

Câmara Jr. (1967, p. 56) argumenta que o tempo futuro do pretérito suscita, intrinsecamente, noções de condição, hipótese, dúvida e irrealidade. Esses quatro aspectos emanam do contexto conversacional, não sendo atribuído ao tempo futuro verbal, mas, também, ao valor modal. A forma verbal do futuro do pretérito apresenta eventos futuros que depende de condições pertencentes a um passado que já transcorreu, anterior a esses eventos, para se realizarem, e a não efetivação dessa condição ocasiona irrealidade do evento.

Em contrapartida, Travaglia (1987, p. 70) declara que o tempo verbal do pretérito imperfeito é utilizado pelo falante quando “precisa se afastar (fugir, escapar, ausentar-se) da realidade ou vê ou quer apresentar um fato como fora da realidade, afastando-se de qualquer responsabilidade ou comprometimento pelo que diz, ante o ouvinte”. Com o intuito de ilustrar esse pensamento, reporta-se à música de Chico Buarque intitulada João e Maria: “Agora eu era o herói / E o meu cavalo só falava inglês”.

Com referência à variação entre o uso do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, Travaglia expõe, dentre outros, o seguinte exemplo: “O Patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isso *virava* um fazendão” (MONTEIRO LOBATO). O linguista menciona que, nesse referido exemplo, o emprego da forma verbal do pretérito imperfeito assinala que o falante retrata a situação (o fato) de se tornar um “fazendão” como algo exato e certo, contudo afastado de sua realidade devido à ausência de recursos financeiros e utilitários. Caso esse enunciador escolhesse o futuro do pretérito, desenvolveria um fato considerado hipotético, não obstante também como provável; não vincularia, deste modo, longe ou fora do âmbito da realidade.

Conforme o autor, o pretérito imperfeito incita, pois, o afastamento da realidade e o descomprometimento do falante acerca do tópico da proposição, apesar de este tempo verbal ser agregado no modo indicativo, que é apresentado pelas gramáticas tradicionais como algo que expressa a certeza e propriedade. Essa característica que o pretérito imperfeito carrega é essencialmente modal “e, na verdade, em termos modais o indicativo é o modo da certeza”, sendo que “certeza e afastamento da realidade não são incompatíveis” (Cf. TRAVAGLIA, op. cit., p. 88).

Verifica-se, portanto, que o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito assinalam modalmente a irrealidade, referente ao emprego metafórico de um determinado processo verbal. Esses traços de aspecto e modalidade compartilhados por ambos tempos verbais

(FP e PI) podem explicar a alternância dessas formas verbais como variantes da expressão do *irreallis* nos usos da língua portuguesa.

Nesse sentido, Fleischman (1995 apud FREITAG, 2007, p. 136) assevera que “há indícios sincrônicos e diacrônicos de correlação entre a categoria aspectual imperfectivo e a modalidade *irreallis*. Segundo Freitag (2007, p. 136) “a asserção *irreallis* tem uma proposição fortemente assertada como sendo possível, provável ou incerta”. Ainda Givón (2001, p. 151) aponta que “a correlação entre tempo-aspecto e modalidade epistêmica é fortemente previsível, especialmente [...] quanto ao futuro, correlacionado ao *irreallis*.”

Nessa perspectiva de estudo, Freitag (2007, p. 132) explica que a codificação da modalidade *irreallis* pode estar associada a um afastamento da realidade. A autora assinala que essa noção de afastamento/distanciamento da realidade é “uma nuance do domínio funcional da modalidade, na medida em que o afastamento implica baixa adesão com o conteúdo proposicional, ao passo que a aproximação implica adesão ao conteúdo proposicional” (Cf. FREITAG, op. cit., p. 135).

Fleischman (1995, p. 522 apud FREITAG 2007, p. 136) caracteriza o *irreallis* como uma categoria prototípica no nível semântico que codifica uma gama de significados que sinalizam a falta de crença do falante ou a falta de compromisso relacionada, entre outros itens, “à realidade ou referencialidade de situação e a possibilidade de que um desejo ou intenção do agente seja efetivamente realizado”, entre outros.

2.1.3. Tratamento do Fenômeno da Variável pelas Gramáticas Tradicionais

Nesta seção, verificar-se-á como alguns autores de Gramáticas Tradicionais do português descrevem o fenômeno de variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito. Dentre esses gramáticos, menciona-se Said Ali (1969), Almeida (1986), Sacconi (1999), Melo (2001), Bechara (2009), Cegalla (2010), Cunha e Cintra (2013), José Azeredo (2013) e Castilho (2014), dos quais serão esboçadas as respectivas ideias referentes ao fenômeno em estudo, seguindo uma ordem cronológica desde a década de 1960 até o ano de 2014.

Na primeira metade do Século XX, Said Ali (1969, p. 165), em sua *Gramática Secundária de Língua Portuguesa*, menciona a possibilidade de troca da forma verbal do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito (na linguagem coloquial) ou pelo pretérito-mais-que-perfeito do modo indicativo (na linguagem erudita), em orações condicionadas:

Nas orações condicionadas, pode o futuro do pretérito ser substituído pela forma do imperfeito ou do mais-que-perfeito. O imperfeito é geralmente preferido na linguagem familiar. A forma do mais-que-perfeito, também empregada na oração condicionante, encontra-se com frequência na linguagem antiga. Comparem-se estes exemplos:

Se chovesse, eu *tomava* um carro.

Se mais mundo houvera, lá chegara. (Camões)

Se fosse feriado, não havia aula.

Na *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, Almeida (1986, p. 231) afirma que o tempo futuro do pretérito pode ser substituído por outras formas do pretérito, pelo fato de ter nascido de um imperfeito, “o futuro do pretérito foi criado pelas línguas românicas mediante aglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (havia) com o infinitivo de outros verbos: *louvar* + *havia* = *louvaria*”, como nos seguintes exemplos:

O futuro do pretérito é com frequência substituído por [...] formas do pretérito: “Não ousara (= ousaria) entrar, se não fosses bom.” “Quem vos havia (=haveria) de enganar?” –“Tivera (=teria) isso eu feito, se ele merecesse” –“Escrevi esperando que você aceitasse” (= aceitaria) – “ Eu bem que desejava (= desejaria) que ele estivesse aqui”- “Se você houvera de andar semelhante correição pelos ostentadores de engenho, muitos tribunos eram (= seriam) necessários”.

Sacconi (1999, p. 275), na obra intitulada *Nossa Gramática: Teoria e Prática*, ao se referir à alternância das estruturas verbais, preconiza três situações em que o pretérito imperfeito substitui o futuro do pretérito: primeiro, na linguagem coloquial, caracterizando-se, assim, a língua falada, por exemplo, “Não me disseram que você *vinha* hoje (grifo nosso)/ Você me prometeu que não *contava* isso pra ninguém, hem!”; segundo, para assinalar um fato hipotético (grifo nosso), que seria uma decorrência exata e imediata do outro, que é irreal ou não aconteceu, exemplos, “Se eu fosse prefeito, *desapropriava* toda esta região / Se viéssemos de trem, não *chegávamos* a tempo”; e, por fim, na terceira justificativa, para expressar o nosso desejo ou vontade, mas de maneira afável (cortês), como nos seguintes exemplos, “ Se eu fosse você, não ia lá/ Eu não *saía* com uma chuva dessas, Jeni”.

Em sua *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, Melo (2001, p.182), aborda o emprego dos tempos verbais, dentre eles o do pretérito imperfeito, ressaltando que “sobretudo na linguagem familiar, emprega-se o pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito”, e ilustra a sua afirmação com o seguinte exemplo:

Mas a alusão mais rasgada que me fizeram foi em casa de sabina, três dias depois. Fê-la um certo Garcez, velho cirurgião, pequenino, trivial e grulha, que *podia chegar* aos setenta, oitenta, os noventa anos, sem adquirir jamais aquela compostura austera, que é a gentileza do ancião (MACHADO DE ASSIS, 1881, p.222).

Bechara, em sua *Moderna Gramática do Português*, afirma que o pretérito imperfeito substitui o futuro do pretérito, em situações menos formais, na conversação, quando “se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante”. Exemplo: “Se me desprezasses, morreria, matava-me (grifo nosso)” (BECHARA, 2009, p.278). Esse mesmo autor (2009, p. 277) salienta que: “uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim em lugar de outra significação”. O gramático também justifica a ocorrência dessa alternância pelo fato de o termo imperfeito ser “um termo neutro do plano inatural”, e dessa forma, não se poderia aferir ao pretérito imperfeito “uma pura e simples designação do passado”. Portanto, podendo ele ser empregado em lugar de seu passado (o mais-que-perfeito) e de seu futuro (o condicional presente + futuro do pretérito).

Cegalla, na *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, assinala as possíveis aplicações do pretérito imperfeito do modo indicativo e, de maneira tênue, no quarto tópico (d), referencia a respeito da alternância da utilização do pretérito imperfeito em detrimento do futuro do pretérito. Segundo o autor:

O pretérito imperfeito [...] (d) pode substituir o futuro do pretérito, principalmente na linguagem informal, em orações condicionais: “se cultivasses estas terras, em pouco tempo estavas rico/ ‘se ela me preferisse ao marido, não fazia mal negócio’ [estavas = estaria] e [fazia = faria]” (CEGALLA, 2010, p. 585).

A afirmação por ele realizada corrobora o pensamento de que é possível o emprego de ambas as formas verbais. Porém, ele estabelece a seguinte advertência, demonstrando que, na linguagem formal, tem-se que reverenciar a correspondência temporal, por exemplo: Se Pedro fosse competente, a empresa o *contrataria* (certo) / Se Pedro fosse competente, a empresa o *contratava* (errado). Com relação ao futuro do pretérito, Cegalla (2010, p. 587) declara que:

O futuro do pretérito [...] (e) pode ser substituído, sobretudo na linguagem coloquial, por locuções formadas com o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ir*+ infinitivo do verbo principal: ‘informaram que ia faltar luz. [ia faltar

= faltaria]/ uma conquista como a que a bandeira ia realizar não se faria em branca nuvem. (CASSIANO RICARDO,1970) [ia realizar = realizaria]’.

Cunha e Cintra, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, ao fazer referência a respeito do pretérito imperfeito, pontuam as possíveis utilizações deste tempo verbal em períodos hipotéticos, dentre eles, como substituto do futuro do pretérito. Registram que o pretérito imperfeito substitui o futuro do pretérito quando for: “[...] para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 466). Para demonstrar essa ocorrência, os autores citam os seguintes exemplos: “O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto *virava* um fazendão (MONTEIRO LOBATO U, p. 236, 1962) - Se eu não fosse mulher, *ia* também!” (M. TORGA, V, p. 279, 1954).

Azeredo (2013, p. 360), na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, situa o emprego do pretérito imperfeito, fazendo, apenas, uma observação quanto à variação entre os dois tempos verbais, o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito, sendo que “nos registros semiformal e informal, o pretérito imperfeito do indicativo emprega-se regularmente com o mesmo valor do futuro do pretérito”, por exemplo: “Como foi que você adivinhou que eles *chegavam* hoje? (chegavam por chegariam)” .

Castilho (2014, p. 392), em sua *Gramática do Português Brasileiro*, na seção estatuto “categorial das formas verbais”, ressalva as propriedades morfológicas, semânticas, sintáticas e discursivas no que se refere ao pretérito imperfeito, salientando as suas funções dentro da interação social. Para esse fim, o gramático subdivide o tempo verbal do pretérito imperfeito em três aspectos: (1º) em Pretérito Imperfeito Real; (2º) Pretérito Imperfeito Metafórico⁵ e (3º) Pretérito Imperfeito Atemporal. O primeiro, detém um caráter durativo, ou seja, caracteriza o estado das coisas que duram no passado, mas que requer a não pontualidade temporal, por exemplo: “Quando cheguei, ela *olhava* pelo buraco da fechadura. (a propósito: sabe qual foi a coisa mais interessantes que já se viu pelo buraco da fechadura? Outro olho!)”. Agora, fazendo menção ao Pretérito Imperfeito Metafórico, o autor cita que ele pode ser utilizado no lugar “do futuro do pretérito no discurso indireto/ no discurso indireto livre”, como nos seguintes exemplos: “Ela disse que *vinha* logo. / *Era* necessário, mesmo, libertá-lo? / Você bem que *podia* me arranjar um emprego. / Numa viagem ao norte, desistiu de fazer conferência. Os colegas

⁵ O pretérito imperfeito metafórico se refere aos usos com valor de futuro do pretérito, hipotético, provável, como em: “Se eu estudasse mais, eu *aprendia*” ou do faz-de-conta, imaginação: “*Era* uma vez, eu *morava* num castelo.”

insistiram. Não, não *fazia*”. Por fim, o terceiro, relaciona-se a fatos passados que não se realizaram, tal como no seguinte exemplo: “Sentada na borda da cama, afinal ela *ia* embora”.

Entretanto, Lima (2011, 2014), em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, não faz referência à alternância em questão, assim como Abreu (2003). Esses autores limitam-se a sua preocupação mais com a forma dos tempos verbais (classificações da pessoa, tempo, modo, voz, paradigmas de conjugações) do que propriamente com os seus aspectos semânticos e pragmáticos e com as variações de registros de usos linguísticos.

Evidencia-se, assim, a partir das aceções e exemplos das gramáticas tradicionais mencionadas, que as gramáticas da língua portuguesa atestam e consideram o possível uso do pretérito imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito, porém normalmente relacionam esse fenômeno linguístico a uma colocação familiar da língua, oral e semiformal e dão exemplos desse emprego na literatura, demonstrando-se que a forma verbal do futuro do pretérito é a forma prestigiada no âmbito da língua culta. Além disso, elas não abordam de forma significativa e abrangente o assunto envolvido. Poucos autores se preocupam em aclarar em que situações comunicativas se utilizará o pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito ou como se dará o estabelecimento desta alternância. Na ocasião, o que é versado, na maioria das vezes, não passa de uma mera notificação, não sendo um facilitador para o aprendizado e sim gerador de mais dúvidas, o que dificulta o seu entendimento.

2.1.4. Estudos Específicos nas Regiões do Brasil sobre a alternância entre as formas do Futuro do Pretérito e do Pretérito Imperfeito

Constatou-se que a variação no emprego das formas verbais futuro do pretérito e pretérito imperfeito não são exploradas satisfatoriamente nas gramáticas normativas tradicionais, contudo, na contemporaneidade, o tema em estudo tem despertado interesse e recebido notável atenção de estudiosos da área da Sociolinguística, os quais têm desenvolvido investigações acerca desse fenômeno variável em monografias, dissertações e teses de várias universidades do país.

Nesta seção, demonstra-se a descrição de resultados de investigações sobre a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito na expressão de futuridade, as

quais foram realizadas através do levantamento de pesquisas produzidas no Brasil nos últimos vinte (20) anos.

Ressalta-se que o levantamento e análise desses estudos visam a: a) conhecer as pesquisas existentes nas cinco (5) regiões brasileiras a respeito do fenômeno; b) verificar os fatores internos e sociais influenciadores da variação que proporcionam possíveis mudanças; c) suscitar reflexões e interesse no meio acadêmico sobre essa ocorrência de variação linguística, visto que há poucos estudos a esse respeito; e, d) possibilitar estabelecer comparações entre os resultados de algumas pesquisas realizadas com os resultados finais do presente estudo. Sendo assim, esta seção iniciará com uma síntese descritiva das investigações, seguindo uma linha cronológica, subdividida por regiões, abrangendo os estudos identificados, os quais foram construídos nas diversas regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Sul e Sudeste.

Para sistematizar, apresenta-se o Quadro 3, que reúne quatorze (14) trabalhos sobre o fenômeno da variável, sem a pretensão de ser exaustivo.

Quadro 3- Pesquisas em ordem cronológica de trabalhos sobre a alternância entre as formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito realizados nas regiões do Brasil

REGIÃO	INSTITUIÇÃO	AUTOR (s)/ ANO	TÍTULO E MODALIDADE
NORDESTE	Universidade Federal do Ceará	Dias (2007)	Variação e funcionalidade modo-temporal no português oral em Fortaleza/CE: futuro do pretérito versus pretérito imperfeito na codificação da eventualidade em construções condicionais. (Dissertação)
	Universidade Federal de Alagoas	Oliveira (2010)	A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo na oração principal em contextos hipotéticos na fala de alagoanos. (Dissertação)
	Universidade Estadual de Feira de Santana	Santos (2014)	A variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no português falado em Feira de Santana (Dissertação)
	Universidade Federal de Alagoas (2016)	Oliveira (2016)	A variação, na apódose, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos: as categorias semânticas discursivas de tempo, aspecto e modalidade (Tese)
SUL	Universidade Federal de Santa Catarina	Silva (1998)	A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis. (Dissertação)
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Karam (2000)	A variação entre futuro do pretérito, o imperfeito e a perífrase com o verbo ir na fala do Rio Grande do Sul. (Dissertação)

SUDESTE	-+Universidade Federal do Rio de Janeiro	Costa (1997)	O Futuro do Pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: Um estudo Diacrônico. (Tese)
	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Costa (2003)	A variação entre as formas do futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal do Rio de Janeiro. (Dissertação)
	Universidade Federal de Uberlândia	Barbosa (2005)	A variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em construções condicionais iniciadas por se na fala uberlandense. (Dissertação)
	Universidade Federal do Espírito Santo	Tesch (2007)	A variação no âmbito <i>do irrealis</i> entre as formas do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. (Dissertação)
	Universidade Federal de Juiz de Fora	Souza (2007)	A Alternância entre o Futuro do Pretérito na Expressão da Hipótese
	Universidade Estadual Paulista	Brandão (2015)	A variação em formas verbais: um estudo sociolinguístico da alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo paulista. (TCC)
NORTE	Universidade do Estado do Amazonas	Barros (2015)	A análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do <i>irrealis</i> na fala manauara. (TCC)
	Universidade do Estado do Amazonas	Ribeiro (2015)	A ocorrência do futuro do pretérito como expressão do <i>irrealis</i> na fala manauara. (Projeto de Iniciação Científica)

Fonte: Pesquisa bibliográfica de autoria própria (2018)

Após realização do levantamento dos estudos e análise de seus resultados, constatou-se que não há uma uniformidade quanto ao interesse em investigar o fenômeno da variação entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito em todas as regiões do Brasil, pois há regiões, nas quais não foram encontradas nenhuma investigação referente à temática. Nesta situação, cita-se a região Centro-Oeste. Também há regiões com número de estudos bastante reduzidos, como é o caso da região Norte, na qual são atestados apenas dois (02) trabalhos; no que se refere à região Nordeste, constatou-se a existência de quatro (04) investigações; na região Sul somente duas (02); e, na região Sudeste, encontram-se o maior número de investigações relacionadas ao fenômeno, contendo um total de seis (06) estudos. Na sequência, faz-se uma síntese dos resultados apresentados por esses estudos.

2.1.4.1. Estudos Realizados na Região Nordeste

2.1.4.1.1. Pesquisa de Dias (2007)

O trabalho de Dias (2007), realizado na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, abordou a variação entre as formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do modo indicativo em orações hipotaxas adverbiais condicionais no português oral

formal. As bases teóricas de análise selecionadas pela autora foram as teorias Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico. O objetivo geral da pesquisa foi averiguar a causa pela qual essas formas verbais oscilam e verificar quais são os fatores condicionantes que propiciam a utilização de uma forma em detrimento da outra. Para tanto, os aspectos linguísticos observados como possíveis fatores de controle foram: 1) os princípios funcionalistas de marcação e iconicidade, quanto à ordem estrutural da sentença (prótase + apódose ou apódose + prótase) e à codificação estrutural (forma simples/ formas perifrásticas); 2) tipo de inquérito (D2, DID e EF); 3) grau de certeza (avaliação do falante em relação à sua proposição enunciativa); 4) tipo de verbo; 5) estrutura temporal. E, como aspecto não linguístico, foi considerado apenas o gênero/sexo.

O *corpus* da pesquisa foi retirado do banco de dados do projeto “Português Oral Culto de Fortaleza” (PORCUFORT), organizado pelo Professor José Lemos Monteiro, em 1993, e contou com 60 inquéritos constituídos por informantes adultos de ambos os sexos, nascidos da capital. Os inquéritos foram gravados e seguiram os moldes de estruturação de elocução formal, diálogo entre dois informantes e diálogo entre informante e documentador.

Os dados em análise foram submetidos ao programa computacional VARBRUL, que quantificou e selecionou os fatores significativos. Após as rodadas efetivadas do programa, foram atestadas 167 ocorrências da alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no âmbito de situações hipotéticas, dentre as quais 82 (49%) realizações de uso do PI e 85 (51%) realizações de FP. Os grupos de fatores como sexo, tipo de verbo, grau de certeza, estrutura temporal e o uso de formas simples ou compostas não foram considerados pertinentes pelo programa estatístico, pois obtiveram pesos relativos neutros em seus resultados, somente os grupos de fatores considerados significativos foram ordem estrutural da sentença e o tipo de inquérito.

2.1.4.1.2. Pesquisa de Oliveira (2010, 2016)

Oliveira (2010), em uma pesquisa de cunho variacionista, sistematizou e descreveu a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito na oração principal em contextos hipotéticos na fala de Alagoas, levando em conta os fatores

internos do próprio sistema linguístico: paralelismo formal e ordem da sentença e os fatores externos da língua: gênero, faixa etária e escolaridade.

O *corpus* foi organizado especialmente para o estudo do fenômeno em questão e para sua constituição foram realizadas entrevistas com 48 informantes, a partir da aplicação de um roteiro semiestruturado com perguntas que versavam temas do cotidiano e de ordem imaginativa, pois o objetivo era levantar e suscitar formas verbais de FP e PI em contextos hipotéticos. Esses informantes foram selecionados a partir das variáveis sociais: gênero (feminino e masculino), idade (15 a 30 anos, 31 a 45 anos, 46 a 61 anos) e escolaridade (fundamental e superior).

Após a constituição do *corpus*, os dados foram codificados e rodados com o auxílio do programa *GoldVarb X*, demonstrando, como resultado, 589 (100%) realizações das formas variantes, 354 (61%) ocorrências de FP e 235 ocorrências de PI (39%), o que evidenciou uma maior utilização do FP pelos alagoanos, constando-se a alternância entre essas formas.

Pelos resultados dos grupos de fatores linguísticos, o autor concluiu que a ordem da sentença não canônica (apódose+ prótase) favorece o FP (79%), com o peso relativo de (0.65), enquanto que o PI é favorecido pela ordem da sentença canônica (prótase + apódose), obtendo-se 49% dos dados e um peso relativo de (0.61). Resultado semelhante à pesquisa de Barbosa (2005), posto que, em seus resultados, a ordem considerada não canônica favoreceu mais o FP do que PI. Em se tratando do paralelismo formal, este fator não foi considerado relevante pelo programa estatístico, em virtude de os pesos relativos e os percentuais demonstrarem resolução nula, a realização paralelismo e a realização não-paralela ocorrem em uma possível escala de neutralidade, não influenciando de maneira significativa nenhuma das variantes em alternância. Mas, segundo o autor, analisando-se as variantes pelos pesos relativos que mais se destacaram, pôde-se perceber, também, que o paralelismo tende a favorecer a forma verbal de PI e desfavorece o uso do FP.

No que se refere aos grupos extralinguísticos, a escolaridade foi o fator mais significativo, apontando que os falantes de nível fundamental tendem a utilizar com maior frequência o PI, com um peso relativo de 0.56 e 46% de frequência, enquanto que os informantes com nível superior tendem a utilizar mais o FP, com o peso relativo de 0.56 e 66% de frequência. Em relação, ao grupo de fator idade, os informantes mais jovens (de 15 a 31 anos) utilizaram predominantemente o PI (44%), com o peso relativo de 0.56; como também os informantes mais velhos (de 46 a 61 anos), com o peso relativo de 0.53

e 45% de frequência, todavia os informantes com a idade intermediária (de 31 a 45 anos) favoreceram mais o uso de FP, com o peso relativo de 0.59 e frequência de 67 %. Por fim, quanto à variável sexo, a variante FP foi mais condicionada pelas mulheres, com o peso relativo de 0.56 e o percentual de 65%; em contrapartida, a variante PI foi mais condicionada pelo gênero masculino, com o peso relativo de 0.56 e percentual de 46 %.

Em sua tese de doutorado, Oliveira (2016) almeja uma compreensão mais ampla a respeito da variação dessas formas verbais, entre os usos do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, em construções condicionais iniciadas por *se*, mas considerando além das formas simples, as perifrásticas. Para a realização dessa pesquisa, o autor adotou somente os princípios da teoria sociolinguística. Quanto às variáveis testadas, foram consideradas: escolaridade, paralelismo formal, sexo, ambiente sintático-semântico e faixa etária, e outras acrescentadas, como construção verbal, tipo de verbo auxiliar, saliência fônica e modalidade verbal.

Foram utilizadas na análise dos dados 48 entrevistas, com duração média de 15 a 20 minutos, com informantes de nível fundamental e superior, divididos em três faixas etárias (de 15 a 30 anos, de 31 a 45 anos e acima de 46 anos), do gênero feminino e masculino. Nessa amostra de entrevistas, encontrou-se um total de 863 ocorrências das variantes em estudo, 354 dados de FP (41%), 235 dados de PI (27%), 221 (26%) dados de IA+V e 53 (6%) dados de IRIA +V.

Com a introdução das perífrases, verifica-se que houve uma mudança expressiva no número de ocorrências, passando de 589 realizações em 2010 para 863 realizações em 2016. Em Oliveira (2010), a partir das formas simples do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, detectou-se que o FP era a realização mais recorrente, tendo em termos percentuais 61% dos dados e, 39%, o PI, uma diferença percentual significativa de 22%. Mas com a adição das formas perifrásticas em Oliveira (2016), obteve-se uma predominância das formas de PI, amalgamando as formas sintéticas às perifrásticas, que corresponderam a 53 % dos dados, contra 47 % dos usos de FP.

Para a sistematização dos resultados das variáveis foram apresentadas, separadamente, pelo nível de significância:

1ª) Escolaridade: Esse grupo de fator apontou que quanto maior a escolaridade, maior o uso da forma tradicional (padrão) que foi de 68% para FP, já o PI é favorecido pelos falantes com menos escolaridade. Portanto os que tem o ensino fundamental favorece o PI e os que tem ensino superior utilizam com maior frequência o FP.

2^a) Construção Verbal: Esse grupo de fator foi subdividido em formas sintéticas e em formas perifrásticas. A hipótese inicial era de que as formas perifrásticas poderiam favorecer a utilização do PI. Nesse sentido, pôde-se confirmar que a construção perifrástica inibe a realização de FP e condiciona o PI.

3^a) Verbo Auxiliar: Grupo de fator complementar à construção verbal, especialmente, às formas perifrásticas, teve por finalidade constatar qual verbo auxiliar favoreceria uma das formas verbais em análise. Para tanto, foram selecionadas quatro fatores de análise: (I) verbo *ir*, (II) verbo *poder*, (III) verbo *dever* e (IV) outros tipos de verbos. Os resultados das rodadas demonstraram que o verbo *ir* e o verbo *poder* influenciam o emprego de PI. O verbo *dever* e outros tipos de verbos auxiliares influenciam o uso de FP. Por intermédio desses resultados, detectou-se que o verbo auxiliar *ir* é a construção verbal mais utilizada pelos alagoanos em contextos hipotéticos.

4^a) Paralelismo formal: Para descrição dos dados, este grupo de fator foi subdividido em cinco aspectos (ocorrência idêntica à anterior, ocorrência diferente da anterior, ocorrência isolada, ocorrência precedida de gatilho de PI e ocorrência precedida de gatilho de FP). A partir dos resultados, pôde-se verificar ocorrências em cadeia, FP leva à FP e PI leva à PI; o PI é propiciado quando empregado após uma forma de FP; em ocorrências isoladas, as duas formas verbais são favorecidas, o PI e o FP; em ocorrências precedidas de gatilho, tanto PI leva a PI quanto FP propicia o aparecimento de outro FP.

5^a) Sexo: Na comunidade de fala alagoana as mulheres foram mais conservadoras do que os homens, apresentaram monitoramento linguístico quanto à substituição do PI pelo FP na apódose, assim o gênero feminino empregou mais a forma verbal do FP, enquanto que o PI foi mais favorecido pelos homens.

6^a) Ambiente sintático-semântico: Essa variável linguística foi dividida em ordem canônica (prótase+ apódose), não-canônica (apódose + prótose) e oração independente. Os dados apontaram que o período hipotético em ordem canônica condiciona a ocorrência de PI e o período em ordem não-canônica condiciona a ocorrência de FP. No entanto, a oração independente apresentou um ponto neutro entre as formas verbais, tanto o FP quanto o PI se realizam sem distinção nessa situação linguística.

7^a) Faixa etária: Essa variável social foi dividida em três situações: (I) informantes de 15 a 30 anos; (II) informantes de 31 a 45 anos e (III) informantes de 46 a 61 anos. O peso relativo das ocorrências demonstrou que os informantes da faixa etária mais nova e

os mais idosos utilizam a forma verbal PI. O uso do FP foi realizado pelos informantes da faixa etária intermediária. Todavia, o IA+V foi utilizado pelos mais jovens.

8ª) Saliência Fônica: Para esse grupo de fator, partiu-se do pressuposto de que quanto maior for a diferença morfológica e diferença fônica, maior a tendência de o falante utilizar o FP; ao passo que quanto menor forem as diferenças fônicas e morfológicas, maior a possibilidade de o PI ser empregado. Devido a essa concepção, esta variável foi dividida em dois blocos: (I) mais salientes- verbo *ser*, verbo *ter* e *ir* e verbos de 1ª conjugação; e (II) menos salientes- verbos com oposição /r/ vs. /z/ e verbos de 2ª e 3ª conjugações. Em partes, a hipótese inicial foi confirmada referente aos verbos mais salientes. Os verbos de 1ª conjugação e o verbo *ser* propiciaram o tempo verbal FP; contudo, os verbos *ter* e *ir*, considerados a segunda opção mais saliente, condicionaram o uso de PI, sendo os verbos de 2ª e 3ª conjugações os mais propiciadores.

9ª) Modalidade: Essa variável não foi considerada significativa pelo programa estatístico *Goldvarb X*. Para análise dos dados desse grupo de fator, examinaram-se duas possibilidades de modalidade, a modalidade epistêmica e a modalidade deôntica. A hipótese inicial era de que a modalidade epistêmica, a qual tem o valor semântico pragmático de verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência, favoreceria a utilização do FP. Entretanto, a modalidade deôntica, denota o valor de desejo, intenção, obrigação e habilidade, condicionaria o PI. Conforme os resultados, a ocorrência do PI é relevante tanto em contextos epistêmicos como deônticos, o que confirmou, em parte, a hipótese inicial.

2.1.4.1.3. Pesquisa de Santos (2014)

Santos (2014) desenvolveu uma investigação na região Nordeste, especificamente na Bahia, pesquisando “A variação e mudança entre as formas verbais simples e perifrásticas de PI e FP na Língua Portuguesa Informal em Feira de Santana”. As discussões teóricas estabelecidas tiveram como base os parâmetros da Sociolinguística, a qual propiciou a identificação e explicação de fatores linguísticos e extralinguísticos. Foram analisados os seguintes grupos de fatores linguísticos: saliência fônica, paralelismo formal, referência temporal, ambiente sintático-semântico, construção verbal e tipologia textual; quanto aos extralinguísticos, foram sinalizados: o sexo/gênero e os níveis de escolarização. Esses fatores elencados acima podem tanto proporcionar a inibição quanto o favorecimento do uso das variantes estudadas pela pesquisadora.

Os dados analisados estavam armazenados no banco de dados do projeto “A Língua Portuguesa do Seminário Baiano”, do qual Santos (2014) utilizou uma amostra da fala de 36 sujeitos envolvidos, com três níveis de escolaridade distintos, ou seja, ensino superior, ensino médio e ensino fundamental incompleto.

Na análise geral dos dados, relacionados a verbos modais e não modais foram encontradas 424 realizações de PI e FP relacionados a contextos de *irrealis*, dentre eles 204 (48%) referentes a PI e 220 (52%) de FP. Para a realização da investigação, a autora separa os verbos modais dos verbos não modais, analisando-os separadamente. Santos (apud OLIVEIRA, 2016, p.36) explica que “a utilização do pretérito imperfeito tem se destacado nas circunstâncias em que o valor temporal é de futuro do pretérito”. Este resultado equilibrado entre as formas verbais é similar aos de Tesch (2007) e Costa (2003). Na distribuição geral dos verbos não modais, os resultados demonstraram 115 realizações de FP e PI, dentre essas 56 efetivações de FP e 59 efetivações de PI.

Os resultados de pesquisa apontaram a grande relevância da saliência fônica, do paralelismo formal, da referência temporal, do ambiente sintático-semântico, da construção verbal e também da tipologia textual, na análise dos fatores em verbos não modais. Com referência ao tipo de texto, o qual foi dividido em sequências narrativas, argumentativas e listas hipotéticas para a análise, percebeu-se que o nível de significância do PI é bem maior quando ele é utilizado em sequências narrativas, no entanto quando se tem as sequências argumentativas ou as listas de atitudes, o elemento mais significativo é o FP. Nesse fator, a pesquisa de Santos (2014) apresenta semelhanças com a pesquisa de Tesch (2007).

Em se tratando da variável construção verbal, os resultados sinalizam que o PI predomina em formas perifrásticas, enquanto a forma verbal FP predomina em formas simples. Com referência ao grupo de fator ambiente sintático-semântico, foi demonstrado que orações em discurso indireto livre, orações com prótase em coocorrência e período hipotético em ordem canônica (prótase + apódose) propiciam o emprego do PI, porém quando ocorre o inverso (apódose + prótase) há o favorecimento do emprego de FP. Verificou-se também que a referência temporal empregada no tempo passado propicia a colocação de PI, no entanto, quando se situa no presente ou no futuro, prevalece o uso de FP.

No que se refere ao fator paralelismo, houve a subdivisão em cinco níveis de análise: ocorrência isolada, primeira ocorrência de uma série, ocorrência idêntica à anterior, ocorrência diferente da anterior e ocorrência precedida de gatilho em FP. Os

resultados apontaram que, quando as formas estão em contexto isolado, pode ocorrer qualquer uma das variantes. Contudo, quando as formas verbais se encontraram em um processo de encadeamento, há maior probabilidade da primeira ocorrência da série ser FP. O fator ocorrência idêntica à anterior demonstra que os dados em cadeia propiciam maior probabilidade de uma forma em PI. Em ocorrências precedidas de gatilho em FP, foi proeminente a ocorrência de FP e ocorreu o desfavorecimento da ocorrência de PI, pois a tendência do informante é a repetição do uso da forma utilizada pelo entrevistador, caso o entrevistador utilize qualquer forma de FP, o informante também a utiliza.

O fator saliência fônica foi distribuído em diferentes níveis de análise: verbos *ser*, *ter* e *vir*. Verbos de 1ª conjugação; Verbos de 2ª e 3ª conjugação; Verbos com oposição final r versus z. Os dados revelaram que do total de 52 ocorrências com o verbo *ser*, apenas 21 ocorrências foram de PI, as restantes foram de FP, evidenciando assim que o verbo *ser* favoreceu o emprego de FP. No entanto, os verbos *ter* e *vir* propiciaram o uso de PI. Nos verbos de 1ª conjugação e na oposição de r vs. z, houve valor equilibrado e similar de favorecimento entre as variantes de FP e PI. A utilização de PI somente ultrapassou a de FP com os verbos de 2ª e 3ª conjugação.

No que se refere aos verbos modais, os resultados demonstraram 309 realizações de FP e PI, dentre essas 148 realizações de FP e 161 realizações de PI. Na realização das análises dos verbos modais, foram encontradas as seguintes variáveis significativas: sexo/gênero, nível de escolarização e tipo de texto, tendo sido comprovado através dos resultados que os verbos modais atuavam como inibidores do uso de formas perifrásticas. Com relação ao tipo de texto, as narrativas favoreceram o PI, enquanto que a lista de atitudes hipotéticas, propiciaram o favorecimento do uso de FP. Os dados referentes à escolaridade, demonstraram a tendência dos informantes do Ensino Fundamental Incompleto e do Ensino Médio usarem mais o PI, diferentemente dos que possuíam Ensino Superior que utilizavam mais o FP.

2.1.4.2. Estudos Realizados na região Sul

2.1.4.2.1. Pesquisa de Silva (1998)

A pesquisa de Silva (1998) investiga o uso alternado das formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no discurso de informantes florianopolitanos, em uma abordagem sincrônica. Imersa na área da Sociolinguística Quantitativa e do Funcionalismo Linguístico, a pesquisadora (1998) apresenta a utilização dessas variáveis

(FP e PI), centrada em uma análise a partir de verbos simples, locuções perifrásticas e locuções com auxiliares modais, assinalando o valor temporal e os contextos discursivos em que se operam.

Assim, a autora, com base na representação de diferentes valores temporais presentes nas gramáticas normativas, delimita três possibilidades diferentes de variação envolvendo o uso alternado de pretérito imperfeito e futuro do pretérito: a 1ª variável: a oscilação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito com valor temporal de futuro; a 2ª variável: a oscilação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito com valor temporal de pretérito; e a 3ª variável: a oscilação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito com o valor temporal de presente. Para cada variável são evidenciadas os contextos preferenciais de ocorrência: os fatores linguísticos de ordem sintático-semântico-discursiva e os controles sociais. A autora exemplifica cada uma das variáveis, com as seguintes frases (1998, p.17):

1ª variável (valor temporal de pretérito): “Se eu tivesse o problema que já tive, tivesse o INPS, eu já **tinha** morrido, ó, muito tempo;

O verbo já *tive/ tivesse o INPS* é cotemporal ao ponto de referência passado, mas anterior ao momento de fala.

2ª variável (valor temporal de futuro): Se ficasse de comprar o carro depois do dia quinze, aí não **daria** mais;

O verbo *daria* emana o futuro, tendo como referência o passado (ficasse), pois a situação descrita localiza-se num momento posterior a ele.

3ª variável (valor temporal de presente): Eu acho que isso aí, que **devia ter** um certo regime.

O auxiliar *devia* pode alternar com *deveria* e ambas se alternam no presente, assinalando uma referência temporal em um momento presente, simultânea ao tempo da situação e ao momento da fala.

O *corpus* da pesquisa pertence ao banco de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), que contém 24 entrevistas de informantes naturais e residentes de Florianópolis, estratificados segundo o gênero (feminino e masculino), a faixa etária (25 a 49 anos e mais de 50 anos) e a escolaridade (primário, ginásial e colegial)

No *corpus* deste trabalho, quanto à distribuição geral das variantes, foram codificadas 895 formas verbais, sendo 742 dados de PI e 153 dados de FP, ponderando-se a variação entre a utilização de PI e de FP (em formas simples e perifrásticas e locuções), em ocorrências com distintos valores temporais (de FP, de PI e de Presente).

De análise dos resultados estatísticos acerca da 1ª variável com valor temporal de futuro (FP), foram encontradas 276 realizações, dentre essas, sobressaiu-se pela elevada frequência, o emprego da forma verbal de PI com 126 (45%) ocorrências, bloqueando a utilização do variante padrão FP, o qual nesta situação apresentou um percentual de apenas de 18%. A forma analítica (ia + infinitivo), situando-se em uma posição intermediária, obteve 96 efetivações, cuja a equivalência percentual é de 36 %.

Esta 1ª variável, em termos de valores estatísticos, foi a que mais explicitou resultados significativos, principalmente no quesito dos aspectos linguísticos, entre eles destacando-se o ambiente sintático-semântico, a modalidade verbal, o paralelismo, tempo de referência. Referente ao grupo de fator ambiente sintático-semântico, a distribuição sintática em ordem icônica (protáse + apódose) favoreceu a aplicação da variante PI; enquanto que a ordem não icônica (apódose + protáse) atua na aplicação da variante FP; a perífrase (ia + infinitivo) são condicionadas pelas orações encaixadas do discurso indireto. A modalidade verbal mostrou-se estatisticamente relevante somente para o uso da forma perifrástica, manifestando-se uma intensa conexão entre a modalidade deôntica e a forma analítica ia + infinitivo. O grupo de fator paralelismo formal mostrou-se favorecedor para forma verbal de PI quanto para FP, confirmando-se a hipótese de que PI induz o aparecimento de outro PI e FP induz o aparecimento de FP. Por último, o tempo de referência evidenciou-se pertinente apenas para o emprego do FP, sendo o seu uso proeminente em situações temporais não-passada.

Os condicionadores extralinguísticos (faixa etária, gênero, escolaridade) não se destacaram estatisticamente como relevantes às variantes (PI, FP, IA+V e IRIA+V), entretanto pôde-se relacionar o uso da variante FP aos falantes mais velhos (+ de 50 anos) e aos mais escolarizados (Colegial). Em contrapartida, os informantes de faixa etária mais jovem (25 a 49 anos) e os escolarizados intermediários (ginasial) selecionam a perífrase ia +v como sua variante preferencial; já em referência aos falantes que apresentam como nível de escolaridade somente o primário voltam-se mais ao uso de PI.

A 2ª variável caracterizada pelo valor temporal de pretérito imperfeito apresentou somente 73 dados, sendo 32 (44%) dados de PI, 8 (11%) dados de FP e 2 (3%) dados de ia + infinitivo, um valor numérico muito inferior em comparação ao número de dados da 1ª variável. Embora os dados estatísticos não se revelem significativos, destaca-se o condicionamento das formas do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito em relação à referência temporal, pois em situações de referência temporal passada promove o emprego da forma simples de PI e, de referência temporal não passada, priorizam o

emprego da forma simples de FP. O uso das variantes sintéticas (FP e PI) e da variante perifrástica (ia + infinitivo) foram expressivamente influenciadas pelo grupo de fator modalidade verbal, sendo que a modalidade epistêmica favorece a utilização de FP e de PI, enquanto que o fator deôntico leva ao uso da perífrase. Os aspectos extralinguísticos, assim como na primeira variável, não se evidenciaram pertinentes nesta variável, mas se pôde averiguar que o FP é privilegiado entre os que apresentam uma idade mais elevada (+ de 50 anos).

A 3ª variável, tendo em vista a sistematização de verbos com valor temporal de presente, exibiu em torno de 49 dados, obtendo dentre esses dados uma maior produtividade para emprego de PI, com 32 dados (70%) e menor para a utilização das formas de FP (30%), com 14 dados. Diferentemente da 1ª e 2ª variáveis, nesta não houve condicionantes linguísticos. Mas, esta variável foi a única que se mostrou condicionada a fatores sociais (escolaridade, idade e sexo). O uso de PI é favorecido pelo fator escolaridade, faixa etária e sexo, ou seja, por indivíduos mais escolarizados, mais jovens e do sexo feminino; o emprego de FP é ocasionado pelo gênero masculino e por informantes com a faixa etária mais alta.

No tocante às locuções verbais, teve-se três grupos de fatores expressivos, o gênero discursivo, paralelismo e modalidade. No grupo de fator gênero discursivo, as sequências narrativas propiciam o emprego da forma verbal PI e, em relação às sequências argumentativas, há uma tendência para o aparecimento de FP. O paralelismo formal mostrou-se relevante, de modo que PI favorece PI e FP favorece FP. Enfim, no grupo de fator modalidade, demonstrou-se que a modalidade deôntica é um grande propiciador ao uso da forma verbal de PI ao passo que a modalidade epistêmica é condicionador de FP.

2.1.4.2.2 Pesquisa de Karam (2000)

Karam, em sua dissertação de mestrado, investiga, à luz da teoria da sociolinguística, o uso das formas verbais do futuro do pretérito, do pretérito imperfeito e da perífrase com o verbo *ir*, a partir de entrevistas com falantes oriundos de quatro cidades do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, São Bórga, Panambi e Flores da Cunha. Sendo assim, as amostras de falas foram selecionadas junto ao banco de dados do projeto VARSUL “Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil” para que se pudesse realizar a descrição e sistematização desse fenômeno em variação.

Após a seleção das amostras de falas e a codificação dos dados, utilizou-se o programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1998) para analisar estatisticamente os dados do *corpus*. Para a seleção das variáveis consideradas estatisticamente significativas foram efetivadas duas rodadas, sendo a primeira rodada binária, na qual se rodou somente as variantes sintéticas no programa, o PI e o FP; e a segunda rodada uma ternária, na qual além de levar em consideração formas simples (PI e FP), também se considerou a perífrase (IA+V) no momento da rodagem. Os condicionadores sociais averiguados foram: idade, escolaridade, região e gênero. Quanto aos linguísticos, foram testados: estrutura temporal, contemplando a posição do ponto de referência em relação ao tempo de fala, origem da informação (discurso direto ou indireto), paralelismo formal, restrição sintática e modalidade verbal.

Após a realização das rodadas, encontraram-se ao todo 532 ocorrências das variantes em estudo, sendo 251 ocorrências de FP (41 %), 163 (31%) ocorrências de PI e 118 ocorrências da perífrase IA+ V.

Com relação aos grupos linguísticos significativos, obteve-se os seguintes resultados, a partir da análise quantitativa dos dados: no fator paralelismo, as formas verbais de FP inibem a ocorrência de formas similares nas orações subsequentes da variante PI. Referente a modalidade verbal, o fator epistêmico levou ao favorecimento da perífrase verbal (IA+V), que é a forma verbal que indicaria um valor semântico-pragmático maior de futuridade. A variante referência temporal mostrou-se também significativa, no momento em que a referência e o evento estão no tempo passado, o que possibilitou a forma verbal de PI ser propiciada neste contexto.

Vale ressaltar que os aspectos extralinguísticos não foram selecionados pelo programa como relevantes, na rodada binária. Porém, na rodada ternária, os resultados apontam que a perífrase com o verbo *ir* (IA +V) era mais assídua entre os informantes do sexo feminino e pessoas mais jovens. Dessa maneira, as formas verbais perifrásticas (IA+V) designariam uma mudança em curso.

2.1.4.3 Estudos Realizados na região Sudeste

2.1.4.3.1 Pesquisa de Costa (1997, 2003)

Costa (1997) desenvolveu uma pesquisa na cidade do Rio de Janeiro sobre “A variação entre as formas do futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português

informal”, na qual investigou as realizações do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, em suas formas sintéticas e perifrásticas, no uso do português informal carioca, nas modalidades escrita e falada. Seu objetivo maior foi identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam a ocorrência das formas citadas. Para realização dessa pesquisa, foram utilizados dados da amostra do PEUL/UFRJ, ou seja, do Programa de Estudo sobre o Uso da Língua, especificamente para efetivação do estudo da língua falada. Com relação aos estudos da língua escrita, a amostra foi constituída por cartas pessoais de jovens universitários, de adultos e de escritores. No momento da análise quantitativa buscou-se o auxílio do Programa VARBRUL. Após as rodadas dos dados no programa, constatou-se 668 ocorrências de variantes na amostra do PEUL, sendo 35% (231 dados) PI; 35% (234 de dados) de FP; 28% (188 de dados) de IA+ V e 03% (15 dados) de IRIA+V; e, na amostra Cartas, entre 127 dados, ocorreram 18% de PI (23 realizações); 70% de FP (89 realizações); 06% de IA+V (08 realizações); 06% de IRIA+ V (07 realizações). Esses resultados demonstram um equilíbrio entre o uso das variantes PI e FP e, até certo ponto, de IA+V na amostra da língua falada, enquanto que, na escrita informal, há uma notável preferência pela forma FP.

A pesquisadora analisou fatores linguísticos e extralinguísticos nas duas modalidades falada e escrita, tais como: paralelismo, ambiente sintático-semântico, tempo e factualidade, extensão lexical, tipo de texto, contexto modalizador, idade, escolarização. Referente ao tipo de atividade do informante, optou-se em analisar somente na amostra de Cartas. Dentre esses, para sintetizar, decidiu-se sistematizar a descrição dos resultados dos dados em um quadro, mas somente as variáveis presentes na fala e das quais se inserem na presente pesquisa, conforme se apresenta:

Quadro 4- Resultados de algumas variáveis dependentes da amostra falada

Variáveis Independentes	Variáveis Dependentes			
Variáveis Linguísticas	FP	PI	IA + V	IRIA + V
Paralelismo	Paralelismo e gatilho	Paralelismo	Paralelismo e gatilho	Paralelismo
Extensão Lexical	Não relevante para o programa	Não relevante para o programa	Verbos com três ou mais sílabas	Verbos com três ou mais sílabas
Tipo de Texto	Argumentativo	Narrativo/Descritivo	Lista de atitudes Hipotéticas	Não relevante para o programa
Variáveis Sociais				
Idade	Mais de 25 anos (idade mais velha)	Não relevante para o programa	Menos de 25 anos (idade mais nova)	Mais de 25 anos (idade mais velha)

Escolaridade	Escolarização alta (de a 11 anos de escolarização)	Escolarização baixa (até 4 anos de escolarização)	Escolarização alta (de 9 a 11 anos de escolarização)	Não relevante para o programa
---------------------	--	---	--	-------------------------------

Fonte: De própria autoria (2018) adaptada de Costa (1997)

Em referência aos fatores linguísticos, na amostra do PEUL, o fator condicionador paralelismo revelou-se importante para variante IRIA+V, PI, IA+V, FP em ocorrências sem gatilho. Em contrapartida, as ocorrências com gatilho mostraram-se relevantes e predominantes com a variante FP (0.81), aparecendo em 44 dados, enquanto que, com a variante IA+V (0.76), obtiveram-se uma posição intermediária, com 22 dados. O grupo de fator extensão lexical demonstrou o grau de relevância somente para a extensão lexical da variante IA+ V (0.64) e IRIA+V (0.89), ambas sendo favorecidas em palavras no infinitivo com três ou mais sílabas. Concernente ao Tipo de Texto, os resultados demonstram que o FP é favorecido pelas estruturas argumentativas (0.61), enquanto que o texto narrativo/descritivo demonstrou ser o mais favorecedor de PI (0.65); relativo às listas de atitudes hipotéticas, a frequência deste fator foi maior para a variante IA+V, equivalendo-se a 41 % dos dados.

Em relação ao fator faixa etária (idade), demonstrou-se que os informantes com mais idade, isto é, aqueles de 25 anos para cima, preferem utilizar o futuro do pretérito sintético (0.56), como também a forma perifrástica (0.64). Em se tratando de pessoas mais jovens, a preferência situa-se no uso da perífrase IA + V (.058). O fator escolaridade foi selecionado nas rodadas para as variantes PI e IA+V, sendo este utilizado por informantes que têm o menor tempo de escolarização e, aquele, foi mais utilizado pelos que possuem maior tempo de escolarização. Apesar de a variante FP não ter sido considerada relevante pelo programa, ela demonstrou que quanto menor é o tempo de escolarização do informante menor é a sua frequência.

Assim como na pesquisa de Tesch (2007), Costa também realizou uma análise separada a respeito dos verbos modais nas duas amostras (PEUL e Cartas), verificando-se a frequência e os condicionadores que propiciam tais realizações (escolaridade, tempo e factualidade e semântica dos verbos). Na distribuição geral desses verbos, ao todo se obtiveram 233 dados, sendo 140 (60%) dados de PI, 85 (36%) dados de FP e de 08 (03%) dados de IA+V. A variante IRIA+V não foi utilizada em formas verbais modais.

Em sua tese de doutorado (2003), a mesma autora deu continuidade à pesquisa já mencionada (COSTA, 1997), mas, nesta ocasião, com um enfoque diacrônico. A autora,

em 2003, pesquisou a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no português informal do Rio de Janeiro, em suas formas sintéticas e perifrásticas, além da sistematização da variante *havia de + v*, seguindo duas diretrizes: tempo real de longa e de curta duração (este último subdividido em dois tempos, a saber em tendência e em painel). As amostras analisadas na pesquisa, para a realização do estudo em painel e tendência, pertencem ao banco de dados do projeto CENSO/ PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro, compreendendo-se em dois períodos distintos, uma amostra dos anos 80 e outra das primícias da década de 2000. Na abordagem de longa duração, utilizou-se textos de peças teatrais desde a época do século XVIII até o século XX (de 1701 a 2000).

Em relação aos resultados da pesquisa de longa duração (peças teatrais), constataram-se, ao todo, 673 eventos das formas verbais que denotam o *irrealis*. Uma utilização equilibrada entre as formas de PI e FP, obteve-se um valor numérico de 260 (38%) dados e aquele com 254 ocorrências (39 %), a forma analítica IA+ V com 112 ocorrências (17%), *havia de + v* com 43 dados (6%) e IRIA +V com 04 ocorrências (não apresentou nem se quer 1% das ocorrências).

Através da análise dessas ocorrências em diferentes épocas, percebeu-se que a forma perifrástica *havia de + infinitivo* começa a cair em desuso a partir de 1850 e desaparece na segunda metade do século XX, por volta dos anos de 1961. Enquanto que forma inovadora *ia + infinitivo* ganha impulso no sentido mais amplo no espaço de variação a partir dos anos de 1940, intensificando-se mais o seu espaço nos anos 60 em diante. Por outro lado, o uso do futuro do pretérito permaneceu parcialmente estável, na linha do tempo, desde os anos de 1701 até 1930. Mas, a partir da década 1940, essa forma passa a se confrontar mais com a utilização das variantes IA+V e IMP, tanto que a prova é que o pretérito imperfeito sintético teve seu apogeu de uso no espaço de tempo que compreende os anos de 1941 a 1960, conforme supra reverenciado no item 2.1 dessa dissertação.

Ao verificar a influência do grupo de fatores tempo de referência na escolha das variantes, percebeu-se a preferência do uso de *ia + infinitivo* e *havia de + infinitivo* em situações nas quais o tempo de referência é o futuro de um tempo passado⁶. Segundo a

⁶ Tempo de referência no futuro de um passado, segundo Costa (2003, p. 77), seria um futuro que não está relacionado com o momento da enunciação, porém com um tempo passado, tempo este que é expresso por meio da forma verbal de passado localizada numa oração anterior. Exemplo: Eu sabia que **ia estourar** na minha mão/ Quem dissera a ti, pobre Sancho Praça, que da rústica choupana de tua aldeia **havia de chegar** a tanta...

autora, pelo fato de as duas variantes preferirem esse contexto temporal, pôde-se aferir que o *ia + infinitivo* é substituto de *havia de + infinitivo*, o que ocorreu no decorrer do tempo, quando a variante *ia+ infinitivo* ganha uma porcentagem de uso mais acentuada no período de 1941 a 1960 em que o *havia de + v* começa a desaparecer.

Na análise do estudo em tendência, observou-se que, na amostra dos anos 80, apresentava-se um empate percentual entre as formas verbais de FP e PI, de 35% para cada forma. Também, notou-se que o uso da forma IA+ V ganhou um notório espaço com 28% dos dados; por outro lado, o *iria +v* representou somente 03% das ocorrências. No entanto, na amostra dos anos 2000, os valores das ocorrências se distanciaram, havendo-se maior frequência do uso de FP (43%) e declínio de PI (20%). Outra atestação relaciona-se à utilização do IA+ V que ganhou força nos últimos 20 anos em detrimento da forma verbal de PI, enquanto que IRIA+ V permanece no mesmo nível de frequência.

Referente aos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos analisados no estudo em tendência somente se reverenciou para a descrição dos resultados aqueles que são da amostra de fala e pertinentes para a presente dissertação.

O condicionador paralelismo mostrou-se pertinente nesta análise em tendência, para a forma verbal FP (0.79), PI (0.90) e IA+V (0.91), evidenciando que, na fala do informante, a ocorrência de uma dessas formas verbais propicia outra forma idêntica a esta. Outra variável importante foi a tipologia de textual, na qual os contextos narrativos/descritivos e listas hipotéticas mostraram-se como preferidos pela variante IA+ V e as sequências argumentativas favoreceram a escolha de FP, resultado este semelhante ao de Costa (1997). A variável extensão lexical evidenciou-se como relevante na escolha de FP com verbos de somente uma sílaba, de IA+V com verbos no infinitivo de três ou mais sílabas. Com relação aos grupos de fatores extralinguísticos (escolaridade, sexo e faixa etária), o grupo escolaridade foi selecionado nas rodadas de PI e FP com valores de aplicação. Pôde-se notar que a preferência pela forma FP era dos mais escolarizados, daqueles que possuíam o ensino médio, enquanto que o uso do PI e IA+ V se realizou preferencialmente entre os falantes de menor nível de escolarização, os que tinham apenas o ensino fundamental 1. Quanto ao fator sexo, o resultado favoreceu a utilização do FP entre os homens e desfavorecendo-o entre as mulheres. Por fim, a variável idade evidenciou que as faixas etárias mais velhas (de 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) favorecem o uso do FP.

No estudo em painel, investigou-se os dados em duas perspectivas. No primeiro momento, analisou os dados produzidos por informantes que ganharam instrução escolar

durante o intervalo entre a década de 80 e de 2000. Em seguida, verificou o que se passou com os informantes que apenas mudaram de faixa etária, mas não de nível de instrução.

A partir da comparação entre as duas épocas, certificou-se que muitos dos informantes na década de 80, que eram adolescentes, atingiram o ensino superior completo/incompleto. Nesta época, os informantes utilizavam um contingente mínimo da variante FP, todavia, depois de vinte anos, passaram a utilizá-la com mais frequência e abandonaram mais o uso do PI e o uso de IA+ V. Em relação aos informantes que conservaram o mesmo nível de escolaridade foi possível notar que a frequência de FP não teve aumento.

2.1.4.3.2. Pesquisa de Barbosa (2005)

Barbosa, em sua pesquisa: “A variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala de Uberlandenses”, averiguou se essas formas verbais, o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito oscilam em construções com verbos simples e identificou quais os aspectos linguísticos e extralinguísticos que condicionam a utilização de uma forma em detrimento da outra. Para isso, a autora (2005) trabalhou com um *corpus que* representou a língua falada da região do Triângulo Mineiro do estado de Minas Gerais, especialmente a cidade de Uberlândia, o qual continha 45 entrevistas, coletadas de falantes adultos. A análise norteou-se na teoria Sociolinguística Laboviana e na teoria Trans-sistêmica.

Através das análises e discussões dos dados coletados pela autora, certificou-se que a hipótese geral do trabalho foi confirmada, ou seja, a de que existe uma tendência do PI ser empregado em substituição do FP em orações condicionais. Ao todo foram coletadas 695 realizações, o que caracterizaram, quantitativamente, 387 (55,7%) de realizações de futuro do pretérito e 307 (44,3%) de ocorrências do pretérito imperfeito, esse resultado demonstra que, apesar da maior parte das ocorrências ser no futuro do pretérito, “as duas formas verbais se distribuem de forma harmônica, uma vez que a diferença de frequência entre FP e PI (11,4%) não é significativa” (BARBOSA, 2005, p.54).

As variáveis linguísticas consideradas para a pesquisa foram: tamanho da oração (orações pequenas e orações grandes), ordem da sentença (apódose + prótase ou prótase + apódose) e paralelismo formal (paralelismo ou não paralelismo). Já os sociais foram:

classe social (alta, média e alta) e faixa etária (de 20 a 30 anos, de 31 a 45 anos e 45 anos em diante).

Em relação ao tamanho e a ordem da oração, verificou-se que o PI aparece na fala dos informantes independentemente desses dois fatores. Por outro lado, o tempo verbal FP se efetivou predominantemente em orações grandes, com um percentual de 62,5% de ocorrências, e em ordem não-canônica (apódose + prótase) das sentenças, com percentual de 61,6% ocorrências. Sobre o fator paralelismo, os dados demonstraram que o paralelismo propiciou com maior frequência a colocação do PI (59,7%) e o não paralelismo de FP (69,6%). Outro item relevante e que deve ser levado em consideração sobre o paralelismo é o efeito gatilho na pesquisa realizada, isto é, os informantes utilizaram o mesmo tempo verbal da pergunta da pesquisadora, acarretando assim um grande percentual da variável FP, correspondente a 44,3 % das ocorrências em que aparece o paralelismo.

Ao analisar os grupos de fatores extralinguísticos, a classe social e a faixa etária, constatou-se que a classe alta favoreceu o uso do FP (65%), como também a classe média com um percentual de 37 % de ocorrências, enquanto a classe baixa apresentou maior preferência quanto ao emprego do PI, com um percentual de 58,4 % de ocorrências. No que tange à faixa etária, ocorreu um aparecimento maior da variante FP na faixa etária mais jovem de 20 a 30 anos (69,4%) e intermediária 31 a 45 anos (65,4 %). Além disso, a faixa etária acima de 45 anos (a mais velha) teve uma frequência maior em relação ao PI, com 65,7 % de ocorrências.

2.1.4.3.3. Pesquisa de Tesch (2007)

Tesch (2007) realizou uma análise referente a oscilação entre os tempos verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo, na forma simples (comeria e comia) e na forma analítica (iria comer e ia comer), no contexto do *irrealis*. A pesquisa se fundamentou na teoria da Sociolinguística Laboviana e nos princípios do Funcionalismo, visando investigar fatores internos e sociais que condicionam mudanças ou variações na fala capixaba.

Para realização da pesquisa, a autora utilizou entrevistas pertencentes ao banco de dados do projeto PortVix, cujo objetivo é investigar o português falado na cidade de Vitória-Espírito Santo, utilizando uma amostra constituída por 46 falantes, todos naturais

da cidade do Espírito Santo. Para fins de análise, foram consideradas as seguintes variáveis sociais: sexo/ gênero (masculino e feminino); níveis acadêmicos (superior, médio e fundamental) e faixa-etária (dividida em grupos de 7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos em diante). Em referência aos fatores internos, foram investigados o ambiente sintático-semântico, extensão lexical, saliência fônica, tipo de texto e paralelismo.

Os resultados demonstraram que houve a identificação de um total de 1080 realizações das formas verbais no contexto do *irrealis*, considerando-se tanto os verbos modais quanto não modais. As ocorrências das variantes ficaram distribuídas em 443 dados (41%) de FP, 402 dados de PI (38%), 229 dados (21%) de IA + V e 06 dados (0%) de IRIA + V, o que apontou, dentre esses valores, uma maior frequência de uso em termos percentuais para a variante FP. Todavia, ao se amalgamar na análise as formas verbais simples e analíticas, possibilitou-se a certificação da primazia dos falantes capixabas pelo pretérito imperfeito, correspondendo a 631 dados (58 %), enquanto que o futuro do pretérito com 449 dados (42%). Desta forma, a partir desses resultados, pôde-se aferir que, genericamente, a alternância verbal com valor de *irrealis*, quando amalgamadas as formas simples e analíticas, é expressa de maneira assídua pelo PI. Mas, analisando-as separadamente, o FP excede o PI.

No conjunto dos verbos não modais, os resultados apontaram 341 ocorrências de FP, 149 ocorrências de PI, 222 ocorrências de IA+ V e 06 ocorrências de IRIA + V, totalizando-se 718 ocorrências. Referente às variáveis estatisticamente relevantes em verbos não modais, a pesquisa revelou a seguinte ordem: paralelismo formal, tipo de texto, saliência fônica, extensão lexical e ambiente sintático-semântico.

O grupo de fator paralelismo mostrou-se o mais relevante perante a rodagem no programa computacional *Goldvarb* (Versão 2001), em ocorrências oriundas do próprio discurso dos falantes e/ou em ocorrências advindas dos discursos entre o documentador e o informante (efeito gatilho). Para fins de análise, este grupo de fator foi dividido em: ocorrência isolada, ocorrência de primeira série, ocorrência em cadeia precedido de PI, ocorrência em cadeia precedido de FP, ocorrência em cadeia precedido de IA+V, ocorrência precedida de gatilho em PI e IA+V, ocorrência precedida de gatilho FP.

À vista disso, a partir dos pesos relativos demonstrados no programa estatístico, os dados indicaram que, nas ocorrências em cadeia, o FP condiciona o uso de outro FP (0.84), o PI atua no aparecimento de outro PI (0.87), IA+ V ocasiona o uso de outra forma idêntica de IA+V (0.87); nas situações de efeito gatilho, nas quais a tendência do falante

é repetir a forma usada pelo entrevistador, os resultados demonstram que o FP leva a FP (0.72) e o pretérito imperfeito do indicativo leva a PI (0.81) e IA + V (0.69).

Em relação à variável tipologia textual, a qual foi distribuída em listas de atitudes hipotéticas, narrativas e argumentativas, os resultados apontaram que o uso do FP na forma simples é pertinente em tipologias argumentativas (0.62) e listas hipotéticas (0.64). No entanto, nas tipologias narrativas/ descritivas, as formas mais frequentes são o PI tanto na forma sintética (0.66), quanto na forma analítica (IA +V), com um peso relativo de (0.63).

Outra variável linguística independente que também induziu na seleção das variantes foi a saliência fônica, na qual Tesch (2007), para tal análise dos dados, subdividiu-a em níveis por ordem crescente de marcação/saliência, sendo eles: Verbo *Ser*; Verbos *Ter* e *Vir*; Verbos de 1ª Conjugação; Verbos de 2ª e 3ª Conjugação e Verbos terminados em /r/ versus. /z/. O FP é propiciado pela forma verbal estimada mais saliente, ou seja, pelo verbo *ser* (0.87), por outro lado, a variante do PI é influenciada pelos verbos menos salientes, verbos de 2ª e 3ª conjugação (0.86). Por último, a perífrase IA+ V é propiciada pelos verbos terminados em /r/ vs. /z/ (0.75).

No que tange ao grupo de fator extensão lexical, os dados foram distribuídos: verbos com uma sílaba, verbos com duas sílabas e verbos com três ou mais sílabas. Através dos resultados, constatou-se que os verbos monossílabos viabilizam o emprego da variante do PI (25%), como também de FP (54%). Contudo, a perífrase (IA+V) não foi considerada como relevante pelo programa estatístico, entretanto, foi possível examinar através dos dados percentuais a sua ocorrência com verbos extensos de três ou mais sílabas, com um percentual de 37 %.

No que se refere às questões do ambiente sintático-semântico, as ocorrências foram distribuídas em: 1) período hipotético na ordem canônica (prótase + apódose); 2) período hipotético em ordem inversa (apódose + prótase); 3) oração independente ou oração principal; 4) oração encaixada em discurso indireto; 5) oração encaixada com prótase implícita e 6) outras encaixadas (orações encaixadas adjetivas e completivas verbais). Quanto às questões relativas à variante FP (47%), essas foram produzidas em contextos hipotéticos em ordem canônica, contrapondo a ideia hipotética anterior que supunha que esse contexto já predomina o valor de irrealidade. Em se tratando de orações encaixadas, voltadas para discursos indiretos, a variante IA+V é mais propiciada (0.76), no entanto, nas orações encaixadas com prótase implícita, podem ser estimadas como propiciantes à variante PI (0.80).

Concernente aos grupos sociais (gênero, faixa etária e escolaridade), ressalta-se que estes três fatores foram considerados importantes pelo *Goldvarb (Versão 2001)*, mostrando-se bastante significativos nesta pesquisa. Referindo-se ao gênero, tinha-se a hipótese de que a mulher usaria a forma mais vinculada à norma culta. Contudo ela aderiu mais que os homens ao uso do pretérito imperfeito na forma sintética (0.57) e perifrástica (35%), o que possibilitou o reconhecimento de que esta variante não sofre estigmatização social, ao passo que o homem prefere a forma tradicional, com o peso relativo de (0.56). Em referência à faixa etária, os mais jovens favorecem a utilização do PI em sua forma perifrástica (0.64), evidenciando-se uma mudança em curso. Entretanto, os mais velhos preferiram a forma verbal sintética de PI (0.66). Por fim, quanto ao fator escolaridade, os que têm nível fundamental selecionam com maior frequência o PI (0.62), enquanto que os que possuem uma maior escolaridade, o ensino médio e o superior, realizam de maneira proeminente o FP (0.56).

Entretanto, em referência aos verbos modais, verificou-se o uso preponderante do PI, com 253 ocorrências, equivalendo-se a 69 % dos dados, seguido de FP, com 102 dados (28%), e as formas perifrásticas dos verbos foram inibidas, 1% dos dados foram encontrados de IA +V e nenhuma ocorrência de IRIA +V.

2.1.4.3.4. Pesquisa de Souza (2007)

Em sua pesquisa de mestrado, Souza (2007) investigou e analisou tanto o uso do pretérito imperfeito (PI) e do futuro do pretérito (FP), em seu contexto padrão como exposto nas gramáticas tradicionais, quanto à variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do modo indicativo na expressão de hipótese em produções escritas.

O *corpus* de análise foi composto por três seções: sendo a primeira parte constituída por fragmentos de documentos vinculados à Coroa de Portugal e às autoridades Brasileiras durante o período do século XVIII (entre as datas do dia 07 de outubro do ano 1732 e do dia 16 de junho do ano 1762); a segunda parte composta por textos dissertativos elaborados durante o ano de 2006 por discentes do sétimo ano (6ª série) do ensino Fundamental e do segundo ano do ensino médio dos colégios Cristo Redentor e João XXIII, como também por produções textuais de universitários do Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Universidade Federal de Juiz Fora do segundo e do oitavo período.

Na análise do material das redações, sob a luz dos princípios da Teoria Variacionista, levaram-se em consideração, além das formas verbais que se alternam, os aspectos como: o gênero, a formação escolar, o contexto socioeconômico dos estudantes, bem como a indicação dos períodos de tempo da produção textual e o contexto frasal. Após, a análise dos dados dos textos selecionados, a autora trabalhou com dados percentuais com a finalidade de melhor evidenciar a alternância entre as formas verbais reverenciadas no estudo.

Enfim, na terceira parte, foram selecionados alguns excertos dessas respectivas redações (do ano de 2006) efetivadas pelos discentes por diferentes níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e posteriormente se produziu um questionário, aplicado junto a vários docentes licenciados em Língua Portuguesa, no qual esses especialistas indicariam as correções que deveriam ser realizadas nesses referidos trechos. Tal pretensão do questionário era a de conferir a conduta e o juízo de valor da escola e dos professores com relação ao fenômeno estudado e se haveria a correção assídua do uso do PI no lugar do FP.

Conforme Souza (2007), a maioria dos docentes assinalou que realizaria a correção do uso PI no lugar de FP, todavia, certos eventos do fenômeno passaram despercebidos pelos docentes. Apesar de que ainda se cometa a correção adotando os princípios da gramática tradicional, a utilização do pretérito imperfeito já é aceita em algumas circunstâncias, supostamente sendo preconizada como uma variante informal em relação ao futuro do pretérito, porém não incorreta.

Os resultados apontados por Souza (2007) demonstram que, embora apresente uma predominância da utilização do futuro do pretérito no contexto hipotético, já se apresentava sinais do uso alternado entre as formas de PI e de FP para denotar hipoteticidade, tanto nos documentos da Coroa Portuguesa e Coroa Brasileira (século XVIII) quanto nos textos produzidos no ano de 2006 (do colégio João XXIII; da Universidade Federal de Juiz de Fora). Ao todo foram encontradas 115 ocorrências no *corpus*, somando as variantes do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, subdividindo-se em 70 eventos de FP para expressar hipótese; 12 casos de PI para expressar hipótese e 33 ocorrências do uso de PI com ideia de continuidade.

Na análise dos textos entre Coroa Portuguesa e autoridades da Colônia do Brasileira, constatou-se num total de 24 realizações das formas verbais sistematizadas, 05 realizações de FP com a ideia de hipótese, 06 realizações de PI com ideia de hipótese e 13 realizações com ideia de fato passado. Referentes às variantes PI e FP com denotação

de hipótese, os resultados apontaram um equilíbrio entre o uso das duas formas verbais, pois apesar de que haja uma produtividade maior do uso do imperfeito, a diferença entre o número dos eventos de PI e de FP para indicar hipótese é somente de um dado. Porém, Souza (2007) ainda ressalta que o PI: “é um indicativo de tendência à mudança - com a prevalência do uso do imperfeito para expressar o irreal, caso o valor agregado ao futuro do pretérito deixe de ser disseminado pelos veículos reguladores da língua padrão” (SOUZA, 2007, p. 13).

Nas redações dos estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Cristo Redentor obteve-se uma ampla preponderância da utilização do FP em relação ao uso do PI com valor de hipótese, com 31 ocorrências de FP com ideia de hipótese, 02 ocorrências de FP com ideia de modalização, 02 ocorrências de PI com ideia de hipótese e 0 usos de ideia no passado. Com relação às produções textuais dos estudantes da Escola João XXIII, apresentaram-se 23 ocorrências de FP, 01 ocorrências de FP com valor de modalização e somente 01 ocorrências do uso de PI com valor de hipótese. E, nessas redações do 2º ano dos dois colégios, a maioria dos dados de FP com valor de hipótese se realizaram entre os informantes do gênero masculino, de classe socioeconômica b (classe média), provenientes de escola privada, equivalendo a 30 ocorrências, e a 77%, em termos percentuais. Enquanto que os dados de PI para expressar hipótese, foram proeminentes entre informantes do gênero masculino, de classe socioeconômica b (classe mediana), contudo provenientes de instituição pública, com (66,7%).

Referente às redações dos estudantes de Letras do 2º período, obtiveram-se 10 dados do uso de FP, 03 dados da utilização de PI com ideia de hipótese e 02 dados de FP com valor de modalização. Porém, nos textos elaborados pelos discentes do 8º período, não se encontrou nenhuma ocorrência de utilização do PI com ideia de passado ou para denotar hipótese; certificou-se a utilização somente do FP, 01 ocorrência com ideia de hipótese e 02 ocorrências com valor de modal. No segundo período, a maior parte dos dados de FP e dos eventos de PI com ideia de hipótese preponderou entre os informantes do gênero feminino, de classe social qualificada como b (classe média), pertencentes de escola privada e pública (formação mista), haja vista da existência de uma equivalência de 40% para o FP e 66,67% de PI. No oitavo período, em consequência da escassez de dados, não se pôde identificar quais fatores sociais influenciam determinada variante ou outra.

2.1.4.3.5. Pesquisa de Brandão (2007)

Brandão pesquisou sobre a alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do modo indicativo na fala paulistana. A pesquisadora partiu do pressuposto de que o tempo verbal do pretérito imperfeito é empregado em substituição do tempo verbal do futuro do pretérito, sendo que o uso de um ou de outro não ocorre de forma aleatória, mas estabelecido por condicionadores linguísticos e também por fatores extralinguísticos.

Para a sistematização e descrição dessa variação, selecionaram-se 152 entrevistas que se localizam no banco de dados do Projeto Amostra Linguística do Interior de São Paulo- ALIP. Tratou-se de um *corpus* oral, representativo de variedade do português do interior de São Paulo e que atendeu os seguintes critérios: cinco grupos etários (7-15 anos; 16-25 anos; 26-35 anos; 36-55 anos e mais de 55 anos); níveis de escolaridade (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Ensino Superior); sexo/ gênero (feminino, masculino) e renda (até 5 salários mínimos, de 6 a 10 salários mínimos, de 11 a 24 salários mínimos e mais de 25 salários mínimos).

Os dados foram analisados e quantificados com o auxílio do aplicativo *Goldvarb-X*. Os fatores linguísticos selecionados pelo programa foram os seguintes: formas verbais na apódose, formas verbais na prótase, ambiente sintático-semântico, momento referência, grau de hipoteticidade, saliência fônica, tipologia textual, e os fatores extralinguísticos selecionados foram: escolaridade e faixa etária. Mas, é importante ressaltar que a autora privilegiou um duplo percurso de análise: um que toma como base todas as formas verbais sintéticas (PI e FP) amalgamadas às formas perifrásticas (IA+V e IRIA+V), e outra as variantes separadas, mas somente em poucas circunstâncias que poderia vir afetar os resultados ou levar a equívocos acerca das reais motivações do uso da forma de PI ou FP. A centralidade da análise era verificar as motivações de FP e PI, a partir da amalgamação das variantes sintéticas e perifrásticas de PI, como também das variantes de FP.

Do total de dados encontrados no *corpus* analisado, verificou-se uma forte preferência dos paulistanos pela forma sintética de PI, já que incide um valor de 107 realizações (49%) da amostra, enquanto que o FP aparece com 52 efetivações (25%). Concernente às perífrases, as formas com o verbo IR auxiliar no imperfeito (IA+ V) ocorrem 50 vezes (23 %) e 7 vezes (3%) no futuro do pretérito (IRIA+V), equivalendo-se a um total de 216 dados de todas as variantes. Porém, as formas sintéticas e perifrásticas amalgamadas, tem-se um total de 216 ocorrências, sendo 157 (73%) dados para PI e 59

(27%) dados para FP, o que fica mais evidente a preferência dos informantes pelo tempo verbal pretérito imperfeito.

No que diz respeito a variável dependente em formas verbais de prótese, os critérios foram estabelecidos levando-se em consideração as seguintes características: verbos que se realizam no modo subjuntivo e verbos que se realizam no modo indicativo. Por meio dos resultados dessa variável, observou-se que tanto a forma verbal de PI quanto a forma verbal de FP são favorecidas quando na prótase há ocorrências verbais no modo subjuntivo, que corresponde a um percentual de 69% para PI e 31% para FP. Por outro lado, a pesquisadora analisa, também, a influência das formas verbais na apódase, a qual foi subdividida em formas simples e perifrásticas para a análise das ocorrências nos verbos. Os dados percentuais indicaram que os informantes paulistanos preferem utilizar tanto formas sintéticas como perifrásticas de PI, com frequência de uso para forma perifrástica de 78% e para a sintética de 69%, ao passo que, em relação ao FP, os falantes preferem a utilização de sua forma sintética 31%.

Correlacionado à variável ambiente sintático-semântico, Brandão investiga a ordem da sentença nessa variação, considerando a ordem prótase + apódase, que é a ordem canônica, e a ordem apódase + prótase, ordem não canônica. A hipótese inicial era de que a ordem não canônica favoreceria o uso de FP e a ordem canônica o uso de PI. A partir da análise, a variável ordem da sentença foi selecionada como pertinente e permitiu confirmação da hipótese para ambas as formas, tanto para a forma verbal de PI, a qual foi privilegiada em contextos de ordem canônica, com um percentual de 63 %, quanto para forma verbal de FP, com um percentual de 37%, em ordem não canônica.

Ao analisar ocorrências a partir da variável momento referência, a qual foi dividida em dois aspectos, em visão retrospectiva e em visão prospectiva, verificou-se que o momento em que o informante fala sobre uma situação no passado (uma situação retrospectiva), este utiliza em maior escala o PI e, quando o falante se refere a uma situação presente ou futura (visão prospectiva), este utiliza equilibradamente o PI e FP.

No fator grau de hipoteticidade, que dizem respeito às asserções possíveis e não possíveis a vir a se realizar, essa variável foi subdividida em três aspectos: habitual (o enunciado é tido como certo/habitual); confractual (são ocorrências não existentes que resultam necessariamente de uma falsidade já legitimada); e possível (a proposição é possivelmente considerada como verdadeira, devido haver uma relação de verossimilhança entre a possibilidade de realização e o conteúdo da prótase). Segundo Brandão, no momento em que o grau de hipótese é distante da realidade (confractual),

obteve-se uma propensão por formas verbais de PI, já a variante FP e variante IA +V tiveram uma preferência em fatos hipotéticos possíveis de se concretizar (possível).

A variável dependente saliência fônica foi dividida em três classificações para a análise das variantes em estudo: saliência baixa (verbos de 2ª e 3ª conjugação), saliência média (verbos de 1ª conjugação) e saliência alta (formas verbais irregulares: verbos *ter*, *ser* e *vir*). Os dados evidenciaram que o PI ocorreu com mais frequência em contextos de baixa saliência (77%), ao passo que o FP ocorreu com mais assiduidade em situações com alta saliência (33%).

Outra variável em estudo significativa foi a tipologia textual, a qual foi distribuída em cinco níveis: relato de opinião, narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição e relato de procedimento. Desse conjunto de tipos de relatos discursivos, observou-se que as ocorrências das formas variantes se concentraram em sequências do tipo de relato de opinião e narrativa de experiência pessoal e foram pouco frequentes em tipos discursivos descritivos e relatos de procedimentos. A variante FP foi preferida em relatos de opinião, com 41 % de frequência, em virtude de ser um tipo de texto mais formal e mais monitorado, conseqüentemente requer essa forma verbal de mais prestígio. Em contraponto, a variante PI foi mais preferida em narrativas de experiência (74%) e narrativa recontada (89%).

No que concerne aos aspectos extralinguísticos, a variável escolaridade dos informantes foi distribuída em quatro níveis, 1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Nos dados, encontrou-se um índice percentual bastante alto de PI (91%) no 1º Ciclo do Ensino Fundamental, enquanto que a variante FP obteve um maior índice no 2º Ciclo do Ensino Fundamental (34%), que muito se aproximou dos resultados obtidos em falas dos informantes com nível superior (30%), mostrando-se, portanto, uma possível resistência do FP em relação ao PI nesses dois níveis. Por conseguinte, a variável faixa etária, distribuída em cinco categorias, 7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais, permitiu verificar que os informantes com a idade de 56 anos ou mais (os mais velhos) utilizaram mais a variante PI que os informantes das faixas etárias mais novas, um equivalente de 18 e 23 pontos percentuais a mais e os informantes com a idade entre 36 e 55 anos foram os que mais fizeram uso da variante FP, equivalente a um percentual de 34 %.

2.1.4.4. Estudos Realizados na Região Norte

2.1.4.4.1. Pesquisa de Barros (2015)

Barros (2015), em seu artigo para obtenção de título em graduação de Letras Língua Portuguesa: “A análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara”, pesquisou a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo, como forma inovadora do futuro do pretérito, tanto em sua forma sintética (jantava) como perifrástica (ia jantar), no âmbito do *irrealis*, na fala manauara.

O corpus utilizado para análise desse estudo foi retirado do Banco Digital de Dados do Projeto FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial), que está disponível no site <http://projtofamac.wixsite.com/projtofamac>. O projeto FAMAC iniciou-se em 2009 e é desenvolvido por uma equipe de pesquisadores, acadêmicos e mestrandos, sob a coordenação da professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) Silvana Andrade Martins e professor adjunto Valteir Martins, também da UEA, com objetivo de documentar a fala manauara culta e coloquial, provendo subsídios para a realização de análises referentes à variedade da língua portuguesa. Esse grupo tem-se dedicado à realização de diversas pesquisas nas áreas da Sociolinguística e da Dialetologia.

Esse *corpus* utilizado para a sistematização e descrição do fenômeno em questão foi constituído por 24 entrevistas com informantes nativos da capital do Amazonas e/ou informantes residentes nesta localidade há mais de trinta anos, sendo 12 informantes com nível superior e 12 sem nível superior, dos gêneros masculino e feminino, o sexo feminino, equivalendo-se de 12 informantes e o masculino, também, com 12 informantes, distribuídos em três faixas etárias (1ª: 18-35 anos; 2º: 35-55 anos e 3º: 55 em diante, sendo que cada faixa tendo um valor numérico de 8 informantes). Como recurso de análise quantitativa, utilizou-se o programa *Goldvarb X*, o qual teve como função indicar quais os grupos de fatores que, no estudo, são significativos ou não, dependendo da frequência em que cada variante ocorreu, subdivido em linguísticos (tipologia textual e paralelismo) e extralinguísticos (faixa etária, gênero e escolaridade).

Entretanto, para que se obtivesse uma melhor compreensão do fenômeno em estudo, a ocorrência do pretérito imperfeito em alternância com o futuro do pretérito, a autora apresentou, inicialmente, os resultados gerais obtidos a respeito da ocorrência do pretérito imperfeito de sua pesquisa e os de Ribeiro (2015) referentes à frequência do futuro do pretérito, as quais utilizaram o mesmo *corpus*.

A frequência das variantes em estudo foram 792 ocorrências de expressão de futuridade, somando as variantes do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, tanto

em sua forma sintética quanto em perifrástica, registradas nas 24 entrevistas de falantes manauaras. Dessas 792 ocorrências apenas foram atestadas 288 ocorrências de pretérito imperfeito, equivalendo a um percentual de 36, 34 %. E, entre essas, 132 ocorrências foram da forma verbal sintética e 156 de perifrásticas. Portanto, os informantes entrevistados preferiram empregar a perífrase que a forma sintética, quando fazem uso do pretérito imperfeito; por outro lado, quanto ao futuro do pretérito foram identificadas 504 ocorrências. Dentre essas, 458 ocorrências estão na forma sintética e apenas 46 na perifrástica, evidenciando maior produtividade da forma tradicional em relação ao futuro do pretérito.

Como resultado, em referência aos aspectos linguísticos, o paralelismo não foi significativo considerando esse *corpus de análise*, visto que a presença de uma forma não levou ao comparecimento de outra estrutura idêntica no mesmo contexto. Quanto ao fator tipologia textual, este foi muito significativo, demonstrando que a narrativa favoreceu a ocorrência do pretérito imperfeito, tanto em sua forma sintética como perifrástica, com 72% de frequência, enquanto que o argumentativo inibe.

No entanto, com referências aos resultados dos aspectos sociais, no grupo de fator gênero, o sexo feminino empregou com mais frequência o pretérito imperfeito na forma sintética e perifrástica do que os homens, ou seja, elas utilizaram mais a forma inovadora, com um total de 186 (64, 5%) ocorrências. Portanto, verificou-se, nesse contexto, que este uso se mostrou como uma variação não estigmatizada socialmente.

Referente ao grupo de fator faixa etária, conferiu-se que os mais jovens de 18 a 35 anos, os da primeira faixa etária, foram os que mais empregaram o PI com 140 (50%) ocorrências e o IA +V foi a forma mais produtiva com 76 (27,15%) ocorrências, o que se confirmou, em parte, a hipótese inicial da pesquisadora de que os jovens encabeçam a mudança linguística. A terceira faixa etária, de 55 anos em diante, ficou em segundo lugar quanto ao emprego dessas variantes, sendo 120 (40%) ocorrências para o PI e 65 (24,4%) ocorrências de IA +V. Já a segunda faixa etária, de 36 a 55 anos, apresentou um emprego muito discreto do pretérito imperfeito.

O último fator escolaridade demonstrou que os falantes com menor grau de escolaridade, os sem ensino superior, tendem a favorecer o emprego do pretérito imperfeito em sua forma sintética e perifrástica, com um valor percentual de 59%. No que se refere ao emprego entre o pretérito imperfeito sintético e o analítico, constatou-se a maior frequência de realizações do IA +V entre os informantes que possuem menor

nível de escolaridade; por outro lado, os que tem o nível escolar maior, quando utilizam o PI, preferiram a forma sintética.

2.1.4.4.2. Pesquisa de Ribeiro (2015)

Ribeiro (2015), em seu trabalho de iniciação científica: “A ocorrência do futuro do pretérito como expressão do *irrealis* na fala manauara”, averiguou a ocorrência do futuro do pretérito no âmbito do *irrealis*, como forma concorrente do pretérito imperfeito. Nesse processo de estudo, a autora estabeleceu os fatores linguísticos (paralelismo formal e tipologia textual) e os sociais (sexo, idade e escolaridade) que condicionam esse uso da variante, em suas formas sintéticas e perifrástica.

O *corpus* utilizado neste trabalho também foi do Banco Digital de Dados do projeto FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial), do qual foram utilizadas 24 entrevistas selecionadas a partir das variáveis sexo, idade (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante) e escolaridade (com nível superior e sem nível superior). Para o tratamento dos dados, empregou-se o programa estatístico *Goldvarb X*.

Na distribuição geral da variante, foram identificadas 504 ocorrências de futuro do pretérito, dentre essas, 458 ocorrências ocorreram na forma sintética e apenas 46 na perifrástica, evidenciando a produtividade da forma tradicional sintética.

Os grupos de fatores selecionados pelo programa foram: o paralelismo formal e tipologia textual, como fatores linguísticos, e gênero, idade e escolaridade, como fatores sociais. Quanto ao gênero, os homens realizaram 54% da forma sintética de FP, correspondendo a 256 ocorrências e as mulheres 46%, isto é, 228 ocorrências. Referente à faixa etária, a forma sintética de FP foi mais favorecida entre os informantes da primeira faixa 215 (42%) e da terceira 195 (40%). Sobre a escolaridade, a forma sintética de FP foi mais frequente entre aqueles que possuem nível superior, correspondendo a 318 ocorrências, equivalendo a 63%, em oposição a 186 (47%) entre aqueles que não ultrapassaram o nível básico de ensino. Quanto aos fatores linguísticos, relativo ao paralelismo, a forma sintética de FP foi mais produtiva em contextos em que ocorreu o paralelismo: aparecendo em 319 dos casos (63%). Referente à tipologia textual, a forma sintética de FP se favoreceu em contextos narrativos com 292 ocorrências (68%), mas em sequências argumentativas, a forma inovadora, a perifrástica (IRIA +V) foi a mais produtiva.

2.3.5. Considerações a respeito das distribuições gerais das variantes presentes nas pesquisas desenvolvidas a partir de *corpus* orais

Nesta seção, será apresentada uma breve comparação dos resultados gerais das variantes do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito de diferentes pesquisas, as quais foram descritas e organizadas por regiões brasileiras: Nordeste, Sul, Sudeste e Norte. Como a presente pesquisa foi realizada a partir de um *corpus* oral, selecionou-se somente estudos que seguissem essa mesma modalidade linguística, a língua falada. A seguir, apresenta-se um quadro com os resultados gerais dessas pesquisas:

Quadro 5: Resultados Gerais da variação entre o FP e o PI em diferentes pesquisas por diferentes regiões.

Região	Autor		FP	PI	IA+V	IRIA+V
NORDESTE	Dias (2007)		85 (51%)	82 (49%)	-	-
	Oliveira (2010)		354 (61%)	235 (39%)	-	-
	Santos (2014)		220 (52%)	204 (48%)	-	-
	Oliveira (2016)		354 (41%)	235 (27%)	221 (26%)	53 (6%)
SUL	Silva (1998)		48 (17%)	126 (45%)	96 (36%)	6 (2%)
	Karam (2000)		251 (41%)	163 (31%)	118 (28%)	-
SUDESTE	Costa (2003)	Amostra 80c	234 (35%)	231 (35%)	188 (28%)	15 (3%)
		Amostra 00c	227 (43%)	108 (20%)	185 (35%)	7 (1%)
	Barbosa (2005)		387 (57,7%)	302 (44,3%)	-	-
	Tesch (2007)		443 (41%)	402 (38%)	229 (21%)	6 (0%)
	Brandão (2015)		52 (25%)	107 (49%)	50 (3%)	7 (3%)
Norte	Barros (2015) e Ribeiro (2015)		-	132 (16,67)	156(19,67)	-
	Ribeiro (2015)		458 (58%)	-	-	46 (5,66)

Fonte: Barbosa (2005); Barros (2015); Brandão (2015); (Costa (2003); Dias (2007); Karam (2000); Oliveira (2010, 2016); Santos (2014); Silva (1998); Tesch (2007); Ribeiro (2015).

Os resultados dessas pesquisas demonstram que a utilização do tempo verbal pretérito imperfeito parece estabelecer um elo de concorrência e competição com o tempo verbal futuro do pretérito. Em alguns casos há exceção, em algumas ocasiões é mais recorrente a forma verbal do pretérito imperfeito, como no trabalho de Silva (1998) e Brandão (2015). Mas, nos demais estudos, o futuro do pretérito é a forma verbal ainda preferida no vocabulário dos falantes, ao perceber que os valores numéricos são maiores para esta variante em detrimento aos do pretérito imperfeito nas construções simples

(sintéticas). Entretanto, ao amalgamar as formas sintéticas com as formas perifrásticas, pode-se observar nos trabalhos de Costa (2003), Tesch (2007), Oliveira (2016), o pretérito imperfeito superpõe o futuro do pretérito.

Na região Nordeste e Norte, a forma verbal mais utilizada pelos informantes é o futuro do pretérito nas formas sintéticas. Porém, nas pesquisas da região Sudeste, tem-se uma dissonância entre os resultados: nos estudos de Tesch (2007) e Costa (2003), Barbosa (2005) descreve uma maior realização do futuro do pretérito (FP), enquanto que a pesquisa de Brandão evidencia supremacia de PI, com 49 % dos dados. A mesma situação ocorre com a região Sul, ao verificar a pesquisa de Silva (1998), a forma verbal mais proeminente é o pretérito imperfeito, entretanto no estudo implementado por Karam (2000), a forma de maior realização é a de FP, mas se somadas a forma perifrástica às sintéticas PI suplanta FP.

Com o intuito de se ter uma noção da preferência do uso dos falantes de forma mais exata e uniforme, pelas formas verbais do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito, por regiões brasileiras, tirou-se o cálculo médio das ocorrências das amostras dos estudos de duas maneiras: um que engloba os dados das amostras com as variantes de PI e FP separadamente e outro que considera as formas verbais sintéticas amalgamadas às formas de perifrásticas, quando houvesse em cada região. Segue abaixo os dois quadros referentes a esses cálculos médios:

Quadro 6: Cálculo médio considerando somente a variante FP e a variante PI de cada estudo por regiões brasileiras.

Região	Autor		FP	PI	Cálculo Médio por Região
NORDESTE	Dias (2007)		85 (51%)	82 (49%)	FP-253
	Oliveira (2010)		354 (61%)	235 (39%)	PI- 189
	Santos (2014)		220 (52%)	204 (48%)	
	Oliveira (2016)		354 (41%)	235 (27%)	
SUL	Silva (1998)		48 (17%)	126 (45%)	FP- 149
	Karam (2000)		251 (41%)	163 (31%)	PI- 144
SUDESTE	Costa (2003)	Amostra 80c	234 (35%)	231 (35%)	FP- 268
					PI- 230
		Amostra 00c	227 (43%)	108 (20%)	

	Barbosa (2005)	387 (57,7%)	302 (44,3%)	
	Tesch (2007)	443 (41%)	402 (38%)	
	Brandão (2015)	52 (25%)	107 (49%)	
Norte	Barros (2015) e Ribeiro (2015)	458 (58%)	132 (16,67%)	FP- 458
				PI- 132

Fonte: Barbosa (2005); Barros (2015); Brandão (2015); (Costa (2003); Dias (2007); Karam (2000); Oliveira (2010, 2016); Santos (2014); Silva (1998); Tesch (2007); Ribeiro (2015).

Em seguida, apresenta-se o segundo quadro com o cálculo médio, considerando as formas verbais amalgamadas às formas perifrásticas:

Quadro 7: Cálculo médio considerando as formas amalgamadas de FP e PI de cada estudo por regiões brasileiras

Região	Autor		FP	PI	Cálculo Médio por Região
NORDESTE	Dias (2007)		85 (51%)	82 (49%)	266 –FP
	Oliveira (2010)		354 (61%)	235 (39%)	244-PI
	Santos (2014)		220 (52%)	204 (48%)	
	Oliveira (2016)		407 (47%)	456 (53%)	
SUL	Silva (1998)		48 (19%)	144 (81%)	149-FP
	Karam (2000)		251 (41%)	399 (59%)	271-PI
SUDESTE	Costa (2003)	Amostra 80c	249 (37%)	419 (63%)	275-FP
		Amostra 00c	234 (45%)	293 (55%)	360 -PI
	Barbosa (2005)		387 (57,7%)	302 (44,3%)	
	Tesch (2007)		449 (41%)	631 (59%)	
	Brandão (2015)		57 (28%)	157 (52%)	
	Barros (2015) e Ribeiro (2015)		504 (63%)	288 (37%)	504-FP
					288-PI

Fonte: Fonte: Barbosa (2005); Barros (2015); Brandão (2015); (Costa (2003); Dias (2007); Karam (2000); Oliveira (2010, 2016); Santos (2014); Silva (1998); Tesch (2007); Ribeiro (2015).

Dessa forma, observa-se que, no sexto quadro, mostra-se que, nas regiões, analisando-se as variantes de PI e FP separadamente, a variante futuro do pretérito é predominante em todas as regiões do Brasil. Todavia, caso fossem analisadas as formas

sintéticas com suas respectivas perífrases, como se pode perceber no sétimo quadro, na região Nordeste e Norte há preferência pelas formas verbais do Futuro do pretérito, já a região Sul e Sudeste pelas formas verbais do pretérito imperfeito.

CAPÍTULO 3- APORTE TEÓRICO

O presente estudo fundamentou-se em duas correntes de pesquisa da área da linguística: a sociolinguística variacionista e a sociofuncionalista, das quais realizou-se uma abordagem dos seus pressupostos teórico-metodológicos. No entanto, também será realizada uma breve descrição do funcionalismo linguístico, visto que essa corrente metodológica agregada à sociolinguística variacionista deram origem ao sociofuncionalismo. Primeiramente, serão esboçadas as características do funcionalismo linguístico, em seguida da sociolinguística variacionista, finalizando-se o capítulo com a abordagem referente ao sociofuncionalismo.

As principais fontes de pesquisa foram as obras de Alkmin (2006), Bybee (2010), Calvet (2012), Chomsky (1978), Costa (2008), Cunha (2011, 2012), Guy (2000), Labov (1972, 2008), Meillet (1948), Modesto (2002), Mollica e Braga (2003), Naro (2012), Tarallo (1986, 2007), Tavares (2013), Votre (2012),

3.1-Funcionalismo Linguístico Surgimento e Princípios Teóricos

3.1.1. Surgimento do Funcionalismo Linguístico

-

As primeiras análises de base funcional foram realizadas no século XIX, nos anos 20 no continente Europeu, por um grupo de autores do denominado Círculo Linguístico de Praga, o qual teve como precursor o linguista Vilem Mathesius (1882- 1945). Os membros dessa escola visavam compreender a linguagem, considerando as funções empreendidas pelos vários componentes linguísticos estruturais, considerando o uso.

Dentre os seus representantes pode-se mencionar Nikolái Troubtkoi (1890- 1938) e Romam Jakobson (1896-1982).

Na década de 1970, ainda na Europa, despontam os estudos dos linguistas funcionalistas Michael K. Halliday (Inglaterra) e Simon C. Dik (Holanda). Segundo Martelotta (2008, p. 37) Halliday afirma que as investigações da área da linguagem devem ser estudadas sendo relacionadas ao processo de socialização dos indivíduos (falantes). Nicholas (1984) menciona que, para Dik, a estrutura sentencial possui três níveis de funções que são as seguintes: sintático, semântico e pragmático.

Com relação ao funcionalismo Norte Americano, Araújo (2016, p.38) menciona, que teve como principais representantes: Boas, Sapir e Whorf, os quais apresentavam ideias contrárias ao pensamento formalista. Também ressalta os autores Bolinger e Givón, os quais respectivamente incluíram fatores pragmáticos e pautaram suas investigações buscando explicar aspectos da gramática

Segundo a autora Araújo (2016, p.39), no que se refere ao funcionalismo estabelecido no território brasileiro, remonta à década de 1980. Dentre os autores de grande relevância cita: Martellota, Cunha, Neves, Votre, Tavares e Gorski, os quais, em suas pesquisas visam esclarecer e explicar fenômenos morfossintáticos e utilizam –se de fatores de natureza comunicativa e cognitiva. Também ressalta a existência de projetos específicos para a realização de análises funcionalistas, dentre eles o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) criado por iniciativa da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o NURC (Norma Urbana Culta), também desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3.1.2. Teoria Funcionalista

O funcionalismo linguístico constitui-se de uma teoria linguística que tem o interesse em estudar a estrutura gramatical da língua, relacionando-a ao contexto no qual essa língua está sendo utilizada, estabelecendo conexões entre função e forma. Essa assertiva é corroborada por Naro e Votre (2012, p. 45):

O funcionalismo constitui uma corrente linguística que, de modo diferente ao estruturalismo e ao gerativismo, interessa-se pelo estudo da estrutura gramatical da língua tendo em vista a sua relação com o contexto comunicativo em que ela é utilizada, postulando assim as “correlações entre função e forma.

A corrente funcionalista considera a língua como um recurso utilizado pelas pessoas (falantes) para o estabelecimento de relações interpessoais e interação social, demonstrando interesse pelas investigações referentes às interligações entre formas e funções da língua, visando averiguar as capacidades desenvolvidas nos indivíduos para ajustar e utilizar a língua de maneira adequada nos diferentes ambientes e situações comunicativas.

Cunha (2012, p. 157) menciona que os funcionalistas percebem a linguagem como um instrumento que viabiliza a relação social e, dessa maneira, desenvolvem estudos linguísticos que investigam as relações entre a linguagem e a sociedade, não se restringindo somente à análise da estrutura linguística, mas também aos fatores contextuais existentes na situação comunicativa. Assim sendo, a corrente funcionalista busca explicações para a ocorrência das regularidades identificadas durante o uso conversacional e interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se identificam esse uso.

Desse modo, pesquisas funcionalistas consideram todos os fatores envolvidos no processo de comunicação, tais como: seus interlocutores, as intenções de sua fala, o contexto em que os discursos são proferidos, como também as influências extralinguísticas que permeiam essa interação comunicacional. O funcionalismo, portanto, centraliza suas análises na língua, partindo do seu uso e estudando as relações existentes entre a estrutura interna da língua (a gramática) e a forma como ela é usada (os contextos comunicativos).

Cunha (2012, p. 158) sintetiza os dois principais pressupostos da análise linguística de cunho funcionalista: “a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema”. Essa correlação entre o sistema linguístico e os fatores externos a ele é focalizada por essa autora, a qual ressalta o fato de que a língua não deve ser analisada como sendo imanente ou autônoma, somente considerando-se fatores internos, independentes dos fatores sociais. Na esteira desse viés teórico, a língua deve ser considerada flexível, moldável, adaptável aos fatores externos à sua estrutura (extralinguísticos e pragmáticos), destacando-se assim o seu caráter ajustável aos diferentes momentos interativos nos quais ocorrem a comunicação humana.

O funcionalismo linguístico considera vários aspectos das manifestações linguísticas como: formais, semânticos e pragmáticos. Sendo assim, levam em conta as

diferentes regras ligadas às expressões linguísticas, as pragmáticas que direcionam o processo de interação verbal (discursiva) estabelecida entre dois ou mais indivíduos; as regras semânticas (relacionadas ao sentido das palavras), as quais agregam-se às regras sintáticas (função de cada termo na oração) e fonológicas (fonemas da língua). Portanto, concebe-se, nesse âmbito teórico, que as leis que regem as evoluções linguísticas são leis sociais, passíveis de mudanças.

É visível que a teoria funcionalista apresenta uma percepção diferente da língua, compreendendo que forma e conteúdo não estão presos aos limites da gramática, devendo ser analisados no percurso de seu uso, ou seja, no ato da comunicação/ interação verbal. Em seus estudos referentes à língua, os funcionalistas levam em consideração, aspectos extralinguísticos, pois a língua é compreendida como um sistema de relações. No que se refere à função, explica-se o seguinte: para cada função concede-se um significado e para cada significado atribui-se uma função. Conseqüentemente, a função é investigada e analisada sendo relacionada ao uso, ou seja, à intenção do indivíduo (usuário). Esse princípio teórico é retomado por Modesto (2006, p. 1), ao afirmar que:

A teoria funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação e postula que essa não pode ser considerada como um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas que exercem grande influência sobre sua estrutura linguística. Assim, o funcionalismo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seus contextos discursivos.

A gramática, na perspectiva funcionalista, é considerada como não estanque, nem imutável, fundamenta-se na interação social, entendendo que as manifestações linguísticas são adaptáveis às demandas do uso. Percebe-se que os usuários da língua possuem capacidade de se comunicar, utilizando, interpretando e compreendendo expressões de maneira adequada, pois todos os envolvidos no processo de comunicação, tanto o indivíduo que fala (falante) quanto o indivíduo que ouve (ouvinte) possuem experiências linguísticas (pragmáticas) adquiridas no meio cultural ao qual estão imersos.

No momento em que o sujeito falante emite um enunciado, ele tem a pretensão de operar modificações nas informações pragmáticas anteriormente adquiridas pelo indivíduo que a ouve. Para que isso aconteça, é necessário que o falante estabeleça uma interação comunicativa adequada para que se operem as modificações almejadas na informação do ouvinte (destinatário).

O funcionalismo refuta os estudos linguísticos formalistas, os quais desconsideram a linguagem em uso. Se contrapõem aos estudos da língua que não consideram o contexto, que se preocupam somente com as características internas da língua. O funcionalismo afirma que a gramática abarca tanto os morfemas, sintagmas e estruturas da língua, quanto o embasamento cognitivo da comunidade e suas experiências linguísticas (informações pragmáticas).

Os princípios do paradigma funcionalista são apresentados em Cunha (2011), os quais são:

- a) Informatividade: relaciona-se aos conhecimentos partilhados entre os indivíduos envolvidos na interação verbal.
- b) Iconicidade: diz respeito às relações existentes entre forma e significado, ou seja, expressão e conteúdo.
- c) Marcação: a marcação faz uma espécie de distribuição nas estruturas da língua, dividindo-a em duas vertentes (dois extremos): a categoria marcada e não marcada. A categoria linguística marcada apresenta pouca frequência de uso; no entanto, a não marcada, apresentam alta frequência de uso nas línguas.
- d) Transitividade: o ato de transferir uma ação de um agente para um paciente.
- e) Gramaticalização: considerada um processo, no qual alguns itens e construções lexicais passam a servir a funções gramaticais em pré-determinados contextos linguísticos. Em resumo, a gramaticalização é o processo pelo qual um item (palavra) sai do léxico e passa a fazer parte da gramática.

3.2. (Sócio) Linguística Variacionista

3.2.1. Surgimento da Sociolinguística

Sinaliza-se que o surgimento do termo Sociolinguística ocorreu no ano de 1964, no momento em que William Bright organizou a *Sociolinguistics Conference*, evento este realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no qual vários estudiosos estiveram presentes, principalmente aqueles que debruçavam-se na investigação das relações entre linguagem e sociedade. Dentre eles, menciona-se William Labov, o qual escreveu um artigo cujo título era “a hipercorreção como fator de variação”.

Após dois anos, William Bright publicou todos os trabalhos apresentados no Congresso, intitulado essa obra como *Sociolinguistic* e, em seu prefácio, denominado “As Dimensões da Sociolinguística”, aborda que o objeto de estudo da Sociolinguística é a variação, esclarecendo que ela não acontece de forma aleatória ou livremente, visto que apresenta estreita relação com as diferenças existentes no âmbito social.

Sendo assim, as preocupações inerentes a essa área de estudo seriam especificamente com as influências proporcionadas pelo contexto social sobre os empregos linguísticos. Segundo Alkmim (2006, p. 28), “A proposta de Bright para a Sociolinguística é a de que ela deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”. Dessa maneira, se estabelece o elo que faltava para correlacionar as diversas formas que as pessoas utilizam para se expressarem na mesma língua e os condicionantes sociais que influenciam essas variações. Além disso, Bright aponta alguns fatores sociais que acredita estarem relacionados com a diversidade linguística, os quais são:

a) Identidade social do emissor ou falante –relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas; b) identidade social do receptor ou ouvinte –relevante por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala dos adultos para se dirigirem aos bebês); c) o contexto social-relevante, por exemplo no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existentes na grande maioria das línguas e d) o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas (ALKMIM, 2006, p. 29).

Esses fatores passaram a ser considerados importantes no desenvolvimento de pesquisas da área da Linguística, os quais anteriormente eram irrelevantes aos olhos dos estruturalistas e gerativistas.

Pode-se assim considerar que o Congresso realizado pela iniciativa de William Bright constitui-se em um marco do surgimento da Sociolinguística, a qual é responsável pelo desencadeamento de uma nova concepção ou modo diferente de perceber e de estudar as línguas. Porém, para se chegar a esse pensamento, um longo caminho foi percorrido anteriormente, vários debates e discussões ocorreram, ideias de linguistas se opunham a ideias de outros estudiosos da área. Nesse contexto, podem ser citadas as concepções de Saussure, considerado o fundador da Linguística moderna, o qual elegeu

a *langue* (língua) como objeto de estudo da Linguística, e não a *parole* (fala), por considerá-la individual e assistemática.

3.2.2. Estruturalismo de Saussure

Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), como a maioria dos Estruturalistas que acompanharam sua vertente teórica, não considerou como prioritário o estudo da fala como objeto de estudo legítimo da Linguística, acreditando na impossibilidade de estudá-la por não apresentar uma estrutura passível de análise em decorrência do fato de ser considerada variável, acidental, ao mesmo tempo existindo à mercê do próprio indivíduo (falante) que possui a liberdade de se expressar através de combinações e criações individuais, com base nas regras pré-estabelecidas pelo sistema língua.

Para Saussure, conforme já ressaltado, a língua deveria ser o objeto de estudo da Linguística, pelo fato de ser um produto social, ser coletiva, não havendo possibilidades de ser modificada por uma única pessoa. Além disso, ele compreendia a língua como um sistema homogêneo, constituído por elementos interligados entre si, altamente organizados, contendo regras específicas, portanto sendo possível a efetivação de sua análise através de estudos sistemáticos. Em função disso, debruçou-se nos estudos da língua, que era seu maior interesse. Costa (2008, p.115) reforça o que foi exposto, argumentando que:

A corrente estruturalista entende a língua como um sistema articulado e homogêneo, onde existem elementos coesos e inter-relacionados que funcionam a partir de um conjunto de regras estabelecidas dentro do próprio sistema.[...] a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma. É o que chamamos de estudo imanente da língua, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística deve ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas pelas suas relações internas.

Na concepção dos estruturalistas, a língua era encastelada, isolada, fechada, seguindo uma lógica interna, não admitindo a existência das variações que são inerentes a esse sistema abstrato. Além disso, as questões históricas não faziam parte de suas discussões, tampouco as influências exercidas pelo meio social. A esse respeito, Lucchesi (2004 a, p. 157) argumenta:

[...] o modelo teórico estruturalista não podia incorporar como objetos de sua reflexão sistemática nem a prática linguística concreta, nem o processo sócio-histórico de constituição da língua. Baniam-se, desse modo, todas as questões relativas ao caráter social e histórico da língua, dos principais cenários teóricos da ciência da linguagem.

O estruturalismo saussuriano realizava investigações referentes à língua em si mesma, ocupando-se da tarefa de descrever os diversos sistemas linguísticos (idiomas) oficiais, por meio de estudos sincrônicos, os quais, além de possuírem caráter totalmente estático, demonstravam o estabelecimento de relações entre os termos simultâneos, diferentemente dos estudos diacrônicos (históricos) que possuem caráter mais dinâmico, ocupando-se da tarefa de estudar as trocas de termos linguísticos por outros no decorrer do tempo. De acordo com as palavras de Saussure (2005 [1916], p. 23),

A língua passa a ser um sistema de signos em que um signo se define pelos demais do conjunto. Nesse sentido, a língua assim delimitada é de natureza homogênea; constitui-se num sistema de signos, onde, de essencial só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas [...] a língua é exterior ao indivíduo, o qual a aceita passivamente. Logo a língua só pode ser entendida como unitária e homogênea e opõe-se ao existir concreto. Para que isso ocorra, é necessário que ela seja desmembrada do processo histórico-cultural, sendo a língua, um objeto cultural e sincrônico.

Em função de todos esses fatores ligados à concepção Saussuriana e, posteriormente, à estruturalista de analisar a língua em sua imanência, Saussure recebeu severas críticas por parte de muitos estudiosos que procuravam compreender a linguagem não apenas colocando a língua como aspecto central, incluindo também, nesse processo, o sujeito, sua fala e sua história. Dentre esses estudiosos cita-se Antoine Meillet (1866 – 1936), discípulo de Saussure.

3.2.3. Meillet: Contraposições às Ideias de Saussure

O linguista Meillet também fazia parte do grupo de linguista da corrente estruturalista, pois, em alguns aspectos, comungava com as ideias do teórico Saussure; já, em outros, discordava desse. Pode-se mencionar que Meillet tanto quanto Saussure acreditavam na existência de uma estrutura interna da língua. Porém, diferentemente de Saussure, Meillet também considerava as influências do contexto social sobre ela, o que ocasionava as variações linguísticas. Acredita que, para estudar as línguas, visando melhor compreendê-las, era necessária a efetivação de estudos diacrônicos, ou seja, históricos.

Calvet confirma a argumentação acima, explicando que Saussure percebe a língua como um sistema que possui somente uma composição interna em todos os níveis, sintáticos, mórficos, fonético-fonológico, sem receber influências de fatores externos.

Entretanto, Meillet considera a possibilidade dos fatores extralinguísticos propiciarem transformações e ou mudanças nesse sistema linguístico organizado. (CALVET, 2002, p. 12).

Corroborar-se essa afirmação esclarecendo que desde os primórdios do século XX, em seus estudos, Meillet já afirmava que a língua deve ser definida como um fato social. Portanto, em seus argumentos, o discípulo de Saussure contradiz ao seu mestre, ao afirmar que: “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável” (MEILLET, 1948, p. 58).

Esse estudioso da área da linguística, em seus escritos, veementemente, enfatizou que, dentre as características da língua, a sua evolução e seu caráter social. Nesse sentido, Meillet ressaltava que “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1948, p. 60).

Percebe-se, dessa forma, que, na visão de Meillet, as variações linguísticas ocorrem por influências de fatores sociais, o que influenciará posteriormente o surgimento da Sociolinguística como um ramo da Linguística.

3.2.4. O Gerativismo de Noam Chomsky

Antes de realizar a abordagem sobre as características da Sociolinguística, acredita-se ser importante a realização de uma pequena explanação a respeito do Gerativismo Linguístico, o qual se constituiu em uma corrente de pensamento da área da Linguística que sucedeu o Estruturalismo, tendo como um dos principais representantes o linguista norte-americano Noam Chomsky (1928). Estruturalismo e Gerativismo apresentavam algumas características comuns como a crença na homogeneidade da língua e a negação das influências sociais sobre essa língua.

Contudo, alguns pressupostos são particulares ao Gerativismo, como o inatismo, pelo qual se defende a perspectiva de que o ser humano nasce com potencial para o desenvolvimento da linguagem a qual, por sua vez, é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Sendo assim, a linguagem vai sinalizar a capacidade cognitiva do indivíduo, pois quanto melhor for o vocabulário de uma criança, quanto mais ele se aproximar do vocabulário linguístico de um adulto, maior será sua capacidade

cognitiva (CHOMSKY, 1978, p.167). Segundo Gorski (2008, p.56), “a faculdade da linguagem corresponde, para Noam Chomsky, a um módulo linguístico em nossa mente, que é inato na espécie humana. Às regras que formam a faculdade da linguagem denomina-se gramática universal”.

De acordo com o Gerativismo, a gramática universal refere-se à uma gramática que o indivíduo já traz em seu cérebro ao nascer, nas quais estão guardadas e estabelecidas todas as regras e normas que são universais, ou seja, que podem ser atualizadas em qualquer dos idiomas. No entanto, a criança utiliza somente a gramática específica para o aprendizado de sua língua materna, excluindo as normas dos demais idiomas.

Noam Chomsky também postula que o ser humano possui a competência linguística e o desempenho linguístico. A competência linguística diz respeito à capacidade humana de produzir e emitir variadas sentenças linguísticas, distinguindo as frases consideradas gramaticais ou agramaticais, ou seja, frases com sentido (compreensíveis) e frases sem sentido (incapazes de serem compreendidas). Segundo o linguista, “a competência destaca-se como a capacidade de produzir variadas sentenças, em palavras, o sujeito sabe produzir sentenças de acordo com uma gramática interna, no qual, já sabemos distinguir uma frase gramatical. E desempenho é o uso concreto da língua” (CHOMSKY, 1978, p. 12). Sendo assim, o desempenho linguístico refere-se à forma com que cada pessoa utiliza seu conhecimento linguístico em sua comunicação diária, em seu cotidiano.

3.2.5. Labov e as Primeiras Experiências Práticas de Sociolinguística

Contrapondo os pressupostos teóricos metodológicos do Estruturalismo e do Gerativismo e, ao mesmo tempo, retomando as ideias de Meillet do início do século XX, William Labov (1927) apresenta uma nova concepção teórica para os estudos linguísticos, sendo assim considerado o pioneiro no desenvolvimento de pesquisas que abordam a variação linguística. A sua primeira investigação envolvendo o tema foi realizada na década de 1960, na conhecida Ilha de Marthas, em Vineyard, localizada nos Estados Unidos, no Estado de Massachusetts.

A comunidade residente nessa ilha que, de certo modo, era bastante isolada, começou a enfrentar mudanças sociais em função do processo de invasão de turistas que a visitavam no verão, o que acarretou mudanças sociais e conseqüentemente mudanças linguísticas.

Parte dos habitantes da ilha falavam a língua inglesa com um sotaque caracterizado pela acentuada centralização das vogais nucleares nos ditongos decrescentes, [ɐI] e [ɐU]; [əI] e [əU]. Essa característica era marcante no inglês utilizado no Canadá, mas não no inglês do Sudoeste dos Estados Unidos cuja forma padrão era [aI] e [aU]. Porém, logo após ter realizado a gravação das falas dos habitantes, Labov percebeu que cada falante apresentava uma grande quantidade de pronúncias diferentes. Em alguns momentos, registrava-se poucas centralizações dos ditongos, em outros, muita centralização das articulações e ainda em outras ocasiões, não havia centralização nenhuma. (LABOV, 2008, p. 27).

O autor passa a observar que as mudanças no contexto social propiciaram mudanças linguísticas, pois os residentes mais velhos dessa localidade começaram a utilizar a variante local, estigmatizada e não padronizada de uma forma mais marcante, ao contrário da variante utilizada pelos turistas, considerada de prestígio. De acordo com LABOV, a atitude dos nativos dessa comunidade era uma forma de indicar os turistas, considerados invasores da ilha.

Nesse contexto em que o autor reconhece a correlação entre realizações linguísticas e atitudes quanto aos usos da língua, ele cria um método para interpretar e compreender os fenômenos da língua, empregando o método quantitativo nesse estudo, por meio de cálculos numéricos e dados estatísticos. Desse modo, Labov conseguiu viabilizar o estudo e a análise da variação linguística, demonstrando uma sistematicidade para os usos linguísticos aparentemente assistemáticos, a partir dos condicionadores sociais. Esse modelo criado por Labov foi denominado de Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, ou ainda Sociolinguística Laboviana.

3.2.6. Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística realiza investigações referentes aos fenômenos linguísticos e suas relações com a cultura e a sociedade, sempre dentro de uma comunidade e em situações reais. Essa área da Linguística trouxe uma nova proposta e nova percepção a respeito da língua, concebendo-a como essencialmente social. Como princípio teórico, correlaciona a língua ao contexto social das pessoas (falantes), estudando a diversidade linguística existente em localidades selecionadas, ou seja, as diferentes formas de utilização dessa linguagem nos diversos contextos, ambientes e situações sociais.

Em geral, estuda as maneiras pelas quais os seres humanos (falantes) fazem o seu discurso, o qual apresenta variações dependendo da região em que reside (comunidade de fala), do sexo/gênero, idade, classe social, escolaridade, etc. De acordo com as palavras de Mollica e Braga (2003, p. 47) “À sociolinguística interessa a importância social da linguagem, desde pequenos grupos socioculturais e grandes comunidades”.

A Sociolinguística compreende a variação linguística como sendo uma característica pertencente a todas as línguas, sendo suscetível de análise e descrição, acreditando que a variação ocorre impulsionada por fatores internos e externos, ou seja, por fatores relacionados à própria estrutura da língua e por fatores sociais. Segundo Labov (2008, p.47),

[...] podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do porque o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço [...] o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística. [...] seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo.

Sendo assim, a Sociolinguística reconhece que cada comunidade de fala tem sua forma de se expressar oralmente, de que existem variações nessa forma de falar. Portanto, reconhece que as variações são intrínsecas à natureza da própria língua e que, em todas as sociedades, sempre existirão formas linguísticas em variação. No contexto da Sociolinguística Variacionista, denominam-se como variantes as formas linguísticas que estão em variação. Também se atribui o nome de variável linguística a uma soma, ou seja, a um conjunto de variantes. Tarallo reforça essa ideia afirmando que:

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística (TARALLO, 2007, p.8).

Nesse sentido fica clara a heterogeneidade da língua, pois membros da mesma sociedade (comunidade), sob a égide da mesma cultura, comungando os mesmos costumes e valores, ainda assim podem apresentar diferentes formas de expressão oral que se constituem nas variações linguísticas.

Mussalin & Bentes (2006, p. 34) afirmam que “de uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)”. Elas abordam que a

variação geográfica ou diatópica refere-se às diferenças linguísticas existentes dentro de um espaço geográfico (país, estado, cidade), perceptíveis entre falantes de diferentes regiões. No que concerne à variação social ou diastrática, relaciona-se a vários fatores interligados à identidade dos falantes, bem como a organização sociocultural da comunidade de fala a qual pertencem.

Pode-se verificar a existência dessas variações, observando-se a fala de pessoas (falantes) de diferentes regiões, por exemplo, um da região Sul e um da região Nordeste, atribuem nomes diferentes para o mesmo substantivo (no Sudeste, a mandioca é denominada de aipim e, no Nordeste, é denominada como macaxeira). Quanto aos aspectos sociais, as autoras afirmam que fatores como gênero, idade, ou classe social, também são determinantes nesse processo, havendo variações linguísticas, pois existem formas (termos) diversificados e diferentes na fala de jovens, se comparada à fala de pessoas adultas ou crianças.

É neste momento que o conhecimento da sociolinguística, ciência que estuda a língua falada dentro de um contexto social, se torna importante para o entendimento desse fenômeno que ocorre no cotidiano linguístico.

3.2.7. Comunidade de fala

O teórico Labov (1972) defende a ideia de que uma comunidade de fala compõe-se por um grupo de pessoas que residem em uma localidade (comunidade) na qual compartilham-se normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística. Ele menciona que a comunidade de fala não é determinada nem definida em função de acordos marcados quanto à utilização de elementos da língua, mas sim, principalmente, pela participação em um conjunto de normas que são compartilhadas por todos coletivamente. Elas podem ser identificadas através da observação de tipos bem explícitos de comportamentos avaliativos, bem como pela semelhança de seus termos abstratos de variação (formas de falar distintas das de outros grupos) que são invariáveis (constantes) com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p.120).

Nesse sentido, percebe-se que o autor considera o nível de consciência que possuem os falantes a respeito das normas e valores com relação à língua que compartilham com os demais indivíduos de seu grupo (comunidade), porém, enfatiza que, mesmo compartilhando normas semelhantes, não se expressam verbalmente da mesma

forma. Na realidade, é estabelecida uma homogeneidade com relação à comunidade de fala, mas não com relação ao uso da língua que é expressa através da fala dos indivíduos de formas diversas, sendo heterogênea e variável.

Segundo Labov (1972, p. 192), “membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real. Esse mesmo autor também afirma que “as atitudes sociais em relação à língua extremamente uniformes numa dada comunidade” é que mantêm a homogeneidade da Comunidade de Fala. Contudo, essa homogeneidade é conferida não em função das mesmas formas do uso da língua, porém em função das mesmas normas compartilhadas pelos indivíduos na comunidade. Sintetiza-se o pensamento de Labov, que considera a língua como heterogênea, enquanto que a comunidade de fala é concebida por ele como homogênea.

Guy (2000, p. 17), embasado na teoria Laboviana, demonstra alguns pressupostos sobre a comunidade de fala: a) há algumas características linguísticas compartilhadas na comunidade, como palavras, sons ou construções gramaticais que são específicas da comunidade, não sendo utilizadas fora desse locus; b) alta densidade de comunicação interna que se materializa no estabelecimento de interação verbal mais marcante entre as pessoas que fazem parte do grupo do que com pessoas que não fazem parte dele; c) compartilhamento de normas, ou seja, de atitudes semelhantes sobre o uso da língua, normas comuns a respeito da direção da variação estilística, bem como no que se refere às avaliações sociais sobre variáveis linguísticas.

Contudo, a respeito do caráter homogêneo da comunidade de fala atribuído por Labov, alguns autores passaram a tecer críticas, não aceitando essa definição. Dentre os autores que possuem ideias contrárias, menciona-se: Figueiroa (1994); Romaine (1994) e Severo (2008);

Figueiroa (1994) se opõe ao pensamento de Labov, no que se refere à relação estabelecida entre o **indivíduo** e seu **grupo social**, abordando que há uma sujeição ou subordinação do primeiro ao segundo, afirmando que esse fato proporciona dificuldades na observação do comportamento linguístico, pois ele seria determinado pelo grupo e os dados coletados acontecem de forma individual. Dessa forma, Figueiroa (1994, p. 89) questiona: “como sustentar que a língua se localiza na comunidade, quando o comportamento linguístico estudado é extraído dos indivíduos?”

De acordo com a ideia de Severo (2008), a comunidade de fala é heterogênea, pois os indivíduos dessa comunidade convivem e fazem parte de diversos grupos sociais,

havendo uma pluralidade de contextos nos quais as pessoas utilizam a língua. Romaine (1994, p. 24) também discorda de Labov, abordando que os aspectos que definem os limites existentes entre as comunidades de fala são sociais, não o fato de compartilharem a mesma língua ou as mesmas regras e normas gramaticais orientadoras do uso da língua.

A autora também não aceita a opinião de que as pessoas pertencentes a uma mesma comunidade utilizem as mesmas regras gramaticais da mesma maneira e questiona se “há realmente comunidades de fala que utilizam regras de gramática da maneira pela qual Labov teria nos feito crer”? (1994, p. 15).

Assim sendo, ela se opõe ao pensamento de Labov, afirmando que os indivíduos residentes na mesma comunidade de fala não utilizam as regras gramaticais da mesma forma, conseqüentemente não há homogeneidade na localidade, pois mudanças não ocorrem de maneira uniforme na comunidade de fala, mas de forma localizada e individualizada.

Além disso, há autores que se expressam declarando que a comunidade de fala de Labov é muito ampla, propondo que as pesquisas na área da sociolinguística envolvam níveis mais restritos para significar comunidade. Com isso, surgiram as noções de “redes sociais” e “comunidade de prática”. No que se refere às redes sociais, os autores Britain e Matsumoto (2008) ressaltam que não são embasadas em usos, nem em avaliações ou normas compartilhadas e seguidas pelos grupos, na realidade o que as embasa são os elos existentes entre as pessoas, as relações sociais desenvolvidas que podem ocorrer no contexto familiar, na vizinhança, entre grupos de amigos, dentre outros. As pessoas desses grupos (redes sociais) possuem vínculos sociais e linguísticos. Britain e Matsumoto (2008) também abordam que:

A expressão 'redes sociais' pode ser utilizada metaforicamente, referindo-se a grupos que possuem laços sociais em comum, e metodologicamente, trabalhando com maneiras de definir e medir a estrutura da comunidade analisada. Este segundo aspecto abrange a força de uma rede sobre o comportamento linguístico dos indivíduos em dada comunidade e isso inclui o envolvimento de fatores emocionais, de tempo, de intimidade ou de reciprocidade, por exemplo.

Sendo assim, nas redes sociais, há o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos, nesse contexto também são estabelecidos laços linguísticos.

Em se tratando de comunidade de prática, ela é constituída por grupos de pessoas, ligadas e engajadas em prol de objetivos comuns, geralmente convivendo juntas (em pequenos ou longos espaços de tempo diários) em ambientes e contextos laborais,

profissionais, acadêmicos, dentre outros. Essas pessoas compartilham de vários tipos de práticas, dentre elas, também práticas linguísticas específicas. A respeito da caracterização de uma comunidade de prática, Meyerhoff (2004, p. 526) menciona três aspectos importantes que são:

a) os membros de uma comunidade de prática precisam estar juntos para engajarem-se em suas práticas compartilhadas; (b) os membros compartilham de algum empreendimento negociado em comum, ou seja, eles se unem por causa de um propósito; e (c) o repertório compartilhado em uma comunidade de prática e o resultado cumulativo de negociações internas. Nesse sentido, os repertórios mencionados são dinâmicos, isto é, modificam-se conforme o seu uso e as negociações dentro da comunidade. Com isso, os seus membros compartilham de práticas culturais diversas e, por esse motivo, as escolhas na língua estão em constante negociação, e essas ocorrem implicitamente, no decorrer das trocas comunicativas.

Após a explanação a respeito do significado de comunidade de fala, redes sociais e comunidade de prática, percebe-se que há diferenças estabelecidas entre elas, e faz-se necessário, no momento da realização de análises relacionadas à área da Sociolinguística, que o pesquisador identifique o tipo de comunidade a ser investigada. Na comunidade de fala, oriunda da teoria variacionista de Labov, as pessoas que a constituem não conhecem uns aos outros, muito menos estabelecem relações sociais entre si, nem por laços de parentesco, amizade ou afetividade. Os integrantes das comunidades de fala também não são pessoas altamente engajadas no desenvolvimento de um projeto de vida ou projeto profissional comum que visa alcançar metas ou atingir objetivos, o que é explícito quando se refere a redes sociais e comunidades de prática. Segundo Vanim (2009, p. 152),

Os membros de uma comunidade de fala não precisam, necessariamente, se conhecerem, enquanto os de uma rede social certamente sim, já que estão ligados por diferentes graus de laços de interação, interessando o que as pessoas são. Mas, para uma comunidade de prática, essa conexão não basta; é necessário, nesse caso, que os indivíduos tenham um engajamento em comum, levando-se em conta as suas ocupações: pessoas que se relacionam por causa de uma determinada atividade costumam participar de uma mesma comunidade de prática. Dessa forma, elas compartilham práticas culturais distintas, o que se reflete nas suas trocas linguísticas.

Sendo assim, o conceito de comunidade adotado nessa pesquisa, o que se considerou como mais adequado e que melhor traduz o perfil do grupo investigado é o de **comunidade de fala**, pois os falantes foram selecionados de forma aleatória, não possuindo nenhum tipo de vínculo estabelecido por laços sociais ou afetivos, nem são partícipes de grupos de profissionais, clubes ou associações que comungam de interesses e objetivos comuns. São pessoas distintas, que nem ao menos se conhecem, porém

compartilham das mesmas normas linguísticas e gramaticais estabelecidas nesse espaço geográfico que é a área urbana de Santa Isabel do Rio Negro, cidade localizada no Estado do Amazonas, especificamente na região do Alto Rio Negro.

3.3. Sociofuncionalismo Linguístico

3.3.1. Surgimento do Sociofuncionalismo Linguístico

Até o final da década de 1970, as pesquisas da área da linguística eram efetuadas seguindo-se as orientações metodológicas e pressupostos de uma única teoria, no entanto, a partir da década de 1980, experiências de realizações de investigações da área da linguística, utilizando-se duas teorias agregadas, começaram a surgir. Porém, em função disso, autores mais conservadores se opuseram a essas ideias, enquanto outros a viam com bons olhos. Sendo assim, vários debates começaram a ser travados entre os autores, acerca da viabilidade dessas pesquisas. Dentre os autores de opinião desfavorável a essa hibridização, no caso, do enlace entre duas teorias, citam-se Borges Neto e Muller (1987, p. 493), adeptos do que denominavam de “pureza ou independência epistemológica da metodologia dos programas de investigação científica”.

Dentre os mais tolerantes dessa ideia de junção entre as referidas teorias, menciona-se Tarallo (1986, p.142), argumentando que “soluções complementares somente enriquecerão a qualidade de nossas análises”. Também Oliveira (1999, p.300) acreditava na viabilidade do estabelecimento de um enlace entre diferentes concepções, afirmando que:

Não é necessário que as diferenças sejam interpretadas como alternativas excludentes, como impossíveis de serem tópicos de uma conversa comum, pois é possível construir coerências onde há diferenças, porque os pesquisadores acertam os relógios de metalinguagens, compreendem os termos de uma teoria na linguagem da outra.

Esses autores consideraram que, apesar de não ser tarefa fácil buscar um diálogo entre diferentes teorias, sendo necessário muito esforço, a interlocução não era impossível. Então, dentre as pesquisas híbridas que começaram a ser realizadas, sinaliza-se o sociofuncionalismo que também surgiu na década de 1980. Tavares (2013, p.28) corrobora com essa afirmação, proferindo que:

Desde o final dos anos 80, uma orientação de pesquisa que pode ser denominada “sociofuncionalismo” vem se dedicando à investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística, buscando articular, para a análise e a explicação desses fenômenos, pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico norte-americano ou, em sua denominação mais recente, linguística baseada no uso.

É importante entender, que os estudos desse período ainda não abordavam de forma altamente sistematizada os estudos de sociofuncionalidade. Contudo, já traziam fundamentos de uma postura que buscava diminuir o abismo entre duas vertentes um tanto quanto distanciadas: a sociolinguística variacionista e o funcionalismo linguístico.

O que possibilitou o surgimento dessa linha de pensamento no Brasil, foi, principalmente, o fato de alguns teóricos potencializarem o diálogo entre pensamentos diferentes, quebrando a ideia, anteriormente aceita por muitos linguistas, de que a divergência é algo que impossibilita a busca do diálogo, postura que fortalecia a fragmentação que assolava a busca do conhecimento.

Sendo assim, percebe-se que houveram dificuldades para o surgimento da nova abordagem sociofuncionalista, pois as divergências existentes entre a sociolinguística e a funcionalidade eram inevitáveis. Por conseguinte, houve a necessidade da manifestação de uma postura de pesquisa na qual o investigador não fuja ou ignore a distinção ou contradição, mas busque enveredar por caminhos nos quais a diversidade seja uma constante e se complementa, aceitando que, talvez, a própria diferença faça com que surjam novas perspectivas de pensamentos ainda não pensados anteriormente.

De acordo com May (2009, p.3), “É nessa direção, favorável à “conversa na diferença”, que entra o quadro sociofuncionalista nos estudos linguísticos brasileiros. Nessa abordagem, a conversa se dá entre a sociolinguística variacionista quantitativa e o funcionalismo linguístico voltado ao estudo da gramaticalização.

Com o amadurecimento da ideia, vários estudos pautados nos pressupostos teórico-metodológicos do sociofuncionalismo foram realizados a partir da década de 1990. Pode-se mencionar os trabalhos de Roncarati (1996, 1997), Tavares (2003), Snichelotto (2009), Torres (2009, 2012), e May (2009).

3.3.2. Abordagem Sociofuncionalista: Convergências entre Sociolinguística e Funcionalismo

Conforme relatado, o **sociofuncionalismo** surge basicamente a partir da busca de um processo articulatório entre perspectivas do **funcionalismo** e da **sociolinguística variacionista**. Vários autores identificaram aspectos divergentes entre esses campos teóricos, contudo essas divergências não impediram o esforço por um diálogo pautado na busca de um fenômeno misto, pois também foram detectados muitos pontos em comum entre as duas correntes teórico-metodológicas. Nesse estudo, o interesse maior está pautado nos aspectos comuns, convergentes, sobre os quais faz-se uma breve abordagem.

O ponto mais promissor, no que concerne à aproximação dessas duas vertentes, é o fato das duas não se distanciarem do processo da **mudança**, mesmo que uma parta da perspectiva da **variação** propriamente dita, e a outra de uma funcionalidade que sofra uma graduada **mudança**. Sendo assim, o foco principal do sociofuncionalismo é analisar a língua, devido ao seu fenômeno natural chamado de **variação**, percebendo que a língua não é estática, necessitando de movimento para a manutenção da sua própria existência, conseqüentemente pode-se afirmar que a variação é algo vital a língua.

No que se refere à **variação estilística**, há uma grande aproximação entre o pensamento de Labov (2008) como representante da sociolinguística e de Traugott (2002), como funcionalista. O primeiro percebe que a variação estilística se constitui em uma forma de adaptação da linguagem do falante ao contexto do ato de fala, enquanto que o segundo acredita que as transformações são desencadeadas por práticas discursivas e sociais, como também percebe que as pesquisas de cunho funcionalistas de gramaticalização podem auxiliar nos estudos sociolinguísticos da variação intrafalante, ou seja, as variadas formas que o mesmo falante usa nos diferentes ambientes e ocasiões.

Partindo dessa premissa, acredita-se que seja imprescindível objetivar os estudos para algo natural no processo sistêmico da língua. Isso se percebe até em aspectos voltados para a gramática, pois, embora o léxico seja mais mutável, a gramática também sofre variações e mudanças, resultantes de fenômeno como a **gramaticalização**.

Bybee (2010) faz menção à **frequência**, afirmando que os funcionalistas a consideram indispensável para manter a gramática. A autora também diz que é um aspecto importante para indicar ou sinalizar mudanças linguísticas e sociais percebidas em função da grande difusão de seu uso. Ao mesmo tempo, na visão do sociolinguísta Labov (2008), a expansão da **frequência** significa a incidência de difusões de variantes sociolinguísticas que dependendo dos níveis de sua recorrência podem ser analisadas e comparadas a outras utilizando-se programas estatísticos.

É sabido que **sociedade e linguagem** são tão conectadas que não se enxerga uma sem a outra. É um paradoxo complementar tão perfeito que não se pode delimitar qual depende de qual para garantir que seu sistema estrutural continue funcionando com eficácia. Isso acaba sendo mais um ponto que justifica ainda mais a importância de se discutir a linguagem a partir de uma postura sociofuncionalista, que, pela sua própria natureza teórica, busca entender a relação entre variação e mudança estrutural de modo cada vez mais holístico. E como bem afirma Tavares (2013, p. 76), “mudanças na estrutura linguística refletem mudanças na estrutura social”, ou seja, transformações na ordenação sistemática na sociedade tem sua relação direta com mudanças na estrutura da língua.

A finalidade de qualquer sistema de análise da língua é fazer com que indivíduos possam exercer seu espaço em um processo comunicativo, ou seja, a análise da língua não pode seguir uma postura isolada do contexto maior. Ela precisa de uma conexão com a realidade do falante. Toma-se, como exemplo, a ideia de se trabalhar apenas o funcionalismo de modo absoluto. No entanto, não tem como a estrutura ser encarada numa ação autônoma em relação à sua função comunicativa discursiva, como confirma Tavares (2013, p. 78):

Do lado do Funcionalismo, também existem obstáculos a serem superados. Se assumirmos uma perspectiva funcionalista radical, como a de Bolinger (1977) – de que a condição natural da linguagem é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma, numa correlação biunívoca entre forma e função (versão forte do princípio da iconicidade) –, não há conciliação teórica possível, pois simplesmente não haveria variação.

Trabalhar concepções linguísticas de forma afastada de um todo maior é muito prejudicial para o entendimento dos fenômenos. Não se pode entender o trabalho com a estrutura da língua como independente, distanciada, de modo que essa ordenação sempre será forçada a se moldar a partir de uma realidade linguística que sempre está em metamorfose.

Na análise de algo tão complexo que é o sistema linguístico, é importante ir além da codificação linguística, buscando um estreitamento dessa possibilidade com o fenômeno do uso da língua, ou seja, de como essa estrutura será utilizada em situações comunicativas reais. Percebe-se que a língua se molda a partir de várias possibilidades, como um sistema que precisa se adaptar constantemente com o que há de vir. É uma estrutura que é contornada por padrões relativamente estáveis durante a temporalidade histórica. É preciso entender que não existe uma linearidade no uso da língua, de modo

que, existe um exercício de harmonia entre formas relativamente cristalizadas, com outras novas que emergem a partir de necessidades cognitiva, discursiva, comunicativa. Pela sua própria essência, o sistema linguístico é vivo, adaptável e dinâmico.

A linguagem é desenvolvida, principalmente, pelas experiências humanas. Como forma de entendimento de seu mundo, o falante categoriza objetos da natureza, da realidade, do mundo, a fim de sistematizar o processo. Por isso, podemos afirmar que o procedimento que desenvolve construções gramaticais novas não resulta do estático, mas a partir **do uso da própria língua em uso**, no qual a habilidade cognitiva é uma realidade. Em outras palavras, a língua consegue se organizar em ações que *a priori* parecem desorganizadas, sempre tentando justapor uma relativa regularidade que anda lado a lado com uma instabilidade, as quais são impulsionadas e moldadas por ações discursivas interacionistas presentes no cotidiano do falante.

Para se aventurar na missão de explicar a gramática, levando em conta o uso que dela fazem os falantes, principalmente num procedimento interacional, o pesquisador necessita levar em conta contextos de comunicação que forçam a atualização constante desse uso. “A língua é concebida como um sistema inerentemente heterogêneo e variável, que serve de meio de comunicação entre os falantes de uma comunidade e que no qual atuam constantemente forças linguísticas e sociais” (GALVÃO; NASCIMENTO, s.d. p.358).

Partindo disso, pode-se afirmar que um dos objetivos do sociofuncionalismo é, justamente, entender como esses aspectos vivos e dinâmicos de interação se cristalizam em formas gramaticais. Importa descobrir como acontece a estimulação ou o bloqueio que normatiza esses fenômenos. Essas mudanças gramaticais acontecem, obviamente, de modo mais gradual, mas é imprescindível que haja um esforço para a constante renovação das estruturas linguísticas, a fim de que ocorram novas possibilidades de crescimento, por exemplo: repensar conceitos já observados a partir de novos prismas; entendimento de novos “porquês” no fenômeno da mudança; conhecimento de novos elementos condicionadores da mudança.

Partindo de toda essa discussão que busca o diálogo entre as duas teorias é que resultou na proposição teórica do sociofuncionalismo. Nesse quadro teórico, um fato que deve ser acordado é que tanto a sociolinguística, quanto o funcionalismo trabalham em prol de um termo em comum, chamado de *mudança*. Para perspectivas funcionalistas, o termo ***mudança*** relaciona-se ao surgimento das inovações e a disseminação social delas. Já na concepção sociolinguística, a ideia de *mudança* está

relacionada também à disseminação social das inovações, contudo fazendo uma análise do grau que essa disseminação está relacionada às distribuições dos elementos linguísticos.

Pode-se perceber também outra aproximação da sociolinguística com o funcionalismo em um fenômeno chamado *língua*. O modelo funcionalista, mesmo não privilegiando a língua na sua ação efetiva de uso (a fala), identifica a *língua* como um sistema de combinações, contradições, posições estabelecidas, contraposições etc., ou seja, um sistema interrelacionado, o qual propicia infinitas possibilidades de combinações entres os elementos linguísticos, claro que sem manter o foco nas influências de ordem extralinguísticas. Por outro lado, percebe-se que, mesmo a sociolinguística atuando mais no sistema linguístico da fala, essa, de uma maneira ou de outra, receberá seu tratamento dentro do sistema da *língua*, fazendo uma conexão com os elementos linguísticos trabalhados no funcionalismo: fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Após a exposição dos pontos de aproximação existentes entre teoria sociolinguística e funcionalista, afirma-se que ambas as teorias consideram a língua: **heterogênea, variável, dinâmica, mutável**; priorizam pesquisas **diacrônicas** e **sincrônicas**, pautando seus estudos na **língua em uso**; apresentam grande interesse nos estudos sobre a **frequência** das ocorrências; estabelecem relações entre a **língua** e a **sociedade**; estudam a **gramaticalização**, que é processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática. Com base nas pesquisas de Tavares (2013), demonstra-se essas convergências de maneira mais sintética no quadro 8:

Quadro 8: Aspectos Convergentes entre Sociolinguística e Funcionalismo

Sociolinguística e Funcionalismo: Aspectos Convergentes		
1	Funcionalista: Givón (1995)	Estudos funcionalistas e sociolinguísticos priorizam a língua em uso, considerando a sua heterogeneidade, variação e mudança.
	Sociolinguistas: Weinreich; Labov; Herzog (2006) [1968]	
2	Funcionalistas: Givón (1995, 2001); Hopper (1987)	As duas teorias: funcionalistas e sociolinguísticas consideram a dinamicidade da língua, bem como suas constantes alterações.
	Sociolinguísta: Guy (1995)	
3	Funcionalistas: Givón (1995); Hopper (2001); Traugott (2003)	Ambas as teorias apresentam interesse expressivo sobre o fenômeno da mudança linguística, considerando-o como um processo que acontece de maneira contínua e gradual.
	Sociolinguistas: Weinreich; Labov; Herzog (2006) [1968]	

4	Funcionalistas: Heine; Claudi; Hunnemeyer (1991)	Acreditam que tanto os dados sincrônicos, quanto os dados diacrônicos devem ser analisados nas pesquisas de forma complementar, com a intenção de obter resultados mais confiáveis referentes às mudanças da língua.
	Sociolinguista: Labov (1994)	
5	Funcionalistas: Hopper; Traugott (2003)	As duas correntes teóricas acreditam no uniformitarismo, ou seja, que os mesmos fatores sociais e forças linguísticas que desencadearam as variações e mudanças na língua no passado, são os mesmos que operam as variações e mudanças na atualidade.
	Sociolinguista: Labov (2008) [1972a]	
6	Funcionalista: Bybee (2010a)	Funcionalistas e Sociolinguistas apresentam grande interesse nos estudos sobre a frequência das ocorrências. Segundo os funcionalistas, a frequência é relevante para a manutenção da gramática; o processo de difusão linguística e social da mudança pode ser percebido por meio do aumento da frequência de uso em diversos e diferenciados contextos. Para os sociolinguistas variacionistas, o aumento de frequência é compreendido como índice de difusão Sociolinguística e as variantes devem ter certa recorrência para que possam ser comparadas utilizando-se instrumentos estatísticos de análise de dados.
	Sociolinguista: Labov, (2008) [1972a;b]	
7	Funcionalista: Lichtenberk (1991)	Funcionalistas e sociolinguistas consideram a relação existente entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que se apropria da língua e a usa cotidianamente. Afirmam que a mudança acontece e se propaga gradualmente ao longo dos espaços sociais, considerando-se vários fatores como: região, gênero, geração, classe social, profissões, etc.
	Sociolinguista: Labov (2008) [1972a]	
8	Funcionalista: Traugott (2002)	Ambas as teorias dão importância aos fatores de natureza interacional, afirmando que eles exercem grandes influências na variação e na mudança linguística. Sendo assim, o sociolinguista Labov (2008 [1972a]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. Por sua vez, o funcionalista, Traugott (2002) defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais e acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para estudos sociolinguísticos da variação intrafalante.
	Sociolinguista: Labov (2008) [1972a]	
9	Funcionalistas: (cf. HARDER, BOYE, 2011)	Ambas as teorias estudam a gramaticalização, que é processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática. Segundo os funcionalistas (cf. HARDER, BOYE, 2011), muitos casos de variação e mudança morfossintática podem ser explicados à luz desse processo. O sociolinguista Labov (2010) faz menção à gramaticalização como um dos possíveis processos esclarecedores das mudanças morfossintáticas.
	Sociolinguista: Labov (2010)	

Fonte: Tavares (2013)

Ao término dessa abordagem, verifica-se que o fato das duas teorias terem em comum a preocupação com a *mudança linguística*, mesmo que sejam em perspectivas distintas, já torna o sociofuncionalismo uma perspectiva teórica pertinente para o estudo da variação nas línguas. E é nesse panorama que se inserem os estudos da variação e mudança na língua portuguesa. É fato que o português sofreu inúmeras mudanças durante esses mais de quinhentos anos em território brasileiro, principalmente

considerando a sua história de formação, referente aos contatos com outras línguas que participaram do processo de colonização como as línguas dos africanos, indígenas e povos invasores (europeus).

Isso resultou em um português com características específicas, heterogêneo, diverso. Percebe-se normas próprias espalhadas nas mais diversas comunidades desse imenso território brasileiro. Uma das grandes finalidades do sociofuncionalismo é somar com outras teorias no propósito de mostrar cientificamente que essas mudanças não podem ser consideradas como desvios ou erros, e sim como processos linguísticos naturais, aos quais as línguas universalmente seguem seus cursos, dependendo das escolhas que cada comunidade faz de seus usos linguísticos.

O sociofuncionalismo, pela sua própria proposição, não promete caminhos de análises convencionais, contudo revela percursos promissores, frutíferos, intrigantes e instigantes para a compreensão desse processo altamente complexo que é um fenômeno tão presente na vida dos falantes: a variação e a mudança linguísticas.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a presente pesquisa se enquadra nos moldes teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista quantitativa e do sociofuncionalismo. Os dados coletados recebem tratamento quantitativo e verificam-se esses resultados em referência aos objetivos propostos de averiguação dos fenômenos relacionados à língua em uso, envolvendo suas variações e mudanças na fala de informantes da cidade de Santa Isabel do Rio Negro, focalizando verificar os mecanismos de alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito naquela comunidade de fala.

Podem ser citados outros trabalhos dessa natureza, dentre eles, os estudos de Tesch (2007) e Costa (1997, 2003), os quais comprovaram que o pretérito imperfeito está ocupando de forma significativa o ambiente sintático semântico do futuro do pretérito. Esses fenômenos linguísticos confirmam a movimentação ocorrida com a língua que, pelo fato de não ser estática, sofre várias mudanças, sendo alterada constantemente, (como demonstra o item 2 do quadro 8).

Sendo assim, no que concerne à futuridade na fala Isabelense, nesse estudo, busca-se demonstrar alterações na língua, através da identificação de usos de formas verbais inovadoras que se diferenciam da língua padronizada, comprovando a ideia de que a língua não é estática, estando sempre em movimento contínuo e gradual (fato esse que apresenta-se em conformidade com o item 3 do quadro 8).

Com relação à frequência do uso (correlacionada ao item 6 do quadro 8) de formas verbais inovadoras, verificou-se no estudo a frequência dos usos das formas verbais iria +v; ia+v; PI e FP. É válido ressaltar que as investigações de cunho sociofuncionalistas (conforme o item 7 do quadro 8) consideram os fatores extralinguísticos na análise dos dados. Por isso, na presente investigação, consideraram-se os fatores região, idade (geração), escolaridade, gênero, com a finalidade de averiguar os aspectos propiciadores das variações.

CAPÍTULO 4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização de qualquer pesquisa é necessário seguir caminhos que direcionem e facilitem o alcance dos objetivos almejados de maneira satisfatória, portanto todo processo de investigação necessita de uma metodologia indicando o percurso mais adequado pelo qual o pesquisador deve trilhar para que o seu estudo seja efetuado e concluído com êxito. Segundo Fonseca (2002, p. 35), “Metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica”.

Tendo em vista não só a elaboração, mas também o fechamento deste estudo de maneira satisfatória, foi estabelecida uma metodologia, a qual se considerou a mais adequada para a presente investigação. Deste modo, neste capítulo, apresentam-se todos os procedimentos metodológicos utilizados, os quais estão elencados conforme exposto nesta sequência.

a) Caracterização da pesquisa: neste tópico são apresentados os tipos de pesquisas efetivadas que se caracterizam quanto aos fins como descritiva e explicativa; quanto aos meios bibliográfica e de campo; e quanto à abordagem (natureza) quali-quantitativa;

b) População, Amostra e Perfil dos Informantes: nesse item são descritas as características e a quantidade de falantes envolvidos nesta pesquisa;

c) Os Instrumentos de coleta de dados: expõe-se sobre a elaboração e realização das entrevistas efetuadas, as quais possibilitaram a constituição do *corpus*, bem como a sua análise;

d) Tratamento dos Dados: explica-se a metodologia empregada para a realização da transcrição grafemática dos dados e a aplicação do programa computacional *Goldvarb*

X, a codificação dos dados e os resultados estatísticos gerados pelo programa e a sua importância e sua utilidade para a análise e discussão dos resultados de pesquisa.

4.1. Caracterização da Pesquisa

4.1.1. Quanto aos Fins da Pesquisa

No que se refere aos fins, a presente investigação pode ser considerada descritiva e explicativa, uma vez que se descreve o fenômeno em estudo, buscando compreender e explicar os resultados obtidos. O primeiro capítulo deste estudo é essencialmente descritivo uma vez que traz uma descrição do *locus* da pesquisa, apresentando um breve histórico, abordando ainda aspectos de natureza geográfica, socioeconômica, educacional, cultural e linguística. De acordo com Triviños (1987, p.110), “o estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade, de modo que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura”. Ressalta-se que o interesse maior foi descrever os aspectos relacionados à linguagem dos falantes dessa localidade.

A pesquisa também é de natureza explicativa. Quanto a esse tipo de processo investigativo, Gil (2008, p.18) argumenta que “a pesquisa explicativa visa identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso, é o tipo mais complexo e delicado”. Sendo assim, pretende-se esclarecer o fenômeno em estudo, identificando quais são os fatores tanto internos quanto externos (sociais) que estão influenciando as variações linguísticas evidenciadas na fala dos residentes do município de Santa Isabel do Rio Negro.

4.1.2. Quanto aos Meios da Pesquisa

Quanto aos meios de elaboração da pesquisa, foi realizada *a priori* uma pesquisa bibliográfica, a qual, segundo explicam Lakatos e Marconi (2001, p. 183), “abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que for escrito”.

Para a efetivação da citada pesquisa, a investigadora debruçou-se na busca, na leitura e compreensão de livros, artigos e textos de autores que efetivam investigações relacionadas à área da Linguística, Sociolinguística e Sociofuncionalismo, pois foram essas teorias que embasaram o referencial teórico do presente estudo.

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo. Em referência a esse tipo de pesquisa, Gonsalves (2001, p.67) explica:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Para isso, a pesquisadora se deslocou da cidade de Manaus, onde reside, para o local da pesquisa, Santa Isabel do Rio Negro, município do interior do Estado do Amazonas, que fica distante da capital a 632, 91 Km, em linha reta.

O período de permanência no município foi de aproximadamente um mês, tempo suficiente para coletar os dados necessários à investigação da ocorrência do fenômeno linguístico em estudo. Estando nessa localidade, buscou-se conhecer a cultura, os valores sociais e costumes dos seus residentes, aproximando-se dessa comunidade, com o objetivo precípuo de selecionar os informantes para a pesquisa, seguindo os critérios previamente estabelecidos.

4.1.3. Quanto à Natureza da Pesquisa

A convergência entre as abordagens teórica e metodológica da Sociolinguística variacionista e do Sociofuncionalismo possibilita a realização de investigações mais consistentes e completas sobre o fenômeno da variação, pois viabilizam a identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que propiciam a variação nos diversos níveis de análise linguística, incluindo os fenômenos gramaticais, apresentando resultados estatísticos por meio da aplicação do método quantitativo. Simultaneamente, oportuniza a compreensão dos condicionadores socioculturais que promovem as variações e possíveis mudanças linguísticas, através da interpretação desses resultados estatísticos, isto é, por meio da análise qualitativa.

Desse modo, a abordagem quali quantitativa favorece metodologicamente a análise dos fenômenos linguísticos nas perspectivas teóricas sociolinguísticas e sociofuncionalistas. Cano (2012, p.110) expressa que:

com efeito, diversas pesquisas bem sucedidas utilizam técnicas eminentemente qualitativas em conjunto com outras quantitativas, por exemplo, conduzindo entrevistas ou grupos focais para preparar um questionário ou para ajudar a entender os resultados do survey. Em suma, ambas as abordagens podem ser consideradas complementares muito mais do que antagônicas, a despeito do esforço de alguns para enfatizar a dicotomia.

Em função dessas premissas, a pesquisa seguirá a abordagem quali quantitativa, no campo teórico da Sociolinguística variacionista e do Sociofuncionalismo, visando investigar no uso da língua portuguesa a alternância entre as formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no contexto do *irrealis* na comunidade linguística de Santa Isabel do Rio Negro, em uma abordagem sincrônica.

Ressalta-se que a pesquisa quantitativa possibilita verificar a frequência da ocorrência de determinados fenômenos linguísticos, através de dados estatísticos. Segundo o autor Fonseca:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc (FONSECA, 2002, p.10).

No escopo desse estudo, conforme já explicitado, pretende-se verificar através de dados estatísticos (matemáticos) a frequência de uso da forma tradicional (futuro do pretérito) e a forma inovadora (pretérito imperfeito), tanto em suas formas sintéticas e perifrásticas, em não modais, com o intuito de constatar se essa alternância se apresenta em um processo de mudança em curso ou estável. Também pretende-se identificar quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou restringem a utilização de uma ou outra variante.

No que se refere à pesquisa qualitativa, esta auxilia o desvelamento dos fenômenos através da interpretação dos dados. A respeito desse tipo de pesquisa, a autora Minayo, assim se pronuncia:

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação (MINAYO, 2001, p. 21)

Sendo assim, nessa investigação, realizar-se-á a análise interpretativa dos fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a mudança acima citada, através da interpretação dos dados estatísticos, verificando quais os fatores extralinguísticos que promovem as variações.

Acredita-se, dessa forma, que somente uma análise qualiquantitativa alcançará os objetivos traçados para o desenvolvimento deste estudo. Naro (2003, p. 25) explica que “o progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas”. Sendo assim, a abordagem qualiquantitativa adequa-se perfeitamente às pesquisas sociolinguísticas e às de cunho sociofuncionalistas, considerando que seus resultados quantitativos necessitam de uma análise qualitativa para melhor elucidação dos fenômenos (variações) da língua e de seus processos de gramaticalização que ocorrem nas comunidades de fala,⁷ condicionados por fatores sociais e uso da língua.

4.2. População, Amostra e Perfil dos Informantes

A população da pesquisa é composta por pessoas residentes no município de Santa Isabel do Rio Negro. Segundo Appolinário (2004, p. 14), “entende-se por população de uma pesquisa de natureza teórico-empírica, um grupo de pessoas, objetos ou eventos que possuem um conjunto de características comuns que os definem, que se deseja estudar e

⁷ Tarallo (2007) expõe que a teoria Sociolinguística tem por objetivo analisar e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Esse assunto é desenvolvido no Capítulo 3, Aporte teórico.

sobre os quais se efetivarão generalizações”. Assim, entende-se que a população acima mencionada, alvo dessa pesquisa, compõe uma sociedade que comunga uma cultura (hábitos, costumes e valores), bem como uma língua estabelecida, nesse mesmo espaço geográfico, portanto, constituem, em termos da Sociolinguística Variacionista Laboviana, uma Comunidade de fala. De acordo com Labov, na perspectiva dos usos linguísticos, “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008, p. 188).

Então, deve-se esclarecer que, na comunidade de Santa Isabel do Rio Negro, tanto quanto em qualquer sociedade, existem normas de usos linguísticos que são compartilhadas pela comunidade de fala, porém, isso não significa que todos falantes usem as mesmas formas.

No que se refere à amostra dos informantes que representam a comunidade de fala de Santa Isabel do Rio Negro, foi selecionada de forma aleatória estratificada. Então, para compor o *corpus* desta pesquisa, contou-se com a participação de 24 informantes, os quais foram selecionados segundo critérios pré-estabelecidos, conforme a localidade de nascimento, a escolaridade, a faixa etária, o gênero, o número de viagens realizadas fora do município, a naturalidade dos pais e do cônjuge, a língua materna, com o propósito de analisar os fenômenos linguísticos e identificar fatores de ordem social que possam atuar como condicionadores, tais como:

1. naturalidade do informante, com exatidão de sua origem ou de sua localidade de nascimento. Foram selecionados como informantes os naturais de Santa Isabel do Rio Negro e/ou residentes nesta localidade há mais de 1/3 de sua vida. Compõem o quadro de informantes dessa pesquisa 22 informantes com a naturalidade santa-isabelense (Santa Isabel do Rio Negro) e 2 informantes que nasceram em São Gabriel da Cachoeira, mas vivem no município em estudo há mais de 1/3 de suas vidas;
2. nível de escolaridade distribuídos em quatro classes, sendo: 6 informantes com nível escolar do Ensino Fundamental I; 6 informantes com o nível escolar de Ensino Fundamental II; 6 informantes com o nível escolar do Ensino Médio e, por fim, 6 informantes com o nível de escolaridade de Ensino Superior. Com essa estratificação, tem-se em vista constatar sua pertinência na existência de formas linguísticas de prestígio ou estigmatizadas;

3. estratificação etária distribuídas em três categorias, as quais são: 08 informantes entre 18 a 35 anos; 08 informantes entre 36 a 55 anos e 08 informantes com 56 anos em diante. Com o propósito de analisar as ocorrências das variantes linguísticas em estudo sob a ótica da variação diagenérica, buscou-se verificar se o fenômeno de variação linguística está se comportando de maneira estável ou em progresso num estudo em tempo aparente;
4. gênero/sexo, em que foram selecionados 12 informantes do gênero masculino e 12 informantes do feminino. Segundo Oliveira (2006, p. 76), esse fator diagenérico pode motivar a seleção de uma ou outra forma linguística. Pesquisas atestam que, na realização de variação estável, é o gênero masculino que adere às variantes inovadoras; todavia, na ocorrência de mudança linguística, é o feminino que está adiante do processo;
5. os domicílios e o tempo de permanência em outras localidades foi um critério considerado. Referente a esse quesito, atestou-se que dos 24 informantes selecionados, até o momento da efetivação das entrevistas, ninguém tinha se ausentado de Santa Isabel do Rio Negro por um período superior a 1/3 de suas vidas. Em função disso, entende-se que suas falas representam uma amostra da língua vernácula falada em Santa Isabel do Rio Negro;
6. o número de viagens realizadas para outros municípios e o tempo de permanência em cada um deles também foi um critério de seleção. No caso, verificou-se que os informantes realizaram algumas viagens, principalmente a cidades circunvizinhas ao município, como Barcelos e São Gabriel e a outros interiores do Estado do Amazonas e raramente viajaram para fora do Estado, mas todos esses deslocamentos foram de curta duração. Em outras condições, não poderiam participar desse estudo, devido a possíveis interferências de usos linguísticos de outros dialetos regionais não característicos da localidade de Santa Isabel do Rio Negro;
7. possuir pais, preferencialmente, naturais da localidade pesquisada e também que o cônjuge de preferência fosse da mesma naturalidade. Quanto a esse quesito, certificou-se que a maioria dos pais e dos cônjuges dos informantes são originalmente da cidade investigada.

Demonstra-se, de forma sumarizada, a quantidade de informantes com as variáveis extralinguísticas independentes presentes na comunidade linguística estudada:

Quadro 9: Distribuição dos Informantes de Acordo com as Células Sociais

Idade	18 -35		36-55		56 ou +		Totais
	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fundamental I	1	1	1	1	1	1	6
Ensino Fundamental II	1	1	1	1	1	1	6
Ensino Médio	1	1	1	1	1	1	6
Ensino Superior	1	1	1	1	1	1	6
Número total de informantes entrevistados							24

Fonte: De própria autoria (2018).

Sendo Santa Isabel habitada por vários povos indígenas de diferentes etnias, principalmente falantes da Língua Geral Amazônica, conhecida também pela denominação Nheengatu, considerou-se necessário estabelecer mais um critério para a seleção dos informantes, além dos que foram já referenciados. Desse modo, para realizar a sistematização da expressão de futuridade no português falado desse município, o informante, mesmo sendo de origem indígena e podendo ou não ter graus variados de proficiência de uma segunda língua, deveria ter a língua portuguesa como primeira língua. Portanto, os informantes selecionados possuem os seguintes perfis étnicos e linguísticos:

Quadro 10- Perfil Étnico e Linguístico dos Falantes

Informantes do Gênero Masculino					Informantes do Gênero Feminino				
Código	Faixa Etária	Etnia	Línguas Faladas		Código	Faixa Etária	Etnia	Línguas Faladas	
			1ª Língua	2ª Língua				1ª Língua	2ª Língua
04- (1ªF; EF1, MASC)	1ª	Baré	Português	-	01- (1ªF; EF1, FEM)	1ª	Baré	Português	-
05- (2ªF; EF1, MASC)	2ª	Baré	Português	Nheengatu	02- 2ªF; EF1, FEM)	2ª	Baré	Português	Nheengatu
06- (3ªF; EF1, MASC)	3ª	Baré	Português	Nheengatu	03- 3ªF; EF1, FEM)	3ª	-	Português	Nheengatu (só entende)

10- (1ªF; EF2, MASC)	1ª	Tuka no	Português	-	07- (1ªF; EF2, FEM)	1ª	Baré	Português	Nheenga tu (só entende)
11- (2ªF; EF2, MASC)	2ª	Baré	Português	-	08- (2ªF; EF2, FEM)	2ª	Baré	Português	Nheenga Tu
12- (3ªF; EF2, MASC)	3ª	Baré	Português	Nheenga tu (Só entende)	09- (3ªF; EF2, FEM)	3ª	-	Português	-
16- (1ªF, EM, MASC)	1ª	Tuka no	Português	Nheenga tu (Só entende)	13- (1ªF, EM, FEM)	1ª	Baré	Português	-
17- (2ªF, EM, MASC)	2ª	Baré	Português	Nheenga tu (Só entende)	14- (2ªF; EM, FEM)	2ª	Baré	Português	Nheenga tu (Só entende)
18- (3ªF, EM, MASC)	3ª	Baré	Português	-	15- (3ªF; EM, FEM)	3ª	Baré	Português	Nheenga tu (Só entende)
22- (1ªF; ES, MASC)	1ª	-	Português	-	19- (1ªF; ES, FEM)	1ª	Baré	Português	-
23- (2ªF; ES, MASC)	2ª	-	Português	-	20- (2ªF; ES, FEM)	2ª	Baré	Português	-
24- (3ªF; ES, MASC)	3ª	Baré	Português	Nheenga tu	21- (3ªF; ES, FEM)	3ª	Baré	Português	Nheenga Tu

Portanto, teve-se o cuidado de selecionar os 24 informantes, observando o fato de que todos possuísem o português como primeira língua. Cabe também demonstrar o conhecimento de línguas étnicas como L2 da maioria dos informantes selecionados. Verifica-se que onze desses vinte quatro informantes são falantes somente de língua portuguesa; 6 deles adquiriram o Nheengatu como L2, os quais pertencem a 2ª e 3ª faixas etárias, ou seja, pertencem aos grupos de adultos e de mais idosos; e outros sete informantes têm um conhecimento do Nheengatu que se restringe a algumas palavras e enunciados simples. A maioria dos informantes bilíngues em Nheengatu disseram ter aprendido a L2 com os pais ou avós e que a utilizam somente no ambiente familiar, em

situações esporádicas em casa, com parentes mais velhos e amigos antigos da família. Esse fato também foi aferido em Justiniano (2012, p. 66).

A autora, ao elaborar um Atlas Linguístico na Região do Alto Rio Negro, afirma que a língua portuguesa se constitui como a língua usual e prestigiada, sobretudo fora do ambiente familiar, em interações sociais e em contextos educacionais e laborais. Quanto ao pertencimento identitário, 18 informantes declararam pertencerem à etnia Baré e outros 2 à etnia Tukano. Para maiores informações verifique no apêndice 4, página 95.

4.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Toda e qualquer pesquisa de campo requer a escolha de um instrumento, ou seja, de uma técnica, para coleta de dados pertinentes à investigação proposta, devendo-se ter todo o cuidado de eleger um instrumento que possibilite coletar as informações da maneira mais eficaz possível. Reconhece-se que essa tarefa não é fácil, principalmente quando se trata de pesquisas envolvendo seres humanos que são dotados de sentimentos, aspirações, subjetividades, culturas e linguagens diferenciadas. Sendo assim, não cabe somente observar as pessoas como ocorre em pesquisas de cunho experimental, necessita-se de entrar em contato com os sujeitos para ouvir o que eles têm a dizer.

No que se refere a pesquisas da área da Sociolinguística, é imprescindível o contato direto com os falantes, pois essa área de estudo visa analisar a língua, especificamente em suas variações. Nesse caso, o instrumento de coleta mais adequado são as entrevistas. Conforme Labov (2008, p. 18) atesta: “a entrevista sociolinguística se configura como um protocolo que visa fazer emergir o vernáculo de um falante representativo de uma dada comunidade de fala”.

Portanto, concordando com Labov, considerou-se as entrevistas como os instrumentos com maior adequação para a coleta dos dados da pesquisa sociolinguística. Dessa forma, apropriou-se dessa técnica, organizando-se um roteiro de perguntas estrategicamente elaborado para instigar os falantes ao uso das formas verbais em estudo, tendo em vista o alcance do principal objetivo do estudo que é a verificação da alternância entre os dois tempos verbais: futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo, no contexto do *irrealis*, na comunidade de Santa Isabel do Rio Negro. Por meio das entrevistas, foi coletado o *corpus* da investigação para a posterior análise da ocorrência das formas verbais em estudo.

4.3.1. Roteiro das Entrevistas Semiestruturado

Conforme mencionado, empregou-se como técnica para a coleta de dados as entrevistas semiestruturadas, para se obter dados pertinentes em referência às estruturas verbais em estudo, buscando ocorrências verbais com valor referencial de tempo futuro: o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no contexto do *irrealis* (*hipótese, dúvida e suposição*).

Assim, com o intuito de se obter um *corpus* linguístico satisfatório para a análise, elaborou-se e aplicou-se um roteiro de entrevista semiestruturada, adaptado de Barbosa (2005) e Oliveira (2010), composto por 24 questões. As questões foram formuladas empregando-se uma linguagem coloquial e objetiva. Em sua constituição, constaram situações de ordem imaginativas e probabilísticas, as quais promoveriam o informante a direcionar seu discurso para a expressão de futuridade.

As perguntas foram abertas e versaram sobre temas gerais do cotidiano, que estavam mais próximos da vivência e das experiências dos informantes, com os quais os falantes pudessem se envolver e esquecer que estavam sendo gravados, tais como: infidelidade, programas de TV, dinheiro, morte familiar, picada de cobra, drogas, assalto, gravidez na adolescência, violência, machismo, fim do mundo e acidentes na cachoeira. Além disso, as questões objetivavam a produção de textos orais com sequências discursivas argumentativas e listas de atitudes hipotéticas e estilos formais e informais.

As questões de cunho argumentativo visaram o emprego dos verbos no futuro do pretérito e pretérito imperfeito pelos falantes, de acordo com Ribeiro (2012, p.45):

A argumentação se estabelece em via de dois movimentos: pela demonstração e/ou justificativa de uma tese e a refutação de outras teses e argumentos⁷. Em outras palavras, apresenta-se um posicionamento desfavorável ou favorável em relação a uma tese inicial, sustentando uma posição com base em argumentos ou provas.

As questões estimulavam os informantes a demonstrarem suas ideias e opiniões a respeito dos diversos temas mencionados, dentre eles, assuntos simples, como ganhos de prêmios da loteria até assuntos mais polêmicos como aborto. Sendo assim, cada informante deu sua contribuição deixando explícito seu ponto de vista favorável ou não de acordo com sua visão de mundo, seus valores morais, éticos e religiosos.

Finalizou-se o roteiro de entrevistas com questões relacionadas a elaboração de listas hipotéticas pelos falantes. Costa (1997, p.147) afirma que:

Listas de atitudes hipotéticas, são simplesmente listas de planos que seriam realizados pelo informante sob certas condições ou caso essas condições fossem efetivadas. Nas entrevistas, é possível encontrar listas de eventos relativos a que atitudes o informante tomaria se, por exemplo: ganhasse na loteria, fosse prefeito da cidade, participasse do programa Big Brother, ou em situações criadas pelo próprio pesquisador.

Portanto, seguindo esse raciocínio, elaborou-se questões nesse mesmo viés, nas quais perguntava-se qual seria a atitude dos informantes diante de situações condicionais, inesperadas que não ocorreram ou que hipoteticamente poderiam ocorrer, porém sem pedir justificativas dessas ações ou sem relacioná-la com situações passadas.

Também as perguntas foram de dois tipos. Uma parte foram elaboradas com influência nula do documentador em relação ao interlocutor, isso é, não houve emprego das variantes da forma verbal em estudo. A esses tipos de perguntas, no contexto desse estudo, denomina-se como perguntas “sem gatilho”. A outra parte foram de perguntas ‘com gatilho’, ou seja, em que havia na pergunta feita pela entrevistadora uma das variantes em estudo. Com as perguntas ‘com gatilho’, intencionou-se verificar o paralelismo formal (efeito gatilho) no discurso dos falantes.

Ressalta-se que do total das 24 questões, foram realizadas 12 questões sem gatilho e 12 com gatilho, divididas em questões que promovessem respostas argumentativas e listas hipotéticas. Entre as 12 questões com efeito gatilho, foram elaboradas 3 questões utilizando a desinência modo temporal do futuro do pretérito sintético; 3 com uso da forma do futuro do pretérito perifrástico; 3 com a desinência modo temporal do pretérito imperfeito sintético e, por fim, 3 com a utilização da forma verbal do pretérito imperfeito perifrástico.

Reproduz-se um quadro com os exemplos representativos de algumas perguntas do roteiro semiestruturado, demonstrando as ocorrências de perguntas “sem gatilho” e “com gatilho” de usos das formas verbais investigadas e suas respectivas sequências textuais. As perguntas que versam sobre o tema ‘dinheiro’ são todas ‘sem gatilho’ (ver Quadro 11). Isto é, observa-se que não ocorre na fala da documentadora o uso das variantes dependentes em estudo, para evitar a interferência do mesmo uso linguístico do documentador pelo informante. As perguntas que se seguem conjecturam a produção de respostas dos tipos discursivos argumentativos e listas de atitudes hipotéticas.

Quadro 11-Demonstrativo das questões sem uso de gatilho

Questões sem uso de Gatilho
<p>Exemplo 1:</p> <p>DOC.: Vimos constantemente pessoas em programas que ganham muito dinheiro como BIG BROTHER BRASIL, A FAZENDA e outras que ganham na loteria e acabam perdendo tudo, o que pensa a respeito disso? Em sua opinião, como as pessoas que ganham na loteria devem fazer para aproveitar do prêmio e se fazer na vida, caso elas ganhassem na loteria? (Objetivo: produção de tipo argumentativo).</p> <p>Exemplo 2:</p> <p>DOC.: Imagine uma situação, uma pessoa deitada na rede, pensativa, triste, preocupada, porque tem várias dívidas do mês para pagar. De repente, vem alguém e diz: __Você ganhou na loteria! Como você imagina a reação dessa pessoa endividada ao receber essa maravilhosa notícia? Como ela faz: Ela levanta da rede ... e continue enumerando as atitudes que ela deve tomar ? Caso ocorresse isso com esta pessoa (Objetivo: produção listas hipotéticas).</p>

Fonte: De própria autoria (2018).

As perguntas que abordam o tema programa TV são todas ‘com gatilho’ (ver Quadro 12). Isto é, observa-se que ocorre na fala da documentadora o uso das variantes dependentes em estudo, tendo por objetivo verificar em que medida ocorrerá interferência do uso linguístico do documentador sobre o informante. As perguntas que se seguem conjecturam a produção de respostas dos tipos discursivos argumentativos e listas de atitudes hipotéticas.

Quadro 12-Demonstrativo das questões com uso de gatilho

Questões com uso de Gatilho
<p>Exemplo 1:</p> <p>DOC: Você já assistiu o quadro Lar Doce Lar do programa Caldeirão do Hulck, em que são feitas reformas em casas ou até mesmo dão uma casa nova para aqueles que necessitam, caso o Luciano Hulck viesse aqui ou estivesse aqui, para você participar desse quadro, o que pretenderia/ ia pretender mudar/ iria pretender mudar/ pretendia mudar na sua casa? (Objetivo: produção de listas hipotéticas)</p> <p>Exemplo 2:</p> <p>DOC: Mas, também nesses programas de TV de reforma de carros, reforma de casas, as emissoras gastam muito dinheiro, o que você pensa a respeito disso, caso fosse, algum dono de emissora, você continuar/ia continuar/iria continuar/continuava com esses tipos de quadros no programa, porque? O que você pensa a respeito desses quadros, deve continuar ou não, ou o dinheiro deveria ser/devia ser investido em outra coisa ou para situações mais úteis. (Objetivo: produção argumentativa)</p>

Fonte: De própria autoria (2018).

Portanto, nas questões ‘sem gatilho’, o objetivo foi não utilizar o verbo no tempo futuro na elaboração de perguntas para não interferir o interlocutor a empregar a mesma forma verbal utilizada para a elaboração da pergunta. Deste modo, foram empregadas as

formas verbais no presente, tal como no referido para a elaboração das perguntas no primeiro e no segundo exemplo, conforme se apresenta no quadro 11. Por exemplo: Em sua opinião, como as pessoas que ganham na loteria **devem fazer** para aproveitar do prêmio e se fazer na vida, caso elas ganhassem na loteria?

Nas questões com o ‘gatilho’, foram utilizados verbos com as desinências modotemporal do futuro do pretérito na forma sintética e perifrásticas, bem como as do pretérito imperfeito em suas formas sintéticas e perifrásticas para a elaboração das perguntas no primeiro e no segundo exemplo, segundo o Quadro 12. Por exemplo: Mas, também nesses programas de TV de reforma de carros, reforma de casas, as emissoras gastam muito dinheiro, o que você pensa a respeito disso, caso fosse, algum dono de emissora, você **continuar/ia continuar/iria continuar/continuava** com esses tipos de quadros no programa, porque?

4.4. Procedimentos de Coleta de Dados

A pesquisa de campo efetivou-se no mês de julho de 2017, na comunidade linguística de Santa Isabel do Rio Negro, loco da investigação. Na chegada a esta localidade, procurou-se estabelecer contatos e vínculos com os moradores, através das participações em eventos e formações de professores organizadas pela Secretaria Municipal de Educação local, de visitas às praças, aos estabelecimentos comerciais e às instituições educacionais. Dessa forma, foi possível observar alguns hábitos, costumes, preferências em referência a programas de rádio e televisão, bem como verificar a linguagem em uso dessa população, o que permitiu a adequação das questões das entrevistas à sua realidade conforme se mencionou no item 4.3.1. Assim, esse procedimento propiciou a seleção dos 24 informantes ideais para a realização das entrevistas que, em sua maioria, eram agricultores, donas de casas, comerciantes, pedreiros, estudantes, servidores públicos, enfermeiros e professores.

Os locais e horários foram determinados de acordo com a disponibilidade e solicitação dos informantes, tendo sido realizadas entrevistas em diversos locais, em sua maioria nas residências, ambientes de trabalho, em escolas e em universidades, para que se estabelecesse a naturalidade, a informalidade, principalmente a confiabilidade e a comodidade dos informantes, pois estavam comumente habituados nesses ambientes por eles estipulados.

As entrevistas foram gravadas com o auxílio do minigravador digital Sony Icd Px440 e seguiram os moldes de estruturação de Diálogo entre Informante e Documentador (DID), estando presente a pesquisadora e o/a informante. Para tanto, procurou-se ambientes dos quais pudessem evitar certas ocorrências de gesticulações, de ruídos e de interferências de outras pessoas para que não tirassem o foco do (a) informante em relação à entrevista.

Na realização das entrevistas, objetivou-se a obtenção de falas espontâneas, da maneira mais natural possível, evitando-se a ocorrência do fenômeno conhecido como paradoxo do observador, descrito por Labov (2008, p. 244). Sendo assim, buscou-se efetivar a coleta de dados reduzindo-se ao máximo os efeitos negativos propiciados pela presença do investigador e do recurso tecnológico utilizado por ele, ou seja, o gravador. As gravações dessas entrevistas possuem um tempo que varia entre 20 a 35 minutos, sendo registradas por meio dos procedimentos conforme se explicita.

No primeiro momento, não se procurou enfatizar aos informantes que o objetivo da pesquisa era estudar a língua tal como era usada, ou seja, a fala santa-isabelense, pois, segundo Tarallo (1985, p. 27), “os informantes poderão se sentir ameaçados e embaraçados”, perdendo-se, assim, a essência vernácula da língua”. O recomendado, segundo Silva (2008, p.114), pautado em Labov (1972), é que:

[...]o investigador se apresente de modo simples e peça ajuda do tipo “sou daqui mesmo” ou “sou de fora” e “meu trabalho” consiste em encontrar diferentes maneiras como as pessoas vivem nos diversos bairros” (ou tribos, famílias, etc.). Ou ainda “sou pai de adolescentes e gostaria de saber como vivem os jovens daqui.

Portanto, a pesquisadora teve o cuidado de se apresentar à comunidade da forma mais humilde possível, desde a vestimenta, com uso de roupas simples, até a forma de se expressar oralmente. No momento da abordagem aos informantes, explicitou-se que a finalidade do trabalho era o de registrar o perfil dos moradores do Alto Rio Negro, conhecer os hábitos, os costumes, o cotidiano, a cultura, as percepções sobre a cidade, as perspectivas futuras e imaginativas dos moradores.

No segundo momento, de duração de cerca de 5 a 10 minutos, havia o preenchimento de uma ficha social, a fim de se obter informações acerca das características sociais, das atitudes linguísticas e dos aspectos culturais do entrevistado. Embora, se tivesse o conhecimento prévio da faixa etária, do sexo e do grau de

escolaridade do informante abordado, havia o interesse em especificar o local de nascimento, a profissão, as viagens realizadas, as línguas dominadas por ele, por seus pais e avós, se tinha o português como primeira língua e entre outras questões, objetivando se certificar de que se tratava de um participante adequado, como também para “quebrar o gelo do informante” e levá-lo a se sentir mais familiarizado e à vontade com a situação de entrevista. Também, pediu-se a autorização ao informante para que, no decorrer de todo processo, as conversas fossem gravadas e posteriormente fizessem parte do *corpus* de um trabalho científico.

No terceiro momento, que durava aproximadamente de 20 a 35 minutos, realizava-se a entrevista, seguindo o roteiro semiestruturado, composto por 24 perguntas, adaptado de Barbosa (2005) e de Oliveira (2010), conforme foi mencionado no item 4.3.1. Na efetivação da entrevista, primeiramente, foram feitas as perguntas ‘sem gatilho’, enfatizando aos informantes que as perguntas eram de ordem imaginativas e irreais. Com isso, tentou-se não causar estranhamentos a esse tipo de questões e criar contextos que mais facilmente ocorressem as variantes do fenômeno variável em estudo. Na sequência, eram feitas as 12 perguntas “com gatilho”.

Durante as gravações, tentava-se olhar bem menos para o roteiro semiestruturado e mais para o informante, no sentido de se estabelecer um promissor diálogo com ele, ao invés de um mero procedimento de aplicação de uma relação de perguntas. Desse modo, buscou-se estabelecer uma empatia com o interlocutor, num clima de informalidade. Também, procurou-se estimular os informantes, no momento em que eles falavam, por meio da emissão de expressões como *hum-rum, sério?, é? que mais?*. Para exemplificar esses registros, apresenta-se no Quadro 13 que se apresenta um quadro de amostras de falas de uma das entrevistas que compõe o *corpus* coletado.

Quadro 13- Amostra de falas de uma das entrevistas que compõe o corpus coletado

Exemplo

Exemplo (1)- Sem a presença de gatilho- (Inquérito 18- 3°F, EM, MASC):

DOC: seu /.../... é só umas perguntINhas... tá BOM? que eu vou fazer pro seNHOR... é umas perguntas... só que o senhor tem que se imagiNAR... entenDEU? na situaçÃo... imaginar COIsas também de Outras pessoas....

INF: tudo bem ((risada))

DOC: e assim... tu sabes que tem pessoas que ganham na loteria e perdem tudo do nada... néh... assim...ganhadores como no BIG BROTHER BRASIL...A FAZENDA... o que você pensa a respeito disso?... em sua opinião como as pessoas que ganham na loteria devem agir... caso elas ganhassem pra realmente pra aproveitar do prêmio... e se fazer na vida caso elas ganhasse na loteria...se fazer na vida... ?

INF: eu acho que deveria encontrar um investimento correto pra sempre ter o dinheiro... acho que as pessoas... elas pensam que o dinheiro nunca vai acabar... néh? mas... eu acho que no meu ponto de vista se fosse eu ganhar na loteria... eu **investiria** numa coisa que... eu **investiria** na área de esportes... uma acadEMIA... ter várias academias no município... investiMENTo que **fazia** o dinheiro render mais... néh? e rendesse mais... mas no pra gasTAr... tomar bastante cuidado com o que eu **ia investir** também nessa parte... porque é falta de atenção no que vai se investir.....porque as pessoas PERdem dinheiro com facilidade..

DOC: imagina uma situação... caso uma pessoa que está deitada numa rede pensativa... triste... preocupada com várias dívidas a pagar. e... De repente... vem alguém e diz... Você ganhou na loteRIA... Como você imagina a reação dessa pessoa endividada ao receber essa maravilhosa notícia?... Como ela faz... Ela leVANta da REde e continue enumerando as atitudes que ela deve tomar ?

INF: eu acho que primeiramente ele **não ia ganhar**... na loteria porque ele tá endiviDADO e não **tinha** dinheiro pra gastar...pra comprar o bilhete... ((risada))

DOC: mas foi de rePENte você gaNHOU..foi alguma coisa assim?

INF: Ah tá

INF: eu acho que entra em êxtase... fica muito feliz... **ia pagar**... **ia honrar** as dívida dele... **ia ser uma** pessoa BEM vista na PRAça... néh?... acho que **ele ia ficar** muito feliz ...e talvez se eu tivesse junto com ele **ficaria** feliz por ele... néh? porque se fosse amigo também... **eu ia ficar** muito feliz por ele...

Exemplo (2)- Com a presença de gatilho- (Inquérito 11- 2ºF, EF2, MASC):

DOC: Você já assistiu o programa Lar Doce Lar do Luciano Hulck?

INF: já sim

DOC: tem um quadro do luciano hulck... o que ele faz... ele reforma casas néhchamado Lar Doce Lar... se o Luciano chegasse aqui... e falasse que o quadro... é com você é::: o que você **mudaria** ...o que **faria** e o que você **modificaria** na sua casa...elenque?

INF: se a gente tivesse uma oportunidade **modificaria** tudo... néh? tudo... pra... **modificaria** só... a parte... a parte... a casa toda... néh? eu **mudaria** TUdo... se fosse pra mudar tudo...se tivesse se fosse pra mudar TUdo...

DOC: mas tu sabes néh... que nesses programas gasta muito dinheiro... caso você fosse dono de alguma emissora... o que você pensa a respeito desse programa? Você acha que **deveria ser** investido em outras coisas? O que você **pensaria**? Você **continuará ou não e porquê**?

INF: bom. se eu fosse dono da emissora... eu **continuava** porque... tipo você falou do gasto dela... mas eu acho que se ela for uma pessoa de visão. ela atrai lucro... como pessoas que vendem TINta... TELha... ciMENTo... porque cada um deles tem um patrocinador que patrocina esse programa... então cada pessoa que faz esse quadro pra modificar a casa... eles vão atrás de pessoas que possam patrocinar... acho que não **seria** nenhum tipo de prejuízo pra mim **seria** lucro... porque dá audiÊNcia... porque tá trabalhando com o povo... néh? pessoas da periferia... então dá bastante audiência isso aí... então acho que não **desistiria**... mesmo se desse prejuízo pra emissora **continuará** com esse quadro... porque acho que é um quadro bom.

Fonte: De própria autoria (2018).

Em alguns casos em que o informante apresentava timidez e vergonha, a estratégia era colocar o gravador em local mais distante possível de seu olhar, para que ele não se inibisse com o registro da entrevista. Essa atitude foi embasada nas orientações de Silva (2008, p.119), conforme se atesta:

Na maioria das vezes não há necessidade de esconder o gravador. Os sociolinguistas observam uma norma que diz respeito à ética perante o

entrevistador e que impede que se esconda o fato de que o entrevistado será gravado. Podemos apresentar simplesmente a aparelhagem como necessária para todos os detalhes da conversa, isso reforçará a importância que o pesquisador dá a conversa. O fato de mostrar o gravador não significa que ele deve ser posto embaixo do nariz do falante, nem o microfone dentro de sua boca. Ambos devem ser postos discretamente fora do alcance do seu olhar para que ele fale, e tanto quanto possível, se esqueça desses objetos.

Por fim, ao finalizar-se cada entrevista, explicava-se, mais detalhadamente, para cada informante, do que se tratava o projeto, que além de visar àqueles itens intercalados no início da entrevista sobre o perfil dos moradores Alto Rio Negro, tratava-se também de uma pesquisa linguística que registrava o falar Isabelense. Deixou-se claro que a gravação realizada seria utilizada apenas para esse propósito, de acordo com o fenômeno estudado. Ainda os participantes eram devidamente informados que poderiam retirar-se da pesquisa a qualquer momento sem prejuízo e sem necessidade de justificativa. Posteriormente a isso, dava-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ser lido e assinado. Todos os informantes assinaram o termo e consentiram a utilização dos DIDS como *corpus* do estudo.

Após a coleta de dados, o material coletado, composto pelas 24 entrevistas, foi transcrito, codificado e inserido no programa computacional *GoldVarb X*, recebendo o devido tratamento para que se possa conhecer quantitativamente os usos das variantes dependentes e a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou não esses usos. Com isso, objetivou-se constatar se essa alternância se apresenta ou não em processo de mudança. Esses resultados foram analisados qualitativamente, em suas ocorrências funcionais, no âmbito da perspectiva de análise sociofuncionalista, conforme se apresenta no capítulo 5, da Análise dos Dados.

4.5. Processamento dos Dados

4.5.1. Transcrição dos dados

Após a coleta, a etapa seguinte da pesquisa se refere à transcrição dos dados. A meta básica da transcrição é transpor algo sonoro, propriamente um discurso falado, de maneira mais fiel possível, em uma representação gráfica, a qual se tornará o objeto de análise por parte do pesquisador. Desta forma, é necessário que o pesquisador defina o melhor modelo e que estabeleça os critérios de transcrição dos registros de acordo com as finalidades propostas em sua pesquisa. Marcuschi (2003, p.8) corrobora com essa ideia, afirmando que: “Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O

essencial é o que o analista saiba quais são os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem a sobrecarga de símbolos complicados”.

Considerando essas orientações, buscou-se transcrever, da forma mais simples e clara possível, os áudios das 24 entrevistas, os quais foram transcritos grafematicamente na íntegra, pela própria pesquisadora, com a utilização do programa computacional MPC-HC (*Media Player Classic Home*), de *head-phones* estéreo ARGOMtech e de um computador portátil.

A transcrição realizou-se através da utilização de um conjunto de notações e sugestões de fala propostos pelo projeto FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial), adaptadas do livro “O discurso oral culto” (PRETTI, 1999) e do segundo capítulo do livro *Análise da Conversação de Marcuschi* (2003, p.8-13). Desses estudos foram adotadas as categorias mais gerais a respeito da escrita das palavras, de alguns itens prosódicos, de elementos interacionais e de normas para os comentários do transcritor, as quais são explicitadas na sequência.

As entrevistas obedeceram, de forma geral, à regra ortográfica, desvinculando-se, em termos, da pronúncia efetiva do falante, visto que essa decisão não compromete a essência da pesquisa, uma vez que não se trata de registros fonéticos, e sim morfossintáticos. Esse posicionamento também teve a função de garantir maior visibilidade à transcrição e ao fenômeno em estudo. Portanto, não se atentou em registrar de maneira delineada as propriedades fonéticas discursivas do falante. Somente em alguns casos, em que palavras articuladas de modo diferente ao da norma padrão tiveram ortografias consensuais, tais como: redução de segmentos sonoros (*num, numa, bora, tava, pra, tô, vô, tá*, ao invés de *não, em uma, estava, para, vou e está*, respectivamente); alternância entre fones (*mermo* ao invés de *mesmo*) e as estruturas frasais ou segmentos sem concordância (*as menina /tu comprou / ela fica com os outro*);

Foram também consideradas palavras repetidas e expressões fáticas. O início de cada turno e de cada enunciado era iniciado por palavras minúsculas; no caso das palavras iniciadas por letras maiúsculas só foram utilizadas em nomes próprios e siglas, quando ocorreram. Não foram cortadas palavras na passagem de uma linha para outra. Os números ordinais foram escritos por extenso. No lugar de palavras ou de enunciados incompreendidos consta a anotação “inaudível”; e, em referência às palavras que supostamente se escutou, foram escritas entre parênteses. Além disso, alguns substantivos

próprios foram eliminados, no sentido de preservar a identidade dos informantes, bem como os seus nomes.

Em relação às convenções suprasegmentais, especialmente aos itens prosódicos, observou-se a pausa (evidenciada sem a devida preocupação com o seu período de duração), a duração (prolongamento de vogais), a entoação (exclusivamente nos enunciados interrogativos), o ritmo e a velocidade da fala (separação silábica); e a oscilação de elevação e intensidade da voz (entoação enfática).

Em referência às convenções de elementos interacionais, atentou-se para o reconhecimento do turno de conversação, entre o pesquisador e o informante. Para isso, foram utilizadas, para a diferenciação das falas, as siglas DOC (pesquisador/documentador) e INF (informante); como também para as indicações de sobreposição de vozes entre documentador e informante num dado ponto do turno. No que concerne aos comentários do transcritor, procurou-se dar visibilidade à situação da entrevista e ao fluxo de falas. Em função disso, as informações periféricas também foram registradas, ou seja, os gestos, risos e ruídos produzidos nos momentos de interações também foram registradas.

Apresentam-se o conjunto de elementos gráficos (sinais) utilizados na transcrição grafemática das entrevistas.

Quadro 14- Sinais realizados na transcrição dos dados da pesquisa

Situação dos sinais	Sinais	Descrição	Partes de fala do <i>Corpus</i>
Incompreensão de palavras ou trechos	()	No momento em que não se compreendeu os trechos de fala, evidenciou-se a parte entre parênteses e se escreveu inaudível.	(inaudível) bom... se e... Cristiane... ganhou na loteria... que é meu so:::nho... ⁸
Dúvida em relação do que se escutou	(a palavra em dúvida)	Escreveu-se entre parênteses o que supostamente se tinha escutado.	então eu criaria uma casa de apoio para os idosos... (assim) ... tipo... pra eles ficar lá... ¹
Entoação enfática	Letras em maiúscula	Sílabas ou palavras articuladas com ênfase ascendente foram escritas com letras maiúsculas.	os filhos não pensam em nossos pais... e acaba maltra TAN do eles... ¹
Alongamento de vogais	:: ou podendo aumentar :::	Alongamentos de vogais foram caracterizados pela justaposição de dois pontos, ou até mesmo, em mais, quando o segmento era alongado	... eu acho que eu... primeiro... né... eu ia fazer minha CA:::as ¹

⁸ Inquérito 19-1ª F, ES, FEM

² Inquérito 10- 1ª F, EF2, MASC

³ Inquérito 23- 3ª F, ES, MASC

Comentários do pesquisador	(())	No intuito de evidenciar um pouco do contexto do qual os informantes estavam inseridos, a situacionalidade, funções metalinguísticas foram realizadas, com comentários sobre ao ambiente ou ao tom de voz, sendo estes, demonstrados pelos parênteses duas vezes.	eu ia construir as coisas que eu sonho... tipo... eu sonho em fazer um shopping pra mim ((risada)) ¹
Separação de partes das palavras (Silabação)	-	No momento em que a palavra foi pronunciada, em algum ponto, sílaba por sílaba, usou-se hífen indicando essa tal ocorrência.	bom... aqui em san-zábel ¹ / Ia quebrar tudinho essas paredes de NO-vo ... ²
Repetições	Reduplicação da letra ou palavra	Na ocorrência de repetição de palavras ou letras, escreveu-se novamente.	num... num se fala muito nisso mais... ¹
Hesitações ou expressões fáticas	Reprodução do som escutado	As expressões fáticas foram escritas do mesmo modo em que foram ouvidas.	éh... a gente é hoje é jovem... néh ... ¹
Sobreposição de vozes entre documentador e informante num dado ponto do turno.	[]	Na ocorrência de fala ao mesmo tempo entre documentador e informante num dado ponto do turno, usou-se a palavras ou enunciados entre colchetes, com o intuito de se evitar quebra de linearidade discursiva.	primeiramente...eu ia logo quando a família... néh... [Doc:hum-rum] tentar... saber qual... o que que eles poderia ajudar ... o que a gente poderia fazer .. néh ... naquele momento... assim... [Doc:hum-rum..] 'pra não gastar muito... ¹
Pausa enunciativa	...	Os atos de falas não foram reproduzidos diretamente pelo molde convencional de escrita, não se realizaram sinais de pausa, características da língua escrita, como ponto e vírgula, vírgula, dois pontos e ponto final, foram as reticências que salientaram qualquer tipo de pausa, independentemente do período de duração da fala.	assim... tipo... eu... faria essa casa pra receber esses... essas pessoas... ¹
Eliminação de trechos de fala ou palavra	/.../	No sentido de preservar a identidade dos informantes o seus nomes foram eliminados nas perguntas, colocando-se no lugar reticências entre duas barras.	bom... se eu.../.../... ganhasse na loteria... que é meu so:::nh... ¹
Interrogação	?	O único sinal referente à modalidade escrita convencional utilizado foi o ponto de interrogação, após as perguntas feitas pelo pesquisador, ou como também, nas perguntas elaboradas pelos informantes, ou enunciados com ênfase de confirmação.	hum-rum... o quê... que tu irá dizer a ela? ¹
Aspas	“ ”	Frases e enunciados foram colados entre aspas, quando correspondessem a citações literais discursivas.	eu diria ... “Grabriel...alguém mandou você ir lá”... eu diria ... “até quase bem feito...” ³

Fonte: De própria autoria, adaptada de Pretti (1999) & Marcuschi (2003)

No decorrer das transcrições grafemáticas do *corpus*, realizou-se uma triagem dos dados, isto é, as variantes em estudo foram identificadas, destacadas em negrito e

colocadas na cor vermelha, com o intuito de facilitar na hora da codificação dos dados. Além disso, no final de cada transcrição, as entrevistas receberam a denominação de inquérito, cada uma com uma numeração específica, de acordo com a ordem em que foram transcritas as entrevistas. Também foram estabelecidas informações a respeito da faixa etária (1ª, 2ª, 3ª F); escolaridade (Ensino Fundamental 1, 2 (EF1, EF2); Ensino Médio (EM); Ensino Superior (ES) e gêneros feminino (FEM) e masculino (MASC) do informante, apresentados seguindo essa ordem, na codificação dos informantes.

Quadro 15- Ordem das transcrições realizadas e suas respectivas denominações

Inquérito 1- (1ª F; EF1; FEM)	7- Inquérito 7ª-1ª F, EF2, FEM	13- Inquérito 13ª-1ª F, EM, FEM	19- Inquérito 19ª- 1ª F, ES, FEM
Inquérito 2 (2ª F, EF1, FEM)	8- Inquérito 8ª- 2ª F, EF2, FEM	14- Inquérito 14ª- 2ª F, EM, FEM	20- Inquérito 20ª- 2ª F, ES, FEM
3ª. Inquérito 3- 3ª F, EF1, FEM	9- Inquérito 9ª- 3ª F, EF2, FEM	15- Inquérito 15ª- 3ª F, EM, FEM	21- Inquérito 21ª- 3ª F, ES, FEM
4ª. Inquérito 4- 1ª F, EF1, MASC	10- Inquérito 10ª- 1ª F, EF2, MASC	16- Inquérito 16ª- 1ª F, EM, MASC	22- Inquérito 22ª- 1ª F, ES, MASC
5ª. Inquérito 5-2ª F, EF1, MASC	11- Inquérito 11ª- 2ª F, EF2, MASC	17- Inquérito 17ª- 2ª F, EM, MASC	23- Inquérito 23ª- 2ª F, EM, MASC
6ª. Inquérito 6-3ª F, EF1, MASC	12- Inquérito 12ª- 3ª F, EF2, MASC	18- Inquérito 18ª- 3ª F, EM, MASC	24- Inquérito 24ª- 3ª F, ES, MASC

Fonte: De própria autoria (2018).

4.5.2. Identificação das variáveis: o envelope de variação

De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 36) “a identificação de uma variável inclui definir variantes (o que é e o que não é ocorrência da variável em estudo) e determinar o pacote da variação (onde é possível ou impossível que a variável ocorra)”. Nesse viés, parte-se do pressuposto da teoria variacionista de que as variações linguísticas não são aleatórias, mas seguem padrões regulares, motivados pelo próprio sistema linguístico e que também refletem aspectos sociais. As efetivações linguísticas de fala dos membros de uma comunidade evidenciam um ordenamento probabilísticos de variantes, as quais podem favorecer seu aparecimento em um dado contexto, em outros não, ou até mesmo, nunca.

Portanto, em uma análise linguística de dimensão sociolinguística e sociofuncionalista, procura-se verificar quais os mecanismos que regulam a variação e

desvendar ou demonstrar a dependência ou a inter-relação existente entre aspecto linguístico e o aspecto social da língua, por meio de dados estatísticos, tendo em vista de que apresentam fatores dos quais possivelmente interferem na seleção instantânea de uma estrutura linguística pelo falante em detrimento de outra. Nesse sentido, elencam-se como variável dependente e variáveis independentes:

4.5.2.1. Variável dependente

Um dos objetivos deste estudo é investigar particularmente o comportamento variável das expressões de futuridade no falar Santa-Isabelense- a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, no contexto do *irrealis*, tanto em suas formas sintéticas quanto em suas formas perifrásticas. Sendo que, a variável dependente, em enfoque neste presente estudo, caracteriza-se por ser uma variável linguística, na qual apresenta uma ou mais formas linguísticas que se alternam entre si, mas mantêm o mesmo valor referencial/ representacional no uso da língua falada.

a) Futuro do Pretérito

1. Forma Sintética

bom... eu primeiramente... eu sou um cara muito pé no chão... néh? se eu ganhasse na loteria... eu não **falaria** pra minha família que eu tinha gaNHAdo... porque geralmente::: é difícil esconder... néh? porque geralmente quando você dá poder a pessoa... você conhece verdadeiramente a face de uma pessoa...néh.. então... enquanto a pessoa não é superior a você... ela é muito humilde... eu acho que se eu ganhasse na loteria... eu **seria** muito pé no CHÃO... mas sim **daria** coisas boas e **investiria** geralmente nos meus filhos... (Inquérito 10- 1ªF, EF2, MASC)

2. Forma Perifrástica

Eu **iria perguntar** dele... por que ele tá fazendo isso... sendo... que ele é meu melhor amigo...(Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

b) Pretérito Imperfeito

1. Forma Sintética

que conselho eu **dava** pra ela? **era** que não fiZEsse isso...**deiXAva** a criança se criAsse no VENTre... (Inquérito 9- 1ª F, EF2, FEM)

2. Forma Perifrástica

nossa (exclamativa)... se fosse uma mãe que ela goste muito ... néh? com certeza **ia ficar** desespeRAda desespeRAda..."ah (exclamativa) perdi minha MÃE (excla-mativa)" **ia chorar** lá perto... já ta morta mesmo... ? (Inquérito 20- 2ª F, ES, FEM)

4.5.2. 2. Variáveis Independentes

A existência dos processos de transformações e de alternâncias pertencentes às línguas naturais surgem em consequência de diferentes grupos de fatores, alguns de ênfase estrutural, outros que estão ligados aos falantes da língua e ao contexto no qual estão inseridos. Conforme, Weinreich, Weinrech, Labov e Herzog (2006, p. 126), os “fatores linguísticos e extralinguísticos estão inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística”. A contemplação desses grupos de fatores nas pesquisas linguísticas assegura a sistematicidade às análises, propiciando o maior e melhor entendimento quanto a esses processos, como afirma Labov (2008, p.214): “as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística”. Dada a relevância dos condicionadores internos e externos nos processos de mudanças e variação ao sistema linguístico. Postulam-se, os fatores intralinguísticos e extralinguísticos que serão analisados nesta presente pesquisa:

Quadro 16: Identificação dos Grupos de Fatores em análise

Fatores Intralinguísticos
1. Paralelismo
2. Tipologia Textual
3. Extensão Lexical
4. Saliência Fônica
5. Paradigma Verbal
6. Transitividade Verbal

Fatores Extralinguísticos
1. Gênero
2. Escolaridade
3. Faixa etária

Fonte: De própria autoria

A delimitação desses Grupos de Fatores linguísticos e não linguísticos para a análise das formas verbais de futuridadade no português falado de Santa Isabel foi efetuada a partir de um levantamento de alguns grupos de fatores mais proeminentes em pesquisas sociolinguísticas anteriores sobre o tema em específico e sobre futuridadade, investigados por Costa (2003), Barbosa (2005), Tesch (2007), Bragança (2008), Araújo (2016) e que se adequassem e que fossem possíveis serem verificados na presente pesquisa.

4.5.3. Análise quantitativa dos Dados

Para a análise dos dados de pesquisas de cunho sociolinguística variacionista e/ou sociofuncionalista, utiliza-se a abordagem quali-quantitativa. Nesse caso, o investigador necessita, *a priori*, fazer levantamento de dados estatísticos, para, *a posteriori*, interpretá-los. Visando facilitar a quantificação dos dados, pesquisadores utilizam programas computacionais, os quais possibilitam a manipulação de grande quantidade de dados com mais rapidez e precisão. Um desses programas é o *Golvarb X*, o qual tem sido usado pelos pesquisadores do projeto FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial) em suas análises sobre a fala manauara, como os estudos realizados por Barros (2015) “A análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara”; de Ribeiro (2015) “A ocorrência do futuro do pretérito como expressão do *irrealis* na fala manauara”; de Araújo (2016) “A Expressão de Futuridadade na Escrita Jornalística Manauara dos Anos 80 aos dias atuais: um estudo Sociofuncionalista”; de Simas (2016) “O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português manauara”; de Arantes e Martins (2017) “A expressão do aumentativo na fala manauara”.

O software *GoldVarbX* foi elaborado por David Sankoff; Sali A. Tagliamonte e Eric Smith (2005), com o objetivo específico de contribuir, de forma significativa, com as pesquisas relacionadas às variações linguísticas, conforme afirma Coelho (2015, p.126):

O Varbrul (Variable rules analysis- “Análises de regras variáveis”) é um pacote estatístico desenvolvido por David Sankoff e Pascal Rousseau, em 1978, usado para descrever padrões de variação entre formas alternativas de uso da língua. (...) Atualmente esse programa se encontra disponível, livremente com o nome de GoldVarb. As versões GoldVarb Lion para Mac e Goldvarb X para Windows.

Após a coleta do *corpus* e respectiva transcrição grafemática, os dados das 24 entrevistas foram codificados conforme os códigos empregados pelo programa *Goldvarb X* para se proceder à análise quantitativa.

O *Goldvarb X* opera com grande número de dados e possibilita uma análise multivariada, que “torna manejável a tarefa de análise e compreensão dos dados e assim permite a identificação de tendências e padrões gerais” da regra variável (GUY; ZILLES, 2007, p.99). Esse programa computacional é de grande utilidade, visto que elabora os cálculos probabilísticos e estatísticos, indicando os grupos de fatores da pesquisa, bem como sinaliza os considerados significativos e os não significativos, e os que podem favorecer ou inibir a ocorrência da variável em estudo. O pacote fornece cálculos de frequências, percentuais e pesos relativos (PR) associados a cada fator das variáveis independentes em relação à aplicação da regra, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de uma das variantes. Segundo Tagliamonte (2006, p. 126),

O *Goldvarb* possibilita a combinação de diferentes fatores linguísticos ou extralinguísticos através de rodadas, oferecendo ao pesquisador condições auxiliares para interpretar os índices estatísticos obtidos, e ao mesmo tempo permite compreender a noção de regra variável aplicada aos estudos sociolinguísticos.

Os autores Guy e Zilles (2007, p. 105) salientam que essa análise se constitui em uma espécie de análise multivariada que visa, ao mesmo tempo, realizar a separação, quantificação e testagem da significação dos efeitos nos contextos de uma variável linguística. Eles também sustentam que a significativa utilização desse *software* por grande número de pesquisadores ocorre devido à capacidade do programa em construir um modelo completo e específico dos processos e efeitos que não poderiam aparecer quando se faz simples cálculos de porcentagem ou em análises estatísticas manuais, ou com uso de planilhas no computador, uma vez que esses instrumentais não dão conta de revelar todos os resultados necessários referentes ao estudo da variação.

Para a utilização do *GoldVarb X*, os dados devem passar pelo processo de codificação. Cada variável dependente e cada grupo de fator é representado por letras,

números ou os símbolos dos caracteres do computador, mas obrigatoriamente distintos um do outro, a fim de serem inseridos no *token* do programa. O seguinte quadro demonstra como foram classificadas as variáveis e que códigos cada uma recebeu para que as ocorrências linguísticas passassem pelo processo de codificação.

Quadro 17- Codificação do grupo de fatores das variáveis dependentes e independentes

Variável Dependente	Código
✚ Futuro do Pretérito	F
✚ Pretérito Imperfeito	P
✚ Futuro do pretérito perifrástico (IRIA +V)	V
✚ Pretérito imperfeito perifrástico (IA+V)	I
Grupo de Fatores	
Paralelismo	
a) Ocorrência Isolada	J
a) Primeira ocorrência de uma série	Y
b) Precedido de PI	R
c) Precedida de FP	X
d) Precedida de IA +V	Z
e) Precedida de IRIA + V	W
Subgrupo do paralelismo (gatilho)	
a) Ocorrência precedida de gatilho no FP	G
b) Ocorrência precedida de gatilho no PI	S
c) Ocorrência precedida de gatilho no IA +V	@
d) Ocorrência precedida de gatilho no Iria +V	O
Tipologia Textual	
a) Listas hipotéticas	H
b) Sequências argumentativas	A
Extensão Lexical	
a) Verbos com 1 sílaba	D
b) Verbos com 2 sílabas	J
c) Verbos com 3 ou mais sílabas	L

Saliência Fônica	
a) Verbo Ser	S
b) Verbo Ter e Vir	T
c) Verbos de Primeira Conjugação	C
d) Verbos finalizados em R vs. Z	Z
e) Verbos de Segunda ou Terceira Conjugação	B
Paradigma Verbal	
a) Verbo Regular	4
b) Verbo Irregular	5
Transitividade Verbal	
a) Verbos transitivo direto	6
b) Verbos transitivo indireto	7
c) Verbo bitransitivo	8
d) Verbo Copulativo	9
Gênero	
a) Masculino	M
b) Feminino	F
Escolaridade	
a) Ensino Fundamental I	F
b) Ensino Fundamental II	V
c) Ensino Médio	M
d) Ensino Superior	S
Faixa Etária	
a) Primeira Faixa Etária	1
b) Segunda Faixa Etária	2
c) Terceira Faixa Etária	3

Fonte: De própria autoria (2018).

Escolhidos os símbolos, para cada ocorrência das formas verbais identificadas na amostra dos dados foram aferidos códigos inerentes à sua ocorrência contextual de análise, sendo que cada código se indica numa coluna.

Demonstra-se uma representação de processo de codificação de uma das ocorrências dos dados da *amostra* da presente pesquisa e, posteriormente, a indicação dos fatores extralinguísticos referentes ao dado, adaptado do modelo de Scherre e Naro (2008, p.157):

Exemplo de Codificação de Ocorrência do *Corpus*:

Quadro 18- Representação de codificação de uma das ocorrências do corpus

(IY@HJC49Mm1 - Ela **ia entrar** em desesPEro...gritando eu acho

(16- Inquérito 16^a- 1^a F, EM, MASC)

Fonte: De própria autoria (2018).

O processo de codificação é assim constituído:

1. inicialmente, na primeira coluna, situa-se o símbolo abre-parênteses (() no começo da codificação, em razão de ser necessário para que o programa estatístico possa reconhecer os dados;
2. posteriormente, na segunda coluna, encontra-se o símbolo de uma das variantes da variável dependente enéaria desse estudo (I= Pretérito imperfeito perifrástico);
3. em seguida, da terceira até a décima coluna, indica-se a codificação dos 10 grupos de condicionadores linguísticos e sociais, organizados da seguinte maneira: Y (paralelismo- ocorrência isolada ou de primeira série); @ (ocorrência da própria fala do informante); H (tipo de texto) que representa listas hipotéticas; J (extensão silábica do verbo- verbo com 2 sílabas); C (Saliência Fônica) verbo com 1^a conjugação; 4 (paradigma verbal) verbo regular e 9 (transitividade verbal) verbo copulativo; M (gênero) masculino; m (escolaridade) ensino médio; 1 (faixa etária) primeira faixa etária;

Colocados os dados codificados no *Token* do programa, é criado o arquivo de especificações, no qual são evidenciados ao programa todos os condicionadores linguísticos e extralinguísticos e todos os fatores de cada condicionador e são efetivadas as ‘rodadas’ dos dados, as quais se constituem de cruzamentos realizados das codificações com os grupos de fatores. Através delas obtêm-se informações numéricas e pesos relativos, os quais indicam os grupos de fatores que são pertinentes para a ocorrência da variável dependente em estudo.

Diante dessas informações fornecidas por meio dos cálculos do programa, faz-se a interpretação e a análise, relacionando a quantificação dos dados e os pesos relativos com os grupos de fatores selecionados, linguísticos e extralinguísticos, para confirmar as hipóteses levantadas sobre o objeto de estudo. Os grupos de fatores que tem o peso relativo acima de 0,5 são interpretados como favoráveis à aplicação da regra, enquanto valores inferiores a 0,5 como inibidores, mas quando se trata de uma análise binária.

Porém, quando se trata de análise eneária, a medida de relevância depende da quantidade de variantes envolvidas. Se forem quatro variantes, a medida de referência é 0,25. Desta forma, valores maiores que estes propiciam a ocorrência da variante e, a ocorrência de valores menores, desfavorece.

CAPÍTULO 5- DESCRIÇÃO DOS GRUPOS DE FATORES, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS ESTATÍSTICOS

Nesta categoria pautada, abordar-se-á a descrição dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes que influenciam ou não a ocorrência da variação do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, na expressão do *irrealis*. Serão verificadas se estas ocorrências se realizam em suas formas sintéticas ou perifrásticas. O intuito é atribuir uma análise qualiquantitativa, por meio da interpretação dos dados, para reconhecer melhor a natureza, as funções, as relações e causas do emprego linguístico em questão.

Para tanto, os resultados apresentados levaram em conta a totalidade das ocorrências efetivadas pelos 24 informantes, ou seja, a distribuição geral das ocorrências no *corpus*. Em seguida, apresentam-se os fatores favoráveis e desfavoráveis dessas variantes. Em virtude do programa *Goldvarbx* não aceitar rodadas eneárias para a retirada de pesos relativos, pois é binominal, não foi possível realizar uma rodada com todas as variáveis (IA +V, IRIA +V, FP e PI), portanto se realizou as seguintes rodadas: em um primeiro momento se tinha rodado FP versus PI, as formas sintéticas, considerando-se cada variante com aplicação separadamente e, posteriormente, IRIA + V *versus* IA +V, as formas perifrásticas, fazendo sua aplicação separadamente, uma vez que a variável de FP é PI e de IRIA + V é IA +V. Mas, depois, percebeu-se que o uso inexpressivo de IRIA +V estava desequilibrando os dados, especialmente a perífrase pretérita IA+V, portanto, decidiu-se retirá-lo. Procedimento similar foi adotado por Tesch (2011, p. 98), ao analisar esse mesmo fenômeno variável na fala capixaba, conforme a autora explica:

Por estarmos trabalhando com uma variante eneária (três formas de expressão do *irrealis*: FP, PI e IA+V), tivemos que as agrupar para podermos utilizar o programa computacional *Goldvarb* que só realiza rodadas binárias. Para obter os pesos relativos, foram realizadas três rodadas no programa: 1) FP em detrimento de PI e IA+V; 2) PI em detrimento de FP e IA+V; 3) IA+V em detrimento de FP e PI.

Por meio das rodadas dos dados inseridos no *Goldvarbx* para este estudo, obtiveram-se os pesos relativos e informações a respeito dos fatores que condicionam essa variação na língua portuguesa para expressar *o irrealis*. A seguir, apresenta-se a Distribuição Geral dos Dados.

5.1. Distribuição Geral dos Dados

Antes de apresentar os diferentes grupos de fatores e seus respectivos resultados, é interessante mostrar a distribuição geral das variantes em estudo. Nos 24 DIDS (diálogo entre documentador e informante-entrevistas) foram identificadas, ao todo, duas mil e duzentos e vinte e nove (2229) realizações das variantes que se alternam na expressão do *irrealis*, constituídas pela somatória das formas verbais do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, tanto em sua forma sintética quanto em sua forma perifrástica, considerando somente os verbos não modais.

Na tabela 1, evidencia-se a distribuição geral de frequência dessas formas verbais. Expõe-se, em ordem decrescente, o total de ocorrências do pretérito imperfeito (perifrástico e sintético) e do futuro do pretérito (sintético e perifrástico), no âmbito do *irrealis*:

Tabela 1: Distribuição de ocorrências das variantes IA+V, PI, FP e IRIA+V

	Pretérito Imperfeito Perifrástico (IA+V)	Pretérito Imperfeito Sintético (PI)	Futuro do Pretérito Sintético (FP)	Futuro do Pretérito Perifrástico (IRIA +V)	Total
Nº	837	736	631	25	2229
%	37,6%	33,0%	28,3%	1,1 %	100 %

Fonte: De própria autoria (2019)

Dessas 2229 ocorrências, atestaram-se 631 efetivações do futuro do pretérito sintético (FP), equivalendo a um percentual de 28,3% dos dados, e as do pretérito imperfeito sintético (PI) se verificou 736, que totalizam um percentual de 33%. Por conseguinte, nota-se que apesar de o emprego do pretérito imperfeito ter suplantado a forma verbal do futuro do pretérito, em termos percentuais, a diferença entre as duas variantes foi somente de 4,7%, quando se considera somente as formas sintéticas.

Dessarte, esses resultados se aproximam aos da pesquisa de Santos (2014), a qual averiguou a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, considerando-se somente duas variantes, a forma sintética de FP e a forma sintética de PI e verificou que estas variantes se distribuem de forma equilibrada, em virtude de a diferença percentual entre as duas variantes ser de apenas 4 pontos percentuais. Ainda Costa (1997), em sua pesquisa, verificou esta variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, tanto em suas formas sintéticas quanto em suas formas perifrásticas no português oral do Rio de Janeiro, na qual constatou que a variação entre a variante de PI e de FP, na oralidade, também ocorre de maneira equilibrada, não havendo diferenças percentuais entre as duas variantes.

Conforme se observa na Tabela 1 em referência às ocorrências perifrásticas, a perífrase do futuro do pretérito (IRIA+V) é pouco frequente, foram apenas 25 efetivações, correspondendo a 1,1 % dos dados do *corpus*. Por outro lado, a construção verbal perifrástica do pretérito imperfeito (IA+V) destacou-se nos contextos em que o valor temporal é de futuro do pretérito, obtendo-se um total de 837 ocorrências, indicando um percentual 37,6%. Portanto, os falantes isabelenses preferem empregar a perífrase (IA+V) para indicar o pretérito imperfeito (PI); já para o futuro do pretérito (FP) selecionam a forma sintética.

As pesquisas de Karam (2000), Costa (2003), Tesch (2007), Oliveira (2016), Barros (2015) e Ribeiro (2015), que focalizaram a variação da expressão do futuro verbal em registros linguísticos orais do português brasileiro, confirmam que a forma sintética (FP) ainda ocorre em maior índice na fala em relação às outras variantes (PI, IA+V e IRIA+V) na distribuição geral dos dados, tendo uma média de 41 a 62,05 % dos dados, enquanto que a perífrase em menor recorrência, com 18 a 28% dos dados de (IA +V) e 0 a 3 % de (IRIA +V).

Diferentemente desses resultados, na variação do português amazonense de Santa Isabel do Rio Negro, conforme os resultados do corpus aqui analisado, é o uso da forma perifrástica IA + V que se destaca, apresentando 4% a mais de ocorrência que o PI em sua forma sintética e 9,3 % em relação ao FP. Logo, essa variante é uma forte concorrente para expressar a mesma noção de tempo do futuro simples (FP), por ser a variante mais assídua no *corpus* deste estudo. Outro resultado a ser ressaltado é a perífrase com IR flexionado no futuro do pretérito que está praticamente em desuso.

Ao analisar as ocorrências das variantes do pretérito imperfeito (PI) e futuro do Pretérito do indicativo (FP) amalgamadas, verifica-se o uso predominantemente alto das

formas verbais do pretérito imperfeito, ou seja, de PI e de IA+V. Observe a distribuição dos resultados:

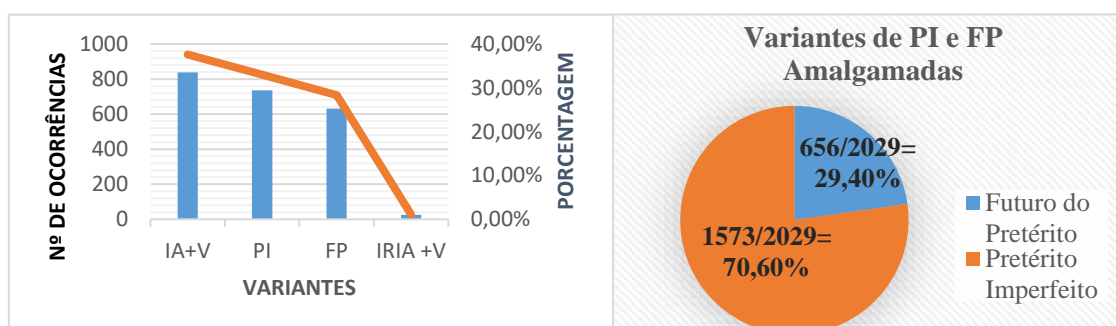
Tabela 2: Distribuição amalgamadas de ocorrências das variantes no Pretérito Imperfeito e do Futuro do Pretérito do indicativo

	Pretérito Imperfeito	Futuro do Pretérito	Total
Nº	1573	656	2229
%	70,60 %	29,40%	100%

Fonte: De própria autoria (2019)

A Tabela 1 evidenciou que as ocorrências do pretérito imperfeito totalizaram 33,0% dos dados, um valor equilibrado em relação às do futuro do pretérito (28,3%), todavia, ao verificar as ocorrências das variantes no futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo juntas, evidencia-se claramente a preferência predominante dos informantes pelas formas no pretérito imperfeito do indicativo, com um percentual bastante significativo de 70,60% dos dados. Para uma melhor visualização, segue-se um gráfico subdividido em duas séries, expondo a distribuição ao se considerar as formas sintéticas e perifrásticas separadamente e após amalgamá-las:

Gráfico 2- Distribuição das ocorrências de PI, FP, IA +V, IRIA+ V



Fonte: De própria autoria (2019)

Sendo assim, a partir desses resultados, visualiza-se que, no geral, a informação no contexto do *irrealis*, na variedade do português falada em Santa Isabel do Rio Negro, é expressa pelas formas no pretérito imperfeito. Portanto, conforme demonstrado, analisando separadamente as formas sintéticas e perifrásticas, apresenta-se uma predominância das ocorrências da forma verbal do pretérito imperfeito perifrástico

(IA+V) e, ao se considerar as formas sintéticas e perifrásticas juntas, as formas do pretérito imperfeito, novamente, prevalecem o seu domínio.

Em seguida, expõem-se os grupos de fatores intralinguísticos e sociais que se mostraram pertinentes à variação entre FP, PI, IA +V e IRIA +V no contexto do *irrealis*, conforme os resultados apontados pelas rodadas dos dados realizadas pelo programa estatístico *Goldvarbx*.

Em relação aos fatores, o programa selecionou como relevantes as seguintes variáveis linguísticas e sociais para cada variante, as quais estão em negrito e por ordem de relevância:

Quadro 19: Grupos selecionados pelo programa às respectivas variantes

FP	PI	IA +V
1. Paralelismo	1. Paralelismo	1. Paralelismo
2. Escolaridade	2. Tipologia Textual	2. Paradigma verbal
3. Tipologia Textual	3. Saliência Fônica	3. Escolaridade
4. Saliência Fônica	4. Paradigma Verbal	4. Faixa Etária
5. Faixa Etária	5. Transitividade	5. Saliência Fônica
6. Sexo	6. Sexo	6. Extensão Lexical
7. Transitividade	7. Faixa Etária	7. Tipologia Textual
8. Paradigma Verbal	8. Escolaridade	8. Sexo
9. Extensão Lexical	9. Extensão Lexical	9. Transitividade
(não selecionado)		(não selecionado)

Fonte: De própria autoria (2019).

Portanto, na sequência analisam-se os resultados obtidos dessas variáveis. Primeiro, averiguam-se as implicações das variáveis intralinguísticas e, a *posteriori*, das variáveis sociais: sexo, gênero e escolaridade.

5.2. Condicionadores Intralinguísticos

Os condicionadores linguísticos, comumente denominados de variáveis linguísticas, atuam como forças dentro da língua, que condicionam o indivíduo ou um grupo de pessoas a falarem seguindo um determinado molde. São eles que regulam e condicionam determinada escolha ou não de uma variante. Nesta seção serão

apresentadas as forças internas que operam na expressão de futuridade: o Paralelismo Formal, a Saliência Fônica, a Tipologia Textual, a Extensão Lexical, o Paradigma Verbal e a Transitividade Verbal.

5.2.1. Paralelismo Formal Sintático-Discursivo

O princípio do paralelismo, também denominado “gatilho” ou “traço propulsor/repetição”, consiste em uma “tendência à repetição de uma forma anteriormente utilizada” (OMENA, 2003, p. 65), a qual pode ser realizada da seguinte maneira: no próprio discurso do falante (traço propulsor/repetição) ou na relação de fala entre o entrevistador e o informante no plano interacional (gatilho).

Esse ato paralelístico (repetição), utilizando-se as palavras de Tannen (1989, p. 87), “é uma estratégia linguística fundamental, forte, e infinitamente útil”. De acordo com Tannen, em sua obra *Talking Voices*, o mecanismo da repetição é essencial tanto na elaboração de um discurso, quanto na produção de um discurso em si mesmo, ou melhor, na constituição da língua. Declara que, no momento do diálogo, as diversas finalidades para as quais a repetição oferece podem ser sintetizadas pelas instâncias da produção, da compreensão, da conexão e da interação.

Deste modo, esse traço propulsor (repetição): a) possibilita ao falante (enunciador) elaborar uma linguagem de maneira mais eficiente, menos energética, mais fluente e automática; b) viabiliza a compreensão pelo fato de se produzir um discurso com menor densidade semântica, ou seja, se algumas estruturas ou termos são repetidos, comparativamente menos novas informações são comunicadas caso todas fossem pronunciadas diferentemente. Portanto, essa redundância procede, como uma regra, do menor esforço, já que, por isso, o esforço mental é reduzido, sendo mais fácil o entendimento do discurso; c) demonstra como as novas elocuições estão conexas ao discurso precedente, e como as ideias expostas no discurso se relacionam umas com as outras; d) trabalha no plano interacional enunciativo, unindo os desígnios sociais ou dirigindo o tópico da conversa. “[...] Em outras palavras, a repetição liga não somente partes do discurso entre si, mas une os participantes do discurso, integrando os falantes em conversas e em relações” (p.51-52).

Costa (2016, p. 147) considera que o efeito do paralelismo deve ser interpretado como uma “forma de realçar e enfatizar” a marcação de uma forma linguística numa sequência discursiva, entre orações. Por outro lado, Gorski (1994, p.41-44) afirma que a

manutenção de formas semelhantes no discurso é uma tendência cognitivamente determinada pela memória associativa para garantir o processamento mais rápido de informações, como também a continuidade e progressão do mesmo conteúdo.

Por estas várias funcionalidades, o fator paralelismo passou a ser uma categoria de análise influente em diversas pesquisas correlacionadas a variações linguísticas e se tornou um grande motivador ao uso de estruturas linguísticas.

Em destaque em muitas pesquisas, a de Vitória (2016) certifica essa importância do paralelismo, ao verificar a alternância entre os pronomes de terceira pessoa (*nós/a gente*) na função de sujeito discursivo na fala culta em Maceió, Alagoas, pois a presença sistemática do pronome pessoal *nós* levou à ocorrência de outro pronome *nós* e a utilização de *a gente* favoreceu a ocorrência de *a gente* no discurso dos falantes. Também Bragança (2008) e Tesch (2011), ao estudarem a respeito da oscilação entre as variantes do futuro do presente e o presente do indicativo, atestaram que a presença de uma forma verbal sintética favorece o uso de outra forma verbal idêntica, assim como nas perífrases (Ir + infinitivo). Ainda em Tesch (2007), com a investigação da variação entre as formas do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, este grupo de fator paralelismo obteve primeiro lugar na seleção do programa estatístico, para as três variantes (FP, PI e IA + V), nas ocorrências em cadeia, ou seja, o FP influencia a utilização do FP, o PI favorece o uso do PI e IA+ V leva outra forma do IA +V. Assim como o falante tende a repetir a forma utilizada pelo entrevistador, as ocorrências de gatilho, uma vez que o futuro do pretérito leva a FP e o pretérito imperfeito do indicativo favorece PI e o IA+ V.

Devido à grande repercussão deste grupo de fator em diversas pesquisas sociolinguísticas variacionista, “o paralelismo formal tem-se mostrado tão operativo num leque tão amplo de fenômenos, em tantas línguas (espanhol, inglês, francês, quíchua, crioulo cabo-verdiano e português), que ele deve ser considerado com um sério candidato a universal de uso e processamento da linguagem” (SCHERRE & NARO, 1991, p.30).

No que concerne à presente pesquisa, a hipótese formulada em relação ao paralelismo é a seguinte: a utilização do PI propiciaria, outra vez, a utilização de outra estrutura de PI e, em contrapartida, o emprego do FP favoreceria o uso do FP. Do mesmo modo, nas construções perifrásticas, o uso do IA+ V ou IRIA+ V levariam ao emprego de outra forma IA+ V ou IRIA+ V.

Por meio deste grupo de fator, averigua-se a interferência do paralelismo sintático-discursivo em relação à escolha das formas verbais em análise. Para isso, levar-se-á em

consideração os paralelismos formais adjacentes do próprio discurso do falante, como também a relação de fala entre o entrevistador e o informante (gatilho).

Seguem-se os tipos de paralelismo possíveis de ocorrerem na análise deste estudo, exemplificados com as ocorrências do *corpus*:

a) Ocorrência Isolada e sem gatilho que a preceda:

FP (Futuro do Pretérito):

DOC: se a senhora fosse indicar...alguma religião néh...pra alguém...qual voCÊ... qual a senhora..assim...suGere néh...se a senhora fosse indiCAR...e::::porQUE?

INF: eu **indicaria**...a católica por causa...eu já nasci assim...eu fui me criando néh...tendo só essa religião néh...assim.. eu só conheci essa religião mesmo...católico...e gosto dos dogmas néh... acho que ensina coisas boas... principalmente o amor ao PRÓximo...então é essa...(Inquérito 14- 2ª F, EM, FEM)

PI (Pretérito Imperfeito):

DOC: o que..que você pensa...sobre as mulheres que...apanham dos seus maridos...que sofrem agressões né...se o senhor tivesse a oportunidade de conversar com uma mulher dessas né...que conselhos o senhor dá...caso o senhor tivesse a oportunidade...ou chegasse uma Mulher ...uma Mulher que sofresse isso né...

INF: eu eu visse eu não **deixava**...[doc: hum-hum]...qualquer uma pessoa batendo...numa mulher...porque é covardia...bater numa mulher...a mulher é indefesa...né...até::::...que elas...sejam infedesas...que não sejam jiu-jiteira...porque ali...né...é barra quente...ali não apanha...ali bate...(risada)

IA +V (Pretérito Imperfeito Perifrástico):

DOC: E assim, você é casado na igreja? Então...a mulher chega hoje em casa e diz pra ti “Amor, nós vamos casar na igreja neste sábado já marquei tudo pra este sábado”...Qual será tua reação?

INF: Eu **ia ficar** espantado dela ter feito isso... é o jeito casar... né?
(Inquérito 10- 1º F, EF2, MASC)

IRIA +V (Futuro do Pretérito Perifrástico)

DOC: do recreio (tom de risada)... saiu... tu tá no recreio agora... éh:::... aí tu saiu do recreio... aí o teu melhor amigo diz assim... /.../... namora comigo? Aí... o que que tu faz? O que que tu irá fazer... depois dessa notícia?

INF: (Eu) **iria conversar** com ele... (Inquérito 18- 3ª F, EM, MASC)

b) Primeira Ocorrência de uma série:

FP (Futuro do Pretérito):

DOC: Se o senhor fosse né...a um passeio com o seu melhor amigo...e uma cobra comeÇAsse...a engoli-lo na sua FRENte...né...pegou ele...comeÇAse a engoli-lo...o...qual a sua atitude...né...pra mudar isso...esse quadro...do seu amigo ((falando rindo))?

INF: Olha..no primeiro momento..se eu tivesse um teÇAdo...uma FOice...uma enXAda...alguma coisa ...eu **cortaria** a CObra...eu **atacaria** a CObra... [doc: hum-hm] (hes) mas eu num **deixaria**... (Inquérito 18- 3ª F, EM, MASC)

PI (Pretérito Imperfeito):

DOC: é:::... imagine...a sua mãe...estivesse volTANdo do traBALho...muito feliz por querer encontrar a família TOda...e cheGAsse em CAsa e Visse...o marido DELa a traindo...né...o sue pai traindo ela...com a melhor aMIga DELa...o que...que ela faz? Equal é::: (hes)...a reação dela?

INF: eu acho que no primeiro momento ela **queBRAva**...tudo o que tinha em CAsa... [doc: hum-hm] (hes)...na costa do maRIdo...e da muLHER...**quebrava** a vassoura...**quebrava** o tessado...**quebrava** tudo...**quebrava** na porrada mermo...porque...é uma reação pesada né...você chegar em casa e ...vê aquilo que é seu...na ca...naquela situação...aonde você dorme...aonde você...aconchega...eu acho que não é fácil...qualquer um perderia a cabeça... (Inquérito 18- 3ª F, EM, MASC)

IA +V (Pretérito Imperfeito Perifrástico):

DOC: Se por um aCAso a sua tia... deixasse a filha dela... com uma amiga...com a melhor amiga dela... e depois chegasse pra buscá-la

inesperadamente né ... e Visse... a melhor amiga baTENdo NEla... o que.. que tua tia... FAZ?

INF: ela **ia disCUtir** com a peSSOa e nunca mais **ia deiXAR** a filhinha dela com Ela.. (Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

IRIA +V (Futuro do Pretérito Perifrástico):

DOC: Imagina a sua mãe ...chegasse voltando do trabalho... muito feliz por querer encontrar a família toda...e quando chegasse em casa visse o seu marido traindo ela com a melhor amiga... o que ela FAZ e qual a reação dela... o que ela faz?

INF: bom...ela **iria brigar** com a pessoa.... ela **iria discutir** com a peSSOa (Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

c) Ocorrência precedida de FP na própria fala do informante:

DOC: então... se a senhora tivesse a oportunidade de conversar com... com um desses meninos que tivesse no mundo das drogas... o quê que a senhora aconselhava... ou aconselha?

INF: eu **aconselharia** ele a voltar pra outro... outro RUmo... eu já aconselhei... eu já falei maninho essa droga... essa vida não é pra ti... vão estuDAR... vão fazer alguma... vão trabaLHAR... aí eles falam pra mim... ah mas dona Ciró a gente não arranja trabalho... então vão tentar... vão sair daqui... a gente pediu pras muitas mães tirar eles daqui... porque em Manaus... os que tiram da... saiam daqui... porque lá em Manaus eles não tenham esse ambiente... que aqui num tem nada pra fazer... não sei o quê lá... aí toma... toma aqui vamo fumar... vamo beber... e... eu **aconselharia** as mãe a tirar eles daqui pra ir pra outro loCAL... pra continuar o estudo... fazer algum sacriFÍcio e eles... as vezes eles ficam... mas eles num escutam... porque não tem opção... aí eles voltam na droga... aconselhar a gente aconselha... mas eles num esCUtam... (Inquérito 15, 3ª F, EM, FEM)

d) Ocorrência precedida de PI na própria fala do informante:

DOC:: é...éh::... assim... imagine uma situação... néh... caso uma pessoa que está deitada numa rede... pensaTIva... triste... preocuPAda... porque varias DIvidas... do mês à paGAR... néh... de repente... vem alguém e diz... você ganhou na loteRIA... como você imaGIna a reação dessa pessoa indiviDAda ao receber esse maraviLHOsa... noTÍcia... como ela faz... então... agora... primeiro... ela levanta da rede... o que MAIS...?

INF: INF: ((risada)) **PeGava** o dinheiro e **gasTava...** **compRAva** hoRROres e nem **paGava** as dívidas...((risada)) (Inquérito 19- 1ª F, ES, FEM)

e) Ocorrência precedida de IA+V na própria fala do informante:

DOC:: ((risada))... tá...éh:::... /.../ se tu ganhasse na loteria... néh... o que que tu faz com o dinheiro se tu ganhasse na loteria?

INF: bom... se eu... /.../... ganhasse na loteria... que é meu so:::nh... eu acho que eu... primeiro... néh... eu **ia fazer** minha CA:::sa... eu **ia construir** as coisas que eu sonho... tipo... eu sonho em fazer um *shopping* pra mim ((risada)) [doc: ((risada)) (Inquérito 19- 1ª F, ES, FEM)

f) Ocorrência precedida de IRIA+V na própria fala do informante:

DOC: Imagina a sua mãe ... chegasse voltando do trabalho... muito feliz por querer encontrar a família toda...e quando chegasse em casa visse o seu marido traindo ela com a melhor amiga... o que ela FAZ e qual a reação dela... o que ela faz?

INF: bom...ela **iria brigar** com a pessoa.... ela **iria discutir** com a peSSOa (Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

g) Ocorrência precedida de gatilho no FP

DOC: se o luciano huck chegasse na sua casa... assim... do nada de repente dissesse... hoje o quadro é com você... néh... se ele cheGAsse... o que que a senhora **mudaria** na sua CAsa?

INF: eu **mudaria** uma casa minha que tá caindo porque realmente eu tô pensando... quando eu tiver um dinheiro... eu vou mudar Ela... eu não vou mudar... eu vou arruMAR porque eu tenho um projeto de para o ano dar... aula de reforço... porque eu vejo o pessoal cobrar cem... cinquenta... eu não vou cobrar nada... eu quero que essas criança se... aprendam... que (educa)... néh... (seduc) ... e não vou cobrar não... chegou gente... chegou gente? ... (Inquérito 15, 3ª F, EM, FEM)

h) Ocorrência precedida de gatilho no PI

DOC: a sua mãe estivesse voltando do trabalho...muito feliz por querer encontrar a família dela toda né...e quando chegasse em casa visse o marido dela...traindo ela com a melhor amiga...qual?...qual? e...é:...qual era a reação dela...assim de vê né...qual a reação dela...o que...que ela **fazia** na hora?

INF: eu acho que ela **expulSava** né...éh:::...a amiga dela...éh isso...(Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

i) Ocorrência precedida de gatilho no IA +V

DOC : Éh... imagine caso ela fosse escolhida para participar desses programas... néh... do lar doce lar... descreva qual a reação... que ele tem... qual é que ela tem ao ser escolhida... néh... qual ia ser a reação dela no momento que ela fosse escolhida... néh... na hora da reforma... o que que ela ia... ia mudar... néh... ia modificar na sua casa... e depois disso tudo... ela tivesse que dançar e cantar... como pagamento do prêmio... qual **ia ser** a reação dela?

INF: **ia escolher** logo outra pessoa... pra ir no lugar... dela...néh... [doc: hum-rum]... porque não ia ter coragem de dançar... E Fazer tudo isso...(Inquérito 14- 2ª F, EM, FEM)

j) Ocorrência precedida de gatilho no Iria +V:

DOC: Éh... e se a sua tia tivesse... éh... botando os pratos na mesa... néh... éh... do almoço... do nada alguém batesse na porta DEla... aí sumisse... néh... a pessoa... e ela enconTRAssE um bebê... qual é... qual se... e... qual iria ser a reação dela... e o que que ela **iria fazer**?

INF: Eu acho que ela... ela **iria acoLHER**... néh... com certeza...a criança... (Inquérito 24- 3ª F, ES, MASC)

5.2.1.1 Discussão dos Resultados do Fator Paralelismo

Os resultados dos dados expostos nas Tabelas 3, 4, 5 e 6 foram obtidos a partir de diferentes rodadas do programa estatístico empregado, considerando-se cada variante como aplicação de regra separadamente. O Paralelismo foi o Grupo de Fator que ficou em primeiro lugar na seleção do *Goldvarb X* para as variantes PI, FP e IA +V. Apesar de

não se ter rodado como aplicação a variante IRIA +V pela sua pouca ocorrência (1,1%), tece-se observações pela frequência dos dados obtidos.

Tabela 3: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante PI (Amostra de Santa Isabel)

Fatores	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Ocor. em cadeia, precedida de PI na própria fala do informante	339	67,9	0.780
Ocorrência Isolada sem gatilho	22	18,5	0.381
Primeira Ocorrência de uma série	67	21,3	0.377
Ocor. em cadeia, precedida de FP na própria fala do informante	129	30,1	0.566
Ocor. em cadeia, precedida de IA+V na própria fala do informante	118	21,3	0.551
Ocor. em cadeia, precedida de IRIA+V na própria fala do informante	3	18,8	0.323
Ocorrência com gatilho em FP	10	13,0	0.344
Ocorrência com gatilho em PI	30	36,1	0.580
Ocorrência com gatilho em IA +V	8	12,1	0.228
Ocorrência com gatilho em Iria +V	10	13,7	0.391
TOTAL	736	33,0	-

Fonte: De própria autoria (2019).

Tabela 4: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante IA +V (Amostra de Santa Isabel).

Fatores	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Ocor. em cadeia, precedida de IA+V na própria fala do informante	381	68,9	0.820
Ocorrência Isolada sem gatilho	39	32,8	0.453
Primeira Ocorrência de uma série	122	38,9	0.500
Ocor. em cadeia, precedida de PI na própria fala do informante	101	20,2	0.354
Ocor. em cadeia, precedida de FP na própria fala do informante	52	12,1	0.198
Ocor. em cadeia, precedida de IRIA+V na própria fala do informante	8	50,0	0.069
Ocorrência precedida de gatilho no FP	19	24,7	0.336

Ocorrência precedida de gatilho no PI	24	28,9	0.402
Ocorrência precedida de gatilho no IA +V	48	72,7	0.807
Ocorrência precedida de gatilho no Iria +V	43	58,9	0.715
TOTAL	837	37,6	-

Fonte: De própria autoria (2019)

Tabela 5: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante FP (Amostra de Santa Isabel)

Fatores	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Ocor. em cadeia, precedida de FP na própria fala	246	57,3	0.761
Ocorrência Isolada sem gatilho	57	47,9	0.532
Primeira Ocorrência de uma série	120	38,2	0.522
Ocor. em cadeia, precedida de PI na própria fala do informante	56	11,2	0.327
Ocor. em cadeia, precedida de IA+V na própria fala do informante	52	9,4	0.266
Ocor. em cadeia, precedida de IRIA+V na própria fala do informante	3	18,8	0.466
Ocorrência precedida de gatilho no FP	45	58,5	0.821
Ocorrência precedida de gatilho no PI	28	33,7	0.635
Ocorrência precedida de gatilho no IA +V	9	13,6	0.336
Ocorrência precedida de gatilho no Iria +V	15	20,5	0.501
TOTAL	631	28,3	-

Fonte: De própria autoria (2019)

Tabela 6: Influência da variável Paralelismo Formal na seleção da variante IRIA +V (Amostra de Santa Isabel)

Fatores	Total dos dados	Frequência (%)
Ocor. em cadeia, precedida de IRIA+V na própria fala do informante	5	12,5
Ocorrência Isolada sem gatilho	1	0,8
Primeira Ocorrência de uma série	2	1,6
Ocor. em cadeia, precedida de PI na própria fala do informante	3	0,6
Ocor. em cadeia, precedida de FP na própria fala do informante	2	0,5
Ocor. em cadeia, precedida de IA+V na própria fala do informante	2	0,4
Ocor. precedida de gatilho no FP	3	3,9

Ocor. precedida de gatilho no PI	1	1,2
Ocor. precedida de gatilho no IA +V	1	1,5
Ocor. precedida de gatilho no Iria +V	5	6,8
TOTAL	25	1,1

Fonte: De autoria própria (2019)

Os resultados apresentados nessas tabelas referentes à frequência do Grupo de Fator Paralelismo testificam a influência do Paralelismo na seleção das variantes no contexto do *irrealis* e reforçam a hipótese de que a utilização de uma forma verbal em uma situação anterior, seja adjacente no discurso do documentador (forma em gatilho) ou na própria fala do informante, desencadeia a ocorrência de uma outra forma idêntica a essa no contexto posterior (FP leva a FP; PI leva a PI; IA +V leva IA +V; e IRIA +V leva a IRIA +V).

A primeira ocorrência de uma série e os fatores ocorrências isoladas com a ausência de gatilho referem-se a dados que não dispõem de outras ocorrências prévias que possa justificá-los como paralelos a outras no *corpus* do trabalho. Estes dois fatores ocorrem de maneira equilibrada e não proeminente, em virtude de os seus pesos relativos e os valores numéricos de suas ocorrências apresentarem uma queda acentuada em comparação às ocorrências em cadeia para as quatro variantes (FP, PI, IA +V, IRIA +V), o que possibilita verificar que o paralelismo favorece largamente a escolha das formas linguísticas em questão.

Quanto ao Paralelismo que ocorre em cadeia na própria fala do informante, em referência às variantes inovadoras, PI (em suas formas sintéticas e perifrásticas), verificou-se que PI favorece o uso de PI, com uma frequência significativa 67.9 % (339 ocorrências) dos dados e 0.780 de peso relativo; a forma perifrástica IA + V desencadeia o aparecimento de outra forma verbal de IA + V, atingindo um percentual de 68.9% dos dados (381 realizações) e 0.820 de peso relativo. Portanto, é o paralelismo é maior no uso da forma perifrástica.

Também verificou essa tendência de ocorrência do paralelismo na forma verbal tradicional, o Futuro do Pretérito (FP). Foram registradas 246 ocorrências paralelas de FP, correspondendo a um percentual de 57.3 % e um peso relativo de 0.761, resultado que se aproxima muito do paralelismo referente ao PI (0.780); o uso da forma verbal perifrástica de FP (IRIA + V) ocasionou 5 ocorrências paralelas, correspondente a 12.5 %, maior frequência dessa variante. Esse índice é maior que o da ocorrência isolada, que

foi de apenas uma ocorrência e maior do que as realizações não paralelas a sua (Ocor. em cadeia, precedida de PI na própria fala e Ocor. em cadeia, precedida de FP na própria fala).

Verificou-se também que o falante tende a pronunciar a mesma forma utilizada pelo entrevistador, o que se denomina de “ocorrências em gatilho”, uma vez que o futuro do pretérito favorece o uso de FP (0.821) e o pretérito imperfeito do indicativo propicia a utilização de PI (0.580), IA + V leva a ocorrência de IA+ V (0.807) e IRIA +V influencia a ocorrência de outra forma de IRIA +V, com 5 ocorrências e um percentual significativo de 6,8 %.

Portanto, constatou-se que o Grupo de Fator Paralelismo, emprega com maior frequência FP sob o efeito do gatilho e, em segundo lugar, IRIA + V. Já quando se trata do Paralelismo considerando a ocorrência prévia ocorrida na própria fala do locutor, apresentam maior índice as ocorrências as formas inovadoras de IA +V, seguida de PI.

O que influencia a não ocorrência do paralelismo do pretérito imperfeito (PI) são as ocorrências precedidas de IA + V na própria fala do informante (0.551) e precedidas de FP na própria fala (0.566). Por outro lado, as formas que implicam essa mesma situação para futuro do pretérito (FP) são as precedidas de gatilho no pretérito imperfeito do Indicativo (0.635) e na perífrase do futuro do pretérito IRIA + V em gatilho (0.501). Em relação ao IA +V, o IRIA + V na fala do documentador (em gatilho) inibe o seu uso (0.715). Para IRIA +V, PI em cadeia na própria fala do informante (0,6 %), e em maior grau, apresentando maior índice percentual e número de dados, o FP em gatilho (6,8%) funcionam como as variantes que desfavorecem a forma perifrástica. Portanto, a compreensão do princípio do paralelismo se mostrou importante para entender o processo de alternância das variantes da expressão do *irrealis* no português falado pelos isabelenses.

Na pesquisa de Costa (1997, p.103), similarmente ao resultado aqui apresentado, o Paralelismo foi considerado o Grupo de Fator mais significativo dentre outras variáveis apontadas pelo programa VARBRUL, conforme a autora explica:

ao ocorrer numa cadeia de variantes sem gatilho, a forma FP foi preferencialmente precedida de outra forma FP (0.79). As variantes PI e IA+V obtiveram pesos relativos ainda mais altos em situações em que aparecem precedidas, respectivamente, de formas idênticas (0.90 e 0.91).

Também Santos (2014, p.102), em sua pesquisa a respeito do português informal falado em Feira de Santa, concluiu: “pôde-se comprovar o princípio do paralelismo, porque uma forma de PI tende a levar a outra forma idêntica e uma ocorrência precedida de gatilho em FP também propicia o emprego de outra forma de FP”. Portanto, o paralelismo tem se tornado uma variável relevante para os estudos sobre variação linguística.

5.2.2 Sequências textuais / Tipos de Textos

Marcuschi (2008, p. 154-155), em seu livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, declara que é importante e necessário o estabelecimento da distinção entre *sequência/ tipo textual* de *gênero textual*. De acordo com o autor, a tipologia textual designa um conjunto de enunciados definidos pela sua natureza linguística de composição, determinada pelos seus aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, relações lógicas, estilo e tempos verbais. Categoricamente, o tipo textual é a forma ou o modo de como o texto se materializa, sendo que essa estruturação textual pode apresentar uma organização bem definida e identificada por suas características predominantes, abrangendo-se cerca de meia dúzia de categorias classificadas como: narração, injunção, exposição, argumentação e descrição.

Por sua vez, o Gênero textual está vinculado à base de critérios externos, à necessidade sociocomunicativa do falante, baseada no uso e não na estrutura. São textos que se inserem na vida cotidiana (no plano social) e que possuem padrões peculiares determinados por conteúdos temáticos, composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente elaborados na integração de forças históricas, sociais, técnicas e institucionais. Dentre outros exemplos de gêneros, o autor menciona telefonema, carta pessoal, sermão, romance, bilhete, aula expositiva, horóscopo, cardápio, inquérito policial, bula de remédio, receita culinária e entre outros.

Neste estudo, a entrevista é o gênero discursivo que constitui o *corpus*, por ora analisado. Nele apresentam-se 24 perguntas das quais propiciaram tipologias argumentativas e listas hipotéticas, as quais foram consideradas como fatores de análise, pois como foi supramencionado na metodologia, no roteiro das entrevistas, o entrevistador realiza 12 perguntas que conduzem os falantes isabelenses a dizerem o que fariam em determinadas situações hipotéticas e 12 questões argumentativas que

direcionam os informantes a falarem sua opinião sobre algum determinado assunto e justificá-la. Desta maneira, o desígnio em averiguar a variável tipo de texto é verificar se cada construção linguística avaliada pode ser um propiciador na alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, tendo em vista que cada sequência textual dispõe de propriedades estruturais características, das quais os informantes fazem uso, em função da finalidade discursiva.

A tipologia argumentativa ocorre quando o enunciador expressa a sua opinião e justifica este tal pensamento, com o intuito de convencer o alocutário no processo da conversação. Esta sequência textual emana do diagnóstico, da interpretação, do juízo das informações com relação à realidade e da conduta crítica em consonância ao que se debate. Portanto, para Bonini (2005, p.220-221), “argumentar, no sentido mais elementar, é direcionar a atividade verbal para o convencimento do outro ou, mais especificamente, é a construção por um falante de um discurso que visa a modificar a visão de outro sobre determinado objeto, alterando, assim, o seu discurso”.

De acordo com Catelão (2010, p. 2), a estrutura argumentativa se caracteriza pela constituição de 2 momentos: 1º) demonstração e/ ou justificação de uma tese ou concerne a tese ou a opinião a ser defendida pelo enunciador e 2º) refutação de outros pontos de vista ou argumentos adversos. Nesses dois casos, “somos tomados por trâmites argumentativos” que nos levam a aderir uma posição perante uma tese inicial; essa posição é verificada por fatos, argumentos/ provas, através da demonstração de informações formais ou empíricas para provar que o ponto de vista é viável e tem propósito claramente definido.

Costa (1997; 2003) e Tesch (2007) apresentaram a necessidade de estabelecer um novo subitem entre os fatores da variável tipo de texto na análise dos dados de expressão do futuro do pretérito, posto que tinham sequências que não se classificavam nem como narrativas e muito menos como descritivas ou argumentativas.

Por outro lado, nas entrevistas das amostras de fala das pesquisas das autoras foi possível identificar uma enumeração e listagem de ações ou de eventos relativos a atitudes que o informante adotaria hipoteticamente se, por exemplo, fosse prefeito da cidade, ganhasse dinheiro na loteria, se alterasse a educação oferecida pelos os pais, se fosse algum político (prefeito) da cidade, ou se participasse de algum *reality show* como *Big Brother Brasil*, isto é, se estivesse em alguma circunstância criada ou sugerida pelo entrevistador (documentador), ou até mesmo por ele próprio.

Essas sequências, conforme Costa (1997, p.147), “são simplesmente lista de planos que seriam realizados pelo informante sob certas condições ou caso estas condições fossem efetivadas”. Complementando essa ideia, Schiffrin (1994, p. 384) aborda que a finalidade de uma lista é bem mais simples do que imaginamos: numerar e unir “itens específicos (mesmo quando estes itens são eventos) como realizações de uma categoria geral”.

A seguir, apresentam-se alguns exemplos de sequência argumentativa e lista de atitudes hipotéticas encontrados no corpus em estudo:

a) Sequência de Lista de Atitudes hipotéticas:

FP (Futuro do Pretérito)

DOC: caso o senhor gaNHAsse na loteRIA... o que o senhor FAZ com o diNHEIro? ...que atitudes tomas... elenque..

INF: olha... a primeira COIsa são três coisas que eu **faRIA** ...eu sempre FAlo... sempre DIgo...primeiraMENte... eu **ajeitaRIA** a minha CASA... segunda COIsa... eu **ajeitaRIA** a CASA dos meus familiAres e a terceira COIsa eu sempre **procuraRIA** ajuDAR as pessoas necessitadas...(Inquérito 18- 3ªF, EM, MASC)

PI (Pretérito Imperfeito)

DOC: se você fosse a um passeio com o seu melhor amiga...e uma cobra comeÇAsse...a engoli-la na sua FRENte...né...pegou ele...comeÇAse a engoli-l...qual a sua atitude...?

INF: olha..no primeiro momento..se eu tivesse me **assusTava**... depois **pegava** alguma coisa que eu pudesse bater na cobra... até ela soltar minha amiga... e ai **via** se ela estava respirando ou precisando de primeiros socorros...(Inquérito 18- 3ªF, EM, MASC)

IA +V (Pretérito Imperfeito Perifrástico):

DOC: imagina uma situação... caso uma pessoa que está deitada numa rede pensativa... triste... preocupada com várias dívidas a pagar. e... de repente... “você ganhou na loteria” o que ela sente na hora... o que ela faz então... ela levanta da rede...o quê...que ela faz? ... primeiro?

INF: eu acho que entra em êxtase... **ia ficar** muito feliz... **ia pagar**... **ia honrar** as dívida dele... **ia ser uma** pessoa BEM vista na PRAça...

néh?... acho que **ele ia ficar** muito feliz (Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

IRIA +V (Futuro do Pretérito Perifrástico):

DOC: caso você e sua tia.....estivessem tomando BANho na cachoeira... e vocês VISsem uma criANça de dois Anos lá no pico da cachoeira e vocês estivessem lá emBAIXo ...qual a tua reação tua e da tua tia e o que vocês dois fazem ...

INF: **iria sair** da agua ...**iria correr** lá em cima... pra ele não pular e sempre gesticulando com ele pra ele não cair na agua ... fica AÍ... fica AÍ... até eu chegar perto dele. (Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

b) Sequência Argumentativa:

FP (Futuro do Pretérito):

DOC: hum-rum. assim... é... /.../ é o quê que você pensa a respeito dos presidiários néh? se... caso assim... o quê que você pensa que a segurança PÚBLica deve fazer com eles e por quê?

INF: hum-rum... se eu pudesse e tivesse poder eu **mudaria** a lei que... do brasil que... acata muito... passa muito a mão no caso dessas pessoas néh... que... tipo... se fosse eu... se eu pudesse eu **faria** do mesmo jeito dos Estados Unidos que... tipo... tu fez o crime... tu vai... direito a morte porque... é... de CEM pessoas que tão no presídio... uma... ela pode ser... é...voltar viver na sociedade néh... mas na maioria das vezes a gente não consegue fazer com que esses presidiários voltem a uma vida norMAL ou que eles convivam com pessoas... é... é triste de um ser humano falar de um outro ser humano que é teu irmão de alguma forma... mas... é..... eu acho que existe muita maldade lá no coração dessas pessoas... porque alguma coisa elas fizeram néh... e...eu... se fosse eu das partes dos governantes eu não **investiria** TANTo em presídios não... porque é muito dinheiro que a gente perde... é... investindo para com eles... alimentaÇÃO... lá...lá...lá... e falta pra educaÇÃO... falta pra saÚde... é muito investimento... eu... eu buscaria assim néh... (Inquérito 19- 1ª F, ES, FEM)

PI (Pretérito Imperfeito)

DOC: mas tu sabe néh... que nesses programas gasta muito dinheiro... caso você fosse dono de alguma emissora... o que você pensa a respeito desse programa? o que você pensaria? você contaria ou não e porquê?

INF: bom. se eu fosse dono da emissora... eu **continuava** porque... tipo você falou do gasto dela... mas eu acho que se ela for uma pessoa de visão. ela atrai lucro... como pessoas que vendem TINta... TELha...

ciMENTo... porque cada um deles tem um patrocinador que patrocina esse programa... então cada pessoa que faz esse quadro pra modificar a casa... eles vão atrás de pessoas que possam patrocinar... (Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

IA +V (Pretérito Imperfeito Perifrástico):

DOC:: O que que você pensa das mães que têm coragem de fazer isso... néh... tomar essa ch...atitude com seus filhos... e se você encontrasse essa mãe que jogou o próprio filho dela no lixo?

INF: Se eu encontrasse a Mãe... eu acho que eu **ia brigar** com ela((risada))... porque... éh... tipo assim:::... éh:::... eu num sei... se o for o caso... quando é de estupro... néh... talvez... assim... a gente tenha essa coragem... mas tem gente que... jo:::ga um bebê... ou tira um bebê pelo simples fato de não:::... de não querer criar a criança... tipo... às vezes tem condição de criar... mas não quer ter o filho... [doc:hum-rum]...entendeu?...porque não quer criar... porque isso... porque aquilo...éh:::... aí... (Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

IRIA +V (Futuro do Pretérito Perifrástico):

DOC: /../ se você fosse indicar uma religião pra alguém... você tocou aqui em religião néh... você disse que era católico... se você FOsse indicar uma religião pra... pra alguém... qual você sugere e por quê? se você FOsse indicar pra uma pessoa? qual você sugere e por quê?

INF: essa pergunta é meio difícil néh? assim... por mais que ela seja bem simples... mas ela bem difícil porque religião é um negócio muito compliCAdo... eu acho que se eu fosse falar pra pessoa assim... no caso se ela chegasse ah eu quero ser evangélico ou eu quero se caTÓlico... buDISta... eu acho que a minha res... eu... acho que eu não **iria indicar não**... por que... porque a... é... religião é... talvez é uma coisa particular néh que... quem escolhe é a gente... é uma coisa assim que a gente escolhe pra ter aquela doutrina na nossa vida néh... então tipo... no caso o catolicismo a gente vem do batismo... primeira comunhão... crisma... casamento e a pessoa não são um casal néh então ... no caso... a maioria das pessoas hoje quando já nasce já... tipo a criança tem nove mês um ano já vão ser batiZAdo... não sabe se a criança quer seguir aquela religião ou não... aí então fica meio complicado você... você mal nasceu... você já é batiZAdo no catolicismo... ou então outro tipo de religião que é... que a família segue... aí fica muito complicado porque eu acho que se a gente vai aprendENdo... conforme a gente vai crescENdo vai superando nossos problemas então a gente... no caso a gente fosse crescendo e entendo o que é religião... (Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

Em vista disso, os fatores que vigoram nesta análise em curso são sequências de listas hipotéticas e argumentativas, uma vez que nos dados coletados não se apresentam outros tipos de tipologias textuais (descritivo, narrativo ou injuntivo). A hipótese que se formula é que provavelmente em um relato de opinião (texto argumentativo), por se tratar de um texto mais 'formal', mais monitorado, o informante optaria frequentemente em utilizar as formas de maior prestígio, que são FP e IRIA +V, enquanto que o contrário ocorreria em uma sequência de lista hipotética, em que o informante tenderia a se aproximar mais do vernáculo (PI e IA +V).

5.2.2.1 Discussão dos resultados do Fator Tipologia Textual

Este grupo de fator foi selecionado como relevante para as quatro variantes (PI, FP, IA +V) em estudo. Os resultados evidenciados pelo programa estatístico confirmam a hipótese inicial de que o FP e IRIA +V são propiciados em contextos argumentativos e PI e IA +V em contextos de lista de atitudes hipotéticas. Demonstra-se a seguir a distribuição dos dados estatísticos:

Tabela 7: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de PI em verbos não-modais (Amostra de Santa Isabel)

PI	TIPOLOGIA TEXTUAL		
	Fatores	Total dos dados	Frequência (%)
Listas de atitudes hipotéticas	453	36.4	0.553
Sequências Argumentativas	283	28.7	0.433
Total	736	33	-

Fonte: De própria autoria (2019)

Tabela 8: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de IA +V em verbos não-modais (Amostra de Santa Isabel)

IA +V	TIPOLOGIA TEXTUAL		
	Fatores	Total dos dados	Frequência (%)
Listas de atitudes hipotéticas	519	41.8	0.532
Sequências Argumentativas	318	32.3	0.459
Total	837	37.6	-

De própria autoria (2019).

Tabela 9: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de FP em verbos não modais (Amostra de Santa Isabel)

FP	TIPOLOGIA TEXTUAL		
	Fatores	Total dos dados	Frequência (%)
Listas de atitudes hipotéticas	260	20.9	0.409
Sequências Argumentativas	371	37.6	0.615
Total	631	28.3	-

Fonte: De própria autoria (2019)

Tabela 10: Influência da variável Tipologia Textual na escolha de IRIA+V em verbos não-modais (Amostra de Santa Isabel)

IRIA +V	TIPOLOGIA TEXTUAL	
	Total dos dados	Frequência (%)
Listas de atitudes hipotéticas	11	0.9
Sequências Argumentativas	14	1.4
Total	25	1.1

Fonte: De própria autoria

Conforme atestado pelas Tabelas 7 e 8, as sequências de listas de atitudes hipotéticas favorecem a utilização do pretérito imperfeito, tanto em sua forma sintética (PI) quanto em sua forma perifrástica (IA +V). Apresentaram 972 ocorrências, equivalendo-se a um percentual de 78.2 dessas formas verbais nesse tipo de texto. Dentre essas 972 ocorrências, 453 dados foram de PI, equivalendo-se a um percentual de 36.4 % dos dados e um peso relativo de 0.553 e a forma verbal IA+ V apareceu em 519 ocorrências, apresentando-se um percentual de 41,8 % e um peso relativo de 0.532. Por outro lado, a sequência argumentativa inibe os seus usos, de acordo com os resultados das Tabelas 9 e 10.

Quando os contextos são argumentativos, tem-se uma forte predisposição para a ocorrência da variante FP e da variante IRIA + V, em vez das formas verbais pretéritas. Houve 385 (39%) dados, somados os valores numéricos das duas variantes. Dentre esses dados, apareceram 371 ocorrências de FP, com um percentual de 37.6 % e peso relativo de 0.615 e, de IRIA + V, foram 14 efetivações, correspondendo a 1.4 % dos dados. Portanto, é possível confirmar o pressuposto de que o tipo de texto argumentativo favorece o uso de FP, preferencialmente na forma sintética.

Esses resultados apresentados corroboram com os de Costa (1997), Tesch (2007), Santos (2014), Ribeiro (2015) no que concerne à preponderância de ocorrência do Futuro do Pretérito (FP) em textos argumentativos. Neste sentido, Costa (1997, p. 151) relativo à amostra (00) de língua falada do Projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro aponta que o FP é propiciado em situações argumentativas, e inibido em listas de atitudes hipotéticas, na qual o peso relativo em referência ao emprego do futuro do pretérito foi “ligeiramente abaixo do neutro .50, a saber .44”. Ainda, Tesch (2007), Santos (2014), Barros (2015) e Ribeiro (2015) afirmam que os dados analisados demonstraram que os textos argumentativos propiciam o uso de FP, no entanto a variante PI é propiciada em textos narrativos/descritivos.

5.2.3 Saliência Fônica

A saliência fônica é um Grupo de Fator que tem sido verificado em estudos de natureza morfossintática. Para exemplificar, em Scherre (1998), a autora verifica a interferência da saliência fônica em relação à concordância; Lopes (1998) em referência ao uso pronominais, e Oliveira (2016) e Tesch (2007) investigam a influência da saliência fônica relativo ao uso de tempos verbais na expressão do *irrealis*. A saliência fônica é um princípio de natureza fonológica e morfológica, proposto por Lemle e Naro (1977) e que parte do pressuposto de que as estruturas linguísticas avaliadas como as mais salientes, são as mais perceptíveis e distintas e, por isso, são mais marcadas do que as construções consideradas menos salientes.

No contexto da variação do *irrealis*, Oliveira (2016), Tesch (2007) e Brandão (2015) em seus estudos, demonstraram que a saliência fônica é um fator relevante para a compreensão da alternância entre o futuro do pretérito (FP) e o pretérito imperfeito (PI). Os autores, para fins de análise, levam em consideração a conjugação verbal (1ª, 2ª e 3ª conjugação), a irregularidade verbal (*ser*, *ter* e *vir*) e a mudança de fonema (r vs. z) em formas verbais para subdividir os verbos em mais salientes e menos salientes de acordo com uma escala de diferença material entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo. Nesse caso, quanto mais houver distinção em seu material fônico, mais salientes a forma verbal será considerada. Apresentam que foram considerados como mais salientes, numa hierarquia, o verbo *ser*; seguido dos verbos *ter* e *vir* e, por fim, os verbos de 1ª conjugação. Na escala dos menos salientes, estão, em

primeiro lugar, verbos com a oposição entre /r/ vs. /z/ em suas formas conjugadas (cf. *diria/dizia*), seguidos pelos verbos de 2^a e 3^a conjugações.

Segundo os autores supracitados, os verbos de primeira conjugação, em seus tempos do PI e de FP, permanecem com radicais semelhantes e se caracterizam por fazerem parte de um paradigma regular de conjugação, porém o PI possui a desinência modo-temporal mais distintiva (-va) em relação ao de FP (-ria), tais como no exemplo (*dava>daria / estava >estaria*). Essa afirmação que considera a sequência fônica (-va) referente à desinência modo-temporal do PI mais distintiva que (-ria) pode ser aludida às características fonéticas das duas sequências: [va] e [Pya] respectivamente. Esta última tem o flap alveolar na margem silábica, seguida de ditongo crescente sendo menos distintiva que a sílaba constituída pela fricativa bilabial sonora seguida do núcleo preenchido pela vogal /a/. Já com os verbos de segunda e terceira conjugação, as formas verbais de PI e FP, continuam com radicais semelhantes, suas raízes são reconhecidas por apresentarem em comum a sequência fônica (-ia), tais como no exemplo (*vendia > venderia/ partia > partiria*). Portanto, os verbos de primeira conjugação são considerados mais salientes que os da segunda e terceira conjugação, por terem, os primeiros, desinências modo-temporais mais distintivas.

Outros verbos avaliados como verbos com maior saliência fônica são os verbos irregulares, pois possuem distinção acentuada entre as estruturas verbais de FP e PI, as quais se realizam de forma distinta do padrão de conjugação, uma vez que suas formas se manifestam em um campo morfológico e fonético consideravelmente distintos, sendo usualmente denominados de supletivas: ser (*seria- era*); ter (*teria-tinha-*); vir (*viria-vinha*), respectivamente FP e PI. Todavia, o verbo ‘ser’ é o que apresenta sequência fônica mais distintiva dentre esses três verbos, com material fonético indicador de FP e PI totalmente distintos (*seria/ era*).

São considerados com menor saliência fônica os verbos que diferenciam suas formas mórficas entre FP e PI (sintética e perifrástica) apenas pela alternância entre /r/ e /z/ ou ausência desses fonemas: como em *diria/dizia/ia dizer; faria/fazia/ia fazer; traria/trazia/ia trazer*. A modificação dessas estruturas verbais para expressar o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito em ambas a forma se realiza apenas por meio de uma pequena alternância fônica, logo, são menos salientes.

As categorias de análise da saliência fônica apresentadas por Tesch (2007) e Oliveira (2016) estão organizadas hierarquicamente no Quadro 20

Quadro 20: Categorias de Análise da Saliência Fônica

	TIPO DE VERBO	OCORRÊNCIA MAIS PRODUTIVA
1 ^a	Ser Ex: Seria/ era/ ia ser	FUTURO DO PRETÉRITO (FP)
2 ^a	Ter e Vir Ex: Teria/ tinha/ ia ter Viria/ vinha/ ia vir	
3 ^a	Verbos da 1^a conjugação Ex: Daria/ dava/ ia dar Estudaria/ estudava/ ia estudar	
4 ^a	Verbos em oposição /r/ vs. /s/ Há três Casos: Dizer, trazer e fazer. Dizer: diria/ dizia/ ia dizer Trazer: traria/ trazia/ ia trazer Fazer: faria vs. fazia. vs. ia fazer	PRETÉRITO IMPERFEITO (PI e IA +V)
5 ^o	Verbos das 2^a e 3^a conjugações Ex: Venderia/ vendia/ ia vender; Partiria/ partia/ ia partir	

Fonte: Adaptada de Tesch (2007, p.88-89) e Oliveira (2016, p. 102)

Em concordância com Tesch (2007, p. 89) e Oliveira (2016, p. 102), a hipótese é que o uso do FP é mais produtivo em formas com maior saliência (itens 1, 2 e 3). Em contrapartida, PI e IA + V selecionariam as formas com menor saliência fônica (itens 4 e 5).

5.2.3.1 Discussão dos Resultados do Fator Saliência Fônica

O Grupo de Fator saliência fônica foi considerado estatisticamente relevante para as variantes FP, PI, IA+ V. Nas Tabelas 11 a 13, evidenciam-se a distribuição dos dados em relação à saliência fônica:

Tabela 11: Influência da variável Saliência Fônica na escolha de FP em verbos não-modais (Amostra de fala Santa Isabel)

FP	SALIÊNCIA FÔNICA			
	Fatores	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Ser		66	34,4	0.621
Ter e Vir		15	11,7	0.329
Verbo com infinitivo na 1ª conjugação		352	27,0	0.525
/r/ vs. /z/		134	48,2	0.681
Verbos com infinitivo na 2ª e 3ª conjugações		64	19,6	0.399
TOTAL		631	28.3	

Fonte: De própria autoria (2019).

Tabela 12: Influência da variável Saliência Fônica na escolha de PI em verbos não-modais (Amostra de fala Santa Isabel)

PI	SALIÊNCIA FÔNICA			
	Fatores	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Ser		99	51,6	0.514
Ter e Vir		97	75,8	0.659
Verbo com infinitivo na 1ª conjugação		354	27,1	0.420
/r/ vs. /z/		60	21,6	0.165
Verbos com infinitivo na 2ª e 3ª conjugações		126	38,7	0.580
TOTAL		736	33	

Fonte: De própria autoria (2019).

Tabela 13: Influência da variável Saliência Fônica na escolha de IA + V em verbos não-modais (Amostra de fala Santa Isabel)

IA + V	SALIÊNCIA FÔNICA			
	Fatores	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Ser		26	13,5	0.059
Ter e Vir		15	11,7	0.050
Verbo com infinitivo na 1ª conjugação		581	44,5	0.453
/r/ vs. /z/		82	29,5	0.514
Verbos com infinitivo na 2ª e 3ª conjugações		133	40,8	0.550
TOTAL		837	37,6	

Fonte: De própria autoria (2019).

De acordo com os resultados apresentados nas Tabelas 11 a 13, a hipótese que corrobora, em parte, com Oliveira (2016) e Tesch (2007), em que se formula que FP é favorecido por formas com maior saliência fônica e PI (formas sintéticas e perifrásticas) com menor distinção fônica.

A ocorrência do futuro do pretérito (FP) foi mais favorecida com verbos que apresentam oposição de /r/ vs. /z/ (0.681), embora, na hierarquia de saliência fônica, esse contexto seja considerado como de menor saliência. Entretanto, FP também obteve alta ocorrência com o verbo ‘*ser*’ (0.621) e verbos com infinitivo na 1ª conjugação (0.525), os quais possuem alto grau na escala de saliência fônica (cf. Quadro 20). O Pretérito Imperfeito (PI) foi propiciado com as formas verbais de *Ter e Vir* (0.659), os quais ocupam o segundo lugar na hierarquia de saliência fônica; PI e IA + V obtiveram um favorecimento com verbos da 2ª e 3ª conjugação, os que possuem menor saliência fônica, com pesos relativos de 0.580 e 0.550, respectivamente.

Ainda vale ressaltar que, na categoria de saliência fônica, o verbo ‘*ser*’ é o que lidera a hierarquia, ou seja, o que apresenta maior grau. Nesse sentido, os resultados apresentados nas Tabelas 11 a 13 demonstraram que FP foi muito produtivo, alcançando 0.621 de peso relativo. Em contrapartida, sua ocorrência foi bem menos produtiva junto a PI (0.468) e IA + V (0.059).

Esse mesmo resultado foi verificado nos trabalhos de Tesch (2007), em que os itens com maior saliência fônica contribuíram para ocorrência de FP, junto aos verbos da 1ª conjugação e com os verbos *ter* e *vir*, enquanto que verbos de 2ª e 3ª conjugações funcionaram como inibidores de FP (.19). Além disso, demonstrou que o verbo ‘*ser*’ favoreceu a ocorrência de FP, com peso relativo de (.87).

No que diz respeito aos dois fatores o verbo ‘*ser*’ e os verbos de 1ª conjugação, os quais apresentam alto grau de saliência fônica nessa categoria, os resultados deste estudo se aproximaram com os obtidos por Santos (2014) e Oliveira (2016).

Ao verificar a escolha da perífrase verbal de IA + V sob o critério da saliência fônica, verifica-se a confirmação da hipótese estabelecida para esse Grupo de Fator. A maior ocorrência de IA + V foi junto a verbos de segunda e terceira conjugações, a qual obteve o peso relativo mais relevante, alcançando 0.550. Em segundo lugar, o maior favorecimento para a ocorrência dessa forma verbal foi com os verbos ‘*dizer*’, ‘*trazer*’ e ‘*fazer*’, que apresentam oposição /r/ vs. /z/ em seus radicais, com peso relativo (0.514).

Por contrapartida, os verbos ‘ser’ (0.059) e ‘ter’ e ‘vir’ (0.050) não favoreceram a estrutura perifrástica do pretérito imperfeito do indicativo.

5.2.4 Extensão Lexical

Evidencia-se em pesquisas linguísticas que é relevante a interferência da “extensão” lexical de uma palavra para a seleção de formas linguísticas variáveis. Nesses estudos, permeia-se a ideia de que o falante, ao eleger uma forma linguística de uso, almeja facilitar o processamento de informação no momento da conversação. Deste modo, sempre que possível, pouparia a utilização de amplas quantidades de massa fônica, aderindo, assim, ao princípio de economia ou a lei do menor esforço.

Almeida & Oliveira (2017), em seu artigo denominado “Você fala cantano? Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL”, analisa a alternância da pronúncia do gerúndio /ndo/ vs. /no/ (“comendo vs. comeno”, “cantando vs. cantano”, “sabendo vs. sabeno”) e averigua que, quanto maior for a extensão do verbo (número de sílabas) maior será a possibilidade da ocorrência do apagamento da oclusiva dental vozeada [d].

Nascimento (2014) verifica a dimensão do vocábulo no processo de apagamento dos róticos em coda silábica na fala de alguns estudantes paraibanos do 6º e do 9º ano, investigando as variantes presença e ausência do segmento sonoro [r] em posição medial e final dos vocábulos (sorvete vs. sôvete, diretor vs. diretô, cor vs. cô). Sua análise aponta que, nos nomes, o menor número de sílabas favorece a manutenção do fonema /R/, enquanto que o grande número de sílabas (três ou quatro) desfavorece.

Mollica (1989), por sua vez, aborda a respeito do pronome lembrete nas orações relativas em seu artigo “Influência de fatores de processamento na variação em português”, e demonstra que as estruturas longas são geralmente retomadas por pronomes curtos, tal como no referido exemplo: “Ela é uma garota bonita, né, amiga minha, assim, que eu acho que ELA gosta muito de namorar”; nesse caso, o pronome ‘ela’ (monossílabo), sujeito da oração relativa, retoma o sintagma nominal “amiga minha”, que tem como núcleo “amiga” (trissílabo).

Em referência aos tempos verbais, Costa (1997, 2003) e Tesch (2007) atestam a relevância do número de sílabas do radical verbal para a seleção de formas sintéticas e perifrástica do verbo. Em Costa (1997), os verbos que possuem três ou mais sílabas favorecem a escolha das variantes perifrásticas IA + V e IRIA + V. O mesmo resultado é

confirmado também em Costa (2003), em que a perífrase IA+V é mais frequente em verbos com três ou mais sílabas, enquanto que FP é mais produtivo com verbos monossilábicos. Tesch (2007) também atesta que verbos com duas ou mais sílabas favorecem a perífrase, enquanto que verbos monossílabos inibem o seu uso.

Essa preferência de ocorrência de perífrase com verbos mais extensos demonstra uma tendência geral da língua a evitar palavras extensas. A forma sintética implicaria o acréscimo de duas sílabas ao verbo em decorrência da realização da desinência-modo-temporal do futuro (-ria), o que transformaria verbos dissílabos ou trissílabos, por exemplo, em verbos polissílabos. E esse aumento ocasionaria dificuldades de pronúncia, bem como se desvia dos padrões linguísticos aos quais os falantes estão comumente habituados. Como se sabe, os verbos que compõem a estrutura da Língua portuguesa, segundo Câmara Junior (1980), são em sua maioria dissílabos ou trissílabos. Portanto, “ao se utilizar uma perífrase o falante distribui o peso fonológico de um vocábulo muito extenso (ensinar- ‘ensinaria’ [5 sílabas] vs. ‘ia ensinar’ [3 sílabas no verbo principal]” (COSTA, p.102, 2003).

Ao investigar o grupo de fator extensão lexical, tem-se como hipótese de que quanto maior for a estrutura da forma verbal no infinitivo, maior a possibilidade de este acontecer em uma construção perifrástica. Já as formas sintéticas são favorecidas por verbos monossilábicos.

Os fatores estabelecidos para a análise dos dados são:

a) Verbo principal com uma (1) sílaba no infinitivo:

PI (IR)

INF: eu **ia** na poLÍcia falar com o delegado... (Inquérito 10- 3ª F, EF2, MASC)

IA+V (TER)

INF: com certeza ela **ia ter** uma reaÇÃO [doc:humrum].. muito agreSSIva... falar com essa peSSOa ou perguntar o porquê que ela tava fazendo isso... eu acho...(Inquérito 10- 3ª F, EF2, MASC)

FP (TER)

INF: sim... dependendo dela... sim... **teria** festa (Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

IRIA +V (SER)

INF: eu::: chegava pro deleGAdo e falava que tinha visto ele na ciDAde... e como ele num tinha SIdo PREso...hum:::....ele ia...ele **iria ser** PREso (Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

b) Verbo principal com duas (2) sílabas no infinitivo:

PI (FICAR)

INF: Ai... eu **fiCAva** tão aLEgre... (Inquérito 3- 3ª F, EF1, FEM)

IA+V (PENSAR)

INF: eu não **ia pensar** na conseQUÊncia... eu **ia pensar** na vinGANça daquilo... eu sei que não é o certo fazer isso até porque eu estudei um pouQUInho a BÍblia... (inaudível) só que to um pouco afastado... mas assim numa situação dessa eu **ia ficar** sem pisar no chão...(Inquérito 12- 3ª F, EF2, MASC)

FP (PEDIR)

INF: eu **pediRIA** pra essa pessoa que se ela continuAsse apaNHANdo assim... que ela deiXAsse esse agreSSOR... porque eu acho que não é certa a pessoa viver agredida(Inquérito 12- 3ª F, EF2, MASC)

IRIA +V (TOMAR)

INF: ahh... num sei... eu acho que com certeza ela **iria tomAR** um SUSto... ...(Inquérito 6- 3ª F, EF2, MASC)

c) Verbo principal com três (3) sílabas no infinitivo:

PI (COLOCAR)

INF: hm... **colocava** novos arMÁrios... reformar a coZInha...com uma pintura
(Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

IA+V (PROCURAR)

INF: eu **ia procurar** a policia... pedir pra prender essa peSSOa pra pagar pelo o que ele
FEZ... (Inquérito 6 -3ª F, EF1, MASC)

FP (INVESTIR)

INF: bom... eu **investiria** “hm” meus esTUDos... na faculDAde... **ajudaria** minha
faMÍlia... (Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

IRIA +V (PERGUNTAR)

INF: Eu **iria perguntar** dele... por que ele tá fazendo isso... sendo que ele é meu
melhor amigo... (Inquérito 13- 1ª F, EM, FEM)

5.2.4.1 Discussões dos Resultados do Fator Extensão Lexical

No grupo de fator extensão lexical, as variantes selecionadas como significativas pelo programa estatístico foram a perífrase IA +V e a forma sintética de PI.

Em referência às formas perifrásticas, a perífrase IA + V foi mais produtiva com verbos com 2 sílabas, obtendo 0.590 como peso relativo. E, IRIA + V, embora não tenha sido feita a rodada IRIA +V no programa *GoldvarbX* para verificar seu peso relativo, as

ocorrências e a frequência demonstraram ser mais produtiva junto a verbos trissilábicos, sendo 12 realizações de um total de 25 ocorrências, conforme se apresenta na Tabela 14.

Tabela 14: Influência da variável Extensão Lexical na escolha de IA +V e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

EXTENSÃO LEXICAL					
IA +V				IRIA +V	
Fatores	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)
1 sílaba	74	16,1	0.444	2	0.4
2 sílabas	584	45,1	0.590	11	0.8
3 sílabas	179	37,8	0.436	12	2.5
TOTAL	837	37,6	-	25	1.1

Fonte: De própria autoria (2019).

Esses resultados confirmam a hipótese inicial em relação ao grupo de fator extensão lexical, em que estruturas verbais de maior extensão silábica favorecem o uso de IRIA +V ou IA +V. Já os verbos monossilábicos inibem a ocorrência de forma perifrástica.

Corroboram com esses resultados também os encontrados por Costa (1997, p.142-143). Em sua amostra, as variantes significativas foram somente as perífrases (IA +V e IRIA +V), ambas sendo favorecidas por vocábulos mais extensos, de três ou mais sílabas, confirmando-se a hipótese de que “as perífrases são preferencialmente usadas com verbos longos, pois distribuem distribui o peso fonológico deste vocábulo muito extenso, em dois vocábulos”. Na pesquisa de Tesch (2007), a perífrase IA + V foi também condicionada por verbos de duas sílabas, resultado que também coincide com os resultados aqui apresentados, conforme Tabela 14.

Na variação do português falado pelos isabelenses, as formas sintéticas de FP para expressar o *irrealis* não foram favorecidas pelo grupo de fator extensão lexical. Porém, a forma sintética de PI foi mais produtiva junto a verbos monossilábicos, obtendo 60,1%, com peso relativo de 0.505. Esse resultado confirma a hipótese inicial que os verbos de

menor extensão lexical propiciam a ocorrência de formas sintéticas, de acordo com o que se evidencia na Tabela 15.

Tabela 15: Influência da variável Extensão Lexical na escolha de PI e FP em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

EXTENSÃO LEXICAL					
PI				FP	
Fatores	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)
1 sílaba	351	60,1	0.505	107	23,3
2 sílabas	276	27,1	0.490	350	27,0
3 sílabas	109	23,0	0.482	174	36,6
TOTAL	736	33,0	-	631	28,3

Fonte: De própria autoria (2019).

Portanto, PI é favorecido junto aos verbos monossilábicos e inibido em verbos de duas e três sílabas. Nas amostras do estudo apresentado por Tesch (2007, p.142) também esse favorecimento foi constatado. A autora explica que “a variável de extensão lexical foi selecionada somente para variante PI, em verbos não modais, e demonstrou que os verbos monossílabos favorecem sua ocorrência”.

Em referência à seleção de FP quanto ao grupo de fator extensão lexical, os resultados contrariam a hipótese inicial de que FP favoreceria verbos com menor número de sílabas. Pelo contrário, as amostras de dados do português falado em Santa Isabel do Rio Negro, demonstrou que a forma verbal FP é favorecida junto a verbos de maior extensão lexical. Sua maior frequência de uso foi de 36,6 % com verbos trissilábicos.

5.2.5 Paradigma Verbal

O grupo de fator Paradigma Verbal classifica os verbos em dois grupos: verbos regulares (aqueles em que os verbos seguem padrões gerais do paradigma da conjugação verbal) e verbos irregulares (aqueles que contêm verbos de paradigmas especiais. Para Azeredo (2013, p.182), os verbos regulares se definem por serem aqueles que se

flexionam segundo o modelo que representa o tipo uniforme de conjugação, ou seja, “o radical permanece inalterado”, por exemplo: “cantar, bater, partir”. Os verbos irregulares consistem naqueles que manifestam “algum desvio em relação ao modelo, ou paradigma, de sua conjugação”, como “dar, perder e caber”.

Bragança (2008, p.110), ao estudar a gramaticalização do verbo ‘ir’ e a variação de formas para expressar o futuro do presente na fala e escrita capixaba, aponta que a perífrase verbal (vou comer) se institui primeiramente pelas formas verbais regulares e, em última instância, pelos verbos irregulares, isso se deve, segundo o pesquisador, por fatores de níveis morfológicos e fonológicos. Com relação ao nível fonológico ao comportamento dos verbos regulares no processo da mudança linguística, Bragança (2010.p.112) salienta que:

O nível fonológico também parece ser importante aqui, pois a alta frequência de verbos regulares e a recorrência de poucos verbos irregulares na oralidade pode ter facilitado a mudança morfossintática [...], permitindo a consolidação da forma nova nessa modalidade.

Portanto, tendo em vista o princípio fonomorfológico, quanto mais assídua for uma estrutura linguística, mais vulnerável ao desgaste, o que acarreta que as formas passem por alterações. E pelo fato de, na Língua portuguesa, os verbos regulares serem mais usados e abundantes, são mais pertinentes às inovações/mudanças.

Ademais, este fator, correlaciona-se com o grupo de fator anterior, visto que as formas verbais regulares, de maneira global, ao serem flexionadas com a desinência modo-temporal de futuro, apresentam um número maior de sílabas do que os verbos irregulares. E, como foi mencionado, quanto maior é a extensão lexical da palavra, mais ela tende a propiciar ao falante selecionar a forma perifrástica (vou comer e irei comer). Por outro lado, os verbos irregulares apresentam uma extensão curta, e, portanto, favorecem a forma verbal simples (futuro do presente).

Com base nesses princípios da variação e da mudança, formulou-se a hipótese que, no corpus em análise, a forma perifrástica (IA+ V), ao encaminhar-se para substituir as formas sintéticas para expressar o futuro no âmbito do *irreallis*, atinja primeiramente os verbos regulares, enquanto que os verbos irregulares favorecem o uso de formas simples de (FP e PI). Portanto, os fatores averiguados são:

a) Verbos Regulares:

PI (BRIGAR)

INF: Ai... eu não sei não... e ainda eu **briGava** com Ele ...porque terreno... de vizinho ASSIM... num é pra mexer as fruta assim NÃO.. néh? (Inquérito 3- 3ª F, EF1, FEM)

IA+V (APOIAR)

INF: a gente **ia apoiar** ela pra ter um CANto digno... néh? uma coisa boa pra ela... néh? pra ela pra modifiCAR a vida DEla... o huMOr DEla e até ela deixe de ser chata... ...(Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

FP (ACONSELHAR)

INF: eu **aconselharia** eles pra não... ingerir bebida alcólica e se fosse tomar um banho na cachoeira pra procurar um lugar onde... fosse raso... néh... ou tivesse com um remanso...(Inquérito 19- 1ªF, ES, FEM)

IRIA +V (PROCURAR)

INF: eu sei que um dia eles **iriam procurar** o RUmo DEles... mas enquanto eles puDEssem ficar coMIgo queria ficar numa casa bem GRANde.... de dois andar que eles pudessem morar junto comigo...(Inquérito 11- 2ªF, ES, EF2)

b) Verbos Irregulares:

PI (PEDIR)

INF: **pedia** pra que ele ampliAsse mais um pouco... que fosse conforTÁvel pra Eles aí...(Inquérito 22- 1ª F, ES, MASC)

IA+V (FAZER)

INF: olha... se eu ganhasse dinheiro na loteria... eu **ia fazer** uma casa bem GRANde... um (albergue) bem GRANde... assim... pra juntar todos os pessoal... p... que vive na RUa... não tem onde coMER... porque uma vez eu fiz isso... hoje eu **ia fazer** comida pra eles... eu tenho muita pena de fome... não sei não... o que eu tenho eu dou... sabia? (Inquérito 15- 3ª F, EM, FEM)

FP (SER)

INF: a minha reação **seria de** espanto. aí talvez de espanto e revolta... porque um ser humano jogado num saco de lixo... talvez seja o pior dos castigos... néh? pra um ser humano... eu acho. eu ficar bastante revoltado... eu acho que nessa... mas minha reação **seria** de revoltado...(Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

IRIA +V (SENTIR)

INF: eu **iria sentir** uma tristeza muito grande... porque uma pessoa que você confia... pessoa que ta do seu lado...(Inquérito 11- 2ª F, EF2, MASC)

5.2.5.1 Discussão dos Resultados Fator Paradigma Verbal

Este grupo de fator foi selecionado como relevante somente para as variantes PI e IA +V. Também é relevante afirmar que, embora a forma verbal IRIA +V tenha sido eliminada na rodagem para os pesos relativos, os resultados obtidos em referência a ela na rodagem de distribuição Geral, possibilita verificar o favorecimento das formas perifrásticas (IA +V e IRIA +V) para verbos regulares e, da forma sintéticas de PI para os irregulares. Seguem-se os resultados conforme se encontram nas Tabelas 16 e 17.

Tabela 16: Influência da variável Extensão Lexical na escolha de IA +V e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

PARADIGMA VERBAL					
Fatores	IA +V			IRIA+ V	
	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos dados	Frequência (%)
Regular	610	48,3	0.661	20	1,6
Irregular	227	23,5	0.296	5	0,5
TOTAL	837	37,6	-	25	1,1

Fonte: De própria autoria (2019).

Conforme Tabela 16, em relação aos dados das variantes IA + V e IRIA + V, os resultados confirmam a hipótese de que os verbos regulares favorecem a utilização da

forma perifrástica, ao passo que os verbos irregulares são mais resistentes. Conforme a distribuição dos dados da forma verbal IA +V, nota-se que os valores percentuais marcam o paradigma dos verbos regulares como o contexto mais favorável para o uso da perífrase pretérita, um percentual significativo de 48.3 %, correspondendo praticamente ao dobro do índice dos verbos regulares e com um peso relativo de 0.661. Da mesma forma, a variante IRIA +V, apresentou 20 dados, indicando 1.6% para o paradigma regular, cerca do triplo do valor das ocorrências verificadas junto a verbos irregulares.

Tabela 17: Influência da variável Paradigma Verbal na escolha de PI e FP em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

PARADIGMA VERBAL					
PI				FP	
Fatores	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)
Regular	280	22,2	0.318	354	28,0
Irregular	456	47,3	0.730	277	28,7
TOTAL	736	33,0	-	631	28,3

Fonte: De própria autoria (2019).

Para a escolha das formas sintéticas, PI e FP, a hipótese foi parcialmente confirmada. Os dados comprovam a hipótese no sentido de que a forma sintética de PI é favorecida pelos verbos irregulares devido a sua alta frequência nesse paradigma verbal (47,3 %) e um peso relativo acima de 0.500. Entretanto, ao contrário do que se esperava, a forma verbal de FP foi mais frequente com verbos regulares.

5. 2.6 Grupo de Fatores Transitividade Verbal

O grupo de fatores Transitividade Verbal agrupou as formas verbais nas seguintes categorias: a) transitivo (direto e indireto); b) bitransitivo (transitivo direto e indireto); c) intransitivo; d) copulativo (verbo de ligação).

De acordo com Sautchuk (2010, p. 95), o verbo transitivo (VT) é caracterizado por apresentar um valor semântico parcialmente inerente a ele mesmo e ser completado por um ou mais complementos/argumentos internos indispensáveis para a constituição

de seu sentido. Na ocasião em que o verbo transitivo exigir apenas um complemento (um argumento interno) como obrigatório, que se liga a ele sem a presença de preposição, ou melhor, “um sintagma nominal ou de natureza substantiva, diz-se que ele está diretamente articulado com este complemento e, por isso, recebe o nome de TRANSITIVO DIRETO (VTD)”. Esse complemento, por sua vez, intitula-se como objeto direto. Porém, caso o verbo transitivo necessite de um complemento/argumento interno imprescindível regido por uma preposição, ou seja, “um sintagma preposicionado”, será denominado por transitivo indireto (VTI) e seu complemento consequentemente será o objeto indireto. Ainda segundo Sautchuk (2010, p. 95), o verbo bitransitivo se define por ter um valor semântico a ser completado por dois complementos/argumentos internos, um sem preposição (direto) e outro com preposição (indireto). Por conseguinte, o verbo intransitivo é um verbo que apresenta cem por cento de valor semântico, quando está “ligado” ao seu sujeito, portanto, não havendo a necessidade de um complemento ou argumento interno, para que se tenha um sentido completo. Por fim, há verbos que, na estrutura da língua portuguesa, servem simplesmente de ligação (ou cópula), cuja função é de instituir a conexão entre o sujeito e o outro termo da oração. Estes verbos, esvaziados de sentidos (0% de carga semântica) na oração, atuam como simples conectores.

Em referência à Predicação Verbal como grupo de fator, Almeida e Oliveira (2012) verificaram que os verbos intransitivos e bitransitivos favoreceram à perífrase, ao passo que os copulativos a inibe, elegendo, assim, o futuro simples. Segundo as autoras, o fato do verbo intransitivo ser um importante fator condicionante para a ocorrência da perífrase está associado ao traço de agentividade, pois a maior parte dos verbos intransitivos apresentam sujeito agente. Ainda conforme apresentam, pautadas em Oliveira (2006, p. 68), os verbos transitivos, em geral, também favorecem a perífrase, devido ao fato de projetarem vários argumentos, ocasionando assim um equilíbrio na distribuição dos constituintes da oração. Partindo dessas premissas, a hipótese que se formulou é que provavelmente os verbos transitivos, bitransitivos e intransitivos favoreçam as perífrases (IA +V e IRIA +V), ao passo que os verbos copulativos selecionam as formas sintéticas (FP e PI).

5.2.6.1 Discussão dos resultados do Fator Transitividade

A hipótese inicial aventada foi parcialmente confirmada para FP. Foram selecionadas pelo programa estatístico somente as formas sintéticas de FP e PI. Entretanto, a perifrástica do pretérito perfeito do indicativo não foi significativa. Seguem-se os dados em análise:

Tabela 18: Influência da variável Transitividade para a escolha de PI e FP em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

TRANSITIVIDADE VERBAL						
Fatores	FP			PI		
	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Verbo transitivo direto	266	29.1	0.498	307	33.6	0.522
Verbo transitivo indireto	65	21.5	0.384	114	37.7	0.616
Verbo bitransitivo	85	37	0.634	54	23.5	0.366
Verbo copulativo	66	25.5	0.519	76	29.3	0.440
Verbo intransitivo	149	28.5	0.560	185	35.4	0.517
Total	736	33,0	-	631	28,3	-

Fonte: De própria autoria (2019).

O fator transitividade foi selecionado como relevante somente para FP e PI, ou seja, apenas as formas sintéticas é que foram significativas. Os verbos copulativos que em outros estudos têm sido os mais favoráveis à ocorrência das formas sintéticas, foi propício à ocorrência de FP (66 efetivações, 25.5% e peso relativo de 0.519) do que PI. Junto a este último essa ocorrência decaiu, obtendo peso relativo abaixo 0.5 (ou seja, 0.440). A forma de FP foi mais favorável junto a verbos bitransitivos e, PI, por sua vez, foi a forma mais favorecida junto a verbos transitivos indiretos.

5.3 Condicionadores Extralinguísticos

As variações linguísticas ocorrem em todas as línguas e sofrem interferências diretas de fatores tanto de ordem interna, quanto de ordem externa. No que se refere aos fatores de ordem externa, também conhecidos como fatores sociais, “[...] estão intrinsecamente articulados aos fatores linguísticos no funcionamento da língua. Eles

referenciam características do falante e dos contextos de enunciação no processo comunicativo, as quais influenciam na interação social” (SIMAS, 2016, p.78). Dentre os fatores extralinguísticos de maior relevância, citam-se o grau de escolaridade; a faixa-etária (idade); o Sexo/ gênero, os quais serão analisados neste estudo.

5.3.1. Grupo de Fator Gênero

A linguagem entre homens e mulheres ocorre de forma diferenciada em razão das distintas ideologias, acepções de mundo e desempenhos sociais. Pela alta exigência da sociedade, na ascensão ao mercado de trabalho e pela divisão de trabalho entre os sexos, a mulher pareceu ter mais preferência à linguagem formal, sendo mais conservadora. Segundo Paiva (2008, p.40): “Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta aceitação social”.

Porém, em processo de mudança linguística, o gênero feminino tende a assumir à liderança, todavia é necessário verificar o valor social dessa forma inovadora, se é estimada prestigiada ou estigmatizada, já que se evidencia um padrão regular em que as mulheres tendem a dar maior preferência a forma considerada mais prestigiada socialmente. Por outro lado, “quando se refere em implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma tendência de atitude conservadora e os homens assumem a liderança no processo de mudança (PAIVA, 2008, p.36).

Ainda a esse respeito, Labov (2008), em seu oitavo capítulo *Princípios da mudança Linguística: Fatores sociais*, apresenta dois preceitos básicos referente ao paradoxo da variável sexo. Numa estratificação sociolinguística de variação estável, as formas linguísticas ‘padrão’ estão mais consistentes ao uso das mulheres do que aos homens, ou seja, as mulheres se manifestam conservadoras, preferindo a forma mais antiga. Entretanto, em processos de mudança são as mulheres que inovam, utilizando as formas ‘ não-padrão’.

Sobre o fenômeno em estudo, embora não se possa afirmar que as formas verbais em estudo são estigmatizadas ou prestigiadas socialmente, o uso do FP pela Gramática Normativa parece ter um status maior em relação ao PI. Como foi abordado no segundo capítulo, no item 2.1.3, algumas Gramáticas Tradicionais preveem o uso de PI pelo FP, mas costumam relacionar esta variação como um emprego informal, oral e familiar da língua. Já, o uso da perífrase IA +V quase nem se quer é abordado nas gramáticas

pesquisadas, tendo aparecido somente na gramática de Cegalla (2010), sendo prescrita, também, como uma forma verbal de uso coloquial. Portanto, pelo fato de a consciência feminina considerar a formalização dos usos linguísticos, formula-se como hipótese inicial de que as mulheres utilizarão proeminentemente as formas consideradas formais (FP e IRIA +V), ao passo que os homens utilizarão as formas inovadoras (PI e IA +V). Mas, também, a partir deste fator gênero, verificar-se-á se em Santa Isabel as formas inovadoras são consideradas estigmatizadas socialmente ou prestigiadas.

5.3.1.1 Discussão dos Resultados do Fator Gênero

Este grupo de fator foi selecionado para as variantes de PI, FP e IA +V. A partir das rodadas efetivadas pelo programa e a retirada dos pesos relativos não se confirmou a hipótese inicial. Os dados evidenciam que os homens empregam mais FP, a forma conservadora, do que as mulheres, conforme os resultados apresentados para esse grupo de fator.

Tabela 19: Influência da variável Gênero na escolha de FP e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

GÊNERO					
Fatores	FP			IRIA +V	
	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)
Masculino	313	32,2	0,654	14	1,5
Feminino	318	25,5	0,402	11	0,8

Fonte: De própria autoria (2019)

Tabela 20: Influência da variável Gênero na escolha de PI e IA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

GÊNERO						
Fatores	PI			IA +V		
	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo
Masculino	226	24,3	0,399	390	42,0	0,534
Feminino	510	39,2	0,572	447	34,4	0,474

Fonte: De própria autoria (2019)

Os resultados da Tabela 19 evidenciam que os homens favorecem o uso do futuro do pretérito (FP), tendo um peso relativo de (0.654). A perífrase IRIA + V ocorreu em maior escala também entre o gênero masculino, abrangendo 14 ocorrências e um percentual de 1,5 %. Por outro lado, na tabela 20, mostra-se que o sexo masculino também seleciona a forma inovadora IA+ V, alcançando um percentual e um peso relativo significativo e maior que o do gênero feminino.

Analisando-se as formas sintéticas de FP e PI, verifica-se uma maior ocorrência de FP na fala dos homens, por isso são mais conservadores em continuarem a fazer uso com maior frequência da forma padrão, consagrada pelas gramáticas normativas para a expressão do *irrealis*. Em contrapartida, as mulheres são mais inovadoras, pois empregam preferencialmente o pretérito perfeito (PI). Quanto à forma perifrástica de PI que foi a mais utilizada na totalidade, também considerada como forma inovadora, é mais frequente na fala do gênero masculino.

Esses resultados difere do que foi apontado por Oliveira (2010, 2016), que evidenciou um certo monitoramento linguístico por parte das mulheres referente a esta alternância entre FP e PI, sendo assim, os homens que utilizaram mais o PI, ao passo que as mulheres selecionaram FP. Contudo, converge para os resultados apresentados por Tesch (2007), Costa (2003) e Santos (2014), os quais demonstraram que são as mulheres que favorecem o PI, enquanto que os homens inibem este favorecimento, selecionando a forma sintética de FP.

5.3.2 Escolaridade

Um dos fatores que desempenha uma função primordial no processo mantenedor ao domínio da norma culta (prestigiada) é a escola. Por este motivo considera-se pertinente esse grupo de fator na análise. Segundo Votre (2012, p. 51): “compreende-se [...] a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança”.

Nesse viés, o contexto escolar por fornecer um contato maior com a literatura e manuais da língua portuguesa e por incutir normas e padrões, pode influenciar fortemente no falar e na escrita dos indivíduos. De maneira que, quanto maior for o grau de escolarização do falante, predominantemente será o contato com as formas estimadas como prestigiadas, as quais são consideradas os objetos primordiais do ensino prescritivo. Por outro lado, a forma estigmatizada, sem prestígio, é interpretada

como inferior em termos estéticos e informativos e evidenciada como males que devem ser “erradicados” da comunidade discursiva e, por isso, evitadas por esses falantes com alta escolaridade, dos quais favorecerão a expressões socialmente prestigiadas. Sobre essa questão, Oliveira (2006, p. 46) enfatiza que:

Há fenômenos que são alvo do ensino escolar e outros que não o são. Como as gramáticas escolares e os manuais de ensino e estudo da língua julgam as formas estigmatizadas rotulando-as de “erros” ou “vícios de linguagem”, o grau de instrução do falante pode condicioná-lo ao uso de determinada(s) forma(s) linguística(s).

Sendo assim, espera-se que as formas do tempo verbal do pretérito imperfeito do modo indicativo, tanto a sintética quanto a perifrástica, por não serem referidas de maneira sistemática no contexto gramatical e no ambiente escolar como sendo formas inovadoras e presentes na língua, sejam mais utilizadas pelos informantes que tenham um menor grau de escolaridade. Segundo Tesch (2007, p. 106) o emprego do pretérito imperfeito (PI e IA+V) é assim considerado socialmente: “não se possa afirmar propriamente que são formas estigmatizadas, geralmente, são tidas como informais coloquiais. [...] aprendidas e difundidas a partir da interação espontânea dos usuários da língua, não por meio da gramática tradicional”. Em relação ao tempo verbal do futuro do pretérito, presume-se que seja favorecido por falantes que tenha o alto grau de escolarização. Para tal análise, este grupo de fator se subdivide em quatro aspectos: a) Ensino Fundamental 1; b) Ensino Fundamental 2; c) Ensino Médio e d) Ensino Superior.

5.3.2.1 Discussão dos Resultados do Fator Escolaridade

Entende-se que as instituições educacionais, seguindo os ditames e os preceitos das gramáticas tradicionais, atuam como uma mantenedora no que se diz respeito à preservação da norma culta, prestigiada, como corrobora Votre (2012, p. 51): “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas [...] atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades”. Por isso, os sociolinguistas consideram o nível de escolaridade do falante como um fator importante para a análise da variação e mudança linguística, pois, por meio da escolarização, consegue-se demonstrar se há uma resistência ou não por parte dos falantes quanto ao uso de formas inovadoras na língua. A hipótese é que as inovações sejam mais frequentes no discurso dos menos escolarizados.

Ao averiguar os resultados desta variável no corpus analisado, constatou-se que, no português falado em Santa Isabel do Rio Negro, as formas de PI (perifrástica e sintética) sobrepõem o uso das formas verbais de futuro do pretérito sintético e perifrástico, nas falas daqueles que possuem menor grau de escolarização. Entretanto, os informantes com nível superior estão na contramão desse uso. A Tabela 21 demonstra essa ocorrência.

Tabela 21: Influência da variável Escolaridade na escolha das formas verbais de PI (PI e IA +V) e de FP (FP e IRIA +V) em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro)

ESCOLARIDADE				
FATORES	PI (PI + IA +V)		FP (FP + IRIA +V)	
	Total dos Dados	Frequência	Total dos Dados	Frequência
Ensino Fundamental 1	410	76, 8	122	23,2
Ensino Fundamental 2	409	84, 9	73	15,1
Ensino Médio	486	72, 5	184	27, 5
Ensino Superior	268	49,1	277	50, 9

De acordo com os resultados evidenciados pela Tabela 21, confere-se que os informantes com menor grau de escolaridade são os que mais selecionam as formas verbais do pretérito imperfeito. Em termos percentuais é evidente um uso notável na escolha de PI nos Ensinos Fundamental 1 (76,8%), Ensino Fundamental 2 (84,9%) e Ensino Médio (72, 5%); Entretanto, a escolha por FP é desfavorecida pelos falantes com grau de escolaridade fundamental e médio. Esse uso, em termo percentuais, chega somente a 27,5% entre os alunos do ensino médio. Por sua vez, os informantes que possuem Ensino Superior aderem mais ao uso de formas verbais conjugadas no futuro do pretérito para expressar *o irrealis*, obtendo-se um percentual de (50, 9%).

No que se refere ao uso das variantes de PI, de IA +V, de FP e de IRIA +V, sem estarem amalgamadas, seguem-se os resultados nas tabelas abaixo:

Tabela 22: Influência da variável Escolaridade na escolha de PI e IA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro)

ESCOLARIDADE						
Fatores	PI			IA +V		
	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo

Ensino Fundamental 1	182	38.5	0.639	227	48.0	0.582
Ensino Fundamental 2	187	34.6	0.582	223	41.2	0.527
Ensino Médio	252	37.6	0.430	234	34.9	0.424
Ensino Superior	115	21.1	0.384	153	28.1	0.373

Os índices dos pesos relativos acima apontam que conforme aumenta o tempo de escolarização dos informantes, diminui a seleção pelo uso das formas variantes inovadoras (IA +V e PI). Os falantes do Ensino Fundamental 1 e 2, o peso relativo do uso dessas variáveis foi significativo, acima de 0.500 e é inibido pelo falantes mais escolarizados, ou seja, do ensino médio e superior. O peso relativo das formas inovadoras PI e IA +V para Ensino Fundamental I foi mais proeminente do que para os demais níveis de escolaridade.

Tabela 23: Influência da variável Escolaridade na escolha de FP e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro)

ESCOLARIDADE					
Fatores	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)
Ensino Fundamental 1	63	13.3	0.260	1	0.2
Ensino Fundamental 2	121	22.4	0.407	10	1.8
Ensino Médio	179	26.4	0.568	5	0.7
Ensino Superior	268	49.2	0.722	9	1.7

Fonte: De própria autoria (2019).

Observa-se que os pesos relativos demonstram que quanto maior o nível de escolarização, maior o uso de FP. Assim, esta variante é favorecida por falantes que tenham o Nível Médio (0.568) e Nível Superior (0.722), enquanto os que possuem ensino fundamental 1 e 2 inibem a sua aplicação. No que se refere ao uso de IRIA + V, o qual apresentou poucas ocorrências em todas as variáveis, o inesperado foi a maior frequência ocorrer no Ensino Fundamental 2 (1,8%), quase igualando-se ao Ensino Superior (1.7).

Portanto, referente à escolaridade, a análise confirmou que quanto maior o nível de escolaridade maior é uso das formas tradicionais. Oliveira (2010, 2016) e Santos (2014) também constataram em seus estudos a tendência de que a escolarização exerce o

poder de normatização, os que possuem cursos de nível superior utilizam com maior frequência o FP e os que tem Ensino Fundamental empregam mais o PI. Tesch (2007) averiguou que tanto os que possuem o ensino médio quanto os de nível superior preferem o uso de FP, porém os que têm apenas o ensino fundamental utilizam mais com maior frequência o PI.

5.3.3 Estratificação Etária

A variável faixa etária/idade apresenta uma contribuição importante nas pesquisas sociolinguísticas para o entendimento da variação e mudança linguística, uma vez que estudos de variações linguísticas em tempo aparente pode indicar se determinado fenômeno se caracteriza em uma situação estável ou em uma mudança em progresso.

Essa abordagem do estudo em tempo aparente defende a possibilidade de visualizar os diferentes estágios de uma língua através da comparação dos comportamentos linguísticos existentes entre as diferentes gerações (faixa etária) de informantes de uma mesma comunidade de fala em um determinado espaço de tempo, ou seja, numa abordagem sincrônica.

Para que esse tipo de análise fosse realizado, partiu-se da hipótese clássica, baseada nos neogramáticos, que, segundo Naro (2008, p. 44), “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade”. Essa teoria alega que o processo de aprendizagem completo da linguagem ocorre na puberdade. A partir dessa fase da vida, conforme o autor explica, o vernáculo do indivíduo fica equilibrado, isto é, o indivíduo não altera sua linguagem natural (vernacular) no decorrer do tempo, apenas sofre adaptações para determinadas circunstâncias da vida cotidiana, de maneira esporádica, como troca de pronúncia de palavras ou perpetuação de vocábulos do léxico. Por isso, os falantes adultos favorecem as formas clássicas, que refletem sua linguagem de 15 anos atrás e, os mais jovens, as variáveis mais atuais.

Com base nisso, Naro (2008, p. 45) exemplifica que, ao se observar a língua falada por uma pessoa que possui 60 anos, estará sendo recuperada “a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos”. Portanto, apresenta-se a possibilidade de se obter uma escala de mudanças em tempo real (o comportamento linguístico averiguado ao longo de diferentes períodos, isto é, numa abordagem diacrônica), a partir de uma escala em tempo aparente.

Conforme já abordado, a faixa etária pode indicar se determinado fenômeno se caracteriza em variação estável ou mudança em progresso. De acordo com Tarallo (2007), o primeiro caso, evidencia-se a sua ocorrência, quando os jovens e os mais velhos externam comportamentos linguísticos similares, diferenciando-se dos falantes da meia-idade, os quais empregam mais formas formalizadas. Se por outro lado, o uso de uma determinada variante inovadora for mais frequente na linguagem dos jovens, decrescendo em relação às outras faixas etárias, presencia-se o processo de mudança linguística.

Neste estudo, a hipótese a ser verificada quanto a esse fator diagenérico é que haja uma possível mudança em progresso em tempo aparente. Para isso, verificou-se essa variável subdividindo-a em três faixas etárias: a) 1ª faixa etária (18 a 35 anos), 2ª faixa etária (36 a 55 anos) e 3ª faixa etária (56 anos em diante).

5.3.3.1 Discussão dos Resultados do Fator Diageracional

Como foi mencionado na descrição desse grupo de fator, a variável faixa etária propicia informações indicativas para verificação se existe uma mudança em curso ou se é estável o emprego de uma forma inovadora em estudo. Geralmente, uma determinada forma linguística (uma variante) em processo de implementação possui dados percentuais maiores atribuídos a falantes com faixas etárias menores e o decréscimo a falantes com faixas etárias maiores, ou seja, uma mudança em progresso. Essa hipótese é parcialmente confirmada neste estudo, em referência às ocorrências do pretérito imperfeito na expressão do *irrealis*. Os da terceira faixa etária empregam preferencialmente a forma sintética; já os mais jovens, optam pela perifrástica. Nesse caso, considera-se esta última como a forma mais inovadora, pois não se empregam as desinências do paradigma verbal. Demonstram-se, na Tabela 19, os resultados encontrados na Amostra de Santa Isabel do Rio Negro:

Tabela 24: Influência da variável Faixa Etária na escolha de PI e IA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel)

FAIXA ETÁRIA						
PI				IA + V		
Fatores	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo	Total dos Dados	Frequência (%)	Peso Relativo
1ª faixa etária	139	23.3	0.462	328	51.9	0.625

(18 a 35 anos)						
2ª faixa etária (36 a 55 anos)	224	26.5	0.422	310	38.8	0.435
3ª faixa etária (56 anos em diante)	373	47.5	0.611	199	25.3	0.386

Fonte: De própria autoria (2019)

Percebe-se que o Pretérito Imperfeito do indicativo sintético é a variante preferida pelos falantes de 56 anos em diante, cujas realizações alcançaram o peso relativo de 0.611, enquanto que os informantes da 1ª faixa etária utilizam com maior frequência a forma perifrástica IA +V (0.625). Este resultado demonstra um processo de mudança na língua, em favor da forma perifrástica. Outros estudos como Araújo (2016), Bragança (2008) e Oliveira (2006) também evidenciaram que cada vez mais o futuro perifrástico está tomando o espaço do futuro simples na fala. Resultado semelhante a esse, já em função da expressão do *irrealis*, é apresentado por Tesch (2007), em referência à fala capixaba, e por Barros (2015), a respeito da fala manauara, os quais atestam que os mais jovens tendem a utilizar a perífrase pretérita e, os mais velhos, o pretérito imperfeito sintético.

Tabela 25: Influência da variável Faixa Etária na escolha de FP e IRIA +V em verbos não modais (Amostra Santa Isabel do Rio Negro)

FAIXA ETÁRIA					
Fatores	FP		Peso Relativo	IRIA +V	
	Total dos Dados	Frequência (%)		Total dos Dados	Frequência (%)
1ª faixa etária (18 a 35 anos)	140	23.5	0.396	8	1.3
2ª faixa etária (36 a 55 anos)	285	33.5	0.571	9	1.1
3ª faixa etária (56 anos em diante)	206	26.5	0.503	8	1.0

Fonte: De própria autoria (2019).

Com relação ao futuro do pretérito, verifica-se que os informantes de segunda faixa etária (36 anos a 55 anos) selecionam mais esse uso, totalizando 285 ocorrências, o que corresponde a um percentual de 33.5 %.

Similarmente, Oliveira (2010), ao estudar as formas simples de FP e PI, constatou também que os de faixa etária intermediária favorecem o emprego de FP, enquanto que os mais novos e os mais idosos favorecem o uso de PI. Com relação ao IRIA +V, há uma ocorrência bastante uniforme distribuídas nas três faixas etárias, o que acarreta a não pertinência deste fator para essa variante.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa almejou sistematizar a variação entre as formas verbais de futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do modo indicativo, em suas formas sintéticas e perifrásticas, na expressão do *irreallis*, no português falado de Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas, verificando-se os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar no acontecimento de uma ou outra variante.

Averiguou-se que, de uma maneira geral, os falantes isabelenses, apesar da utilização recorrente da forma sintética do pretérito imperfeito, apresentam o uso equilibrado entre as variantes de PI e FP, tendo-se uma diferença, em termos percentuais, somente de 4,7% entre as duas variantes. No entanto, ao se considerar as formas sintéticas e perifrásticas amalgamadas (de PI e IA +V; como também de IRIA+V e FP, respectivamente), pode-se constatar uma preponderância das variantes do pretérito imperfeito (IA +V e PI) do modo indicativo, que correspondem a 70,60% dos dados.

Uma das hipóteses deste estudo era de que as formas perifrásticas estariam sendo preferencialmente mais utilizadas que as formas verbais sintéticas, o que foi possível confirmá-la. O emprego de IA + V obteve 837 ocorrências, correspondendo a 37,6% em contextos em que o valor temporal é de futuro do pretérito. Portanto, os falantes isabelenses preferem utilizar a perífrase pretérita que a forma sintética, quando fazem uso do pretérito imperfeito (PI). Por outro lado, a ocorrência da perífrase IRIA + V foi ínfima, representando somente 1,1 % das ocorrências.

O paralelismo, considerado “um sério candidato a universal de uso e processamento de linguagem” (SCHERRE; NARO, 1991, p.30), foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo o programa estatístico *GoldvarbX* e foi constatado a sua significância na compreensão da variação entre as formas verbais de PI e FP, em razão de a utilização de uma estrutura linguística, seja na fala do informante ou do documentador, ter desencadeado a sucessão de outras estruturas linguísticas idênticas à anterior no decorrer do ato discursivo. Dessa maneira, PI levou ao aparecimento de outra forma de PI, FP favoreceu outra forma de FP, IA + V desencadeou outro IA + V e IRIA +V propiciou outro IRIA +V.

Outro grupo de fator que também influenciou na escolha das variantes foi a tipologia textual. As seqüências argumentativas favoreceram a utilização do futuro do pretérito sintético (FP) e perifrástico (IRIA +V). Em contrapartida, nas seqüências de

listas de atitudes hipotéticas, o pretérito imperfeito em sua forma sintética (PI) e perifrástica (IA +V) foram as estruturas verbais preferidas neste contexto.

Quanto à variável saliência fônica, partiu-se do pressuposto de que quanto maior for a diferença fonomorfológica, maior a probabilidade de o falante fazer o uso de FP; e quanto menor for essas diferenças fonomorfológicas maior a possibilidade de PI ser favorecido. O resultado se confirmou em parte. O FP é condicionado por verbos mais salientes, principalmente pelos verbos de 1ª conjugação e pelo item 'ser'; PI foi favorecido, em maior grau, pelos verbos de 2ª e 3ª conjugações (os menos salientes), com o peso relativo de (0.684). Também, em menor escala, foi favorecido por itens mais salientes dessa hierarquia que são os verbos da 1ª conjugação e os verbos *ter* e *vir*. A perífrase pretérita IA + V foi também favorecida por verbos com menos saliência fônica, que são verbos de 2ª e 3ª conjugação e verbos com oposição de /r/ vs./z/.

Outra variável que também influenciou na escolha das variantes foi a tipologia textual, a qual foi selecionada para as variantes de IA +V e PI. Os resultados demonstraram que os verbos monossilábicos favorecem a ocorrência de PI e os de duas ou mais sílabas a ocorrência de perífrases de IA +V e IRIA +V.

Com relação a variável Paradigma Verbal, ela foi selecionada como significativa somente para PI e IA +V. Os resultados apontaram que o paradigma irregular favorece a utilização do pretérito imperfeito sintético (PI), ao passo que a sua perífrase (IA +V) é favorecida por verbos regulares. Isso inclui a perífrase IRIA + V, pois, embora não tenha sido verificado os pesos relativos dessas ocorrências, os valores percentuais demonstram o seu favorecimento com verbos regulares.

A variável predicação verbal foi selecionada apenas para as variantes de FP e PI. A hipótese inicial era de que os verbos copulativos favorecessem as formas sintéticas (FP e PI). Todavia, este pressuposto foi confirmado em parte, pois os verbos copulativos realmente favorecem a forma sintética do futuro do pretérito, mas também os verbos bitransitivos e os intransitivos condicionam o seu uso. A forma verbal do pretérito imperfeito é favorecida pelo verbo transitivo indireto. Acredita-se que este fato deve ter ocorrido devido à maioria das perguntas questionar o que os informantes fariam em determinada ocasião, portanto acabou ocorrendo, em maior parte, verbos de ação e de natureza complementar.

Em relação aos fatores sociais (gênero, faixa etária e escolaridade), vale ressaltar que os três foram selecionados pelo *GoldvarbX*, mostrando-se bastante significativos a esta pesquisa. Referindo-se ao gênero, tinha-se a hipótese de que a mulher usaria a forma

mais vinculada à norma culta. Contudo, foram os homens que aderiram mais as formas da norma padrão FP e IRIA +V, mostrando-se mais conservadores que o gênero feminino. As mulheres selecionaram com maior frequência a forma inovadora PI para expressão do *irrealis*. Em referência à faixa etária, tanto os mais jovens quanto os mais idosos empregam com maior frequência as formas pretéritas em alternância com o FP. Os mais jovens favorecem a utilização do pretérito imperfeito perifrástico, que foi a forma mais empregada na distribuição geral das variantes e, os mais idosos, a forma sintética (PI), evidenciando-se uma mudança em curso. Todavia os informantes da faixa etária intermediária utilizaram preferencialmente a forma verbal do Futuro do pretérito sintético (FP). Por fim, quanto ao fator escolaridade, os que têm menor grau de escolaridade selecionaram com maior frequência o pretérito imperfeito (Ensino Fundamental 1 e Ensino Fundamental 2), em sua forma perifrástica e sintética e os que possuem um grau de escolaridade maior preferiram o uso de FP (Ensino Médio e Ensino Superior). A forma IRIA + V foi favorecida pelo ensino fundamental 2 e o Ensino Superior.

Por fim, é importante ressaltar que este estudo não almejou traçar de modo definitivo a ocorrência do pretérito perfeito na expressão do *irrealis*, mas apresentar resultados importantes para a sistematização deste fenômeno linguístico na fala isabelense, no quadro das variedades do português brasileiro.

Contudo, os resultados alcançados por esta análise não esgotam outras possibilidades de se investigar a ocorrência dessa alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, visto que este estudo representa apenas um recorte dentre outras possibilidades de expressão de futuridadade. À vista disso, seria importante uma investigação para constatar se o verbo IR está passando por um processo de gramaticalização no português falado isabelense, em virtude de sua realização ter sido mais recorrente no *corpus* deste trabalho. Outra possibilidade seria um estudo comparativo entre as modalidades oral e escrita da alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no âmbito do *irrealis*. Compreender como essa variação funciona na escrita e quais fatores intralinguísticos e sociais propiciariam o emprego de um tempo verbal ou outro.

O estudo em relação à expressão de futuridadade tem sua importância para a compreensão do funcionamento dos tempos e modos verbais na estrutura da Língua Portuguesa, depreendendo sua heterogeneidade e mudança. Espera-se que essa pesquisa tenha contribuído para ampliar a sistematização em diferentes regiões brasileiras a respeito da futuridadade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suarez. **Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão**. Cotia: Ateliê editorial, 2003.

AGUIAR, M. T. **A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português**. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática da língua portuguesa**. 34 ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

ALMEIDA, Ayane Nazarela; OLIVEIRA, Alan Jardel de. **Você fala cantano? Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL**. *Revista Letrônica*, [S.l.], n.1, v. 10, p. 200-209, jan-jun. 2017. ISSN 1984-4301. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/25059/16335>. Acesso: 02 de fevereiro de 2019.

ALMEIDA, Fernanda dos Santos; OLIVEIRA, Josane Moreira. **A expressão variável do futuro verbal na escrita padrão de Feira de Santana - BA: uma análise sociolinguística**. II CIDS – Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística: Diversidade Linguística e Políticas de Ensino, 2012, Belém. Anais..., v.2. São Luís: EDUFMA, 2012, p. 2437-2448.

AMAZONAS. **Plano Municipal de Educação de Santa Isabel do Rio Negro 2015-2025**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura: Santa Isabel do Rio Negro, 2015.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2004.

ARAÚJO, Andréia Silva et. al. **A expressão do tempo passado no português: a descrição dos compêndios gramaticais.** Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura. Universidade Federal de Serviços. v .12, Ano 5, p. 257-269, jul.-dez.,2010. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1228>. Acesso em 10 de junho de 2018.

ARAÚJO, Jussara Maria Oliveira de. **A Expressão de Futuridade na Escrita Jornalística Manauara dos Anos 80 aos Dias Atuais: um estudo sociofuncionalista.** 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Universidade do Estado do Amazonas: Manaus, 2016.

ARENA, A. B. **Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso.** 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

ASSIS, Lenita de Paula Souza. **Da cachaça à Libertação: Mudanças nos hábitos de beber do povo Dâw no Alto Rio Negro.** Revista Antropos. Vol. 1. Ano 1. Novembro, 2007.0K

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Publifolha, 2013.

BARBOSA, T. A. M. **A variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações iniciadas por “se” na fala de Uberlandenses.**2005. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em:<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFU_a253c55b8c14c1fc7c427888f08993b2>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

BARROS, Maria Cândida D. M. **Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII).** In: FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota (Orgs.). Línguas Gerais: política linguística e Catequese na América do Sul no período colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

BARROS, Nathalie Anne Conceição. **A análise da ocorrência do pretérito imperfeito do Indicativo na Expressão do Irrealis na Fala Manauara**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, UEA, Manaus, 2015.

_____. **A ocorrência do pretérito imperfeito na expressão de irrealis na fala manauara**. SISPROJ – N° 27478. Manaus, 2015.

BASINI, J. A. P. S. **Geo- religiosidade e outras narrativas na fronteira amazônica. Em: Fórum de pesquisa: Missões cristãs em áreas indígenas: abordagens antropológicas**. Coord. Paula Monteiro. V RAM, UFSC, Florianópolis-SC, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev.e.ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONINI, Adair. **A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam**. In: MEURER, J. L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORGES NETO, J. M.; PAULA, A. L. de. **Linguistas ou camaleões? uma resposta a Tarallo**. DELTA, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 85-95, 1987.

BRAGANÇA, Marcela Langa Larceda. **A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia Capixaba**. Revista (Con) Textos Linguísticos, Espírito Santo, v. 3, n. 3.1, 2008.

BRANDÃO, Sílvia Maria. **Variação em formas verbais: um estudo sociolinguístico da alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo no português paulista**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de São Paulo, UNESP, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138994/000865180.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRITAIN, D.; MATSUMOTO, K. **Language, communities, networks and practices.** Disponível em: <<http://www.homepages.tesco.net/~david.britain/15.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2008.

BUCHILLET, Dominique. **Índios da Região do Alto Rio Negro: história, etnografia e a situação das terras. Laudo antropológico.** Brasília: FUNAI, 1993.

_____. **Contas de vidro, enfeites de branco e “potes de malária”: epidemiologia e representações de doenças infecciosas entre os Desana.** Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CABALZAR, Aloísio; RICARDO, Carlos A. (Editores). **Povos indígenas do alto e médio rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira.** São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 1998.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** (tradução Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **A forma verbal portuguesa em -ria.** Washigton D.C.: Georgetown University Press, 1967.

_____. **Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa.** 6. ed. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora, 1980.

_____. **Estrutura da língua portuguesa.** 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4ª ed, Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. **Uma forma verbal portuguesa- estudo estilístico e gramatical**. Tese apresentada no concurso para cadeira de Língua Portuguesa de Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio & Cia, 1956.

CANO, Ignacio. **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil**. Porto Alegre, ano 14, n. 31, set./ dez. 2012. p. 94-119. Disponível em: Acesso em: 10 set. 2017.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica**. 13. ed .São Paulo: Ática, 1981.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 3ª impressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CATELÃO, Evandro de Melo. **Textos argumentativos sob a ótica sociodiscursiva – Jean Michel Adam: primeiras aproximações**. Anais do IV Encontro Celsul. Palhoça, out. 2010. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Evandro%20Catelao.pdf>. Acesso em: 02 fevereiro de 2019.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2010.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado. 1978.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, M.A. **Estruturalismo**. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 113-126.

COSTA, A. L. **A variação entre as formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro.** 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3074/1/615555.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

_____. **O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico.** 2003. 132f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

COSTA, Raquel Maria da Silva. **A alternância das formas pronominais tu, você e o (a) senhor (a) na função de sujeito no português falado em Cameté – PA.** 2016. 391f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, 2016.

COUTINHO, Ismael de Lima Coutinho. **Gramática Histórica.** 4 ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1976.

CROSBY, A. **Desarrollo y gestion del turismo en áreas rurales y naturales.** Madri: Cefat/ Natour, 1996.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

CUNHA, Angélica F. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Org. Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2011, p. 159-174.

DIAS, Carla de Jesus (Org.). **Santa Isabel do Rio Negro (AM): situação socioambiental de uma cidade ribeirinha no noroeste da Amazônia brasileira**. São Paulo: Instituto Socioambiental; Santa Isabel do Rio Negro, AM: ACIMRN: Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2008.

DIAS, F. M. P. de C. **Variação e funcionalidade modo-temporal no português oral de Fortaleza/Ce: futuro do pretérito versus pretérito imperfeito na codificação da eventualidade em construções condicionais**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em:<<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8768>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

FARIA, I. F. **Território e territorialidades indígenas do Alto Rio Negro**. Manaus: Edua, 2003.

_____. **Ecoturismo Indígena Território, Sustentabilidade, Multiculturalismo: princípios para a autonomia**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

FIGUEIROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Língua Geral Amazônica: a história de um esquecimento**. In: FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota (Orgs.). Línguas Gerais: política linguística e Catequese na América do Sul no período colonial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

_____. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

FREITAG, Raquel Meister ko. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. 2007. 238 f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90402>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: ADUFRN, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual de linguística. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 157-176.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb; NASCIMENTO, André Marques. **Sociolinguística Variacionista e Funcionalismo: confluências epistemológicas**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo,480.pdf> > Acesso em: 17 de fevereiro de 2019.

_____; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. **Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas**. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

GÖRSKI, Edair Maria; ROST, Claudia Andrea. **Introdução aos Estudos Gramaticais**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

_____, Edair Maria. **O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita**.1994. 324f.Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1994.Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111801/96407.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 02 de fevereiro de 2019.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, G. **A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística**. Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29. 2000.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **As bases funcionais da linguagem**. In DASCAL, M. (org) Fundamentos metodológicos da linguística, v. 1. São Paulo: Global, 1978 . p. 125 a 161.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As estimativas de população para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros**, com data de referência em 1º de julho de 2016. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=297868>

INEP-INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar 2017**. Disponível em: <http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/#/>

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Etnias do Rio Negro**. In: Povos Indígenas no Brasil, 2002. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/etnias-do-rio-negro/1523>.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro-ALFARIN**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2012.

KARAM, L. **A variação entre o futuro do pretérito, o imperfeito e a perífrase com o verbo ir na fala do RS**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Building on empirical foundations**. In: LEHMANN, W. O.; MALKIEL, Y. (orgs.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed.São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, Ademar dos Santos. **Educação Escolar Indígena: um estudo sociolinguístico do nheengatu na escola Piranga Pisasú do Rio Negro, Manaus-AM**. (2018). 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas. Manaus: UEA, 2018.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Olympio, 2011.

_____. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 52 eds. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil.** DELTA, v. 14, no 2. São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501998000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da lingüística moderna.** São Paulo: Parábola, 2004.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira. 14ª ed. São Paulo: Globo, 2000.**

LYONS, J. **Linguagem e lingüística: uma introdução.** Rio de Janeiro: LTC, 1987. p.177 a 197.

MAGALHÃES, Couto de. **O selvagem.** Rio de Janeiro: Typhographia da Reforma, 1876.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, M. E. ET AL. (orgs.) **Lingüística funcional: teoria e prática.** Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 17 a 55.

_____, Mário Eduardo. **Funcionalismo.** In: Wilson; Martelotta; Cezário. **Linguística: Fundamentos.** Rio de Janeiro: CCAA, 2006.

_____, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, S. A. **Macroprojeto Estudos da Variedade do Português Manauara: enfoques morfossintáticos.** Manaus: NEPLAE, 2015.

MAY, Guilherme Henrique. **Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo**. Work. pap. linguíst., 10 (2): 69-79, Florianópolis, jul. dez., 2009.

MEC/INEP/Censo Educacional, 2008. Disponível em: [http:// www. inep .gov.br/](http://www.inep.gov.br/)
Ministério da Saúde, DATASUS, 2003.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 4 eds. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion Éditeur, 1948.

MEYERHOFF, M. **Communities of practice**. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). Handbook of variation and change. Oxford: Blackwell, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MODESTO, A.T.T. **Abordagens Funcionalistas**. Revista Letra Magna.Revista eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, ano 3, n. 4. 1 semestre de 2006.

MOLLICA, Maria C. de Magalhães. **Influência de fatores de processamento na variação em português**. In: TARALLO, Fernando. (org.) Fotografias sociolingüísticas. Campinas: Pontes,1989.

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza. **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Contexto, 2006.

NARO, Anthony Julius. **Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número.** In: PAIVA, Maria da Conceição de & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança linguística em tempo real.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

NARO, A. **O dinamismo das línguas.** In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação.* São Paulo: Contexto, 2008.

NARO, Anthony Julius; VOTRE, Sebastião Josué. **Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma.** In: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). *A construção da gramática.* Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 43-48.

NASCIMENTO, Jerfeson Silva do. **O apagamento do rótico /r/ em coda silábica no dialeto Mamanguapense: Um estudo Sociolinguístico.** 55f.2014 Monografia de conclusão de curso, Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

MOREIRA NETO. **Índios da Amazônia, de maioria a minoria.** Petrópolis, Vozes, 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que Gramática Estudar na Escola? Norma e Uso na Língua Portuguesa.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NICHOLS, J. **Functional Theories of Grammar.** Annual Review of Anthropology. Vol. 43, 1984, pp 97-117, Berkeley.

OLIVEIRA, A. G. de. **O Mundo transformado. Um estudo da cultura de fronteira no Alto Rio Negro.** Belém, COLEÇÃO EDUARDO GALVÃO, MUSEU GOELDI, 1995.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. O. **A alternância entre o futuro do pretérito o pretérito imperfeito do indicativo na oração principal em contextos hipotéticos na fala de alagoanos.** 2010. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/485?locale=em>. Acesso em: 04 de maio de 2017.

_____. **O. A variação, na apódoxe, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos: as categorias semântico discursivas de tempo, aspecto e modalidade.** 2016. 151f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/485?locale=em>. Acesso em: 04 de maio de 2017

OLIVEIRA, Josane Moreira. **O Futuro da Língua Portuguesa Ontem e Hoje: variação e mudança.** 2006. 254 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Org.). **Linguística centrada no uso: teoria e método.** Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.

OLIVEIRA, Roberta Pires. **Uma História de Delimitações Teóricas: trinta anos de semântica no Brasil.** Santa Catarina: D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999 (291-321).

OMENA, Nelize Pires de. **A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança.** In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança lingüística em tempo real.* Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003.

PAIVA, Ma da Conceição. **A variável gênero/sexo.** IN: MOLLICA, M.C., BRAGA, M. L.(org) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento variacionista.* São Paulo: Contexto, 2008.

PINHEIRO, Aquiles S. **O Município de Santa Isabel do Rio Negro (SIRN).** 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2011.

PREFEITURA DE SANTA ISABEL DO RIO NEGRO (AM). **Uma breve Caracterização do Município de Santa Isabel.** 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ISABEL DO RIO NEGRO/ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Plano Municipal de Educação**. Santa Isabel do Rio Negro, 2015.

PRETI, D. (org). **O discurso oral culto**. 2a. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP,1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

RIBEIRO, Josélia. **A sequência argumentativa e as categorias de argumentos no texto escolar nos níveis de ensino fundamental e médio**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Paraná,2012.Disponível em:< <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/28949/R%20-%20T%20-%20JOSELIA%20RIBEIRO.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

RIBEIRO, Paula Jamille. **A ocorrência do futuro do pretérito no âmbito do irrealis na fala manauara**. SISPROJ-Nº 21106. Manaus, 2015.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o Conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

ROMAINE, S. **Language in society: an introduction to sociolinguistics**. London: Blackwell, 1994.

RONCARATI, C. **Banco de Dados Interacionais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RONCARATI, C. & MOLLICA, M. C. (orgs.).**Variação e Aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1997.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática Teoria e Prática**. 25 ed. São Paulo: Ebe Christina Spadaccini, 1999.

SAID ALI, Manoel. **Gramática Histórica Portuguesa da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhias Melhoramentos Editora, 1965.

_____. **Gramática Secundária de Língua Portuguesa**. 8^a ed, São Paulo: Companhia Melhoramentos Editora, 1969.

SANTOS, José Ribamar dos. **Rio Negro: aspectos históricos, geográficos e políticos**. Manaus: Editora Valer, 2013.

SANTOS, A. da S. **A variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no português falado em Feira de Santana**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana– BA, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). **Curso de Linguística Geral**. 27.ed. São Paulo: Ctrix, 2005.

SAUTCHUK, Inez. **Prática de Morfossintaxe**. 2^a ed. São Paulo: Manole, 2010.

SEVERO, C. G. **A comunidade de fala na sociolinguística Laboviana: algumas reflexões**. Revista Voz das Letras, n. 9, p. 1-17, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. **Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. **Marking in Discourse: Birds of a Feather**. **Language Variation and Change**, 3. ed. Cambridge University Press: 23-32, 1991.

SCHERRE, M.M.P. **Reanálise da concordância verbal no português**. 1998.554f. Tese de Doutorado em Linguística, Faculdade de Letras, 1998.

SHIFFRIN, Deborah. **Making a list. Discourse processes**. n. 17, p. 337-406, nov. 1994. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01638539409544875>. Acesso: 02 de fevereiro de 2019.

SNICHELOTTO, Cláudia. A. **Olha e vê: caminhos que se entrecruzam**. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

SILVA, Giselle Machiline. **Coleta de dados**. In: MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Célia C. **A alternância dos pronomes de segunda pessoa tu, você e o senhor no português oral em Santa Isabel do Rio Negro – Amazonas**. Texto para qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2019.

SILVA, Temza Santos da. **A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: UFSC, 1998.

SIMAS, A. A. O. O Gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara. Manaus, 2016. Dissertação (Mestrado de Letras e Artes). Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas, UEA. Disponível em: <http://tede.uea.edu.br/jspui/handle/tede/202>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

SOUSA, F. C. **A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na expressão da hipótese**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_68fe80132d0fca430a99be786f558da5. Acesso em: 20 de 2017.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TANNEN, Deborah. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TARALLO, F. **Zelig: um camaleão-linguista**. DELTA, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 127-144, 1986.

_____. **Por uma sociolinguística românica “paramétrica”: fonologia e sintaxe**. Ensaios de Linguística. Belo Horizonte, n.13, p.51-83,1987.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. **Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Interdisciplinar**: Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 17, 2013.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva : uma análise funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

TESCH, L. M. **A variação no âmbito do irrealis entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba**. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____, Leila Maria. **A variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala Capixaba**. Revista PERcursos Linguísticos, [S.l.], n. 1, p. 89-109, nov. 2011. Disponível em: http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/17_05/1294. Acesso: 05 de março de 2019.

_____, Leila Maria.. 2011.198f. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2011.

_____, Leila Maria. *A variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala Capixaba*. **Revista PERcursos Linguísticos**, [S.l.], n. 1, p. 89-109, nov. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/1705/1294>. Acesso: 05 de março de 2019.

TORRES, Fábio Fernandes. **O Gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2009.

TORRES, F.F.; RODRIGUES, L. S.; COAN, M. **Incursões sociofuncionalistas pelo domínio tempo-aspecto-modalidade**. *Revista filologia e linguística portuguesa*. São Paulo, n. 14(1), p. 57-72, 2012.

TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no português**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 12, p. 61-98, 1987.

_____. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 4^a ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VANIM, Aline Aver. **Considerações Relevantes sobre definições de “comunidade de fala”**. *Revista Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009.

VEIGA, Patrícia Regina Vannetti.1983. **Do oral para o escrito: a narratividade em nheengatu no Alto Rio Negro AM**. Campinas, SP : [s.n.], 2015.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL.**Revista Letrônica**. V.10, n. 1, p. 112-138, jan. 2016. ISSN 1984-4301. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/24756/16327> >. Acesso em: 2 de fevereiro de 2019.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. IN: MOLLICA, M.C., BRAGA, M. L. (org) Introdução à Sociolinguística: o tratamento variacionista. 4ª. ed . São Paulo: Contexto, 2012.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Trad. De Marcos Bagno. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WRIGHT, R. M. **História indígena e do indigenismo no Alto rio Negro**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Instituto Socioambiental – ISA, 2005.

ZEIDEMANN, Vívian Karina. **Rio Negro**. In: OLIVEIRA, Alexandre Adalardo; DALY, Douglas. Florestas do Rio Negro.São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

APÊNDICES

APENDICE 1 - CARTA DE AUTORIZAÇÃO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
Escola Superior de Artes e Turismo
Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes

Ofício
N. 007/2017-UEA/ESAT/PPGLA-PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
Data. 17.07.2017

De: Profa. Dra Luciane Viana Barros Páscoa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes



Localidade: Municípios
Santa Izabel, São Gabriel da Cachoeira, Barcelos

Prezado (a) Senhor (a),

Cumprimentando (a) cordialmente, declaramos para os devidos fins, que **Nathalie Anne Conceição de Barros portadora do RG. 2569352-2** é aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes sob matrícula N°. 1794900012, vinculado à escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas. A referida discente solicita autorização para realizar pesquisa neste município. Esta pesquisa tem o intuito de coletar dados para subsidiar a sua dissertação cujo título é **"O PORTUGUÊS FALADO NO ALTO RIO NEGRO: UMA ABORDAGEM DA EXPRESSÃO DE FUTURIDADE"**, desenvolvida sob orientação da professora Dra. Silvana Andrade Martins.

Profa. Dra. Luciane Páscoa

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes

APÊNDICE 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidar o (a) Sr(a) para participar do meu Projeto de Pesquisa, que se chama “_____”. Este projeto está sendo realizado na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e pretende investigar o modo como as pessoas falam em Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. Eu sou a pesquisadora e me chamo Célia Conceição Silva, sou a responsável pelo projeto e por isso peço sua autorização para lhe entrevistar e gravar nossa entrevista. O Sr.(a) foi escolhido(a) porque mora em um dos municípios selecionados para a pesquisa, assim como se encaixa nos critérios pré-estabelecidos no projeto. Se o Sr.(a) autorizar esta entrevista, a gravação será utilizada apenas para o estudo de fala, de acordo com o que estou estudando. Se depois de autorizar a entrevista, o Sr(a) não quiser que sua gravação seja usada, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento, seja antes ou depois da gravação, independentemente do motivo. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não ganhará nada participando desta pesquisa. A sua participação é importante para o melhor conhecimento do falar desta região. Os resultados desta pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade nunca será divulgada. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato comigo, a pesquisadora, pelos telefones __012 981959025 _ou pelo e-mail: silvaceliams@gmail.com. Pode também entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – PPGLA, da Universidade do Estado do Amazonas, em Manaus, pelo fone (92)_____.

Consentimento Pós-informação:

Eu, _____, fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisadora e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

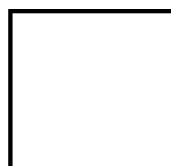
_____/ ____- ____- ____.

Assinatura do participante/Data

_____/ ____- ____- ____.
Pesquisador Responsável/ Data

Impressão do dedo polegar

Caso não saiba assinar



APÊNDICE 3- FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

FICHA SOCIAL DOS INFORMANTES FICHA DO INFORMANTE

Nome: _____
Sexo: _____ Faixa Etária: _____ Idade: _____
Etnia: _____
Qual a sua Língua Materna? () Português () Outra
Domina uma 2ª Língua? _____ Qual? _____
Com quem você aprendeu? _____
Em que situações a utiliza? _____ Com quem? _____
Data e local de Nascimento: ____/____/____
Estado Civil: _____ Naturalidade/Língua Materna do Cônjuge: _____
Escolaridade: _____
Morou sempre no local? () sim () não Onde? _____
Por quanto tempo _____
Morou a maior parte de sua vida na Zona rural ou urbana? _____
Quanto tempo?: _____
Outros domicílios: _____
Profissão: _____
Outras atividades: _____
Aparelho fonador: () Bom () Com problemas Qual? _____
Características Psicológicas: () Nervoso () Tranquilo () Espontâneo
Naturalidade da Mãe: _____
Etnia/Língua: _____
Ela tem o Português como primeira Língua? () Sim () Não
Qual Língua além do Português ela domina? _____
Com quem ela aprendeu? _____
Em que situação e com quem a utiliza? _____
Naturalidade do Pai: _____
Etnia/Língua: _____
Ele tem o Português como primeira Língua? () Sim () Não
Qual Língua além do Português ele domina? _____
Com quem ele aprendeu? _____
Naturalidade do Cônjuge: _____
Etnia/Língua: _____
Ela/ Ele tem o Português como primeira Língua? () Sim () Não
Qual Língua além do Português Ela/ Ele domina? _____
Com quem Ela/ Ele aprendeu? _____
Naturalidade da Avó: _____
Etnia/Língua: _____
Ela tem o Português como primeira Língua? () Sim () Não
Qual Língua além do Português ela domina? _____
Com quem ela aprendeu? _____
Naturalidade do Avô: _____
Etnia/Língua: _____
Ele tem o Português como primeira Língua? () Sim () Não
Qual Língua além do Português ele domina? _____
Com quem ele aprendeu? _____
Dispensado do serviço militar? () sim () Não Onde serviu? _____
Viagens: () No Amazonas () Outros estados

Que lugares ou municípios que você viajou? _____

Tempo de permanência no local? _____

Que municípios do Amazonas conhece? _____

Que outros Estados você conhece? _____

Outras informações: _____

APÊNDICE 4- PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DO INFORMANTE

APÊNDICE 4 - PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES - ENSINO FUNDAMENTAL I

Código do Informante	Gênero Sexo	Faixa Etária	Estado Civil	Profissão	Naturalidade/Etnia	1ª Língua	2ª Língua	Naturalidade/Etnia/Língua Materna do Cônjuge	Naturalidade/ Etnia/ 1ª/2ª Língua dos pais
01-(1ªF; EF1, FEM) ¹	FEM	1ª	Casada	Agricultora	SIRN/Baré	Português	-	SIRN/Baré/Português	Mãe: (NSR) Baré/1ª Português/ 2ª Nheengatu Pai: (SNR)/Baré/ 1ª Português/ 2ª -
02-2ªF; EF1, FEM	FEM	2ª	Casada	Doméstica	SIRN/ Baré	Português	Nheengatu	SIRN/Baré/ Nheengatu	Mãe: SIRN/Baré/ 1ª Nheengatu/2ª Português Pai: SIRN/Baré/1ª Nheengatu/ 2ª Português
03-3ªF; EF1, FEM	FEM	3ª	Casada	Agricultora	SIRN	Português	Nheengatu (só entende)	SIRN/Baré/ 1ª Português	Mãe: (Não conheceu a mãe) Pai: SIRN/ Baré/ 1ª Nheengatu/ 2ª Português
04-(1ªM; EF1, MASC)	MASC	1ª	Solteiro	Estudante	SIRN/Baré	Português	-	-	Mãe: SIRN/Baré/1ª Português Pai: SIRN/Tucano/1ª Português
05-(2ªM; EF1, MASC)	MASC	2ª	Casado	Pedreiro	SIRN/Baré	Português	Nheengatu	SIRN/Baré/ 1ª Português 2ª Nheengatu (Só entende)	Mãe: SIRN/Tucano/1ª Português/ 2ª Tucano Pai: SIRN/Baré/1ª Nheengatu
06-(3ªM; EF1, MASC)	MASC	3ª	Casado	Agricultor	São Gabriel da Cachoeira (Vive desde os 9 anos em SIRN)/Baré	Português	Nheengatu	SIRN/Baré/ 1ª Português	*Mãe: São Gabriel da Cachoeira/Baré/ 1ª Baré *Pai: Pará/ -/ 1ª Português/ 2ª Baré(entendia)

¹ Informações a respeito da faixa etária (1ª, 2ª, 3ª F); escolaridade (Ensino Fundamental 1, 2 (EF1, EF2); Ensino Médio (EM); Ensino Superior (ES) e gêneros feminino

(FEM) e masculino (MASC) do informante, apresentados seguindo essa ordem, na codificação dos informantes.

APÊNDICE 4 - PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES - ENSINO FUNDAMENTAL II

Código do Informante	Sexo	Faixa Etária	Estado Civil	Profissão	Naturalidade/Etnia	1ª Língua	2ª Língua	Naturalidade/Etnia/Língua Materna do Cônjuge	Naturalidade/ Etnia/ 1ª/2ª Língua dos pais
07-(1ªF; EF2, FEM)	FEM	1ª	Solteira	Agricultora	SIRN/ <u>Baré</u>	Português	Nheengatu (só entende)	-	Mãe: SIRN/Tucano/1ª Português/2ª Tucano; Pai: SIRN/ <u>Baré</u> /1ª Português/2ª Nheengatu
08-(2ªF; EF2, FEM)	FEM	2ª	Casada	Doméstica	SIRN/ <u>Baré</u>	Português	Nheengatu	SIRN/ <u>Baré</u> /Português	Mãe: SIRN/1ª Nheengatu/2ª Português Pai: SIRN/ <u>Baré</u> /Nheengatu/2ª (NSR)
09-(3ªF; EF2, FEM)	FEM	3ª	Viúva	Comerciante	SIRN	Português	-	<u>Maranhão</u> (Chegou à SIRN ainda bebê)/- 1ª Português/ 2ª Nheengatu	Mãe: Maranhão 1ª Port/ 2ª Nheengatu Pai: Paraíba/ 1ª Port/ 2ª -
10-(1ªF; EF2, MASC)	MASC	1ª	<u>Solteiro</u>	Desempregado	SIRN/ Tucano	Português	-	-	Mãe: SIRN/Tucano/1ª Português/2ª - Pai: SIRN/(NSR) 1ª Português/ 2ª -
11-(2ªF; EF2, MASC)	MASC	2ª	Casado	Frentista	SIRN/ <u>Baré</u>	Português	-	SIRN/ <u>Baré</u> /Português	Mãe: SIRN/ <u>Baré</u> /1ª Nheengatu/2ª - Pai: SIRN/ <u>Baré</u> /1ª Nheengatu/2ª Português
12-(3ªF; EF2, MASC)	MASC	3ª	Casado	Agricultor	São de Gabriel/ <u>Baré</u>	Português	Nheengatu (só entende)	SIRN/ <u>Baré</u> /1ª Português/ 2ª Nheengatu (Não utiliza)	Mãe: Rio Preto da Eva/1ª Português/2ª Nheengatu (Só entende) Pai: SIRN/ <u>Baré</u> /1ª Português/2ª Nheengatu

APÊNDICE 4 - PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES - ENSINO MÉDIO

Código do Informante	Sexo	Faixa Etária	Estado Civil	Profissão	Naturalidade/Etnia	1ª Língua	2ª Língua	Naturalidade/Etnia/Língua Materna do Cônjuge	Naturalidade/ Etnia/ 1ª/2ª Língua dos pais
13-(1ªF, EM, FEM)	FEM	1ª	Solteira	Estudante	SIRN/Baré	Português	-	-	Mãe: SIRN/Baré/ 1ª Português/2ª Nheengatu (Só entende) Pai: SIRN/Baré/1ª Nheengatu/2ª Português
14-(2ªF; EM, FEM)	FEM	2ª	Casada	Funcionária Pública Municipal	SIRN/Baré	Português	Nheengatu (só entende)	Manaus(vive há 40 anos em SIRN) 1ª Baré/ 2ª Português	Mãe: SIRN/ Baré/ 1ª Nheengatu/ 2ª Português Pai: SIRN/Baré/ 1ª Nheengatu/2ª Português
15-(3ªF; EM, FEM)	FEM	3ª	Solteira	Téc. Enfermagem	SIRN/Baré	Português	Nheengatu (só entende)	-	Mãe: SIRN/Baré/1ªNheengatu/ 2ª Português Pai: SIRN/Baré/ 1ª Português/2ª Nheengatu
16-(1ªF, EM, MASC)	MASC	1ª	Solteiro	Estudante	SIRN/Tucano	Português	Nheengatu (Só entende)	-	Mãe: SIRN/Baré / 1ª Português/2ª Nheengatu Pai: SIRN/Tucano/1ª Português
17-(2ªF, EM, MASC)	MASC	2ª	Casado	Marceneiro	SIRN/Baré	Português	Nheengatu (só entende)	SIRN/Baré/ 1ª Português/2ª Tucano (só entende algumas palavras)	Mãe: SIRN/Baré/ 1ª Português/2ª Nheengatu (só entende) Pai: SIRN/Baré/ 1ª Português/2ª Tucano (entende algumas palavras)
18-(3ªF, EM, MASC)	MASC	3ª	Casado	Agricultor	SIRN/Baré	Português	-	SIRN/Baré/ 1ª Português/ 2ª Nheengatu	Mãe: SIRN/Baré/ 1ª Nheengatu/2ªPortuguês Pai: SIRN/Baré/1ª Português

APÊNDICE 4 - PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES - ENSINO SUPERIOR

<u>Código do Informante</u>	<u>Sexo</u>	<u>Faixa Etária</u>	<u>Estado Civil</u>	<u>Profissão</u>	<u>Naturalidade/Etnia</u>	<u>1ª Língua</u>	<u>2ª Língua</u>	<u>Naturalidade/Etnia/Língua Materna do Cônjuge</u>	<u>Naturalidade/ Etnia/ 1ª/2ª Língua dos pais</u>
19-(1ªF; ES, FEM)	FE M	1ª	Solteira	Professora	SIRN/Baré	Português	-	-	Mãe: SIRN/Baré/ 1ª Português/ 2ª Nheengatu Pai: SIRN/Baré/1ª Nheengatu/2ª Português
20-(2ªF; ES, FEM)	FE M	2ª	Casada	Vendedora	SIRN/Baré	Português	-	SIRN/Baré/Português	Mãe: SIRN/Baré/ 1ª Português/2ª - Pai: SIRN/Baré/ 1ª Português/2ª Nheengatu
21-(3ªF; ES, FEM)	FE M	3ª	Casada	Agricultora	SIRN/Baré	Português	Nheengatu	SIRN/Baré/ Português	Mãe: SIRN/Baré/1ª Português/2ª Nheengatu Pai: SIRN/Baré/ 1ª Português/ 2ª Nheengatu
22-(1ªF; ES, MASC)	MA S	1ª	Solteiro	Enfermeiro	SIRN	Português	-	-	Mãe: SIRN/1ªPortuguês Pai: Ceará/1ª Português
23-(2ªF; ES, MASC)	MA S	2ª	Casado	Funcionário Público	SIRN	Português	-	SIRN/1ª Português	Mãe: SIRN/1ª Port/2ª LG Pai: SIRN/1ª Port/2ª LG
24-(3ªF; ES, MASC)	MA S	3ª	Casado	Professor	SIRN/Baré	Português	Nheengatu	SIRN/Baré/1ªPortuguês/ 2ª Nheengatu (só entende)	Mãe: SIRN/Baré/1ª Nheengatu/2ª Português Pai: SIRN/Baré/ 1ª Nheengatu/2ª Português

